

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

ALISON RODRIGUES SOARES

**Torcedores Antifascistas de Futebol: táticas comunicacionais de resistência às
normatizações na cultura futebolística**

São Leopoldo

2022

ALISON RODRIGUES SOARES

Torcedores Antifascistas de Futebol: táticas comunicacionais de resistência às normatizações na cultura futebolística

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção de título de Mestre em Comunicação junto ao Mestrado de Ciências da Comunicação – PPGCC/UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre.

Linha de Pesquisa: Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação.

São Leopoldo

2022

S676t

Soares, Alison Rodrigues.

Torcedores antifascistas de futebol : táticas comunicacionais de resistência às normatizações na cultura futebolística / Alison Rodrigues Soares. – 2022.

208 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2022.

“Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre.”

1. Estádio de futebol. 2. Futebol. 3. Torcida organizada. 4. Aspectos políticos. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 02/2022

Aos 10 dias do mês de março de 2022, realizou-se integralmente à distância, a sessão de *Arguição Pública da Dissertação “Torcedores Antifascistas de Futebol: táticas comunicacionais de resistência às normatizações na cultura futebolística”* apresentada pelo aluno **Alison Rodrigues Soares**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Mestrado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores doutores Ronaldo George Helal (UERJ), Jiani Adriana Bonin (UNISINOS) e Alberto Efendy Maldonado Gómez de La Torre (Orientador). O resultado da banca é de consenso entre os avaliadores.

Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI, e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu ao aluno, **o grau 9,7 (NOVE VÍRGULA SETE)..**

A emissão do Diploma está condicionada à entrega da versão final da Dissertação.

Ocorreu alteração do título? (X) Não () Sim:

Esta atividade foi realizada integralmente em modo online para atender às recomendações da OMS e Ministério da Saúde de prevenção contra a Covid-19.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de La Torre (Orientador)



Coordenação do PPG em Ciências da Comunicação: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

RESUMO

A intenção desta dissertação foi observar as táticas de comunicação formuladas pelos torcedores antifascistas - TAs -, da cidade de Porto Alegre, de Grêmio e Internacional. A pesquisa mapeou as ações de comunicação realizadas na mídia social Instagram, bem como outras formas de comunicação online. Dessa forma, foi possível perceber como a presença on-line é capaz de complementar as ações de ativismo realizadas no cotidiano, juntamente com as táticas de comunicação interpessoal. Para essa abordagem, utilizou-se a epistemologia transmetodológica (MALDONADO, 2015), cujo empírico foi complexificado por meio de metodologias exploratórias (BARDIN, 1977; BONIN, 2013; MILLS, 2009); pesquisa metodológica (BONIN, 2013); juntamente com uma adaptação dos métodos de observação participante (PERUZZO, 2003) denominada nesta dissertação como “*pesquisa-observativa-participativa*”. A partir deste estudo, foi possível perceber como o contato comunicacional interpessoal é insubstituível em um objetivo de mudança de realidade e/ou pedagogia. Para as táticas antifascistas dos TAs, as plataformas online são importantes porque têm um papel pedagógico relevante – mas é essencial estar fisicamente presente na convivência daqueles que podem ser cooptados pela práxis do ódio neofascista. Na especificidade do esporte, é preciso estar presente nos estádios e nos diversos ambientes da cidade que promovam encontros de torcedores. Na pedagogia proposta pelos TAs, foi possível perceber semelhanças com a pedagogia freireana do oprimido (FREIRE, 2020), que por meio de sua tática revela ser possível ter sucesso no conhecimento de temas geradores que afetam os torcedores de futebol em geral - em especial os oprimidos pela norma branca, masculino, heterossexual, cisgênero e aporfóbico (ALMEIDA, 2020; BUTLER, 2018; FOUCAULT, 1988; CORTINA, 2020).

ABSTRACT

The intent of this dissertation was to observe the communication tactics formulated by anti-fascist supporters - ASs -, from the city of Porto Alegre, Grêmio and Internacional supporters. The research mapped the communication actions made in the social media Instagram, as well as other forms of online communication. By this means, it was possible to perceive how the online presence it's able to complement the activism actions taken in everyday life, along with its tactics of interpersonal communication. For this approach, a transmethodological epistemology was used (MALDONADO, 2015), which the empirical was complexified through exploratory methodologies (BARDIN, 1977; BONIN, 2013; MILLS, 2009); methodological research (BONIN, 2013); along with an adaptation of participant observation methods (PERUZZO, 2003) called in this dissertation "observation-participatory-research". From this study, it was possible to notice how the interpersonal communicational contact is irreplaceable in a goal of change of reality and/or pedagogy. For the anti-fascist tactics of the ASs, online platforms are important because they have a relevant pedagogical role - but it is essential to be physically present in the coexistence of those who can be co-opted by the praxis of neo-fascist hatred. In the specificity of sport, it's necessary to be present at stadiums and in the various environments of the city that promote meetings of supporters. In the pedagogy proposed by the ASs, it was possible to perceive similarities to the Freirean pedagogy of the oppressed (FREIRE, 2020), which through its tactics reveals to be possible to succeed in the knowledge of generating themes that affect football fans in general - in particular those oppressed by the white norm, male, heterosexual, cisgender and aporphobic (ALMEIDA, 2020; BUTLER, 2018; FOUCAULT, 1988; CORTINA, 2020).

RESUMEN

La intención de esta disertación fue observar las tácticas de comunicación formuladas por los hinchas antifascistas - HAs -, de la ciudad de Porto Alegre, y sus de Grêmio y Internacional. La investigación mapeó las acciones de comunicación realizadas en la red social Instagram, así como otras formas de comunicación en línea. De esta manera, fue posible percibir cómo la presencia en línea es capaz de complementar las acciones de activismo realizadas en la vida cotidiana, junto con sus tácticas de comunicación interpersonal. Para este abordaje se utilizó la epistemología transmetodológica (MALDONADO, 2015), cuya empírica fue complejizada a través de metodologías exploratorias (BARDIN, 1977; BONIN, 2013; MILLS, 2009); investigación metodológica (BONIN, 2013); junto con una adaptación de métodos de observación participante (PERUZZO, 2003) denominada en esta disertación “investigación-observativa-participativa”. A partir de este estudio, fue posible percibir cómo el contacto comunicacional interpersonal es insustituible en un objetivo de cambio de la realidad y/o de la pedagogía. Para la táctica antifascista de las HAs, las plataformas en línea son importantes porque tienen un papel pedagógico relevante, pero es fundamental estar físicamente presente en la convivencia de quienes pueden ser cooptados por la praxis del odio neofascista. En la especificidad del deporte, es necesario estar presente en los estadios y en los diferentes ambientes de la ciudad que promuevan encuentros de aficionados. En la pedagogía propuesta por los HAs fue posible percibir similitudes con la pedagogía freireana del oprimido (FREIRE, 2020), que a través de su táctica revela que es posible lograr el conocimiento de temas generadores que afectan a los hinchas de fútbol en general. - en particular los oprimidos por la norma blanca, masculina, heterosexual, cisgénero y aporofóbica (ALMEIDA, 2020; BUTLER, 2018; FOUCAULT, 1988; CORTINA, 2020).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Captura de tela de publicação da Tribuna 77 sobre a presença, com faixas, no estádio Vieirão em apoio ao futebol feminino.....	20
Figura 2 – Captura de tela de publicação da torcida Coluna Vermelha sobre a presença, em faixa, no Beira-Rio homenageando as jogadoras Ganso, Bel, Duda e Tati.....	20
Figura 3 – Captura de tela de publicação dos torcedores da Tribuna 77 em manifestação de rua contra o governo Bolsonaro	39
Figura 4 - Publicação dos torcedores da Coluna Vermelha em manifestação contra o governo Bolsonaro	39
Figura 5 - Captura de tela do Instagram da torcida Coluna Vermelha com conteúdo de apoio aos corpos femininos sendo levados em consideração na confecção dos materiais esportivos.....	63
Figura 6 - Captura de tela do Facebook da torcida Coluna Vermelha com conteúdo de apoio aos corpos femininos sendo levados em consideração na confecção dos materiais esportivos.....	63
Figura 7 - Publicação da Tribuna 77. Uma republicação do perfil oficial do Grêmio em que homenageia a primeira aparição da Coligay, em 1977.....	90
Figura 8 - Infográfico que representa, em porcentagem e a partir de cinco categorias, o total de publicações dos TAs da Coluna Vermelha e da Tribuna 77 no Instagram.....	102
Figura 9 - Infográfico que representa, em porcentagem e a partir de cinco categorias, o total de publicações dos TAs da Coluna Vermelha no Instagram.....	102
Figura 10 - Infográfico que representa, em porcentagem e a partir de cinco categorias, o total de publicações dos TAs da Coluna Vermelha e da Tribuna 77 no Instagram.....	103
Figura 11 - Captura de tela do Instagram dos torcedores da Tribuna 77 em apoio à manifestação indígena e destacando uma criança indígena gremista.....	104
Figura 12 - Captura de tela do Instagram dos torcedores da Coluna Vermelha promovendo venda de produtos para arrecadar fundos financeiros para os quilombos Lemos e Machado.....	105
Figura 13 - Infográfico que representa, em porcentagem, a totalidade de apoio ao futebol feminino, futebol masculino e institucional dos torcedores da Coluna Vermelha e Tribuna 77.....	106
Figura 14 - Infográfico que representa, em porcentagem, a totalidade de apoio ao futebol feminino, futebol masculino e institucional dos torcedores da Coluna Vermelha.....	106
Figura 15 - Infográfico que representa, em porcentagem, a totalidade de apoio ao futebol feminino, futebol masculino e institucional dos torcedores da Tribuna 77.....	107

Figura 16 - Captura de tela de publicação da Tribuna 77 com conteúdo a favor do futebol feminino.....	112
Figura 17 - Captura de tela de publicação da Tribuna 77 com conteúdo a favor da diversidade de gênero e sexualidade.....	112
Figura 18 - Captura de tela de publicação da torcida Coluna Vermelha em manifestação contra a CBF que levou ao mesmo horário jogos do Internacional masculino e feminino.....	113
Figura 19 - Captura de tela da torcida Coluna Vermelha em apoio a causa LGBTQ+....	114
Figura 20 - Captura de tela de publicação da torcida Tribuna 77 em que Luiza, mulher trans, é porta-voz da TO.....	115
Figura 21 - Captura de tela de publicação da torcida Tribuna 77 em apoio a causa antirracista.....	118
Figura 22 - Captura de tela de publicação da torcida Coluna Vermelha sobre racismo com a palavra do intelectual Silvio Almeida.....	117
Figura 23 - Captura de tela de publicação da torcida Tribuna 77 lembrando a Copa dos Refugiados, em 2017, e a participação da TO nessa confraternização.....	121
Figura 24 - Captura de tela da torcida Tribuna 77 mostrando uma homenagem ao escritor e intelectual uruguaio Eduardo Galeano.....	127
Figura 25 - Captura de tela da torcida Coluna Vermelha em apoio à profissão de historiador e lembrando a repressão da ditadura militar chilena.....	127
Figura 26 - Faixas levadas por torcedores da Coluna Vermelha em que combatem o racismo e incentivam o Internacional - no futebol masculino e feminino	136
Figura 27 - Colagem antirracista da Tribuna 77 no Viaduto do Brooklyn, em Porto Alegre	136

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – OS TORCEDORES ANTIFASCISTAS DE FUTEBOL.....	17
1.1 – A RIVALIDADE GRENAL.....	22
1.2 – O FASCISMO NO RIO GRANDE DO SUL.....	24
1.2.1 – O fascismo e o clubismo	25
1.2.2 – O bolsonarismo como norma	28
1.2.2.1 – As semelhanças da ideologia bolsonarista com o fascismo eterno	32
1.2.3 – As pessoas que escolhem combater o fascismo nas arquibancadas	38
1.3 – AS TORCIDAS ORGANIZADAS COMO CAMINHO PARA A OCUPAÇÃO DE ESTRATOS SOCIAIS MAIS HUMILDES AO ESTÁDIO DE FUTEBOL EM TEMPOS DE ARENIZAMENTO	40
1.4 – A OBSOLESCÊNCIA DO FUTEBOL COMO ÓPIO DO POVO.....	43
1.4.1 – O senso comum do que é política	44
1.4.1.1 – As torcidas antifascistas associadas pelo senso comum a partidos e o movimento antipetista.....	46
CAPÍTULO 2 – PROBLEMATIZAÇÃO METODOLÓGICA.....	48
2.1 – A TRANSMETODOLOGIA.....	49
2.1.1 – A construção metodológica de maneira artesanal	51
2.1.2 – A epistemologia	53
2.2 – PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	57
2.2.1 – A análise de conteúdo e o Instagram como plataforma principal	59
2.2.1.1 – A catalogação de conteúdo.....	60
2.2.1.2 – As demais redes sociais e o <i>crossmedia</i>	62
2.3 – A PESQUISA-OBSERVATIVA-PARTICIPATIVA E AS MUNDANÇAS NA PESQUISA	64
2.3.1 – Sobre a escolha dos entrevistados	68
2.4 – A PESQUISA METODOLÓGICA	69
CAPÍTULO 3 – PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA.....	72
3.1 – O FUTEBOL E A PRETENSÃO APOLÍTICA.....	72
3.1.1 – Futebol como “microcosmos” social	74
3.2 – AS TÁTICAS COMUNICACIONAIS DOS TORCEDORES ANTIFASCISTAS	77
3.2.1 – TAs e as táticas comunicacionais baseadas no contexto	80
3.2.1.1 – O contexto no futebol colorado e gremista.....	87
3.2.1.2 – O clubismo nas táticas comunicacionais	91

3.2.2 – As situações-limite nos ambientes dos TAs	93
3.2.3 – Os atos-limite promovidos pelas TAs.....	95
3.2.3.1 – Os algoritmos, a falta de transparência e os formatos limitados	98
3.2.4 – Assuntos das torcidas nas plataformas de redes sociais	100
3.3 – NORMATIVIDADES NO FUTEBOL	108
3.3.1 – A questão de gênero e sexualidade	110
3.3.1.1 – O transgênero e o cisgênero	114
3.3.2 – A questão étnica	116
3.3.3 – A identidade latino-americana ex-cêntrica	119
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE REFLEXÕES DA PESQUISA A QUESTÕES TEÓRICAS E DE PRÁXIS	128
4.1 – AS POTENCIALIDADES DA COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL	129
4.2 – O COMBATE ANTIFASCISTA NA COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL	131
4.3 – OS TEMAS GERADORES, A COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL E A PEDAGOGIA FREIREANA DOS TORCEDORES ANTIFASCISTA.....	133
5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	138
APÊNDICE I – TABELA CATEGORIZANDO AS PUBLICAÇÕES DAS PÁGINAS COLUNA VERMELHA E TRIBUNA 77 NO INSTAGRAM: DE JUNHO ATÉ NOVEMBRO.....	145
APÊNDICE II – TABELA CATEGORIZANDO AS PUBLICAÇÕES DE INCENTIVO AOS CLUBES DAS PÁGINAS COLUNA VERMELHA E TRIBUNA 77 NO INSTAGRAM: DE JUNHO ATÉ NOVEMBRO.....	150
APÊNDICE III – INFOGRÁFICOS TRAZENDO AS PORCENTAGENS DAS INCIDÊNCIAS DE PUBLICAÇÕES DA COLUNA VERMELHA E TRIBUNA 77 NO INSTAGRAM: DE JUNHO ATÉ NOVEMBRO	152
APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE <i>CARLITOS</i>, DA COLUNA VERMELHA	155
APÊNDICE V – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE <i>KARINA</i>, DA TRIBUNA 77	187
ANEXO I – APROVAÇÃO NO CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP	207

AGRADECIMENTOS

O caminho até aqui foi longo, ainda não cheguei a lugar algum, mas na minha história já tenho pessoas que dedico meu mais profundo apreço, amor e sentimento de gratidão. Agradeço enormemente à minha mãe, Margarida Rodrigues, que quando me deixou na escola no meu primeiro dia de aula me alertou que eu sempre deveria ter dúvidas e as esclarecer, pois, essas singelas palavras mudaram a minha vida; ao meu pai, Francisco Soares, e ao meu irmão Alex Soares por me ajudarem em diversos momentos da minha vida. Dedico esse trabalho à Vitória Meirelles, que acredita em mim mais do que eu mesmo e que me confortou nos momentos mais difíceis – assim como dedico aos gatinhos George e Fulano, que são importantes da minha vida, foram companhias no isolamento tão difícil da pandemia e são partes de um cuidado importante da saúde mental. Agradeço a Rita Meirelles, que me deu suporte e a quem quero muito bem, assim como agradeço a Cecília, minha criança preferida – e toda a família Meirelles que sempre me fez muito bem.

Ao meu orientador Efendy Maldonado agradeço por ter me acolhido, sempre escutar com atenção todas as minhas questões na pesquisa e respeitar meu fluxo de trabalho de maneira humana. À Jiani Bonin, Rafael Grohmann e Adriana Amaral dedico minha gratidão por sempre acreditarem no meu potencial e por me darem tantas chances de mostrar o meu trabalho. Agradeço a Ronaldo Helal pela generosidade em avaliar meu trabalho, pois, com a contribuição de uma verdadeira referência na área essa dissertação conseguiu alcançar questões além do que eu imaginava quando o planejei, lá em 2019 – assim como agradeço ao LEME que, com sua produção intelectual, fez parte dessa construção de conhecimento. Sou grato pela ajuda de Sonia Montañó em todo o processo do Comitê de Ética em Pesquisa, por me auxiliar informativamente e me tranquilizar durante todo o processo burocrático. Agradeço a todos e todas do Grupo de Pesquisa Processocom por sempre serem tão amigáveis e por me ensinarem tanto; esse trabalho parte de uma base epistemológica baseada na alteridade e no amplo conhecimento de diversas conjunturas graças ao que todos e todas me apresentam nas reuniões – que espero que possam ser presenciais a partir de 2022. Ao laboratório Cultpop também agradeço o aprendizado e por me permitirem um espaço de diálogo tão proveitoso, surpreendentemente acolhedor e que me permite conhecer lugares tão diferentes da minha realidade. Aos colegas mestrandos e doutorandos do PPGCC que passaram virtualmente pelo meu caminho tenho grande apreço pela ajuda, pelo companheirismo acadêmico e

peçoal que espero que possam se aprofundar nos próximos anos (e com o contato presencial); mas em especial agradeço a Julia Souza, que representa uma amizade recente, muito especial, que apareceu de maneira intensa na minha vida nos meses finais desse trabalho e que representou um suporte emocional importante.

Agradeço a quem na época da graduação me incentivou a seguir esse caminho e são exemplos para mim. Sou muito grato a Luiz Felipe Zago, que me oportunizou a Iniciação Científica que foi o caminho inicial para tudo; Deivison Campos, que foi agente de um contato dos mais chocantes e importantes ao senso crítico; Gabriela Almeida, que me encantou sobre os estudos de cinema – por mais que não tenha seguido esse caminho – e com as suas aulas sempre especiais; Ana Acker, Sérgio Lima e Vanessa Hauser, por me ensinarem muito sobre o ofício de jornalista que é parte ativa na instrumentalização dos métodos científicos que sigo hoje – aprender a ser um comunicador competente ajuda na pesquisa em comunicação. Ângelo Neckel, por ser de uma origem tão similar a minha, estar vivendo próximo a mim momentos de aflições e por ser partidário de lutas que me identifico muito.

Sou muito grato ao acolhimento dos torcedores antifascistas que aceitaram conversar comigo. Não os cito nominalmente aqui, mas posso afirmar que o aprendizado que tive com quem integra a *Coluna Vermelha* e a *Tribuna 77* vou levar para a vida. Espero que a vida nos aproxime e que a meta de um futebol mais igualitário seja abraçada de uma vez por todas pelos clubes que tanto amamos.

Por último, cito que sou agradecido às políticas públicas que me trouxeram até aqui. O Programa Universidade Para Todos (PROUNI), a bolsa de IC que tive da FAPERGS e a bolsa de mestrado proporcionada pelo CNPq são fundamentais para que outras pessoas como eu emergjam das periferias do país e consigam acessar a educação superior. Vou lutar para que nenhum governo neofascista/neoliberal impeça que mais gente tenha a oportunidade que eu tive e espero poder ser um educador que ajude as próximas gerações a terem essa mentalidade; que emerja no Brasil uma primavera com uma educação valorizada, mais humana – em todas as áreas do conhecimento – e que vise o bem-estar social previsto na nossa atual Constituição Federal conquistada a duras penas por verdadeiros heróis da nação que lutaram contra a tirania ditatorial. Com muita luta, dias melhores virão!

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui estabelecida se aproxima das táticas comunicacionais de torcedores antifascistas de futebol. Essa tática é problematizada a partir do que estabelece Certeau (1998) nas disputas de poder que envolvem *estratégias* e *táticas* em que a primeira é própria de locais políticos que possuem o *status quo* (p. 99) enquanto a segunda é característica de quem não possui controle sobre as normas (p. 100). Trazida ao contexto do futebol e da comunicação, esse contexto que envolve os torcedores antifascistas analisa como eles utilizam plataformas de comunicação – desde as orais/presenciais até as plataformas de redes sociais – para trazer ao ambiente futebolístico debates de ordem dos direitos humanos que se preocupam em discutir a norma atual do futebol que é masculina, branca, heterossexual e cisgênera. A partir disso, se divide essa complexidade em três capítulos que buscam, respectivamente, introduzir o leitor ao assunto, imergir em problematizações teóricas e explicitar os instrumentos metodológicos.

Essa pesquisa teve como objetivo geral *identificar como as torcidas organizadas antifascistas acionam táticas comunicacionais para contestar normatizações dentro do ambiente futebolístico para incluir pessoas fora da norma branca, masculina, heterossexual e cisgênero e como isso afeta o esporte* e, nisso, se descobriu o papel fundamental da comunicação interpessoal para o estabelecimento de uma pedagogia baseada no contexto e com caráter antifascista. A partir de colagens, de ações *antiaporofóbicas* (CORTINA, 2020), de ações torcedoras com presença nas arquibancadas e com o diálogo cotidiano mantém uma práxis educomunicacional relevante e potencialmente transformadora.

A partir desse objetivo geral se pensou os objetivos específicos que pudessem ajudar a compreender essa questão geradora. Na especificidade em que se busca *descrever os trabalhos interacionais produzidos pelas torcidas e refletir sobre suas consequências* foi onde se viu, justamente, as interfaces comunicacionais baseadas no contexto social em que tem como efeito um fazer que mescla intervenções urbanas, a comunicação interpessoal e o uso das plataformas de redes sociais. Apenas na investigação baseada em *interpretar mudanças e potencialidades que a alteridade das torcidas* que foi possível compreender, de fato, como os torcedores antifascistas exercem algo comparável à pedagogia de Paulo Freire em sua *pedagogia do oprimido* (2020). Quando se *avaliou os principais assuntos abordados pelas torcidas antifascistas dentro da causa das mulheres, dos negros e da população LGBTQ+* se chegou ao fato de que essa militância

antiLGBTfóbica é protagonizada por pessoas que sofrem das mazelas dessa opressão e, ao mesmo tempo, trazem esses assuntos sem descolar isso ao sentimento torcedor, ou seja, não é algo descolado das cores do clube. E quando se buscou *desvelar as táticas que as torcidas utilizam para justificar sua ocupação política nos ambientes comunicacionais e sociais do futebol* se viu uma complementação densa às descrições dos trabalhos interacionais e mostra como esses torcedores vencem a máxima do senso comum do futebol como “ópio do povo”; na práxis, conseguem trazer discursos de igualdade ao esporte.

No primeiro capítulo se especifica quem são, de fato, os torcedores antifascistas de Porto Alegre – os gremistas da *Tribuna 77* e os colorados da *Cohuna Vermelha*. Vista a pouca bibliografia sobre o assunto, é importante que se descreva o mais detalhadamente possível as problemáticas em que elas se encontram; no caso, especificidades dos torcedores porto-alegrenses. A rivalidade Grenal, o clubismo, o contexto político – com a ascensão *bolsonarista* no Rio Grande do Sul – e futebolístico local somados ao contexto de *arenizamento* e da construção acadêmica sobre futebol fazem parte dessa primeira parte do trabalho.

No segundo capítulo se aproxima sobre questões teóricas que estão presentes na temática das torcidas. Assuntos como o futebol como pretensão apolítica, como “microcosmos” social, as táticas comunicacionais dos torcedores antifascistas e as normatividades do futebol são aprofundados. Nas táticas comunicacionais, com base teórica em Michel de Certeau (1998), é onde os testemunhos dos torcedores colorados e gremistas mais aparecem; na metodologia participante (PERUZZO, 2003) que se consegue descobrir a práxis comunicacional emergida por esses torcedores. As normatividades são ramificadas e detalhadas em questões de gênero e sexualidade (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2018) – e a especificidade entre o transgênero e cisgênero –, a luta étnica antirracista e a identidade latino-americana (TORRICO, 2019) – que não está na norma quando se leva em consideração o “padrão FIFA”. Todas as questões teóricas, salienta-se, são uma mistura entre a observação participativa e produtos teóricos da área da comunicação e das ciências humanas de maneira mais abrangente, afinal, apenas nessa articulação que se descobre o singular e, ao mesmo tempo, o que é um sintoma social maior.

No terceiro capítulo se trata sobre a reflexão metodológica. Se mostra nessa seção a *transmetodologia*, a *pesquisa exploratória*, a *pesquisa-observativa-participativa* desenvolvida para as especificidades da presente aproximação, as recolhas dos dados

empíricos nas plataformas de redes sociais e a *pesquisa metodológica*. Nuances dessas metodologias são mostradas e se demonstra como é válida a conjunção de métodos para o caso específico da pesquisa dos torcedores antifascistas: se trabalhando em várias frentes é possível compreender os vários contextos; novamente salientando, a bibliografia sobre essa temática é curta, portanto, já que os contextos não são acessíveis em uma pesquisa bibliográfica é importante criar o corpus a partir de aproximações metodológicas convergentes.

Nas considerações finais se busca sintetizar os resultados do que foi analisado nos capítulos anteriores. As reflexões da pesquisa, os percalços dela, as questões teóricas e de práxis que convergem na (edu)comunicação dos torcedores, as potencialidades da comunicação interpessoal, o combate antifascista nessa interpessoalidade e os aspectos *freireanos* de uma pedagogia no ambiente futebolístico têm nesse capítulo um espaço analítico e sintético. Se buscou na parte final do trabalho salientar a parte humana de uma comunicação inclusiva e tratar sobre como um combate ao neofascismo é necessário em uma sociedade que vise buscar uma organização menos opressiva, de respeito ao próximo e de mudança de uma lógica de destruição de outros seres humanos.

Não é vislumbre que o produzido, nesse esforço de pesquisa, feche quaisquer conversas ou conceitos: é respeitada a natureza fluida de contextos tão abrangentes como o futebol e a militância política. Se trata de um trabalho feito por um aprendiz de pesquisador que tem como proposição o aperfeiçoamento pessoal como cientista/comunicólogo e, principalmente, o acréscimo para a academia com um levantamento que trata sobre uma temática emergente no Brasil com crises simultâneas na política – com a ascensão de movimentos antidemocráticos – e no futebol – que perde espaço como manifestação cultural e diversa num processo de gentrificação do esporte, aqui, conceituado como *arenizamento*. A maior questão que esse trabalho emerge é a consideração de que o esporte pode ser um espaço de solidariedade, aprendizado e acolhimento e que, na contemporaneidade, é necessário compreender mecanismos comunicacionais, baseados na solidariedade e na escuta ao próximo, para que isso seja viável do ponto de vista prático.

CAPÍTULO 1 – OS TORCEDORES ANTIFASCISTAS DE FUTEBOL

As torcidas organizadas antifascistas apresentam, coincidentemente ou não, um crescimento substancial de fundações ao redor do país após 2013. Depois das Jornadas de Junho e do movimento que pediu que a Copa do Mundo no Brasil não acontecesse no Brasil essas torcidas apareceram em todas as regiões do Brasil. Todos os tradicionais “doze grandes”¹ possuem uma organização antifascista e outras equipes de representatividade regional possuem assemelhados como a dupla RE-PA – Remo e Paysandu – de Belém do Pará, os três grandes de Recife – Náutico, Sport e Santa Cruz –, os maiores clubes de Salvador – Bahia e Vitória, a dupla BA-VI. A primeira torcida antifascista no Brasil surgiu em 2005 com a Ultras Resistência Coral, do Ferroviário-CE (PINHEIRO, 2020).

No Rio Grande do Sul, para além da dupla Grenal – Grêmio e Internacional –, existem antifascistas que torcem para a dupla Caju – Caxias e Juventude – e para o Brasil de Pelotas. Na presente dissertação, no entanto, a análise se limita aos dois clubes com mais torcida do RS. Diferentemente do que aparentam, pelo nível elevado de organização e capacidade de criação de táticas (CERTEAU, 1998), os torcedores da *Coluna Vermelha* não formam uma TO. Eles se denominam como um coletivo de torcedores que habitam todo o ambiente do Internacional, ou seja, os torcedores que integram esse movimento estão presentes, concomitantemente, em todos os locais do Beira-Rio – e de maneira relevante dentro das TOs de fato. Carlitos – nome fictício² –, representante escolhido da *Coluna Vermelha* para representar o coletivo de torcedores, deixou claro logo de início que eles não são uma torcida e tampouco disputam território com as TOs:

“[...] então, vou te dar a primeira resposta que é a mais fundamental de todas, tá? Nós não somos uma torcida. Nós somos uma frente de torcedores, tá? Por quê? Porque torcida é uma outra questão, né? É um grupo que se organiza, é... internamente, a gente tem uma questão de identidade visual, por exemplo, torcidas a gente sempre se refere a torcidas uniformizadas, torcidas organizadas, né? [...] nós não somos porque nós não estamos ali pra disputar espaço dentro do estádio, nem fora do estádio com as torcidas organizadas, nem com a barra. Nós estamos lá naquele espaço para disputar corações e mentes de torcedores organizados e torcedores não organizados dentro dessas pautas que a gente acha importante, tá? Esse é o primeiro ponto nós nos consideramos uma frente porque dentro da Coluna Vermelha tem integrantes

¹ Com contestações, os doze grandes são os quatro cariocas Bota fogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama; os quatro paulistas Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo; os dois gaúchos Grêmio e Internacional e os dois mineiros Atlético Mineiro e Cruzeiro.

² Na seção 3.3.1 se explica o porquê de se darem nomes fictícios aos torcedores entrevistados, que não serão identificados, por questão de proteção e de comprometimento de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) exigido em comitê de ética. Carlitos é o maior artilheiro da história do Internacional masculino, com 485 gols; por ser um ícone colorado, batiza ficcionalmente o torcedor colorado representante da Coluna Vermelha.

na barra Popular, tem integrantes da Camisa 12, tem integrantes da Nação Independente, tem integrantes da Força Feminina Colorada e integrantes de TOs de barra, né? Então, é... nós somos uma frente...” (CARLITOS, 2021)

Já os gremistas da *Tribuna 77*, de fato, se veem como torcida organizada e se movimentam como tal quando possuem espaço próprio na Arena do Grêmio, têm faixas e demandas próprias para o clube, possuem cânticos próprios de apoio à equipe – e renegam outros, principalmente os que possuem cunho preconceituoso – e trabalham na comunidade gremista da mesma forma que as demais TOs – com movimentações beneficentes, por exemplo. Essa torcida gremista não está presente no Departamento do Torcedor Gremista – DTG – onde as TOs se apresentam no Grêmio, mas existem fatores decisivos para entender a *Tribuna 77* como tal; Karina³ – nome fictício – relata sobre como funciona essa organização:

“[...] como é que eu vou dizer... não existe um consenso com... a... quanto a isso, né? Cada um pode falar, é... de como se... mas assim, até onde eu sei, com as pessoas que eu mais converso, como a gente se vê sim como um grupo organizado de torcedores. A gente não é torcida organizada como talvez o clube considere, né?” (KARINA, 2021)

A *Tribuna 77*, além de uma TO por si só, tem uma divisão específica para mulheres: o Coletivo Elis⁴ Vive. Nele, mulheres cis e trans são protagonistas e porta-vozes de suas demandas; não são, nesse caso, uma TO deslocada da *Tribuna 77* e tampouco são subservientes a seus mandatários – que no caso nem sequer existem, visto que se organizam em uma democracia direta em vez de representativa.

Portanto, mesmo com organizações distintas – a *Tribuna 77* sendo TO e a *Coluna Vermelha* não – entram em um mesmo contexto de Torcedores Antifascistas – TAs –; todos esses TAs querem combater o neofascismo presente no Brasil, cada conjunto se utiliza de táticas próprias (CERTEAU, 1998) a partir de sua vivência específica de contexto que molda suas ações. Seria um erro separar os dois movimentos por um ser TO e outro não e, para juntar essas duas iniciativas que têm mais em comum do que distinções, que se utiliza nessa dissertação a sigla TA, que é o mais preciso para tratar todo o conjunto de torcedores antifascistas – em TOs ou não.

Nessa luta dos TAs colorados há uma especificidade: anteriormente, a frente de torcedores se chamava “Inter Antifascista”, mas, em um episódio de censura a ideias de

³ Karina é a maior artilheira da história do Grêmio feminino, com XX gols; por ser uma ícone gremista, batiza ficcionalmente a torcedora gremista representante da *Tribuna 77*.

⁴ Esse coletivo homenageia, em seu nome, a gremista ilustre Elis Regina.

esquerda no Internacional, houve processos contra quem era próximo desse antigo coletivo:

“[...] E aí, cara, nós sofremos um ataque da diretoria, tá? Nós tivemos integrantes nossos que foram, é... chamados da Polícia Civil e ameaçados com processo judicial por nós estarmos usando o nome “Inter”, né? E nós acabamos com a Inter Antifascista, nós pagamos advogado, resolvemos as questões, fizemos a política interna dentro do clube, a externa na polícia e tal, e acabamos com a Inter antifascista, tá? E aí surgiu a Coluna Vermelha, não sei por que, mas é bando de colorado também, antifascista e coisa assim (risos) [...] Tu ter uma máquina administrativa que nem internacional, que tem [R\$] 380 milhões de... de orçamento anual contra ti, não tem departamento jurídico, os advogado mais fodido do Estado... cara, acaba contigo se quiserem, né? Então é isso, a gente terminou a Inter Antifascista e aconteceu com o Coluna Vermelha aí, com uma galera também que se identifica com as mesmas bandeiras da Inter Antifascista, se é que tu me entende.” (CARLITOS, 2021)

Entre especificidades e semelhanças, as TAs de Grêmio e Internacional são duas organizações que precisam ser estudadas em conjunto, pois a rivalidade Grenal é sempre complementar. Nesse caso, estudar separadamente só uma das torcidas até que seria possível, mas a intenção nesse trabalho é a compreensão da comunicação interpessoal no território porto-alegrense; sendo assim, é necessário que se articule as duas realidades.

Durante a maioria do tempo dessa pesquisa se investigou esses TAs em tempos de pandemia de coronavírus; um prejuízo e tanto em uma pesquisa que visa pesquisar justamente as arquibancadas de futebol que são ocupadas em massa por torcedores de futebol. Isso não significou que os TAs abandonaram os seus clubes; nos estádios vazios elas apareceram com suas faixas (figura 1 e 2) já que não poderiam aparecer pessoalmente dada a necessidade de isolamento físico.

Figura 1 – Captura de tela de publicação da Tribuna 77 sobre a presença, com faixas, no estádio Veirão em apoio ao futebol feminino



Fonte: Instagram (2020)⁵

Figura 2 – Captura de tela de publicação da torcida Coluna Vermelha sobre a presença, em faixa, no Beira-Rio homenageando as jogadoras Ganso, Bel, Duda e Tati



Fonte: Instagram (2020)⁶

Há nesse trabalho uma diferenciação entre os TAs e “torcedores organizados tradicionais” – ou não-necessariamente-antifascistas. No entanto, essa separação não se trata de um antagonismo, isto é, torcedores tradicionais podem apresentar ideais

⁵ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CFr-WzYnrK2/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

⁶ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CHBFs1TB2Rw/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

contrários ao fascismo. As organizações tradicionais de torcedores são plurais; não há possibilidade de enquadrar as grandes torcidas por uma ótica organizacional única visto que existem diferentes vertentes ideológicas dentro de uma organização – ao exemplo de como funcionam locais como partidos políticos, câmaras legislativas e afins –; há em um mesmo local conservadores a favor das normas vigentes no esporte e pessoas com visões a favor da democracia, por exemplo. As lideranças das torcidas tradicionais tomam para si os rumos de uma torcida, mas a oposição é mais circunstanciada em um ambiente que, às vezes, possuem milhares de associados. Os TAs possuem uma disposição mais enxuta e origem diferente; esse número menor de pessoas que constroem as organizações de torcedores e o fato dessas TAs nascerem já com o “desígnio” de combate ao fascismo faz com que essas pessoas possuam orientações discursivas mais arranjadas e consigam ser “mais coerentes”⁷. A separação desses dois grupos, conseqüentemente, tem o intuito didático de separar torcidas – ou iniciativa coletiva de torcedores – que têm como origem inicial o combate ao fascismo de torcidas que tem como objetivo outras questões que não, necessariamente, tem como ideologia esse escopo.

Em Porto Alegre, no contexto da dupla Grenal, os TAs são os já introduzidos *Tribuna 77* e *Coluna Vermelha* – e seus apêndices. As TOs tradicionais mais relevantes contemporaneamente na cidade são a gremista Geral do Grêmio e colorada Guarda Popular que emergiram na primeira década do século XXI; torcidas gremistas como Super Raça e Torcida Jovem e torcidas coloradas como Camisa 12 e Super Fico são tradicionais e apresentam uma história de décadas no apoio às suas equipes, mas contemporaneamente encontram na Geral e na Popular torcidas que chamam a atenção pela performance nas arquibancadas diferentes das tradicionais: enquanto as torcidas mais antigas levam os tradicionais *bandeirões* e apresentam o ritmo de samba nas arquibancadas, as torcidas mais recentes torcem aos moldes do que é visto nas torcidas do cone sul⁸ com o ritmo das charangas. Por óbvio, há uma disputa interna entre as torcidas, mas a principal rivalidade se trata de um confronto entre Grêmio e Internacional – e a práxis disso está na relação entre as torcidas.

Entre as rivalidades existentes entre torcedores de futebol, tanto considerando o futebol brasileiro quanto tratando esta conjuntura ao redor do mundo, uma das mais

⁷ Entre aspas, pois, não é incoerente que torcidas organizadas maiores possuam diferentes discursos pela sua pluralidade. Há uma facilidade de uniformização de temáticas em locais que apresentam um número reduzido de pessoas.

⁸ O cone sul se refere, geograficamente, ao sul da América do Sul. Ou seja, Uruguai, Argentina e Chile – do leste ao oeste.

ríspidas são as que incluem os torcedores do Grêmio e Internacional. Desde a origem do Inter – abreviação do nome do Internacional –, fundado em 1909, existem questões de rivalidade: o Colorado – outro apelido popular para o Internacional – tem como fundadores os irmãos Poppe que não puderam integrar o Grêmio. Essa origem dos clubes não é unanimidade⁹, mas o fato dessa história ser parte do domínio público e do folclore da rivalidade entre Grêmio e Inter faz com que essa versão seja relevante; ainda mais em um trabalho que pensa o futebol pelo viés comunicacional, afinal, há na comunicação oral, que passa a história de geração em geração, um elemento importante nessa versão dos fatos que infla a rivalidade.

Nesse capítulo se aborda a rivalidade entre Grêmio e Internacional, o ambiente fascista presente no estado do Rio Grande do Sul, a comparação entre o fascismo e o clubismo, a semelhança entre a ideologia neofascista *bolsonarista* com o fascismo eterno – a partir da teoria de Umberto Eco (2020) –, a relação de torcidas organizadas no processo de *arenizamento* e a obsolescência da afirmação do futebol como “ópio do povo”.

1.1 – A RIVALIDADE GRENAL

Para além das origens da rivalidade, ela se desenvolveu, ao passar das décadas, de maneira belicosa no discurso midiático e folclórico. Ser gremista ou colorado é parte importante da identidade do povo gaúcho e é praticamente uma obrigação escolher um dos lados caso a pessoa deseje acompanhar o futebol; obviamente, há espaço para se torcer a outros clubes da região metropolitana de Porto Alegre ou do interior do estado, mas normalmente Grêmio e Internacional são os clubes do dia a dia do sul-rio-grandense. Na trajetória desses clubes é marcante a rivalidade recíproca em que de parte a parte há uma tendência de não suportar o rival. Tal clima acirrado compõe a sociedade local e a lógica binária do Grenal é colocada de maneira assertiva a cada dia na convivência gaúcha; da torcida à mídia esportiva, o futebol do Rio Grande do Sul não é visto como possível sem a convivência pouco auspiciosa entre rivais.

É válido citar que essa narrativa é relevante para o desenvolvimento econômico dos clubes e que isso baseia o “tamanho”¹⁰ dos clubes – tidos a nível nacional como de

⁹ Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/qualidade-de-vida-sc/19.0.2457198,Conselheiro-descobre-nova-versao-para-fundacao-do-Inter.html>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

¹⁰ Existem critérios objetivos para tratar sobre o tamanho dos clubes, mas os medir é uma missão difícil. Todo o torcedor tem seu clube como grande, independentemente dos fatos.

grande relevância. Estruturalmente, a rivalidade não permite que um clube fique para trás do outro a nível estrutural e isso é de fácil exemplificação quando se pensa a conjuntura dos estádios da dupla durante os mais de cem anos de história dos clubes: o Estádio dos Eucaliptos foi inaugurado dos anos 1930 pelo Internacional para ser maior do que o então estádio gremista, o Estádio da Baixada; o Olímpico, estádio gremista, foi inaugurado nos anos 1950 para ser maior que os Eucaliptos; o Beira-Rio, no final dos anos 1960, foi construído para ser maior do que o Olímpico – que nos anos 1980 passou por uma reforma e foi reinaugurado como Olímpico Monumental para se igualar ao estádio colorado; a Arena do Grêmio, nos anos 2010, foi inaugurada para ter o mesmo padrão do Beira-Rio reformado para a Copa do Mundo de 2014. Em suma, a rivalidade além do poder destrutivo tem um lado propositivo e esse caso históricos dos estádios é um exemplo.

Essa construção de *status* da rivalidade, em todas suas nuances, só faz sentido quando se inclui os torcedores como atores ativos disso. Diariamente, os torcedores, engajados em TOs ou não, alimentam essa máxima quando discutem sobre isso nas ruas, acompanham na mídia esportiva debates que se aproveitam dessa dicotomia para ganhar audiência ou brigam, até corporalmente, a favor de suas cores. É notório na nossa conjuntura política que as polarizações dificultam os diálogos¹¹; dificilmente discussões entre gremistas e colorados chegam a um ponto em comum, mas nesse caso é possível conviver com a diferença de cores clubísticas e nisso que entram as torcidas organizadas antifascistas: não há uma tentativa de terminar com a rivalidade até porque, como exemplificado aqui, ela pode ter um lado construtivo e o folclore das disputas esportivas pode ser um laço de união de um povo; no entanto, esse *clubismo* não pode descambar para uma operação que incorpore ideologias fascistas.

As torcidas antifascistas, apesar de manter a cultura futebolística de sempre querer vencer o rival, lutam por causas em comum. Acima do clubismo estão as causas como a luta contra o fascismo e contra a norma futebolística masculina, branca, heterossexual e cisgênero. Para tratar sobre a luta contra o fascismo é imponderável refletir sobre esse contexto a nível estadual e como a ascensão *bolsonarista* é um algoz nesse aspecto.

¹¹ Evidentemente, a polarização entre democracia e ditadura, como vista nas discussões políticas, é muito mais grave e nociva do que a separação entre gremistas e colorados.

1.2 – O FASCISMO NO RIO GRANDE DO SUL

Não é possível afirmar que o Rio Grande do Sul é um estado fascista. Generalizações em geral costumam falhar, mas na questão política gaúcha isso é especialmente sensível. O RS se notabilizou em sua história em ser combativo e isso parte de questões complexas e com diferentes nuances. Na chamada Guerra dos Farrapos – ou Revolução Farroupilha – a luta foi feita a favor da elite estancieira que não queria pagar altos impostos ao Império brasileiro; na Coluna Prestes, liderada pelo gaúcho Luís Carlos Prestes, houve um movimento de insatisfação contra o modelo político da República Velha e foi relevante para a construção das esquerdas no Brasil; no episódio conhecido como Campanha da Legalidade, em 1961, os gaúchos, com a liderança do seu governador Leonel Brizola¹², se rebelaram contra as forças militares que conspiraram contra o então vice-presidente João Goulart que sofria uma tentativa de golpe para que não assumisse o posto de presidente após a queda de Jânio Quadros (SILVA, 2014). Há complexidade de pensamentos e esses dois episódios citados as permeiam: há até os tempos de hoje a comemoração da “revolução farroupilha”, que utiliza como temática a Guerra dos Farrapos – onde o Império venceu os revolucionários que queriam a independência da província de São Pedro – e nessa comemoração que fica entre a história e o folclore há manifestações de um “orgulho nacional” gaúcho que apresenta, como plano de fundo, a xenofobia contra imigrantes não europeus¹³ e migrantes comumente vindos da região nordeste do Brasil; por outro lado, há no estado movimentos políticos que prezam pelo legalismo constitucional e pela democracia.

O grupo conservador, que tem como característica defender separatismos a partir do ideário farroupilha, possui um número relevante de adeptos e na ótica democrática simples apresentam capital pessoal decisivo nas eleições locais; ou seja, há de se agradar esse grupo para conseguir se eleger em cargos municipais ou estaduais. Esse conservadorismo está presente nas arquibancadas da Arena do Grêmio e no Beira-Rio: ambas as torcidas apresentam as cores do estado acima da bandeira nacional, cantam o hino sul-rio-grandense com o intuito de silenciar o hino brasileiro e se orgulham de “jogarem um futebol diferente” simbolizado por termos como “alma castelhana¹⁴”; a

¹² Brizola que era da vertente trabalhista que tem como grande símbolo Getúlio Vargas que também é gaúcho.

¹³ A cultura europeia no RS é vista como parte ativa da construção social local enquanto os não europeus não têm essa influência reconhecida – falando no senso comum conservador do estado.

¹⁴ Isso não significa que haja um orgulho latino-americano quando há uma identificação nessas palavras. Se fosse o caso, os marcadores culturais brasileiros de forma geral não seriam desprezados pelas grandes

Geral do Grêmio, inclusive costumeiramente leva ao estádio uma faixa com os dizeres “República Rio-Grandense”, reforçando o separatismo – ao menos cultural, quando se veem como diferente.

Não há elementos factuais nesse trabalho para se afirmar que os conservadores/separatistas do Rio Grande do Sul são *bolsonaristas* – novamente, uma generalização dessas seria inexata. No entanto, assim como a hegemonia cultural (pseudo)nacionalista, o *bolsonarismo* é o *status quo* da política local. Segundo o TSE¹⁵, Jair Bolsonaro venceu nos dois turnos da eleição presidencial de 2018: no primeiro turno, em que estavam disponíveis todos os treze candidatos, Bolsonaro venceu com 52,63% dos votos válidos, ou seja, se o RS de fato fosse um país, a eleição se resolveria no primeiro turno a favor do *bolsonarismo*; no segundo turno, em que a disputa foi direta com o candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores, Bolsonaro venceu com 63,24% dos votos válidos sendo, assim, o Rio Grande do Sul uma base eleitoral importante do atual presidente.

A partir dessa contextualização se reflete, nas próximas seções, sobre como o belicismo do fascismo está presente no contexto da rivalidade Grenal – e no que se chama *clubismo* – e uma relação que traz uma comparação entre o *bolsonarismo* e elementos fascistas. Essas questões permeiam o contexto em que torcedores antifascistas emergem; sem o *neofascismo* crescente, essas TOs poderiam até existir, mas as demandas e a urgência seriam outras¹⁶.

1.2.1 – O fascismo e o clubismo

O maniqueísmo é a principal característica do *clubismo*. O *clubismo* é um termo advindo do senso comum o qual se refere a maneira que o torcedor defende o clube de coração acima de qualquer fato e razoabilidade. Apesar de ser um adjetivo de origem popular e não de uma teoria da comunicação, e/ou de outra área do conhecimento, é algo fundamental aos estudos que levem em consideração organizações de torcedores ou o até o torcer individual – que sempre vai estar atrelado ao coletivo.

torcidas organizadas da dupla Grenal – a Geral do Grêmio e a Guarda Popular. Os elementos de torcida inspirados nas *hinchadas* argentinas, aparentemente, separam os gaúchos dos brasileiros em maior escala do que aproxima dos vizinhos de fronteira.

¹⁵ Disponível em: <<http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>>. Acesso em 6 jul. 2021.

¹⁶ Vale esclarecer que não há, necessariamente, uma relação direta entre uma atitude combativa com o fascismo. Nem todo o militante combativo é fascista e tampouco todo o fascista é combativo.

O contexto Grenal é especialmente clubista¹⁷ e isso é tão presente na sociedade gaúcha que se criou uma palavra específica para o *clubismo* local: a “grenalização”; que remete, por óbvio, a rivalidade entre gremistas e colorados. Diferentemente de outras praças, de grandes clubes, em que se têm três ou quatro clubes com representatividade popular – principalmente Recife, Rio de Janeiro e São Paulo – ou outros locais que possuem influência história de clubes do eixo Rio/São Paulo que pegam para si parte dos torcedores para esses clubes do Sudeste – como Fortaleza, Curitiba e Salvador – no Rio Grande do Sul¹⁸ há culturalmente a escolha entre Grêmio ou Internacional – clubes do interior do RS como Brasil de Pelotas, Caxias, Juventude e Pelotas apresentam torcidas relevantes a nível municipal, mas mesmo nessas cidades há uma grande relevância de torcedores gremistas e colorados. Nessa característica binária na escolha do torcer gaúcho o *clubismo* se exacerba: se o indivíduo é gremista ele deve, por dever *clubístico* e até etiqueta social, negar a legitimidade colorada – e vice-versa. Tal característica se assemelha ao que Umberto Eco traz na sua obra sobre a ideologia fascista que ele caracteriza como “fascismo eterno”¹⁹ (2020) visto que os torcedores nesse contexto veem o inimigo de maneira dicotômica e contraproducente: ao mesmo tempo o rival é forte e fraco.

“Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo. [...] graças a um contínuo deslocamento de registro retórico, *os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais.*” (ECO, 2020, p.51 e 52)

Nessa contradição a ideologia fascista se demonstra. Nos cânticos das torcidas organizadas oficiais, de ambas as partes da rivalidade *Grenal*, o rival é diminuído e nessa diminuição do inimigo ele é colocado como minoria representativa de maneira pejorativa (SOARES, 2018): os gremistas são todos “putos” e os colorados “macacos” em clara alusão a preconceitos homofóbicos e racistas – sem contar de expressões machistas presentes no contexto geral das torcidas de futebol em que ser “moça” é ruim (Idem).

O clubismo pode ser visto como empecilho de uma união entre as torcidas e é potencialmente uma ferramenta para a manutenção de lógicas fascistas no esporte. A lógica do *clubismo* e do fascismo, de eliminação e deslegitimação do inimigo, é uma das causas dos conflitos entre torcedores. No entanto, vemos nos torcedores antifascistas uma

¹⁷ O que não significa que os demais contextos do futebol brasileiro não sejam visíveis o clubismo.

¹⁸ Contexto semelhante é encontrado em Minas Gerais com a rivalidade entre Atlético-MG e Cruzeiro.

¹⁹ Essa ideia de “fascismo eterno” ou “ur-fascismo” descrita por Eco ajuda a explicar o bolsonarismo. Tópico que está na introdução no subtópico “O bolsonarismo como norma” visto na sequência.

inversão dessa lógica: no contexto geral das torcidas é buscado que os torcedores não criem conflitos entre si e busquem o inimigo em comum – no caso da imagem o conflito de classes. Os TAs não abandonam o *clubismo*, possuem uma conjuntura de mútua ojeriza, mas nada que impeça que esses TAs rivais tratem a luta antifascista com a mesma ênfase – nesse caso, o rival ser antifascista não implica em um fazer ativista diametralmente oposto.

Para se falar sobre fascismo da maneira mais adequada dentro dessa dissertação e para a precisão científica é necessária uma definição palpável do que é o fascismo. Por mais que a ideologia fascista seja móvel e específica dentro de cada conjuntura social em que se instala, é possível fazer uma definição. Robert Paxton trabalhou para compreender a Anatomia do Fascismo (2007), trouxe esse movimento como um algo complexo e com combinações políticas de direita radical, nacionalista e conservadora:

“O fascismo no poder consiste num composto, um amálgama poderoso dos ingredientes distintos, mas combináveis, do conservadorismo, do nacionalismo, do nacional-socialismo e da direita radical, unidos por inimigos em comum e pela mesma paixão pela regeneração, energização e purificação da Nação, qualquer que seja o preço a ser pago em termos nas instituições livres e do estado de direito. As proporções exatas dessa mistura resultam de processos tais como escolhas, alianças, compromissos e rivalidades. O fascismo em ação se assemelha muito mais a uma rede de relações que a uma essência fixa.” (PAXTON, 2007, p.336)

No contexto brasileiro isso se instaura de maneira definitiva com o *bolsonarismo* que já pode ser considerado um movimento fascista relevante e com especificidades próprias. A estrutura *bolsonarista* é neofascista de extrema-direita e isso não serve apenas como um alerta cidadão potencial desse trabalho – em que os torcedores antifascistas são objetos e contrariedades sociais relevantes –, mas como uma afirmação de possível demonstração científica a partir de indícios, retomadas históricas e factuais observando as características desse movimento.

Vale salientar, no entanto, que por mais que, de fato, o *clubismo* se assemelhe às características maniqueístas do (neo)fascismo – e possa ser cooptado para tal lógica –, há uma especificidade *clubista* que precisa ser tratada para ir além na discussão desse fenômeno social do futebol: o *clubismo* é parte decisiva na identidade pessoal e sociocultural dos torcedores de futebol. É complexo, pois, o mesmo *clubismo* que discursivamente – e em especificidades torcedoras – separa as pessoas é o que traz união; ter ojeriza ao rival une as pessoas em uma conversa que pode, até mesmo, incluir um torcedor adversário; a “conversa de bar” que tem o futebol como tema só faz sentido com

a provocação *clubista*. Portanto, é possível ir além nessa conjuntura²⁰; observar esse outro lado do *clubismo* é importante para táticas comunicacionais e, quase paradoxalmente, para minimizar o potencial fascista da rivalidade futebolística.

1.2.2 – O bolsonarismo como norma

O *bolsonarismo* é um movimento ultradireitista e com modo de operação neofascista – a estrutura em si não é comparável ao fascismo tradicional, mas sua ideologia sim e é algo a ser destacado nesse tópico. Não há como explicar ou entender o movimento *bolsonarista* sem a reflexão sobre como a ideologia fascista é intrínseca a todos os apoiadores dessa maneira de pensamento. E vale deixar claro como é possível considerar o *bolsonarismo* um movimento fascista próprio: assim como a Itália de Mussolini, a Espanha de Franco, Portugal de Salazar e outros vários países e contextos de governos fascistas, o governo de Jair Bolsonaro consagrado dia 1 de janeiro de 2019 já caracteriza o auge do bolsonarismo. Didaticamente falando, não é possível comparar o governo Bolsonaro com alguns outros períodos de poder específicos de alguma liderança política como o governo Fernando Henrique Cardoso, governo Collor ou até mesmo os governos petistas: o *bolsonarismo* é uma agitação política maior, com poder de persuasão de massas diferente dos normais a um jogo da democracia representativa, que ascendeu ao poder a partir de diretrizes fascistas e que tem potencial de deixar marcas a longo prazo na sociedade brasileira – tal qual o governo que se proveio do golpe civil-militar brasileiro, por exemplo. O nome “bolsonarismo”, por óbvio, vem do sobrenome do líder desse movimento neofascista brasileiro que atualmente ocupa o cargo de presidente da República²¹.

Os *bolsonaristas* seguem uma ideologia que privilegia, na retórica, a religiosidade neopentecostal, o nacionalismo, a ojeriza à imprensa livre, o fechamento do congresso nacional com a instauração de uma ditadura e a constante exigência de que todo o cidadão possa ter uma arma de fogo para defender seu patrimônio. O conceito de “patrimônio” trazido pelo *bolsonarismo* por si só é obtuso visto o lumpesinato que dá base a esse movimento: pessoas de classe média ou proletários que não possuem patrimônio relevante. A frase de ordem, que resume essa ideologia é a “Brasil acima de tudo, Deus

²⁰ Na problematização teórica isso será tratado na seção 2.2.2.1.

²¹ Esse sobrenome é forte pela característica *bolsonarista* de reunir diferentes familiares de mesmo sobrenome nas tomadas de decisões. É uma organização patriarcal, que lembra o nepotismo e que procura a perpetuação da família na estrutura política brasileira que tem como característica o dinheiro farto para seus parlamentares.

acima de todos”. As milícias policiais e os grupos autoritários dentro das Forças Armadas – que estão presentes dentro do próprio Palácio do Planalto – são importantes para compreender as movimentações políticas, pois, sem essa base os agires institucionais que flertam com a ilegalidade não seriam possíveis; essas estruturas são as partes mais organizadas do *bolsonarismo*.

Esse movimento político é altamente relevante e se validou a partir da naturalização do escárnio feita na televisão durante os anos 2010 e que teve Jair Bolsonaro como uma figura carismática. Programas como SuperPop, da RedeTV! (ALVES e SILVA, 2020), e Custe o Que Custar (CQC) (SANTOS et al, 2020), da TV Bandeirantes, traziam Bolsonaro como um personagem grosso, sincero e polêmico. Houve nesses programas a naturalização do fascismo que o *bolsonarismo* precisava para sair do esconderijo: as pessoas pararam de ter o pudor de “ser como ele”. Vale refletir que esses dois programas citados nunca possuíram audiência suficiente para podermos afirmar que essa figura ficou nacionalmente conhecida devido às participações citadas, mas houve em ambos os casos a validação do discurso base do *bolsonarismo*. A partir do compartilhamento constante e sem contestação de mensagens machistas, LGBTfóbicas e de genocídio a diversos grupos fora da norma política branca e masculina essas peças de entretenimento trouxeram a figura de Bolsonaro ao jogo político para um nicho potencialmente grande de pessoas – as pessoas que compartilham das mesmas ideias e que se viam representadas nas falas violentas.

No entanto, destaca-se que de fato a retórica *bolsonarista* não se sustenta caso sua militância leve em consideração os atos vindos do atual governo Bolsonaro. Tanto o evangelho neopentecostal quanto o nacionalismo encontram no *bolsonarismo* “crises” pelas características de seu líder e da sua militância.

O movimento cristão neopentecostal é uma vertente do cristianismo protestante que tem como origem as 95 teses de Martinho Lutero feitas no século XVI. O protestantismo surgiu para combater abusos da igreja católica da época como, por exemplo, a venda de indulgências em troca de remissão de pecados. Líderes da Igreja Universal do Reino de Deus²² e da Assembleia de Deus Vitória em Cristo possuem influência direta nas decisões do governo federal *bolsonarista* e representam o contrário do que o protestantismo e o *neopentecostalismo* originalmente buscavam: vendem a

²² Igreja que possui grande relevância midiática no país sendo dona da Rede Record que consiste na posse da TV Record e de dezenas de rádios e jornais locais que estão conjuntas nessa rede. No contexto do RS, possui a TV Record RS, a Rádio Guaíba e o Correio do Povo.

prosperidade em dinheiro, prometendo uma vida na terra envolta de riquezas baseadas no capital. O novo testamento, que mostra um Deus misericordioso e que é o que diferencia o cristianismo de outras religiões como o judaísmo²³, é ignorado pelos *neopentecostais bolsonaristas* quando todo o culto à pobreza e ao compartilhamento do pão – algo feito por Jesus Cristo – é taxado pejorativamente de “comunismo”. Jair Bolsonaro, em declarações a apoiadores, se coloca contra políticas públicas de redistribuição de renda citando que foi um erro de Jesus dar comida de maneira gratuita aos pobres²⁴.

O nacionalismo é tergiversado pelo *bolsonarismo*. No lema, já trazido aqui, a ideologia *bolsonarista* se baseia na diretriz de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, no entanto, existem subserviências do governo brasileiro aos interesses estadunidenses – em especial nas relações do país à época do mandato de Donald Trump nos Estados Unidos. O *bolsonarista* não é nacionalista em termos reais; manipula expressões nacionalistas, como as cores nacionais, mas entrega o patrimônio nacional em privatizações e é subserviente a interesses específicos, principalmente, estadunidenses.

Outra contradição entre diretrizes nacionalistas e os atos *bolsonaristas* no Governo Federal é o próprio tratamento que a pandemia teve no Brasil. Diferentemente de países ao redor do mundo, de diferentes níveis econômicos e conjunturas sociais, como China, Vietnã, Austrália, Nova Zelândia, Uruguai²⁵, etc. em que o isolamento social foi incentivado na comunicação governamental e com recursos financeiros para as pessoas que perderam suas rendas; no Brasil o presidente Bolsonaro teve como primeira manifestação minimizar o potencial mortal da pandemia tratando a COVID-19 como uma “gripezinha”²⁶ e seguidas vezes não seguindo os protocolos desenvolvidos por cientistas epidemiologistas. Quando questionado pelas mortes, Jair Bolsonaro não prestou solidariedade às vítimas e tratou as mortes como naturais visto que “todos irão morrer um dia”²⁷. O desprezo à vida da população vai contra o que líderes nacionalistas fizeram ao longo da história que trazem como prioridade a soberania da própria população para além de tudo – uma maneira higienista de se fazer política. Por outro lado, essa característica de “dar a vida pela nação” incentivada por essa maneira de lidar com um vírus mortal é

²³ No judaísmo o livro sagrado é a Torá que é, grosso modo, o velho testamento da Bíblia Sagrada cristã.

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ePXep6MEho8>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

²⁵ Vale citar que em 2021 o país mudou de governo e vive atualmente o auge da crise pandêmica. Disponível em <<https://graphics.reuters.com/world-corona-virus-tracker-and-maps/pt/countries-and-territories/uruguay/>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

²⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE>. Acesso em: 25 mai 2021.

²⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=402CO8yO4ho>>. Acesso em: 25 mai 2021.

particularidade da ideologia ur-fascista, descrita por Umberto Eco (2020) em sua reflexão sobre o “fascismo eterno”.

A mídia hegemônica costuma trazer normalidade ao extremismo *bolsonarista* alegando que a parte econômica encontra no ministro da economia Paulo Guedes um “setor técnico” do governo. Para além da discussão da pluralidade de vieses possíveis na telecomunicação e na radiodifusão brasileira, as políticas de Guedes apresentam aprovação dos “especialistas em economia” presentes no dia a dia dos noticiários; as reformas econômicas propostas pelo *bolsonarismo* são desassociadas dos discursos de ódio. Esse acordo, no aspecto econômico, é um indício de que o neoliberalismo se adapta ao fascismo e é conivente às manifestações violentas desses movimentos. Eco já alertou sobre como o fascismo de Benito Mussolini, em seu tempo, teve poder de convencer líderes liberais de que o apoio ao movimento poderia fornecer uma alternativa mais relevante do contra a “ameaça comunista”: “O fascismo italiano convenceu muitos líderes liberais europeus de que o novo regime estava realizando interessantes reformas sociais, capazes de fornecer uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista” (p.30 e 31). No Brasil a conjuntura é parecida, mas emulada: a “ameaça comunista” não é real no contexto contemporâneo pós-guerra fria e é personificado no Partido dos Trabalhadores (PT) que, em seus 13 anos na liderança do executivo, não exerceu nenhuma prática comunista. Ou seja, a retórica *bolsonarista*, nesse e em outros aspectos, é muito parecida com a do fascismo italiano e traz elementos desse movimento.

Os *bolsonaristas* e os neoliberais que ajudaram a eleger o *bolsonarismo* negam a faceta do fascismo denunciado pela parte progressista da sociedade. Nessa autodefesa em que alegam não serem fascistas, os *bolsonaristas* falam que não há nas políticas de Bolsonaro uma simetria às políticas feitas por Adolf Hitler ou Mussolini. Todavia, Eco deixa claro que nenhum movimento fascista segue uma lista uniforme de preceitos, ou seja, o fascismo é aberto às conjunturas locais e se modificam dependendo do local onde está instaurado. “O fascismo era um totalitário *fuzzy*²⁸. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições” (p.32)

Para explicar didaticamente que existem semelhanças e diferenças específicas em diferentes movimentos fascistas, Eco apresenta a seguinte tabela (p.40):

²⁸ Segundo a nota de rodapé da tradução: “Usado atualmente em uma lógica para designar conjuntos “esfumados”, de contornos imprecisos, o termo *fuzzy* poderia ser traduzido como “esfumado”, “confuso”, “impreciso”, “deslocado”.

1	2	3	4
<i>Abc</i>	<i>bcd</i>	<i>cde</i>	<i>def</i>

A partir desse artifício didático Eco explica essas diferenças. Podem existir organizações fascistas completamente distintas entre si, mas não deixam de ter o fascismo em sua práxis:

“Suponhamos que existia uma série de grupos políticos. O grupo 1 é caracterizado pelos aspectos *abc*, o grupo 2 pelos aspectos *bcd*, e assim por diante. O 2 é semelhante ao 1 na medida que têm dois aspectos em comum. O grupo 3 é semelhante ao 2, e o 4 é semelhante ao 3 pela mesma razão. Note-se que o grupo 3 também é semelhante ao 1 (têm em comum o aspecto *c*). O caso mais curioso é dado pelo 4, obviamente semelhante ao 3 e ao 2, mas sem nenhuma característica em comum com o 1. Contudo, em virtude da ininterrupta série de decrescentes similaridades entre os grupos 1 e 4, permanece, por uma série de transitoriedade ilusória, um ar de família entre o 4 e o 1.” (ECO, 2020, p.40 e 41)

Não é porque o *bolsonarismo* não apresenta todas as características do fascismo de Mussolini que ele pode ser desconsiderado como um movimento fascista. Tampouco é o movimento italiano o que deve balizar uma definição de um movimento fascista pois isso não só deixa de levar em considerações quaisquer contextos que não sejam os da Itália na primeira metade do século XX como é um limitante que facilita a disseminação de ideias fascistas por se confundirem com a normalidade democrática trazida na distorção de “liberdade de opinião” – inclusive o *bolsonarismo* cresceu justamente na resistência da sociedade em taxar de maneira assertiva o fascismo como fascismo. Esse ideário tratado aqui é norma se levarmos em consideração a grande adesão *bolsonarista* nas eleições de 2018. Tal ideologia ser a norma vigente não significa, necessariamente, que o gaúcho é *bolsonarista*: há no Rio Grande do Sul resistência à ideologia ur-fascista e as torcidas são exemplos disso – e essa resistência é aprofundada em outros tópicos aqui.

1.2.2.1 – As semelhanças da ideologia bolsonarista com o fascismo eterno

Para Umberto Eco (2020) o fascismo eterno – ou Ur-fascismo – é a *ideologia fascista que sobrevive a diferentes contextos sociais*, ou seja, o fascismo eterno é mais que uma organização política específica, mas uma ideologia presente em grande parte das estruturas sociais – mesmo as que se autointitulam democráticas na parte ocidental do globo. Uma característica semelhante do *bolsonarismo* e o fascismo italiano é uma

ideologia maleável que leve em consideração o melhor contexto possível para a perpetuação do seu poder:

“Ao contrário do que se pensa comumente, o fascismo italiano não tinha uma filosofia própria. [...] Mussolini não tinha qualquer filosofia: tinha apenas uma retórica. Começou como ateu militante, para em seguida assinar a concordata com a Igreja e confraternizar com os bispos que benziam os galhardetes fascistas²⁹. [...] Nos anos seguintes, em seus discursos, Mussolini citava sempre o nome de Deus e não desdenhava o epíteto “homem da providência””. (ECO, 2020, p.28)

O *bolsonarismo* é cristão, nacionalista e defensor da “família tradicional” quando convém. Um exemplo prático de como o *bolsonarismo* parte de uma retórica sem base na realidade de seus próprios atos vem da recente disputa política advinda da CPI da pandemia: a mesma ideologia que pede o fechamento do STF recorre à justiça para concessão de *habeas corpus* para pessoas envolvidas em atos de descaso com a saúde pública possam ficar em silêncio e não entregar, em seus depoimentos, informações importantes que possam incriminar as lideranças do poder executivo.

Eco define o fascismo eterno em quatorze tópicos. Os tópicos não têm como intuito enquadrar o fascismo eterno como algo que segue passos como alguma receita pronta: nesses tópicos são apresentadas características, às vezes contraditórias entre si, que são inerentes à ideologia do fascismo e que estão presentes, pontualmente, nos mais diversos fascistas ao redor do mundo (p.44) – inclusive no *bolsonarismo*. Portanto, não é produtivo listar todas as características elencadas por Eco, mas aqui serão levantadas as peculiaridades próprias do movimento neofascista brasileiro tratado aqui.

Culto da tradição: na ideologia ur-fascista *bolsonarista* há a necessidade de se seguir uma tradição e esta é simbolizada pelos tempos da ditadura civil-militar. Essa característica faz com que essa discussão não avance – marca reacionária fundamental do *neofascismo* brasileiro – e estrategicamente se coloca como um empecilho para o avanço do conhecimento – e principalmente a intelectualidade das ciências humanas e sociais são afetados por isso. Como pontua Eco:

“A primeira característica de um Ur-Fascismo é o *culto da tradição*. [...] Como consequência, *não pode existir avanço do saber*. A verdade já foi anunciada de uma vez por todas, e só podemos continuar a interpretar sua obscura mensagem. É suficiente observar o ideário de qualquer movimento fascista para encontrar os principais pensadores tradicionalistas.” (ECO, 2020, p.44, 45 e 46)

²⁹ Bolsonaro critica atitudes cristãs como a ajuda aos pobres, mas se relaciona e tem prestígio com os neopentecostais.

A recusa da reflexão: é um ponto necessário para se manter a tradição, pois só na recusa da reflexão e de pensamentos contemporâneos que abarquem as complexidades atuais que a igualdade entre as pessoas não avança. O *bolsonarismo* não encontra base em uma sociedade que reflete e combate as suas mazelas – portanto, ele necessita constantemente de um conservadorismo de irreflexão:

“O tradicionalismo implica a *recusa da modernidade*. [...] embora o nazismo tivesse orgulho de seus sucessos industriais, seu elogio da modernidade era apenas o aspecto superficial de uma ideologia baseada no “sangue” e na “terra”. [...] O iluminismo e a idade da razão eram vistos como o início da depravação moderna. Nesse sentido o Ur-Fascismo pode ser definido como “irracionalismo”.” (ECO, 2020, p.46 e 47)

Contrariedade à diversidade – o racismo e a LGBTfobia estão definidos no fascismo eterno: a norma racista e LGBTfóbica é necessária para a formação de uma maioria antidemocrática que sustenta o *neofascismo bolsonarista*. Os direitos humanos não são completamente negados na retórica *bolsonarista*, mas para essa ideologia nem todos merecem ter os direitos respeitados. Apenas os “humanos direitos” podem ter contemplados os seus direitos humanos e pessoas negras e do grupo LGBT+ não fazem parte desse grupo: as pessoas pretas chacinadas diariamente nas periferias e os LGBTs que perdem suas vidas nos mais diversos territórios que ocupam merecem ser alvos da necropolítica (MBEMBE, 2020) por não pertencerem aos “humanos direitos”. As pessoas fora dessa norma do “cidadão de bem” – busca da pessoa de bem está detalhada a seguir – são tidas como traidoras e, ao mesmo tempo que devem ser massacradas, representam uma ameaça real à vigência *bolsonarista* e ur-fascista. Como salienta Eco:

“O desacordo é, além disso [traição], um sinal de diversidade. O Ur-Fascismo cresce e busca o consenso utilizando e exacerbando o natural medo da diferença. [...] O Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição.” (ECO, 2020, p.49 e 50)

Uso de frustrações sociais: apesar da classe média brasileira ter crescido seu patamar de consumo nas primeiras décadas do século XXI³⁰, nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), houve frustração das elites – que são donas e financiadoras das mídias hegemônicas – após a reeleição de Dilma Rousseff em 2014. O candidato derrotado, Aécio Neves – do Partido da Social Democracia Brasileira³¹ (PSDB), foi

³⁰ Isso não significa que a desigualdade social diminuiu no Brasil; apenas que houve acesso a bens de consumo e estruturais importantes – desde produtos eletrônicos a vagas em universidade.

³¹ Os partidos como o PT e o PSDB foram criados e ganharam força correligionária após a redemocratização brasileira em meados dos anos 1980 em uma conjuntura que era difícil validar às massas um partido de direita – ideologia seguida nas duas décadas anteriores pela ditadura civil-militar. Por mais que o PSDB carregue no nome a “socialdemocracia” suas políticas carregam influências liberais de desestatização. O

personagem principal de teorias da conspiração não aceitando a derrota e, junto com outros atores políticos inviabilizaram a governabilidade de Rousseff até o impeachment baseado em uma pedalada fiscal³².

A frustração social, nesse contexto, veio de parte da classe média lumpesinada e das elites brasileiras que aguardavam, das urnas, a vitória do PSDB que permitiria a consolidação de uma política neoliberal aos moldes pré-PT quando o presidente era Fernando Henrique Cardoso (FHC) – um dos fundadores do PSDB. Quando as urnas não permitiram a instauração de uma mudança nos rumos políticos a convergência da direita brasileira foi em derrubar o governo antes das eleições de 2018 – o que aconteceu com o golpe³³ de 2016.

Essa manobra antidemocrática permitiu que a grande massa abalada por essa frustração que ojeriza a esquerda política pudesse elevar o fascismo *bolsonarista*. Em vez da direita psdbista ter caminho livre em 2018 o discurso neofascista de Bolsonaro que conquistou a massa insatisfeita com as políticas populares do PT: o PSDB no primeiro turno de 2018 ficou apenas com 4,76% dos votos em seu candidato, Geraldo Alckmin³⁴.

PT, por mais que traga na sua militância e nas suas origens o operariado e o marxismo, obedecendo alguns preceitos de preferência às políticas populares de busca à minimização das desigualdades, a prática dos governos do PT trouxe uma busca pela conciliação de classes, ou seja, estruturas fundamentais do capitalismo também sofreram fortes investimentos de políticas públicas entre 2003 e 2016. Um exemplo dessa conciliação é o aumento do poder aquisitivo de pessoas empobrecidas que, por sua vez, trouxeram mais capital do que nunca, na história brasileira, aos bancos, empreiteiras e grandes fabricantes de tecnologia quando essa população, pela primeira vez na história, pode fazer investimentos bancários, comprar casas financiadas pelo programa governamental Minha Casa Minha Vida e quando puderam ter acesso à peças de tecnologias como smartphones, computadores e outras tecnologias que facilitam a comunicação e trazem conforto às pessoas. Portanto, tratar os governos do PT como “comunistas” não passa de retórica pouco ligada à realidade.

³² Ato fiscal que todos os presidentes anteriores utilizaram e que não resultou no afastamento deles. Ver em: Pelo menos 17 governadores pedalaram impunemente. Disponível em: <<https://apublica.org/2016/06/truco-pelo-menos-17-governadores-pedalaram-impunemente/>>. Acesso em 4 jun. 2021. É uma manobra que consiste em mudança na dinâmica de repasses para manter, artificialmente, equilíbrio entre gastos e despesas nas contas públicas. “No caso do governo Dilma Rousseff, o Tribunal de Contas da União entendeu que o Tesouro Nacional teria atrasado, voluntariamente, o repasse de recursos para a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para o pagamento de programas sociais como Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida, benefícios sociais como o abono salarial e o seguro-desemprego, e subsídios agrícolas.” Disponível em: <<https://www12.sena.do.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/pedalada-fiscal>>. Acesso em 30 mai. 2021.

³³ Como exposto, é possível defender que houve um golpe no impeachment de 2016 por ele ser fruto de uma conspiração antidemocrática – que não considerou o resultado das eleições brasileiras. O argumento das pedaladas fiscais foi utilizado por contextos políticos. Ver em: Para Ministério Público, Pedaladas do Governo Dilma não são crime. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/para-mp-pedaladas-do-governo-dilma-nao-sao-crime,10000062862>>. Acesso em 30 mai. 2021. Obviamente, a disputa semântica que é chamar o impeachment de golpe está envolta de uma disputa política, mas o fato é que as instituições brasileiras se encontram em instabilidade desde então.

³⁴ Disponível em: <<http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>>. Acesso em 30 mai. 2021.

É visto nesse exemplo das eleições brasileiras como a ideologia do fascismo eterno possui base nessa classe média frustrada. Assim como descreve Eco:

“O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. Isso explica que uma das características típicas dos fascismos históricos tem sido *o apelo às classes médias frustradas*, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. [...] o fascismo encontrará nessa nova maioria o seu auditório.” (ECO, 2020, p.50)

Identidade nacional e conspiração contra o estrangeiro – xenofobia à cultura chinesa: na conjuntura da pandemia a xenofobia contra os chineses está presente no *bolsonarismo* a partir do incentivo de Jair Bolsonaro. No ur-fascismo há uma tendência a se criar conspirações contra o estrangeiro, mas no *bolsonarismo* isso encontra uma ramificação: os estrangeiros que sofrem asco dos *bolsonaristas* são os inimigos geopolíticos dos Estados Unidos e os de origem empobrecida. Chineses e árabes³⁵ sofrem com o preconceito *bolsonarista* por serem inimigos de interesses dos estadunidenses e nisso há dois pontos: a influência cultural neocolonial dos Estados Unidos e, a partir disso, a distorção de percepção sobre os brasileiros fazerem parte da mesma cultura que os estadunidenses – relação que beira a esquizofrenia visto que não consideram as pessoas de nacionalidade estadunidense como estrangeiros. Imigrantes africanos e latino-americanos de pele negra ou de etnia indígena sofrem igual xenofobia da base social *bolsonarista* e isso entra em convergência com a contrariedade à diversidade pontuada anteriormente. Para ambos os contextos o *bolsonarismo* encontra uma conspiração: para o primeiro há a conspiração do “vírus chinês”³⁶ e para o segundo há a inospitalidade do discurso do estrangeiro “roubar empregos”. Isso entra em concordância com a ideologia ur-fascista:

“Para os que se veem privados de qualquer identidade social, o Ur-Fascismo diz que ser o único privilégio é o mais comum de todos: ter nascido em um mesmo país. [...] Assim, na raiz da psicologia Ur-Fascista está a *obsessão da conspiração*, possivelmente internacional. Os seguidores têm que se sentir sitiados. O modo mais fácil de fazer emergir uma conspiração é fazer apelo à *xenofobia*.” (ECO, 2020, p.50 e 51)

A educação – ou a pedagogia – baseada no heroísmo – a figura do “mito”: diferentemente das estruturas fascistas como de Mussolini ou Franco no *bolsonarismo* o poder não possui controle sobre a estrutura educacional – algo já tentado em iniciativas

³⁵ Nisso entra a simpatia *bolsonarista* à causa sionista na disputa Israel *versus* Palestina.

³⁶ Há uma narrativa falsa que diz que a China disseminou o novo corona vírus propositalmente. No entanto, não há provas de que o vírus da COVID-19 seja produzido em laboratório.

como o Escola Sem Partido³⁷ – o que permite que o movimento neofascista brasileiro seja dessecado em iniciativas como essa dissertação. No entanto, há uma pedagogia que se utiliza de plataformas diversas de comunicação que traz uma espécie de pedagogia que cria a figura do “mito”: de maneira contrária a uma pedagogia como a de Paulo Freire (FREIRE, 1987), em que se privilegia um incentivo a criação de pedagogias que visem o local de fala dos oprimidos e que empodera o indivíduo a ter autonomia, a “pedagogia *bolsonarista*” visa a preservação do heroísmo. Na conjuntura brasileira ur-fascista o (pseudo)heroísmo é representado pela figura de Bolsonaro e para segui-lo é fundamental o culto à morte: por ele e pela nação que ele representa é necessário se dar a vida. A gestão da pandemia é um exemplo de como a morte é requisitada pelo movimento neofascista brasileiro: há de se enfrentar o vírus “como homem”³⁸ e há de se expor ao vírus em nome da economia brasileira que não pode parar – nem que isso custe a própria vida do militante *bolsonarista*. Entretanto, Eco mostra uma contradição nessa maneira “heroica” de se expor ao mundo e que é visível facilmente no contexto pandêmico:

“[...] *cada um é educado para tornar-se um herói*. Em qualquer mitologia, o “herói” é um ser excepcional, mas na ideologia Ur-Fascista o heroísmo é a norma. [...] O herói Ur-Fascista espera impacientemente pela morte. Note-se, porém, que sua impaciência provoca com maior frequência a morte dos outros.” (ECO, 2020, p.54)

Moralismo sexual: de todos os ministérios um dos poucos que não sofre instabilidade é o da Mulher, Família e Direitos Humanos. As diretrizes desse ministério no *bolsonarismo* segue o da mulher submissa ao homem, da “família tradicional brasileira” que necessariamente é liderado por um homem em companhia de uma mulher e os direitos humanos direcionados apenas para estratos sociais abarcados pelo conservadorismo – os “cidadãos de bem”. Nessa organização a mulher não pode ser transexual, a família não pode ser baseada em uma relação homoafetiva e nada que não seja baseado na norma sexual conservadora (FOUCAULT, 1988) – e opressiva – é castigado com legitimação de violência moral e física. Para ser o cidadão de bem *bolsonarista* é necessário ser conservador e nesse conservadorismo é necessário ser violento com todos que não se encaixam em todos os requisitos de sua identidade machista, LGBTfóbica e racista.

³⁷ Iniciativa conservadora que enxerga doutrina de esquerda nas universidades. Disponível em: < <https://www.escolasempartido.org>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

³⁸ Marca de gênero no discurso de Bolsonaro onde o homem é virtuoso pela coragem irracional. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4yvFVv8DDis>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Não há no *bolsonarismo* o mínimo de abertura para o acolhimento de pessoas pertencentes ao grupo LGBT+ que são constantemente jogadas à marginalização por essa ideologia – o que dificulta políticas públicas que busque a igualdade de gênero e de orientações sexuais. E esse ódio LGBTfóbico apresenta centralidade no masculino, assim como salienta Eco sobre a ideologia do fascismo eterno:

“Como tanto a guerra permanente quanto o heroísmo são jogos difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais. [...] Como o sexo também é um jogo difícil de jogar, o herói Ur-Fascista joga com as armas, que são *Ersatz* fálico: seus jogos de guerra se devem a uma *invidia penis* permanente.” (ECO, 2020, p.54 e 55)

Toda essa estruturação ideológica ur-fascista brasileira chamada *bolsonarismo* justifica que todas as organizações de torcidas de futebol que se colocam como oposição firme ao governo Bolsonaro sejam tratadas como antifascistas. Não é necessário que as torcidas organizadas tragam para si a auto intitulação “antifascista” para ser consideradas de fato antifascistas. No entanto, para ser antifascista no Brasil é inadiável e inegociável que se seja contra o *bolsonarismo*, ou seja, caso o ativismo antirracista, antihomofóbico e antimachista não seja *antibolsonarista* ele é incompleto. E as torcidas abordadas aqui são inerentemente contra o *status quo* neofascista contemporâneo.

1.2.3 – As pessoas que escolhem combater o fascismo nas arquibancadas

A longa contextualização sobre o movimento *bolsonarista* e a explicação de como ele faz parte de um contexto ideológico de um fascismo que ronda a sociedade para além das estruturas sociais – e que as afeta indiretamente – se fez necessária para entender um dos principais objetos de combate das torcidas antifascistas de futebol. Não é coincidência que essas torcidas ganharam relevância depois das eleições de 2018 e que elas tenham chamado para si o protagonismo em 2020 em combate ao movimento *bolsonarista* que apresentou manifestações contra as ações de isolamento físico – promovidos por governadores das Unidades da Federação e boicotados pelo presidente da República – com o intuito de preservar vidas com a diminuição do contágio pelo coronavírus.

O mês de junho de 2020 foi marcado nos Estados Unidos e no Brasil por protestos antirracistas: nos EUA o caso George Floyd, quando um policial asfixiou um homem negro com os joelhos até a morte, levou a protestos em massa em vários pontos do país norte-americano; inspirados nesses protestos e com o adendo do caso João Pedro, menino de 14 anos morto pela política, os brasileiros foram às ruas e nesse movimento os torcedores organizados se mostraram presentes – em São Paulo a Gaviões da Fiel fez

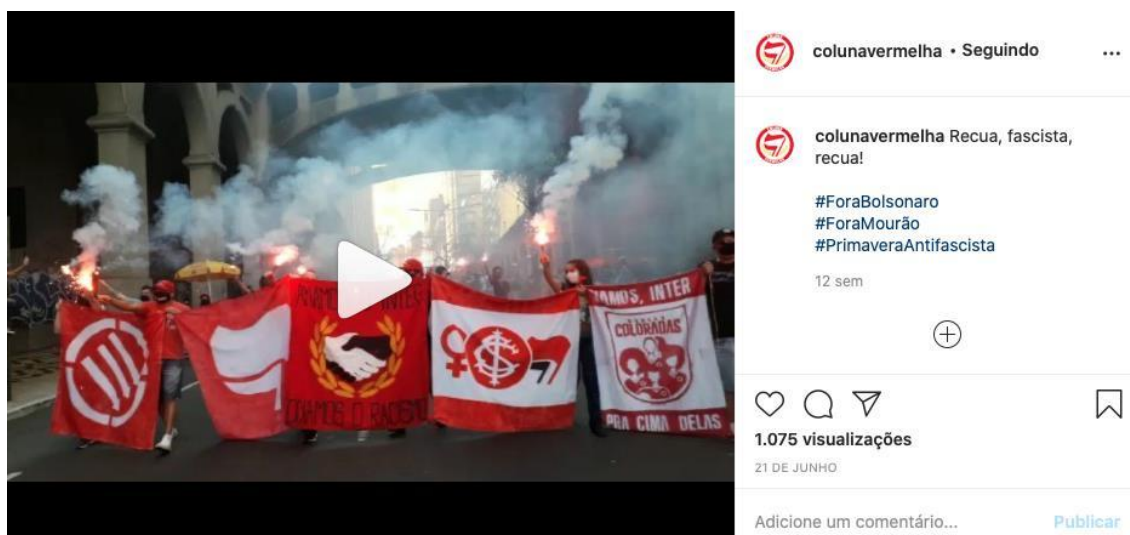
protestos ao lado de torcedores palmeirenses e são-paulinos na avenida paulista, por exemplo. Em Porto Alegre, as torcidas *Tribuna 77* e *Coluna Vermelha* foram às ruas contra ações policiais racistas e exigindo que Jair Bolsonaro saísse da presidência por sua condução da pandemia (figura 3 e 4). Essa ação foi mais um exemplo da rivalidade Grenal sendo deixada de lado a favor de causas políticas maiores.

Figura 3 – Captura de tela de publicação dos torcedores da Tribuna 77 em manifestação de rua contra o governo Bolsonaro



Fonte: Instagram (2020)³⁹

Figura 4 - Publicação dos torcedores da Coluna Vermelha em manifestação contra o governo Bolsonaro



Fonte: Instagram (2020)⁴⁰

³⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBJiRG3H8fD/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBtORf6H2YH/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Essa união vista sobre os mesmos assuntos a favor do combate ao fascismo faz com que uniões entre rivais ocorram e esse contexto é inimaginável em um contexto tradicional de torcedores. As torcidas tradicionais apresentam aliança entre si, mas em contextos menos territorializados, ou seja, as uniões costumam ser de torcidas em outros estados. Por exemplo, os torcedores do Grêmio costumam apresentar amizade forte com vascaínos enquanto colorados têm afinidade com torcedores do Cruzeiro. No contexto em que o que mais vale é o bem comum antifascista em vez do clubismo é possível ver rivais históricos, como gremistas e colorados, lutando em um mesmo campo a favor de lutas sociais relevantes.

Algo que foge dessa regra, isto é, que a grande maioria das torcidas luta em um discurso uníssono é a luta “contra o futebol moderno”. Essa modernidade no futebol é marcada pela mudança de como se vê o esporte que em vez de ser considerado um bem cultural é visto como algo a ser consumido por quem possui dinheiro suficiente para “banciar o espetáculo”. Algo marcante nisso é o *arenizamento*, que será detalhado a seguir e que possui marcas importantes no futebol brasileiro pós-Copa de 2014.

1.3 – AS TORCIDAS ORGANIZADAS COMO CAMINHO PARA A OCUPAÇÃO DE ESTRATOS SOCIAIS MAIS HUMILDES AO ESTÁDIO DE FUTEBOL EM TEMPOS DE ARENIZAMENTO

O *arenizamento* tratado aqui se refere à gentrificação levado ao futebol: nesse processo social os estádios, que se transformaram em arenas multiuso, ficam caros para os clubes e inacessíveis para boa parte da sociedade que no tempo posterior frequentava os estádios. Esse verbo é presente no cotidiano brasileiro de maneira emergente desde a Copa do Mundo de 2014 que trouxe o “padrão FIFA” aos estádios do país. Na academia essa conjuntura contemporânea está sendo observada por campos de estudo como a Antropologia (OLIVEIRA JÚNIOR, 2017; PINTO, 2019), a História (PINHEIRO, 2021) e a comunicação (SANTOS, 2014)⁴¹ e todas as áreas usam comumente o termo “arenização”. Antes da reflexão sobre o fato em si é importante pensar qual verbo utilizar para falar sobre essa questão. A palavra “arenização” já é utilizada pelas ciências biológicas, em específico por geógrafos, biólogos, engenheiros florestais, engenheiros agrônomos e afins para especificar o processo que transforma terrenos inteiros em

⁴¹ Mesmo sem o verbo “arenização”, Irlan Santos e Ronaldo Helal refletem sobre isso na obra “Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube” (SANTOS; HELAL, 2016)

arenosos e que causam, assim, a infertilidade do solo (ROVEDDER et al, 2005; SCOPEL et al, 2013)⁴². Portanto, é impreciso tratar a elitização dos estádios de futebol como “arenização” e é importante para a área dos estudos em comunicação e futebol que as especificidades dessa temática sejam nomeadas de maneira certa para que as palavras-chave funcionem da melhor forma possível e para que esse processo social singular tenha uma nomenclatura exclusiva. Para manter a ideia de “ação” presente no termo “arenização” é aqui escolhido o sufixo *mento* que, junto com o objeto da ação que são as novas *arenas* de alto padrão financeiro, formam o termo **arenizamento**. Essa problematização semântica tem o intuito de acrescentar aos estudos sobre esse momento histórico e social único e não invalidar as aproximações feitas até agora que continuam relevantes e são fundamentais para os entendimentos sobre essa questão.

A relação do que é a gentrificação nas grandes cidades e o *arenizamento* é direta: em ambos os processos habitar está cada vez mais caro devido a fatores sociais diversos, principalmente pautados pelas especulações financeiras – no caso do futebol a “superlotação” sempre eminente dos sócios-torcedores⁴³. A partir do momento em que sócios-torcedores possuem preferência para adquirir ingressos e, dentro desse grupo, os que pagam mais caro possuem mais privilégios há nessa relação uma gentrificação quando não há espaço para todos em um local – cidade ou estádio de futebol – e apenas quem paga mais tem acesso garantido em todos os jogos. Diferenciações como cadeiras cativas, o próprio advento do sócio-torcedor e outras maneiras de pagar por vantagens existem nos clubes desde meados do século XX quando os clubes começaram a construir estádios de grande capacidade; o que mudou na contemporaneidade é o fato de que com as novas arenas, construídas por empreiteiras e onerosas em sua manutenção aos clubes, isso se intensificou. Não há possibilidade nas grandes arenas multiuso de se pagar barato para estar presente e ver o jogo do time de coração: mesmo os ingressos que sobram em jogos que não possuem apelo esportivo dos maiores o ingresso é vendido a altos preços para que se pague a manutenção de alto custo.

⁴² Esses trabalhos mostram, especificamente, processos de arenização na região sudoeste do Rio Grande do Sul e no sudoeste de Goiás.

⁴³ Nos clubes mais populares do Brasil existem mais sócios-torcedores com preferência na compra de ingressos do que espaço nos estádios. Para exemplificar vale o contexto do Rio Grande do Sul: o Grêmio tem 70 mil sócios enquanto a Arena do Grêmio possui 60 mil lugares; o Internacional tem 100 mil sócios e o Beira-Rio comporta 50 mil pessoas. Ver em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2021/04/09/clubes-perdem-270-mil-socios-torcedores-na-pandemia-veja-quem-mais-caiu.htm>>. Acesso em 21 jun. 2021.

Além das arenas serem inacessíveis para boa parte da população causando desigualdade no acesso ao bem cultural que é o futebol o processo de arenização causa uma distorção: apesar da eminente superlotação causada pela relação de maior número de sócios em relação ao número de assentos o futebol brasileiro pré-pandemia presenciava baixa ocupação das arquibancadas. No Brasileirão de 2019, o último com público nos estádios, os torcedores preenchem apenas 47% do espaço possível nos estádios⁴⁴. A gentrificação aos moldes do microcosmos do futebol causa essa distorção e mostra como a elitização do futebol também é resultado de uma má aplicação de estratégias de *marketing*.

Alertar os prejuízos que o *arenizamento* causa ao futebol brasileiro não consiste em uma nostalgia simplória ou uma revolta ideológica injustificada “contra o futebol moderno”. Não há como tratar o futebol de outra maneira no Brasil que não como uma parte ativa da cultura nacional e, portanto, há argumentos até constitucionais para requerer que esse esporte seja acessível a públicos de todas as faixas sociais visto que todo o cidadão tem direito a cultura e lazer (BRASIL, 1988). Todavia, não faz parte da solução que os estádios sejam sujos, desconfortáveis e inseguros; existe a possibilidade de estádios confortáveis e com bom padrão serem sempre lotados, com um preço de ingressos acessíveis: uma tentativa disso é feita na Arena do Grêmio que na arquibancada norte do estádio há um espaço sem cadeiras que possibilita que os ingressos sejam menos caros – no caso da arena gremista o “menos caro” se encaixa, pois o valor da entrada fica em 80 reais, ou seja, um valor alto em um país que tem o salário mínimo de 1,1 mil reais.

Nesse aspecto, as torcidas organizadas, de maneira geral, fazem o trabalho de permitir acesso de pessoas sem condições financeiras a habitarem os estádios. Quando o indivíduo faz parte de uma torcida organizada, ele tem condições de negociar ingressos com a direção ou se utilizar de fundos financeiros da torcida para fazer com que pessoas sem o dinheiro necessário possam apoiar a equipe – e como essa organização de pessoas são parte ativa da vantagem territorial do jogo de um time mandante, esse é um poder de negociação importante. Isso não é uma romantização das relações entre organizadas e direção de clubes, pois é de notório saber que muitas vezes isso é problemático, mas é um

⁴⁴ Ver em: < <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2021/04/09/clubes-perdem-270-mil-socios-torcedores-na-pandemia-veja-quem-mais-caiu.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

fato que essas negociações permitem que pessoas humildes vejam *in loco* o futebol profissional de alto nível no Brasil⁴⁵.

Obviamente que esse contexto é impactado pela pandemia de coronavírus e muitas dessas problemáticas estão sumidas na discussão do dia a dia e nas ações do *arenizamento* em si. No entanto, esse cenário é dos mais relevantes a se pensar quando se aborda uma torcida organizada que tem como característica a defesa de questões populares. O futebol é do povo brasileiro, está cada vez mais afastado em seu ambiente mais vivo que é o estádio e as torcidas – por sua característica organizada que está até no nome – têm a relevância para combater a elitização desse ambiente que se não for controlada pode engolir quaisquer manifestações nas arquibancadas que não sejam meramente de uma relação produto/consumidor, ou seja, em um futebol completamente tomado pelo *arenizamento* as torcidas organizadas estão fadadas ao fim – e isso independe de posições político-ideológicas.

1.4 – A OBSOLESCÊNCIA DO FUTEBOL COMO ÓPIO DO POVO

O senso comum – que envolve o futebol e todos que estão nesse local como os torcedores, os trabalhadores do esporte, a mídia e os indiferentes – ainda tem a forte influência de que o futebol deve ser apolítico em uma falsa ideia de que isso é igual ao apartidarismo e ao suprapartidarismo⁴⁶. Além de ser impossível retirar a política de qualquer local que reúna pessoas, esse ideário de uma suposta “apolitização” de um ambiente tem potencial antidemocrático a partir do momento que normatiza comportamentos: no futebol, a política é vista como oposição ao *status quo* da norma branca, masculina, heterossexual e cisgênero; em outras palavras, a ideologia é a dos outros e tudo que se encontra na norma não é política – distorção da natureza política do ser humano.

Assim como apolítico – especificado na seção 2.1 – existe outro erro que envolve a relação social do futebol e alcança setores acadêmicos durante a história que é, do jargão popular, o “futebol como ópio do povo”. Essa máxima já foi cotada por acadêmicos de vertente marxista ortodoxa que viam o futebol de maneira apocalíptica e consideravam o futebol como um mecanismo de alienação da população brasileira (HELAL, 2011). Há um erro básico nessa interpretação que é desconsiderar o fato de que a população possui

⁴⁵ Essas afirmações são baseadas no conhecimento pessoal de contatos com pessoas amigas que fazem parte de torcidas e terá aprofundamento na etnografia a ser feita com os torcedores organizados antifascistas.

⁴⁶ Enquanto o apartidarismo é a busca pela exclusão de partidos políticos de um lugar qualquer; o suprapartidarismo é a busca da reunião de todos os partidos, mas sem a subordinação a nenhum deles.

arbítrio próprio e trazem ao futebol – ou em quaisquer outros lugares culturais – suas demandas sociais. Obviamente, o futebol tem um poder considerável de mover as massas e influencia a partir de seus atores, mas o inverso também ocorre e isso é visto em exemplos corriqueiros de pressão de torcedores para que mudanças de rumo sejam feitas nos seus clubes do coração. Insistir que o futebol é “o ópio do povo” no contexto contemporâneo é desconsiderar essa via dupla de influência e é tratar essa relação como unilateral – algo que dificilmente acontece em processos comunicacionais atuais.

Roberto DaMatta (1982), em uma obra seminal feita em conjunto com Luiz Felipe Flores, Simoni Guedes e Arno Vogel, desfez a ideia de que o futebol é um produto a parte da sociedade trazido pela intelectualidade até então. Em vez de tratar esse esporte como um problema social, DaMatta observou que ele faz parte da construção da sociedade do Brasil; para explicar o país é possível partir dos marcadores culturais e sociais presentes no futebol para além do seu uso de controle de massas. Pelo contrário, nas arquibancadas é possível ver circunstâncias em que os brasileiros estão em uma condição de maior liberdade de expressão e de comunicação de suas mazelas em um lugar como o estádio do que em outros locais políticos; isso pode apresentar um fortalecimento do funcionamento democrático, mas ao mesmo tempo expõe questões como a normatividade social machista, racista e LGBTfóbica.

É possível afirmar que o futebol é um local de disputas e de lutas válidas e relevantes. É um ambiente da celebração do corpo e de suas identidades culturais locais e nacionais tanto no ato de torcer quanto no exercício do jogo em si (GALEANO, 2015); ser algo tão presente no cotidiano faz com que setores sociais interessados no prestígio desse local se aproveitem disso de diversas maneiras, mas esse não é o único viés possível a se observar no futebol. Como torcedores gostam de deixar claro, “não é só um jogo”.

1.4.1 – O senso comum do que é política

A política é comumente entrelaçada a partidos políticos como únicos donos dessa esfera social. Primeiramente, essa narrativa é estratégica e induz o cidadão a reduzir sua participação popular ao voto de dois em dois anos – a nível municipal, estadual e/ou federal. Em segundo lugar, isso minimiza todos os impactos políticos e históricos feitos pelos cidadãos organizados que não esperaram poderem públicos para mudarem a sua realidade; revoluções das mais diversas são vistas ao longo da História e não é possível reduzir a participação popular ao processo eleitoral, pois, a organização social vai além da democracia representativa. No entanto, é importante salientar em tempos de desejos

ditatoriais que a estrutura democrática atual, mesmo com suas imperfeições, deve ser defendida como um avanço visto que o Brasil e a América Latina vêm de recentes e traumáticos regimes militares sangrentos e pouco afeitos à diversidade de ideias, opiniões e corpos.

O reducionismo citado faz com quem é pouco simpático à convivência democrática some o desprestígio dos poderes legislativo e executivo aos movimentos sociais que buscam mudanças de *status quo*. Por isso a confusão comum feita entre as funções de sindicatos, partidos políticos e movimentos sem-terra e sem-teto: o primeiro exerce papel importante nas negociações trabalhistas visto que negociações individuais não possuem força e relações coletivas têm certo poder de ajustes; o segundo tem como função levar as demandas populares, a partir de sua militância e correligionários, para os poderes legislativos e executivos; o terceiro traz uma busca direta de direito a terra e a moradia em um país que não fez reforma agrária nem urbana para terminar com a distorção de pessoas desabrigadas em um país com latifúndios e edificações sem uso social. Reduzir essas organizações a uma única coisa, normalmente associada à mazelas de corrupção presente em partidos políticos, interfere diretamente na legitimação desses movimentos a nível social geral⁴⁷.

A torcidas antifascistas entram nesse contexto de mistura de conjunturas. Há uma confusão comum de que “*futebol e política não se misturam*” e isso se baseia no fato equivocado da política ser apenas algo partidário; visto que clubes como o Grêmio trazem em seu estatuto que política partidária não deve usar o símbolo dos clubes (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, 2019) essa confusão vem a calhar para quem não quer que se trate sobre as desigualdades sociais, de gênero e de sexualidade no futebol. Inclusive, nessa distorção que a torcida *Coluna Vermelha* possui esse nome: anteriormente, essa TO se chamava “Inter Antifascista”, mas a política interna do clube em 2019, liderada pelo então presidente do Internacional, Marcelo Medeiros, fez com que essa organização mudasse de nome⁴⁸. Portanto, é visto que essa forma de ver a política dificulta a abordagem de questões sociais no futebol e permite que a norma se perpetue mesmo que ela seja, da mesma forma, política. Se busca um apartidarismo, mas não se

⁴⁷ Todos esses movimentos citados, a nível de exemplo, são válidos socialmente. Mas é importante considerar que há um senso comum, normalmente ligado à direita neoliberal, que combate a existência de organizações como essa em prol de um estado mínimo abstrato.

⁴⁸ A contrariedade de Marcelo Medeiros ao movimento antifascista se deu por considerar que o clube deve ser “laico e apartidário”. Segundo o presidente, o então Inter Antifascista não possuía caráter apartidário. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2020/06/presidente-do-inter-explica-por-que-o-clube-nao-a-dere-ao-movimento-antifascista-e-reflete-quem-sao-essas-pessoas>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

permite o suprapartidarismo: apenas questões políticas conservadoras têm espaço garantido nas arquibancadas mesmo que envolvam questões abordadas partidariamente como o pseudoseparatismo e o *bolsonarismo*.

1.4.1.1 – As torcidas antifascistas associadas pelo senso comum a partidos e o movimento antipetista

Entre os partidos ojerizados por uma lógica *antipolítica*, o Partido dos Trabalhadores – PT – foi o mais atingido. Desde o mensalão⁴⁹, passando pela campanha a favor do impeachment de 2016 e transitando pelo caso de *lawfare* que levou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à prisão – denunciado pelo Intercept Brasil na série de reportagens *vaza jato* (DUARTE, 2020) e verificado pelo Supremo Tribunal Federal que julgou o então juiz Sérgio Moro como suspeito no processo que prendeu Lula – o PT foi associado pela oposição como agente “do maior período de corrupção da história” – mesmo isso não sendo um fato concreto (BASALI, 2015). Independentemente dessa afirmação ser imprecisa por desconsiderar a ação da estrutura geral nos processos corruptos do poder público, o que ficou na retórica comunicacional presente nas discussões políticas e nos noticiários é que o PT foi o partido que levou o país a uma derrocada moral – que, por sua vez, é associada à toda esquerda⁵⁰.

As TOs antifascistas são comumente associadas ao petismo⁵¹ por serem abertamente de esquerda. Para o antipetismo, composição *bolsonarista* fundamental, quem é de esquerda é petista e quem é petista deve ser exterminado da esfera pública – e o verbo “extermínio” é exato nesse caso. O PT é visto como uma ameaça de uma maneira parecida como o clubismo vê o rival como algo que não deve estar presente ao seu lado; há uma relação semelhante de tratamento nessa rivalidade antipetista: como citado na seção sobre “o fascismo e o clubismo”, há na ideia ur-fascista uma constatação de que o fascismo é ao mesmo tempo forte e fraco (ECO, 2020, p. 51 e 52); associando isso ao caso aqui referido, o PT é forte como uma ameaça – a “ameaça comunista” – e fraco em princípios – “inversão de valores” conservadores. No raciocínio *antipetista* e *antipolítico*,

⁴⁹ Episódio, alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI – que investigava regularidades nos Correios, que observou emendas parlamentares sob suspeita de corrupção.

⁵⁰ O caso de corrupção que teve como protagonista o PSDB, a Privataria Tucana, representou a movimentação de dinheiro na bagatela de 1 bilhão de reais, cerca de 20 vezes mais do que o mensalão protagonizado por políticos petistas (BASALI, 2015). Isso não é uma defesa a um caso de corrupção por ele ser “menor”, mas uma demonstração de como a conjuntura corrupta no Brasil é estrutural e não uma questão moral de espectro político. Os *anti-corrupção* de hoje se tornam os corruptos de amanhã.

⁵¹ Petismo é o termo utilizado para falar sobre a ação do PT na política. O antipetismo, tratado no título dessa seção, é o combate ao PT.

atravessado ao futebol, as torcidas antifascistas não podem estar presentes nas arquibancadas dos estádios por serem uma ameaça a um suposto futebol apolítico; não devem estar no espaço físico do futebol por serem uma *“inversão de valores ao papel do torcedor no futebol contemporâneo”*, que deve ser de contemplação ao que ocorre estritamente no campo de jogo – nisso também há afetações a torcedores organizados tradicionais.

Desse modo, essa introdução da temática mostra atravessamentos, às vezes escusos e de difícil percepção inicial, de interesses políticos ideológicos no ambiente futebolístico – que por sua vez é um estrato cultural relevante. É difícil afirmar quais são exatamente os interesses, mas há uma tendência histórica de se manter o futebol como um espaço conservador e “apolítico” o que permite que se crie uma “bolha” social que mostra atrasos desejados por uma parcela da população; isso não significa que o “lado de fora” da convivência do futebol seja mais avançado a favor das normas ou sequer que existam universos espaçados, mas há no futebol linguagem e costumes próprios – assim como a igreja ou o trabalho (DAMATTA, 1982) – que exacerbam questões racistas e de opressão de gênero e sexualidade que em outros ambientes são tratados de maneira velada.

CAPÍTULO 2 – PROBLEMATIZAÇÃO METODOLÓGICA

Nessa parte da dissertação se explicam os métodos utilizados para entender a complexidade comunicacional das torcidas organizadas antifascista e as suas táticas comunicacionais. Uma metodologia bem montada é o que valida um trabalho científico como tal e faz com que aproximações cheias de atravessamentos, como as pesquisas em comunicação, não se tornem algo assemelhado a uma grande reportagem ou uma descrição qualquer. O método que deixa legado para o campo de pesquisa em que ele se introduz: para as inferências serem válidas, a maneira como elas foram conseguidas são fundamentais; a estrutura de pesquisa que faz com que as inferências contribuam cientificamente e socialmente.

Por mais que haja separação em capítulos é notável, em uma leitura atenta, que os itens dificilmente se separam; o contexto histórico, as problematizações teóricas e o(s) método(s) estão em constante conversa e afetam-se mutuamente. As táticas metodológicas escolhidas e detalhadas aqui têm as os diversos cenários conjunturais levados em consideração, pois, a partir de um conhecimento vasto sobre o que se está observando que se encontram as maneiras ideal de recolhimento de dados e de reflexão epistemológica.

Por mais que a epistemologia, os objetos e os fatos empíricos estejam em constante mistura, é a metodologia que permite que isso não seja feito de maneira enviesada: o que faz com que as conexões pessoais com a pesquisa não se transformem em dados inverídicos é justamente uma metodologia calcada em uma sistematização coerente – o que inclui um fazer que não limite os objetivos e objetos a molduras pré-definidas em um método que estigmatize o que está sendo pesquisado. As questões pessoais e subjetivas sempre estarão presentes em quaisquer construções intelectuais; a busca por métodos qualificados permite que essa imaterialidade esteja no trabalho de forma agregativa; e não de maneira tortuosa e que contamine as inferências.

A partir disso, se escolheram as aproximações metodológicas e epistemológicas a serem explicitadas aqui são a pesquisa transmetodológica, a pesquisa exploratória, a *pesquisa-observativa-participativa* e a pesquisa metodológica. Nos tópicos seguintes serão detalhadas todas essas coordenações e porque as escolhas em questão têm o potencial de permitir o entendimento da diversidade de conjunturas existentes em uma temática de estudo tardio – os torcedores como agentes de táticas comunicacionais – e

que ao mesmo tempo vem de um estrato social emergente – torcedores de clubes de futebol autodesignados antifascistas.

2.1 – A TRANSMETODOLOGIA

A transmetodologia é um convite ao exercício epistemológico multifatorial que vem de uma necessidade de conceber os objetos comunicacionais a partir de uma diversificação de caracteres epistemológicos provenientes dos objetos de pesquisa. Maldonado (2015, p. 720 até 723) apresenta a transmetodologia como o fazer metodológico que considera as diversas dimensões que podem estar apresentadas em uma construção científica que se debruça sobre complexidades sociais e comunicacionais; mais do que nas outras áreas de estudo, há, na nossa especificidade comunicacional, de se considerar contextos dos mais diversos para explicar de maneira satisfatória o porquê de os processos comunicacionais serem como são – e isso faz com que se deva apresentar sensibilidade sobre as conjunturas e que se emerja o papel cidadão do pesquisador.

No sentido teórico, a transmetodologia “[...] afirma o caráter *transdisciplinar* da produção de conhecimento crítico/estratégico, em concordância com as *epistemologias críticas transformadoras* que o pensamento revolucionário gerou no século XX” (p. 720). Para isso é necessária uma

“[...] apropriação dos conhecimentos que os vários campos científicos têm constituído em termos de sociologia da ciência, história da ciência e filosofia da ciência [...] para estruturar concepções fortes e dinâmicas sobre a produção de conhecimento e sua teorização abrangente de caráter epistemológico. Concebe-se, portanto, como um pensamento aberto, *multilético*⁵², crítico, transformador e transmetodológico” (MALDONADO, 2015a, p.720.)

A transmetodologia como uma concepção epistemológica prevê “uma dimensão *do conhecimento* que atravessa o conjunto de dimensões pertinentes e necessárias (teórica, lógica, metódica, técnica) para sua construção” (MALDONADO, 2015a, p.722). Na investigação de organizações cidadãs, no qual se incluem as torcidas organizadas antifascistas, a prática transmetodológica se faz presente e necessária a partir do momento que:

“Na perspectiva da *cidadania comunicacional* a prática transmetodológica contribui para a concepção de cidadania (em construção) como campo de pesquisa, empírica e teórica, crucial para a configuração de pensamentos que possibilitem compreender e trabalhar com revoluções tecnológicas

⁵² Maldonado explica, em nota de rodapé, que “*multilética*, termo que expressa uma *práxis* múltipla de caráter dialético que supera as reduções triádicas e dicotômicas do materialismo vulgar e da filosofia idealista”.

contemporâneas e as mudanças socioculturais estruturadas na atualidade.”
(MALDONADO, 2015a, p.722 e 723)

Essa característica que considera diversos fatores de uma conjuntura comunicacional é imprescindível para compreender as torcidas antifascistas de futebol no Rio Grande do Sul. As camadas teóricas, lógicas, metódicas e técnicas, no contexto de torcedores antifascistas, apresentam lacunas de entendimento que o fazer transmetodológico tem a potencialidade de preencher: metodologias diversas que pensem, de maneira crítica e rica na contextualização histórica e política, questões que até a contemporaneidade são pouco refletidas na bibliografia torcedora-comunicacional⁵³. Como visto nos capítulos anteriores, há materialidade para considerar as TOs como organizações comunicacionais ativas e de bom potencial de persuasão.

Pensar a partir do fazer transmetodológico permite que as metodologias sejam planejadas de modo a não temer mudanças dentro da dinamicidade comunicacional dos observáveis; pelo contrário, as mudanças são bem-vindas por nelas existirem contextos importantes a serem observados. Linguagens, abordagens, apoios, negligências, táticas e estratégias (CERTEAU, 1998), e outros quaisquer elementos, dentro de um objeto de pesquisa que venha a mudar não se trata de um percalço na pesquisa, mas um entendimento do que está acontecendo, afinal, se em uma pesquisa em comunicação existirem inferências que tragam resoluções fechadas e simplificadas para questões abertas e complexas há aí uma carência de montagem metodológica. A metodologia não pode ser forjada apenas para se encontrar resultados, mas deve pensar um aprofundamento teórico e contextual para contribuir com seu conhecimento – e as características epistemológicas da transmetodologia preveem e incentivam isso. É premissa da transmetodologia questionar o instrumentalismo linear de resultados prontos, que dificultam o avanço do entendimento de complexidades.

Com essa concepção transmetodológica, que é ponto fundamental na metodologia dessa pesquisa, vale trazer especificidades agregadas à dissertação: a construção metodológica de maneira artesanal (MILLS, 2009) é uma orientação operativa importante para a produção da pesquisa, e a reflexão epistemológica é imprescindível para se começar os trabalhos que ainda envolvem a pesquisa exploratória, a pesquisa etnográfica

⁵³ Detalhado no item 3.4, é vista a necessidade de se avançar na pesquisa que reflita sobre os torcedores organizados como agentes comunicativos.

e a pesquisa-da-pesquisa (BONIN, 2013). Todos esses passos têm a transmetodologia e sua busca por complexidade como fundamento primordial.

2.1.1 – A construção metodológica de maneira artesanal

A construção artesanal é importante para a que a produção de pesquisas consiga buscar, da melhor forma, especificidades de pesquisa que podem fugir sem a construção do método de maneira cuidadosa e manual. É importante evitar modelos “pré-prontos” na construção intelectual para evitar que se chegue sempre aos mesmos pontos de métodos “viciados”. Essa construção surge a partir dos objetivos gerais e específicos, afinal, sem o vislumbre de objetivos bem definidos a pesquisa pode se perder na imensidão de informações presentes no mundo. Esse artesanato, por aqui, tem como intuito identificar e relacionar diversos fragmentos existentes, em pontos diferentes, na realidade comunicacional dos torcedores antifascistas. Na presente pesquisa, essa construção artesanal é necessária, dado o caráter incipiente da pesquisa sobre torcidas antifascistas, que dificulta amplas e diversas revisões bibliográficas que possam adiantar contextos e teorias sobre a problemática, e que abordem de forma satisfatória as torcidas antifascistas. É necessário que se pense uma configuração de pesquisa que junte métodos, fatos, conhecimentos pessoais – no caso a vivência com/como torcedor – e, principalmente, uma construção de uma mentalidade de pesquisador artesão, que permita a atenção devida a materiais diversos, e possibilite o entendimento do que está acontecendo na tessitura social a qual o torcedor antifascista pertence. Esse trabalho terá como função um “pontapé inicial” – para usar um jargão futebolístico – que pode ajudar outros pesquisadores para que avancem na produção de conhecimento sobre o tema, a partir do que está sendo feito aqui; e isso tem o potencial de aprimorar, cada vez mais, o entendimento e a reflexão sobre o que é ser parte de uma torcida que luta contra opressões. Por óbvio, há nesse trabalho a consciência que, para a existência de torcedores que abordem aspectos políticos dessa maneira direta e livre, existiu um caminho longo de estabelecimento tanto das organizações de torcedores quanto de movimentos sociais que promoveram discussões feministas, antirracistas e a favor da causa LGBTQ+ promovido por gerações anteriores aos TAs.

Para manter uma eficiência nas reflexões pessoais, Mills (2009) sugere aos artesãos intelectuais que mantenham um diário que tem como função organizar as ideias e a otimizar a energia do pesquisador (p.23). Para um comunicólogo que estuda contextos

diversos e lida com objetos “maleáveis” é importante a organização dos processos para que, de alguma forma, se limite no tempo e/ou no espaço os observáveis. Isso está posto aqui tanto na possibilidade aberta de uma epistemologia transmetodológica, que visa moldar métodos a partir das necessidades de compreensão, quanto nas montagens contextuais que não são colocadas por acaso, mas a partir de critérios que visam juntar os mais diversos fragmentos em uma conjunção coerente, e que acrescente aos objetivos de pesquisa. Mills alerta sobre a maneira de se construir uma pesquisa, como um exercício necessário e fecundo que, também, ajuda a absorver “pensamentos marginais” que o autor define como “várias idéias [*sic*] que podem ser subprodutos da vida cotidiana, fragmentos de conversas entreouvadas na rua, ou mesmo sonhos” (p.23); em outras palavras, quer dizer que os mais diversos detalhes advindos tanto do *corpus* de pesquisa, quanto no corriqueiro de leituras, do cotidiano, ou na especificidade tratada aqui, como uma olhada em um jogo de futebol transmitido pela TV, por exemplo, que permite observar que de vez em quando aparece uma faixa antifascista, ou potencialmente fascista, e isso suscita significações, provocações, afetações, identificações, rejeições etc. para o telespectador; e em diversas configurações suscita, também, em um pesquisador interpretações complexas, dado que vive a todo momento em seus pensamentos problematizadores que traçam paralelos entre futebol e política, e aquilo é uma “explosão de ideias” que tem a potencialidade de traçar caminhos, e de abrir novos contextos – e isso vai direto para o diário do pesquisador e faz parte da pesquisa mesmo que não esteja na análise final.

Na realidade existem diversos contextos, mas um contexto conjuntural único é aquele configurado pela a pandemia de COVID-19 que, ao mesmo tempo, tirou e introduziu elementos à pesquisa. É um momento histórico no Brasil em que a pandemia se instaurou em confluência com um governo neofascista que tem marcadores únicos, em muito, pela comunicação contemporânea não regulada, que permite que a desinformação seja disseminada sem nenhum tipo de responsabilização aos bolsonaristas e a outros agentes que as produzem. Ao mesmo tempo, a conjuntura da pandemia aliada a essa da comunicação aqui citada traz especificidades únicas de torcidas antifascistas que se organizando nas ruas, e combatem ao bolsonarismo nas plataformas comunicacionais e nas ruas trazendo, assim, um traço de esperança aos moldes de Castells (2013). Por mais que pandemias não sejam ensejos corriqueiros⁵⁴, e não seja possível mensurar o impacto

⁵⁴ Essa afirmação é uma mistura de constatação – que leva em consideração que a última pandemia antes da atual que disseminou o corona vírus foi na segunda década do século XX – com torcida para que a ciência, protagonizada por colegas da epidemiologia, seja levada cada vez mais em consideração. Torcida que não

que isso vai apresentar para as próximas gerações, é inegável que o protagonismo que os torcedores antifascistas trazem é relevante⁵⁵.

Muitas dessas reflexões são decisivamente epistemológicas, como vimos nesses primeiros tópicos. A seguir serão acrescentadas outras reflexões teóricas sobre a afetação que a construção do dia a dia causa na epistemologia dessa pesquisa, e como o fazer transmetodológico e a busca pelo artesanato intelectual constrói a episteme desse presente trabalho.

2.1.2 – A epistemologia

A epistemologia é a especificidade filosófica que trata sobre a construção do conhecimento científico. É inegável que existe uma tradição na ciência moderna que produz uma lógica eurocêntrica e cartesiana – no sentido de trazer métodos e epistemologias pouco maleáveis a conjunturas vide os exemplos positivistas e da “física social” de Comte centradas no antropocentrismo europeu – que ainda está presente tanto no imaginário do senso comum quanto em produções científicas da área das ciências humanas. Tal tradição não torna o ambiente fechado a novas maneiras de elucubração metodológica; pelo contrário, é uma especificidade que traz incentivo para que os cientistas das humanidades busquem maneiras melhores e mais eficazes de aproximação, principalmente os que buscam investigar contextos fora dos âmagos europeus.

Há uma emergência em epistemologias que são galgadas na diversidade de pensamentos do mundo (SANTOS et al, 2004, np.). Essa diversidade é vinda da emergência de se reconhecer alguns fatores: primeiramente, há a necessidade de se ver a contemporânea ação de pessoas oprimidas que emergem de maneira cada vez mais relevante no cenário científico global; epistemologicamente as pessoas negras, LGBTQI+, as mulheres, os indígenas, os cidadãos latino-americanos⁵⁶ e outras diversas minorias representativas vêm se impondo como coletivo de pessoas que pertencem a lugares válidos para a construção de conhecimento (Ibidem). Segundamente, é preciso que se desconsidere que as contextualizações emergentes, como as desses grupos citados a nível de exemplificação, sejam vistos como algo estrangeiro aos pesquisadores, ou seja,

é unicamente abstração visto que pesquisamos aqui um movimento antifascista que na luta contra o *bolsonarismo* se vê obrigado a lutar contra o negacionismo científico e ao direito humano à educação.

⁵⁵ Impacto tratado nessa dissertação no tópico de problematização teórica 2.1.

⁵⁶ As militâncias negras, LGBTQI+, feministas, indígenas e descoloniais são objetos cada vez mais relevantes na consideração dos estudos das ciências sociais – aplicadas ou não. Porém, é um erro as considerar apenas como um fenômeno a ser observado, assim como exposto na sequência.

não se pode ver as minorias como simples “objetos de pesquisa” que representam o tempo atual; mas sim, abarcar essa diversidade de pessoas como *lugar* para se absorver conteúdos de considerações importantes. Esses grupos possuem pensadores relevantes, tão fundamentais para o entendimento científico quanto qualquer outro grupo tradicional de construção de conhecimento – inclusive, neles que é possível se avançar epistemologicamente visto que a tradição às vezes tende a se fechar nela mesma como vemos, até mesmo, em movimentos sociais conservadores –, portanto, é importante buscar uma diversidade epistemológica a nível mundial. E, nisso, entra o que Maldonado traz sobre a concepção transmetodológica da epistemológica: “A *epistemologia* na concepção *transmetodológica* é pensada no plural como *epistemologias* [...] que são o produto de distintos processos de estruturação de pensamentos, teorias, percepções, valores e ideologias.” (MALDONADO, 2015a, p.722). Terceiramente, da mesma maneira como é importante avaliar a diversidade de epistemologias – no sentido mais amplo que isso possui – é relevante repensar lugares onde é possível buscar informações de natureza empírica e epistemológica. Não há contexto menos nobre ou menos relevante: “O fato epistemológico pode construir-se na lama, no cortiço, no bordel, nos cafés, nas ruas, trilhas e praças, nos palácios, fortalezas, arranha-céus” (Idem) e isso é uma mudança de uma lógica positivista quando “quebra-se a lógica de uma *epistemologia unidimensional* com propriedades eternas e essenciais” (Idem); quebra que é feita pelas torcidas antifascistas quando, no seu ambiente, mudam as lógicas igualmente unidimensionais de um futebol feito para apenas um público – no caso os homens brancos, heterossexuais e cisgêneros. A mudança de paradigma que é histórica no futebol; Eduardo Galeano já pensou sobre isso quando escreveu sobre a “linda viagem, a que havia feito o futebol: tinha sido organizada nos colégios e universidades inglesas, e na América do Sul alegrava a vida de gente que nunca tinha pisado numa escola” (GALEANO, 2015, p. 38).

Epistemologias que visem uma consideração de contextos maiores – como a ideia de epistemologias do sul promovida por Santos (2004) – não são um convite para uma divisão de pesquisadores. Há nessa mudança epistemológica espaço para quaisquer investigadores que busquem a melhor contextualização conjuntural possível; ou seja, não se trata de uma desunião pela origem geográfica, ou de gênero, o que é contraproducente, mas uma união pela empatia, que tem como potencialidade a união entre as mentes investigativas de todo o mundo.

Ponderações sobre a pandemia são inevitáveis. Assim como na construção do artesanato da pesquisa, salientado anteriormente, o isolamento físico também afeta a

construção de conhecimento no aspecto amplo epistemológico. Mesmo em um isolamento físico cumprido de maneira satisfatória, o contexto pandêmico envolto a políticas bolsonaristas de negação à ciência afeta diretamente uma premissa epistemológica que tem como um de seus tópicos a *alteridade* que alcança especificidades a partir de uma ótica sensível aos contextos sociais – que no Brasil pandêmico é de morte e abandono da própria população pelo governo federal brasileiro. Sobre como a solidariedade e a sensibilidade ao próximo afeta na implementação epistemologia transmetodológica comunicacional, Maldonado acrescenta que:

“O comunicacional em seus argumentos liga-se ao mundo em sua complexidade multifacetada. O teórico se expressa cheio de história, de dinâmicas, de paradoxos, de bifurcações, de dialéticas, de inspirações, de abertura e de rigor intelectual. Sua alegria e entusiasmo não temem a perversidade; pelo contrário, a enfrenta; sua práxis científica não é diletante, mercadológica, presunçosa e cúmplice; é militante, no sentido de uma cidadania científica fértil, comprometida, crítica, solidária, mundial, latino-americana. Seu internacionalismo é plural, aberto, renovador, crítico; inclui e vai além das aulas, dos grupos, das etnias, das instituições, dos gêneros, dos públicos, das cosmovisões, das culturas.” (MALDONADO, 2015b, p.195. Tradução nossa)

No entanto, tal afetação pode alterar o fazer epistemológico tanto de maneira paralisante como de maneira encorajadora. É de notório saber que a pandemia afeta a rotina e que há uma dificuldade grande de espairecer em uma condição em que sair de casa não é seguro, e ficar em casa notabiliza em um ambiente que não respeita limites entre o trabalho, o lazer e o descanso. Há um “dilema”⁵⁷ claro na vivência contemporânea que consiste em estar longe de pessoas queridas para a segurança de todos, seguindo as recomendações científicas ao mesmo tempo que o *bolsonarismo* deslegitima completamente essa conduta – como grande promovedor do caos o próprio presidente da República – e plataformas de redes sociais que promovem eventos de aglomeração sem o mínimo de senso crítico a partir de seus algoritmos.

Nessa conjuntura é que o conhecimento advindo das reflexões teóricas, metodológicas, dos diários de pesquisa (MILLS, 2009) e pela imersão intensa inerente a um processo de pesquisa⁵⁸ têm o potencial de trazer esperança no sentido militante tratado por Maldonado. A compreensão trazida pela lucidez científica é poderosa ao indivíduo

⁵⁷ Entre aspas, pois essa não é uma questão a nível pessoal. É evidente e faz parte da ética profissional de um pesquisador que se siga todos os protocolos previstos pela ciência. No entanto, esse dilema de seguir ou não orientações científicas, que tem como antítese um governo federal negacionista, é uma questão social presente e que levou a centenas de milhares de mortes por COVID-19 no país.

⁵⁸ Nesse processo a pandemia retira alguns aspectos importantes como o contato com colegas e professores, ambientes próprios para estudo como bibliotecas públicas, a facilidade de uma etnografia direta baseada no contato social, etc.

estudioso, pois, é nesse esforço intelectual que o pesquisador consegue vislumbrar possíveis soluções para cenários que sem grande reflexão vira lugares de desesperança – estratégia de desilusão esta utilizada de longa data no Brasil, afinal, não é difícil ouvir da população brasileira considerações de que as coisas “nunca vão mudar”, e de que “o Brasil não tem jeito”. Obviamente, a situação política, social e estrutural contemporânea é das mais difíceis em tempos de governo neoliberal, na economia, e neofascista nos costumes; mas o conhecimento científico é um espaço para expectativa palpável, onde os processos metodológicos mostram outras soluções possíveis para a fuga das distopias.

Nessa elaboração da epistemologia os encadeamentos empíricos são fatores relevantes. Em uma observação sobre organizações sociais como torcidas organizadas, que têm componentes que visam o combate ao fascismo, e que estão envolvidos em uma realidade de rivalidade de clubes de futebol das mais acirradas do mundo, beira ao desonesto deixar de lado as subjetividades presentes em um pesquisador⁵⁹ gremista, imigrante nordestino absorvido pela cultura sul-rio-grandense, e que abomina que a disputa entre Grêmio e Internacional seja enxergada de maneira bélica. E nessa pessoalidade – que controla o desejo pessoal e absorve as potencialidades do factual – que inferências sobre a possibilidade real de que as torcidas organizadas antifascistas possam mudar o paradigma de desunião do futebol sejam possíveis. Se essa busca não fosse parte do vislumbre pessoal do pesquisador, essa virtualidade estaria escondida em outras inferências também buscáveis.

Por último, sobre afetações epistemológicas é relevante pontuar a condição de cerceamento a liberdade de expressão e de cátedra vista nas estratégias políticas bolsonaristas. No Brasil de 2021 a oposição do estado brasileiro ao conhecimento construído nas universidades vem crescendo e vale citar casos recentes de incitação à censura: por exemplo, em uma reportagem feita pela jornalista Naiara Gortázar e pelo jornalista Rodolfo Borges, do jornal El País, há uma amostra de como o “bolsonarismo intensifica campanha de intimidação contra críticos ao Governo”⁶⁰. Na reportagem se traz amostra de investigações a acadêmicos, *youtubers*, líderes indígenas e jornalistas que critiquem o governo de Jair Bolsonaro – o que pode acarretar censuras diversas desde a

⁵⁹ Assim como Pelé descreve Edson em terceira pessoa destaca-se aqui o pesquisador Alison da mesma forma. É uma discussão relevante na epistemologia se a escrita deve ser feita em primeira ou em terceira pessoa, mas o Alison pesquisador não se sente à vontade em escrever o texto em primeira pessoa por uma tentativa maximizada de se colocar como coadjuvante – sem desconsiderar elementos pessoais na construção científica, por óbvio.

⁶⁰ Ver em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-28/bolsonarismo-intensifica-campanha-de-intimidacao-contracriticos-ao-governo.html>>. Acesso em 9 jun. 2021.

mais clássica de cerceamento de liberdade até a autocensura. Outro caso factual de censura trazido pelo jornalismo vem do independente *Intercept Brasil* – que já denunciou abusos de poder como o *lawfare* contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que culminou com a condenação do ex-juiz Sérgio Moro por suspeição na série de reportagens e no livro “Vaza Jato” (DUARTE, 2020). O *Intercept*, inclusive, teve seu editor-executivo, Leandro Demori, alvo de um inquérito aberto pela Polícia Civil do Rio de Janeiro⁶¹ por denunciar extermínios praticados pela Coordenadoria de Operações e Recursos Especiais da Polícia Civil – CORE – mudando, assim, a ordem dos processos em um Estado que respeite o funcionamento democrático, porque, em vez de investigar a denúncia o poder público coage o jornalista que denuncia. Em um trabalho como o executado aqui, que traz tópicos inteiros tratando sobre a relação do *bolsonarismo* com o (neo)fascismo é inegável a intimidação que ações como essas exemplificadas aqui causam. O suporte trazido pelo ambiente vivido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos – PPGCC –, que estimula o livre pensar e metodologias que busquem quebras paradigmáticas, ameniza essa coação estatal, mas ela continua presente. É missão do pesquisador tratar sobre essas questões sociais latentes porque sem elas não há como explicar os contextos sociais presentes em grupos sociais comunicantes, portanto, a afetação existe, mas *a priori* não impede que o trabalho seja feito – no entanto é fundamental trazer esse aspecto à epistemologia contemporânea até para a compreensão futura de quem acessar o presente trabalho.

2.2 – PESQUISA EXPLORATÓRIA

A pesquisa exploratória está em conjunção com a questão transmetodológica trazida aqui anteriormente. É uma das propostas operativas da transmetodologia nessa pesquisa. Essa ação metodológica tem como intuito realizar reconhecimentos, aproximações e compreensões iniciais sobre o *objeto de referência* da pesquisa, e fazer com que as diversas complexidades sejam abordadas de maneira coerente e realista. As escolhas sobre quais táticas de pesquisa escolher não são aleatórias, porque devem ser selecionadas a partir de um denso conhecimento contextual do que se pesquisa. A *análise de conteúdo*, a *etnografia*, a *pesquisa metodológica* e a *pesquisa-da-pesquisa* não são escolhidas por questões de afinidade a tais metodologias de pesquisa, mas porque possuem nas suas especificidades a melhor potencialidade possível para responder as

⁶¹ Ver em: <<https://theintercept.com/2021/06/08/denuncia-core-leandro-demori/>>. Acesso em 9 jun. 2021.

questões de pesquisa – assim como permite a chegada de novas perguntas ao contexto aproximado, o que é importante para o crescimento científico da área da comunicação.

Ao mesmo tempo que a *pesquisa exploratória* tem esse intuito de preencher lacunas de conhecimento sobre os objetos, há nas escolhas uma busca por sistematizar o conteúdo. Sem uma sistematização sobre como se aproximar do objeto se corre o risco de se deixar escapar questões fundamentais de interesse comunicacional sobre o problema/objeto. Como salienta Bonin sobre a natureza necessária do planejamento na pesquisa exploratória:

“As ações de pesquisa exploratória abrangem planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico a partir de várias angulações possíveis que interessam ao problema/objeto em construção.” (BONIN, 2013, p.39)

Portanto, a pesquisa exploratória se colocou como urgente no contexto dos torcedores organizadas antifascistas de futebol. Há na disposição dessas organizações sociais, com forte traço comunicante, uma complexidade impossível de compreender se utilizando apenas uma metodologia. Foi importante explorar o contexto delas, para assim buscar as mais diversas interfaces desses torcedores que fizeram eles ser como são e por que fazem do ambiente futebolístico um espaço de luta. Compreender as táticas, as estratégias e o *próprio* que emergem essas táticas (CERTEAU, 1998) e, principalmente, movimentar os estudos de comunicação e esporte ao patamar de compreender o torcedor como um ator fundamental do marcador social futebol. O poder de comunicação no campo comunicacional esportivo não é monopólio dos jornalistas especializados, e muito menos nas assessorias de comunicação dos clubes, das confederações nacionais ou da FIFA. As torcidas, na sua configuração mais intrínseca existencial, comunicam: os cânticos de milhares em um mesmo tom, as faixas nas arquibancadas, ou o uso de outros modos de comunicação, entre elas as (ciber)digitais, fazem das torcidas e dos torcedores agentes comunicacionais históricos e relevantes.

Abaixo serão detalhadas todas as metodologias que fazem parte da pesquisa exploratória. Nesse detalhamento, serão expostos os motivos que determinaram sua escolha como opção de investigação tornando-as necessárias a partir de uma conjunção de considerações de método, e como cada detalhamento auxilia na compreensão do fenômeno comunicacional nas torcidas organizadas antifascistas de futebol.

2.2.1 – A análise de conteúdo e o Instagram como plataforma principal

A partir da descrição analítica (BARDIN, 1977) a análise de conteúdo se dá em conteúdos trazidos pelos torcedores organizados antifascistas na plataforma de redes sociais Instagram. Se busca nessa aproximação descrever e categorizar as publicações em categorias que facilitem uma análise crítica dessa maneira de fazer comunicação. Como trata Laurence Bardin “a *descrição analítica* funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos [*sic*] de descrição do conteúdo das mensagens” (p.34) e nesse sentido a análise será feita. No entanto, essa metodologia não será limitadora; a busca aqui é a organização das publicações que são trazidas sem nenhum tipo de “editorial” pelos torcedores, ou seja, diferentemente de uma pesquisa que visa comunicadores profissionais, aqui os “editoriais” estão em estado bruto: existem demandas recorrentes e pautas que são sistematicamente trazidas, mas por uma questão estrutural da plataforma Instagram, que não é um site como portais de notícia ou *blogs*, esses assuntos estão espalhados pelos *feeds* dos perfis. Na linha do tempo⁶² do Instagram a única organização se dá pela ordem das postagens, ou seja, ficam no perfil em ordem da publicação mais antiga – que vai ficando abaixo – para a mais recente – que tem destaque nos primeiros conteúdos aparentes no perfil. Essa organização analítica proposta é importante para, assim, se fazer uma análise de maneira assertiva e organizada sobre os tipos de demandas que as torcidas possuem.

O Instagram é uma plataforma de rede social pertencente ao Facebook Inc, que tem como CEO o empresário e programador Mark Zuckerberg. Além do Instagram, o Meta Platforms Inc também é dono de plataformas igualmente presentes na rotina do cotidiano brasileiro como *Whatsapp*, *Facebook* e *Facebook Messenger*. Lançado em 2010 pelos engenheiros de software Mike Krieger, brasileiro, e o também engenheiro de software, o estadunidense Kevin Systrom, com a finalidade inicial de ser uma rede de compartilhamento de fotografias digitais; a empresa foi comprada em 2012 por Zuckerberg pela quantia de US\$ 1 bilhão⁶³. Depois da aquisição do Instagram pelo conglomerado de plataformas do *Facebook* essa rede passou por experimentações diversas e, atualmente, conta com várias ferramentas além do *feed* com fotos. Com o tempo o Instagram acrescentou os *stories* – um recurso que copiou o ascendente *Snapchat*

⁶² *Feed* e *Linha do Tempo* são sinônimos. O primeiro termo é o utilizado pela plataforma e o segundo é uma espécie de “tradução livre” para melhorar o entendimento de quem não tenha contato com o Instagram.

⁶³ Ver em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/facebook-anuncia-compra-do-instagram.html>>. Acesso em 9 jun. 2021.

que consiste em um espaço para vídeos curtos e que somem depois de 24 horas⁶⁴ –, o IGTV, o *Reels* – enquanto o IGTV tem conteúdos assemelhados aos publicados em plataformas como YouTube que buscam vídeos de edição profissional, o *Reels* tem uma proposta de cópia em relação à plataforma chinesa *TikTok*, em que os vídeos são feitos na vertical e com conteúdos mais curtos –, e um espaço chamado Loja onde é possível comércio dos mais diversos produtos. Ou seja, o *Instagram* busca uma imersão onde os mais diversos interesses possam convergir.

As categorias desenvolvidas para a análise de conteúdo são: **manifestações políticas**, que observa os conteúdos inerentes a incentivo para protestos políticos de natureza a se opor ao fascismo ou a desmandos diversos; **apoio a causas**, que dão conta de *posts* de demonstração de apoio a causas feministas, antirracistas e antiLGBTfobia, ou ações das próprias torcidas nesse aspecto; **organização social**, de publicações que tratam atividades organizadas pelas torcidas para apoio à comunidade de maneira filantrópica, pro exemplo; **incentivo aos clubes**, que são propagandas a favor de seus clubes e que tratem da rivalidade Grenal – nessa categoria será feita a separação entre apoio ao **futebol masculino** e **futebol feminino**; e **outros**, que se encarregam em categorizar demais publicações que não se encaixe a nenhuma outra categorização. Essas categorias foram escolhidas a partir de um conhecimento de contexto já adquirido em pesquisas de iniciação científica advindas desde 2017 (SOARES, 2017, 2018a, 2018b, 2018c, 2019a, 2019b).

2.2.1.1 – A catalogação de conteúdo

Os conteúdos da linha do tempo da plataforma de rede social Instagram foram armazenados durante os dois anos da pesquisa, como detalhado na seção anterior, mas para facilitar o detalhamento qualitativo a amostra foi reduzida aos seis últimos meses de catalogação – de junho até novembro. Esse recorte tem duas motivações: o primeiro ponto é equalizar de maneira temporal as análises visto que existem diferenças num todo – enquanto a *Tribuna 77* tem publicações em todo o ano de 2020, a *Coluna Vermelha* iniciou seus trabalhos apenas em abril do mesmo ano; em segundo lugar, é manter a dissertação mais atualizada possível com a contemporaneidade existente na entrega da dissertação – o contexto entre o final de 2021 e o começo de 2022.

⁶⁴ Diferentemente do Snapchat, no Instagram é possível manter os stories para além das 24h em um recurso que fixa os vídeos no perfil da pessoa, organização, etc.

Nesses conteúdos do Instagram foram contabilizadas 91 publicações dos torcedores da *Coluna Vermelha* e 83 publicações do perfil da *Tribuna 77*. Por mais que seja um levantamento de dados relativamente grande para uma pesquisa individual, essa base de dados se caracteriza como algo qualitativo: todas as postagens passaram por uma análise de conteúdo feita de maneira artesanal⁶⁵ (BARDIN, 1977; MILLS, 2009) que permitiu que fossem criados os gráficos qualitativos que permitem avaliar quais são os assuntos mais tratados pelos torcedores – gráficos esses presentes nos apêndices 3 e 4.

O que foi recolhido e não está na análise qualitativa de dados não foi desperdiçado. Em vários momentos essas publicações apareceram em questões contextuais nas diversas problematizações no trabalho. Portanto, durante o trabalho, aparecem publicações de 2020 e 2021 com esse intuito contextual que fazem parte do processo da pesquisa em que se aproxima do objeto e do caminho percorrido na pesquisa; o recorte específico de seis meses se trata de uma questão de viabilidade e, novamente salientando, para trazer a maior contextualização contemporânea possível ao trabalho.

No caso dos torcedores antifascistas do Grêmio há de se esclarecer o porquê da escolha da página – e da torcida, já que se denominam assim – *Tribuna 77* em vez de análise aos gremistas da Grêmio Antifascista. Na entrevista com a torcedora gremista, viu-se que ambas as torcidas são interligadas no espaço físico do estádio e na militância política, mesmo que sejam separados por especificidades táticas; é decisivo, no entanto, o fato de que os gremistas da *Tribuna 77* são mais comunicativos nas plataformas de redes sociais, apresentam ações mais encorpadas nesse sentido e no que tange o fazer antifascistas sempre se apresentam no conjunto. Ou seja, na análise à *Tribuna 77* não se perde nada do que se encontraria nos conteúdos da Grêmio Antifascista e somado a isso a potencialidade/atividade comunicacional se dá de maneira mais intensa com os torcedores escolhidos na análise – o que é decisivo em um trabalho de comunicação. Em uma aproximação que permitisse mais tempo certamente torcedores da Grêmio Antifascista seriam ouvidos – assim como colorados de outras torcidas que se identificassem com o antifascismo –, mas a questão do tempo de execução do trabalho é decisiva para os rumos metodológicos e não devem ser desconsideradas.

⁶⁵ O artesanal aqui, em específico, se dá na escolha de tudo que moldou essa recolha. Os critérios de época, as recolhas feitas por uma postagem de cada vez e, principalmente, a escolha dos critérios baseada no conhecimento longo do universo pesquisado é o que torna esse recorte artesanal. Não é uma reprodução de método cartesiano e só faz sentido para essa especificidade: aos futuros pesquisadores de torcidas antifascista fica o alerta de que os ambientes dessas pessoas são muito específicos e a epistemologia transmetodológica e a práxis artesanal deve ser considerada para uma imersão correta para entender outras especificidades para além da investigada na presente dissertação.

Os *stories* foram recolhidos durante o mês de dezembro de 2020 para se avaliar os formatos de publicações trazia algo novo em relação as publicações da linha do tempo do Instagram. No entanto, essa recolha mostrou pouca novidade comunicacional. Em termo de conteúdo as publicações eram as mesmas e em alcance há limitação a quem segue os torcedores – que pode se ampliar com compartilhamentos, mas não é a ideia dessa ferramenta. Basicamente as diferentes ferramentas da plataforma Instagram não permitem diversificação de públicos e/ou de conteúdos e um material a mais com conteúdos iguais pouco acrescenta na ideia de análise de conteúdo. É importante citar a desistência da análise, pois, era algo presente na qualificação dessa dissertação; há na ferramenta dos *stories* um potencial de conteúdos com formatos exclusivos, de natureza efêmera, no entanto isso não fora aproveitado pelos torcedores.

2.2.1.2 – As demais redes sociais e o *crossmedia*

O projeto de pesquisa em sua fase inicial previa uma comparação entre publicações feitas nas diversas plataformas de redes sociais das torcidas antifascistas. No caso da *Tribuna 77* seriam as páginas no Instagram, no Facebook e no Twitter; e aos colorados da *Coluna Vermelha* uma análise comparativa entre Instagram e Facebook – até o momento essa torcida não possui conta no Twitter. No entanto, os fatos mostraram que as torcidas não trabalham de maneira específica nas diferentes plataformas, isto é, as publicações entre os diferentes ambientes virtuais são basicamente as mesmas e no Instagram encontram maior alcance (figuras 5 e 6) – no exemplo pontuado nas imagens abaixo, a mesma publicação teve 283 visualizações no Instagram e 108 no Facebook. Obviamente, existem estruturas de escrita específicas entre Instagram, Facebook e Twitter como, por exemplo, a limitação de caracteres da última; mas isso é insuficiente para que se justifique uma acumulação de conteúdos a mais para a pesquisa. Como o intuito aqui é utilizar as plataformas como uma ferramenta de compreensão das narrativas e não uma análise profunda sobre estas em si, em inquirição a questões algorítmicas e tecnológico-estruturais, a conjunção das redes é dispensável.

Figura 5 - Captura de tela do Instagram da torcida Coluna Vermelha com conteúdo de apoio aos corpos femininos sendo levados em consideração na confecção dos materiais esportivos



Fonte: Instagram (2020)⁶⁶

Figura 6 - Captura de tela do Facebook da torcida Coluna Vermelha com conteúdo de apoio aos corpos femininos sendo levados em consideração na confecção dos materiais esportivos



Fonte: Facebook (2020)⁶⁷

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CDKXn2GHhf/>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ColunaVermelha1909/videos/576412499719235/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

É uma questão tática respondível apenas em aproximação etnográfica, mas é plausível uma consideração inicial de que a diversidade de presença em redes sociais diversas – do ciberespaço e do ambiente físico – tem como orientação o espraiamento da militância antifascista para os mais diversos públicos em uma lógica que compreende que diferentes indivíduos escolham estar em diferentes redes sociais – o Instagram, o Facebook, o Twitter, as ruas ou as arquibancadas da Arena do Grêmio e do Beira-Rio.

Não são observáveis, até o momento, táticas comunicacionais específicas de comunicação para as plataformas de redes sociais. Não se trata, exatamente, de uma aproximação “*crossmediática*” de assuntos iguais em diversos lugares diferentes. No processo dessa natureza:

“Na *crossmedia* há um processo de difusão de conteúdo em diversos meios. O material não necessariamente deve ser idêntico, muitas vezes, o que é divulgado em uma mídia completa o que está presente em outra. Assim, pode existir uma diferenciação no texto, com acréscimo de imagens e arquivos em áudio. O objetivo é criar uma interação do público com o conteúdo. Se levarmos a palavra *crossmedia* ao seu significado reduzido seria a **mídia cruzada**. Mas, é preciso considerar também as especificidades de cada meio na adaptação do conteúdo, sem perder a sua essência.” (FINGER, 2012, p.124)

Isso ainda está no horizonte de pesquisa e é uma questão importante a ser tratada na compreensão de táticas comunicacionais das torcidas antifascistas, mas na análise inicial não há indícios que mostrem formulações de comunicação *crossmedia*. Em um segundo momento, numa hipotética afirmativa das torcidas em que se pensa a comunicação específica para cada ambiente comunicacional, será feita uma análise da maneira em que é feita – e se é tecnicamente bem tratada ou não. E além dessa conjunção há a intenção em problematizar essa questão, pois, uma comunicação eficiente requer do conhecimento eficaz de cada uma das potencialidades colocadas nos ambientes específicos.

2.3 – A PESQUISA-OBSERVATIVA-PARTICIPATIVA E AS MUNDANÇAS NA PESQUISA

Desde o princípio da pesquisa, na construção do projeto de pesquisa e nas primeiras aproximações que se fazem aos objetos, é esperado que caminhos mudem e metodologias se aperfeiçoem. As disciplinas do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos transformaram o presente trabalho em uma pesquisa com metodologias múltiplas e complementares. No meio desse aprendizado coisas são acrescentadas e repensadas, afinal, o aprendizado não se trata de um acúmulo de conhecimentos, mas conseguir ter lucidez sobre os diversos conteúdos que aparecem

durante a vida discente. Isso, somado à sensibilidade de escuta – necessária à transmetodologia –, fizeram com que métodos fossem revistos como a etnografia e a pesquisa bibliográfica.

A etnografia era uma possibilidade real antes da pandemia de coronavírus. A ideia de fazer uma aproximação densa e viver o dia a dia de um coletivo de torcedores poderia trazer muitas informações importantes para um trabalho que se encaminhou para uma análise de táticas comunicacional feita por essas pessoas. Essa premissa continuou importante, mas foi preciso investigar outra forma de fazer isso sem a aproximação física cotidiana como na etnografia.

Nessa investigação sobre outras metodologias se chegou às definições de Cicília Peruzzo (2003) sobre *observação participante*, *pesquisa participante* e *pesquisa-ação*. A metodologia de aproximação às pessoas responsáveis pelas táticas comunicacionais das torcidas é uma mistura desses métodos, portanto, antes de explicar essa mistura (trans)metodológica é importante apontar as definições de Peruzzo enquanto a cada uma das especificidades. A *observação participante* se trata

“[...] a) O pesquisador se insere, participa de todas atividades do grupo pesquisado, ou seja ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação. Porém, o investigador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é de observador. Exceto em situação extrema, em que o pesquisador, por opção, metodológica, decide deixar-se passar por membro do grupo, acreditando ser a melhor forma de poder captar as reais condições e sentimentos do investigado. b) O pesquisador é autônomo. O “grupo” ou qualquer elemento do ambiente, não interfere na pesquisa, do ponto de vista da formulação dos objetivos e demais fases do projeto, nem sobre o tipo de informações registradas e interpretações dadas ao observado. c) O observador pode ser “encoberto” ou “revelado”. O que quer dizer que o grupo pode ter ou não conhecimento de que está sendo investigado.” (PERUZZO, 2003, p.10 e 11)

Já a *pesquisa participante* tem como característica:

“a) O pesquisador se insere, participa de todas atividades do grupo pesquisado, ou seja ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação, como na observação participante, mas variando nos aspectos discutidos abaixo. b) O investigador interage como membro. Além de observar, ele se envolve, assume algum papel no grupo. Trata-se de uma opção que exige muita maturidade intelectual; acentuada capacidade de distanciamento a fim de não criar vieses de percepção e interpretação – o que não quer dizer neutralidade; e responsabilidade para com o ambiente pesquisado de modo a não interferir demasiadamente no grupo ou criar expectativas que não poderão ser satisfeitas, até pela circunstância de posição transitória do pesquisador no grupo. c) O grupo pesquisado conhece os propósitos e intenções do investigador, e normalmente concordou previamente com a realização da pesquisa. d) O pesquisador pode ser membro do grupo ou se inserir apenas para realizar a pesquisa. e) O pesquisador normalmente se compromete a devolver os resultados da investigação ao grupo ou comunidade pesquisados.” (PERUZZO, 2003, p.14)

Para além das especificidades práticas da *pesquisa participante*, Peruzzo salienta que essa metodologia é um tanto similar à *pesquisa-ação*, mas que é decisivamente diferente pela não interferência do grupo que é temática da pesquisa nos resultados e interpretações do pesquisador:

“Trata-se de um estilo de pesquisa próximo ao da pesquisa-ação, distinguindo-se, essencialmente, no que diz respeito ao processo de realização da pesquisa, que neste caso reserva mais autonomia ao pesquisador, tendo em vista que as decisões sobre os objetivos da pesquisa e demais processos de coleta e interpretação dos dados não contam com a interferência do grupo investigado. Os resultados da investigação são devolvidos ao grupo, em geral, apenas depois da conclusão da pesquisa.” (PERUZZO, 2003, p.15)

Para compreender a diferença de maneira mais assertiva, vale citar o que Peruzzo detalha sobre as questões específicas da *pesquisa-ação*:

“a) Na pesquisa-ação são repetidas todas as características da pesquisa participante acima elencadas, acrescentando: b) O grupo não apenas sabe que está sendo investigado como conhece os objetivos da pesquisa e participa do processo de realização da mesma. c) Implica o envolvimento do pesquisador no ambiente investigado e também no engajamento das pessoas deste grupo no processo da pesquisa. Elas participam da formulação do problema e dos objetivos, ajudam no levantamento dos dados e se envolvem na discussão dos resultados. d) A pesquisa tem o propósito de contribuir para solucionar alguma dificuldade ou problema real do grupo pesquisado. e) Os resultados – e o próprio processo da pesquisa – se revertem em benefício do grupo, pois servem de subsídios para o encaminhamento de soluções demandadas in loco.” (PERUZZO, 2003, p.15 e 16)

É necessário elucidar que **os métodos são ferramentas e não fórmulas**; é necessário conhecer como os métodos funcionam, saber os usos possíveis, mas nenhuma pesquisa em comunicação deve se apoderar de uma metodologia de maneira sistemática e deixando a reflexão abaixo do recorte do método – devem ser uma conjunção, complementação de primeira ordem. Levando isso à presente dissertação, se absorve aqui parte de cada um dos métodos destrinchados por Peruzzo; no entanto, nenhum dos métodos se encaixam de maneira total na singularidade da investigação das táticas comunicacionais de torcedores antifascistas.

Da *observação participante* é de onde se absorve as partes mais importantes, epistemologicamente falando. A característica de “não se confundir” com a pesquisa é presente, ou seja, o tempo todo se deixa clara a intenção de ser um pesquisador que não se confunde com o grupo – fazendo, assim, o papel de observador, propriamente dito. A autonomia da pesquisa, da mesma forma, é exatamente como Peruzzo propõe; não há ingerência dos torcedores sobre os objetivos da pesquisa. Entre ser “encoberto” ou “revelado” se escolhe pela segunda opção pois, no caso dos TAs há a necessidade

fundamental de se mostrar um indivíduo confiável, que compartilha do desejo de justiça social e de pensamentos antifascistas – sem isso, a recepção seria impossível e os aprendizados sobre as táticas seria inviável. No entanto, a metodologia não se limita a isso, pois, mesmo não considerando a opinião dos torcedores para criar a pesquisa e seus objetivos, há a intenção clara em compartilhar os resultados da pesquisa com os torcedores da *Coluna Vermelha* e da *Tribuna 77*: Carlitos e Karina dedicaram seu tempo à pesquisa, trataram bastidores de torcedores muitas vezes perseguidos pelo *status quo* conservador do futebol e dedicaram ao pesquisador confiança; portanto, é papel dessa pesquisa devolver à sociedade os resultados e, para isso ser feito, os TAs precisam ter acesso transparente ao que foi investigado e, a partir daí, refletirem sobre suas táticas e continuarem um diálogo proveitoso entre academia e práxis militante.

Da *pesquisa participante* se leva a transparência com as intenções do que o pesquisador está fazendo na pesquisa: apesar de os torcedores entrevistados não terem ingerência sobre os conteúdos, eles possuem plena noção do que estão participando e sobre o que se trata a pesquisa – mais um movimento a favor da confiança de parte a parte, necessária em um contexto de pesquisa sensível como a militância antifascista. No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE –, em apêndice III, se deixa claro todos os detalhes do que está sendo pesquisado; para além das garantias que respeita todos os direitos humanos fundamentais e os protocolos necessários para a não disseminação do coronavírus – questões exigidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa –, há um parágrafo inteiro – o primeiro – que deixa claro aos envolvidos na pesquisa do que se trata a aproximação pesquisada e que a participação será via entrevista. Além disso, há o comprometimento em devolver os resultados aos que se disponibilizaram a participar da pesquisa, como dito anteriormente – algo inerente à *pesquisa participante* mais do que à *observação participante*. No entanto, o trabalho não pode se encaixar totalmente em uma *pesquisa participante* quando há diferenças decisivas como a não necessidade e não possibilidade, na aproximação aqui proposta, de se inserir como um membro da torcida: para além da impossibilidade pandêmica, isso seria uma contradição à honestidade epistemológica na aproximação aos torcedores, pois, em nenhum momento se escondeu que a pesquisa parte de um torcedor gremista; sendo assim, seria inviável, mesmo em situações sanitárias ideais, que um gremista fosse membro ativo de uma iniciativa de torcedores do Internacional.

Já da *pesquisa-ação* retira-se todas as características citadas da *pesquisa participante* se acrescenta, ao menos potencialmente, a questão de que os resultados

podem ajudar no desenvolvimento humano das torcidas e dos ambientes que elas habitam; essa contribuição não é um objetivo geral e nem específico da pesquisa, mas é consequência do aprofundamento da conjuntura comunicacional desses TAs. Entretanto, da *pesquisa-ação* é onde menos se utiliza ferramentas na construção metodológica de aproximação visto que os TAs não fazem parte do processo de realização da pesquisa, não participam da construção do problema de pesquisa e tampouco se envolvem na discussão dos resultados – itens básicos de uma *pesquisa-ação*.

Portanto, como explicitado aqui, há uma aproximação transmetodológica quando essas ferramentas são utilizadas baseando-se na necessidade que o pesquisador encontra em sua práxis de construção do conhecimento (MALDONADO, 2015). Intitular o método de aproximação aos TAs como *observação participante*, *pesquisa participante* ou *pesquisa-ação* tem, em todos os casos, problemas pelo exercício do método não se limitar a essas questões. O que pode ser concluído, de fato, é que os pressupostos metodológicos de uma pesquisa baseada na escuta estão sendo seguidos; em uma busca por definição, se pode chamar esse método de aproximação baseado em entrevistas de representantes dos TAs de *pesquisa-observativa-participante*, vista a base metodológica que a *observação participante* e a *pesquisa participante* dão à essa aproximação. Contudo, é válido o alerta de que essa *pesquisa-observativa-participante* funciona nesse contexto específico, ou seja, para a construção metodológica eficaz para outros contextos é necessária uma pesquisa exploratória competente (BONIN, 2013).

2.3.1 – Sobre a escolha dos entrevistados

A *pesquisa-observativa-participativa* tem na escuta a sua estrutura mais importante. Com as possibilidades reduzidas de se entrevistar um número grande de torcedores e, tampouco, os acompanhar em seus lugares de ação pela cidade, se escolheu aqui partir de uma entrevista com representantes dos torcedores – uma estrutura semiestruturada, que veio com *perguntas-base*, mas foi feita baseada na escuta. Essa liderança, em ambas as entrevistas, é natural; em nenhum dos casos existe uma liderança imposta e/ou eleita, portanto, Carlitos e Karina foram lideranças de ordem eloquente, ou seja, são pessoas escolhidas que falam melhor sobre o que significa a *Coluna Vermelha* e a *Tribuna 77*, respectivamente.

Para chegar a essas pessoas o contato foi feito, em um primeiro momento, via mensagem direta no Instagram – ferramenta da plataforma que permite um diálogo

privativo. A partir desse contato, entre sucessos e insucessos⁶⁸, se chegou a duas lideranças dentro dos TAs e, a partir disso, ambas as entrevistas renderam materiais densos em conteúdo e extensos em material de transcrição – como é possível observar nos apêndices 1 e 2. É notória e trabalhada a limitação de entrevistas com lideranças; não é possível afirmar esse trabalho como etnográfico pela falta da possibilidade de se observar estruturas físicas dos TAs. Todavia, as conversas foram suficientes pensando no quesito de se conhecer o que torcedores antifascistas pensam: as ideias, as implantações de táticas e os ideais *antinormativos* foram traçados de maneira satisfatória em ambas as conversas e foram de grande importância para as respostas às questões gerais e específicas da pesquisa.

Os nomes Carlitos e Karina são fictícios. Essa precaução foi necessária por motivos de segurança dos entrevistados e para a melhor absorção dos conteúdos: a violência policial de ordem ideológica e necropolítica é um fato (MBEMBE, 2020) e há um medo justificado de torcedores antifascistas em serem prejudicados por essa realidade truculenta; somente com a garantia do anonimato foi possível dar essa segurança necessária e, ao mesmo tempo, conseguir um conteúdo pleno em sua complexidade. Essa parte da pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – e aprovado dia 10 de novembro de 2021 – como mostrado no Anexo 1.

2.4 – A PESQUISA METODOLÓGICA

Houve no mestrado um avanço no conhecimento metodológico, que mostrou de maneira detalhada a diversidade de métodos existentes na área da comunicação. As escolhas dessas metodologias listadas anteriormente se dão pela emergente necessidade de construção de materiais introdutórios sobre o que são as torcidas organizadas antifascistas e as potencialidades que um movimento desses pode ter. A pesquisa poderia se limitar apenas a uma análise do que se publica nas plataformas de comunicação online ou em uma etnografia densa e isso já seria relevante, mas com os métodos ajuntados, e somados à reflexão crítica proposta pela alternativa metodológica exposta, temos fatores suficientes para trazer uma introdução de conhecimento que se considera fecunda para quem possa pesquisar o contexto antifascista do futebol no futuro – em um futuro incerto em que crescem tanto as forças neofascistas quanto a resistência.

⁶⁸ O contato com a Coluna Vermelha foi direto e eficiente, enquanto a busca pela entrevistada da Tribuna 77 enfrentou obstáculos como falhas de comunicação nas mensagens diretas.

Bonin traz precisão a essa discussão quando trata que

“As aproximações empíricas, pela via da pesquisa exploratória, em confluência com esta prática, permitem realizar uma fabricação metodológica sensível às especificidades do concreto. [...] A complexidade e a multidimensionalidade dos fenômenos comunicacionais/midiáticos coloca -nos o desafio de operar, não apenas no nível teórico, mas também no metodológico, com configurações multiperspectivadas, não redutoras. A construção e a experimentação de estratégias multimetodológicas em pesquisas comunicacionais têm revelado sua fertilidade nesse sentido” (BONIN, 2013, p.38)

Bonin propõe cinco questões a serem consideradas na construção dos arranjos metodológicos e todas são encaminhamentos buscados nessa dissertação.

Primeira: “eles [os arranjos de métodos] devem ser capazes de oferecer possibilidades de captura/construção das múltiplas dimensões requeridas pela problemática concreta” (BONIN, 2013, p.38).

Segunda:

“sua construção deve valer-se da reflexão teórica dos métodos para dar conta do que fazer aos objetos, dos pressupostos que se instituem como configuradores desses objetos, das possibilidades que oferecem a essa captura/construção e dos limites que impõem.” (BONIN, 2013, p.38)

Terceira:

“essa reflexão, em convergência com as pistas advindas da pesquisa exploratória, deve permitir obrar em processos de reinvenção, de criação, e de integração com os demais métodos e procedimentos, em um desenho coerente.” (BONIN, 2013, p.39)

Quarta: “o desenho deve possibilitar a superação de limites de um método ou procedimento por outro ou por redesenho deste método/procedimento” (BONIN, 2013, p.39).

Quinta:

“arranjos metodológicos multiperspectivados também devem possibilitar a fabricação de angulações distintas de um mesmo dado ou aspecto crucial (operações multifocais na captura/fabricação dos dados)” (BONIN, 2013, p.39)

Em uma pesquisa comunicacional, onde os fatores perambulam entre o próprio da comunicação e o acolhimento de métodos e teorias de outras partes das ciências humanas, a pesquisa metodológica é um fator fundamental a se considerar para conseguir lidar com as metamorfoses que a realidade traz à pesquisa da maneira mais satisfatória possível. A pesquisa metodológica é o que propicia a estrutura necessária para fazer com que a pesquisa multifacetada não seja uma bagunça; pois, nessa construção, é que entra na epistemologia transmetodológica, e esclarece o labor de pesquisa; ou seja, é nessa etapa

que a reflexão e o conhecimento contextual não são pura abstração/empíria e se tornam algo válido cientificamente: é essa sistematização que torna o trabalho válido; e não um formalismo metodológico que enclausura a pesquisa.

CAPÍTULO 3 – PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

Essa separação que se apresenta a seguir não tem o intuito de descolar a teoria de quaisquer outros aspectos de pesquisa. É visto no capítulo anterior que o teórico está no que é empírico na comunicação e não há possibilidade de introdução satisfatórias a assuntos complexos sem referências teóricas. O que se pretende aqui é aprofundar nas teorias encontradas em meandros explorados na pesquisa.

Portanto, nos próximos tópicos, se reflete como as torcidas organizadas antifascistas estão envolvidas no contexto do futebol como pretensão apolítica, sobre como o futebol é uma espécie de “microcosmos” social, as táticas comunicacionais das torcidas antifascistas, e sobre as normatividades presentes no futebol; nisso se fala da questão de gênero e sexualidade – e a problemática específica da invisibilidade transgênero –, a questão étnica – e o antirracismo – e a identidade latino-americana a partir da reflexão teórica ex-cêntrica (TORRICO,2019).

3.1 – O FUTEBOL E A PRETENSÃO APOLÍTICA

O futebol é constante alvo de constantes tentativas de despolitização. Para uma parte considerável da sociedade a “política” – e o significado que isso pode ter para cada um a partir de conceitos pouco aprofundados – deve ser afastada de seus clubes, representantes da direção, jogadores e torcedores. Há uma pretensão apolítica no ambiente futebolístico que esconde o fato de existirem atores políticos plenamente dominantes no ambiente futebolístico: qualquer ato que leve à tona assuntos sensíveis contra os grupos que não fazem parte do futebol como é conhecido hoje é visto como política, ou seja, se qualquer manifestação se solidarizar com pessoas negras, mulheres, LGBT+ ou com políticas ditas “de esquerda” o ato é automaticamente taxado como político. Se opiniões e cânticos racistas, misóginos, homofóbicos e afins são entoados na mídia esportiva ou nos estádios daí são expressões que fazem parte da cultura do futebol. O esporte mais popular do mundo é visto como um lugar em que a política, natural na convivência humana, deve ser afastada – em um senso comum que diz que isso é possível.

A tendência que traz uma dialética contraditória entre manifestações populares e o comportamento apolítico está em um processo contínuo advindo desde as Jornadas de Junho de 2013. Obviamente, os protestos foram de natureza política, mas os protestos tiveram como característica importante a negativa de recepção de organizações políticas como partidos, movimentos sociais e movimentos de militância juvenil. Essa

particularidade que combina, coincidentemente ou não, com a ascensão de um discurso como o *bolsonarista* em que se nega a importância política e a criminalização de movimentos políticos e sociais – e que tem como lado extremado os pedidos por intervenção militar. Claro que o contexto de 2013 e de estratos sociais diversos que lá estiveram é mais complexo do que o recorte feito aqui (PINHEIRO-MACHADO, 2019), mas é inegável que dentre os vários grupos que participaram dessa Jornada houve uma parcela desses que traziam insatisfação com a mobilidade social ocasionada pelas políticas públicas do Partido dos Trabalhadores (Idem). Daí é possível uma associação entre o apolítico e o *bolsonarismo*: só em um esquema social em que exista uma ideia única, no qual partidos políticos deveriam ser extintos tal qual na ditadura civil-militar, que um ideário como o *bolsonarismo* faz sentido. E Bolsonaro seguiu isso à risca quando se utilizou do Partido Social Liberal – PSL – apenas como uma “sigla de aluguel” e segue na presidência sem partido até o momento. A junção entre ojeriza aos movimentos políticos que permitem acesso às classes historicamente marginalizadas – nisso entra o que Rosana Pinheiro-Machado denomina de maneira didática como “*recalque das elites*” (p. 32) –, a partidos políticos, ao pensamento diverso e adoração aos movimentos ditatoriais traz base para pensar que no futebol o que está fora das quatro linhas deveria estar excluído: afinal, se os partidos políticos não deveriam estar presentes nem na sociedade de maneira geral imagina trazer “ideologia”⁶⁹ ao clube do coração? É inviável em uma mente autoritária, masculina, branca, heterossexual e cisgênera.

Portanto, é negado por parte hegemônica dos grupos que habitam o futebol que as pessoas fora da norma do futebol o frequentem de maneira completa. Por exemplo, a partir do momento que cânticos gremistas tratam os rivais como “*macaco imundo*” ou os colorados falam em “matar o *puto* tricolor” (SOARES, 2018) quem faz parte dos grupos que historicamente são maltratados a partir dessas expressões racistas e homofóbicas estão em condição de inferioridade representativa no futebol⁷⁰. E quando protestar contra essas violências em forma de cântico é tratado como “politização” do futebol e que isso é negativo por “*não ser ideal misturar*” a democratização do esporte fica dificultada.

Por mais que os grupos hegemônicos tentem embargar a resistência social no esporte ela já acontece e existem exemplos históricos e contemporâneos disso. Na Liga

⁶⁹ Acontece nos grupos *bolsonaristas*, nas arquibancadas e na mídia esportiva, uma associação direta entre movimentos sociais – MST, movimentos de militância negra e LGBT+, etc. – a partidos políticos de esquerda que abraçam essas causas contemporaneamente. O que não faz parte do ideário *bolsonarista* é logo taxado pejorativamente como “ideologia”.

⁷⁰ Isso é aprofundado no tópico 2.3.

de Futebol Americano – NFL – vemos o exemplo de Colin Kaepernick: o jogador negro que se manifestou, em 2018, contra o racismo cometido pela polícia estadunidense e, como ato de protesto, se ajoelhou na execução do hino nacional dos Estados Unidos. O presidente estadunidense em exercício, Donald Trump, causou constrangimentos a Kaepernick e à NFL e isso fez possível o afastamento do atleta. No Brasil, Tiago Leifert em uma coluna trouxe a máxima conhecida na convivência e no senso comum de que “esporte e política não devem se misturar”⁷¹ que é uma máxima que não só nunca fez sentido na apreciação dos fatos como já é superada em obras como de Roberto DaMatta (1982) onde se mostra o futebol como um marcador cultural relevante e de Ronaldo Helal (1990) que promove o esporte como um fato social e aponta o descaso das Ciências Sociais pela temática à época.

No futebol temos exemplos de jogadores que lutam a partir do futebol por mudanças sociais. A nível nacional vemos jogadores como Nando, Reinaldo, Afonsinho e Sócrates que se encaixam, em suas ações, numa militância de esquerda (PEINADO, 2017). Esses nomes, suas carreiras e seus atos a favor do que achavam correto mostra que o futebol está longe de ser apolítico e que as organizações políticas de esquerda, como os torcedores antifascistas, não estão mudando a realidade e iniciando uma “politização do futebol”, mas causam estranheza por serem minoria em um futebol que possui uma clara norma de classe, de gênero, de sexualidade e de etnia – como detalhado no item 2.3.

3.1.1 – Futebol como “microcosmos” social

O silenciamento de pessoas fora da norma não é exclusividade do futebol. No esporte isso se dá a partir de códigos distintos em que a confrontação ao rival possui linguagem direta e os estereótipos sociais são utilizados de maneira assertiva para desqualificar quem não faz parte do seu grupo mais próximo – os torcedores do mesmo time. Por outro lado, existem reflexos do que acontece no aspecto social macro que afeta o esporte como a gentrificação do esporte representada pelo *arenizamento*. A partir do momento que a presença dos torcedores é elitizada e eles se sentem no direito de cobrar que o espetáculo seja digno do alto preço pago pelo ingresso a relação cultural muda: em vez de o clube ser parte do torcedor ele se torna um agente prestador de serviço em que a

⁷¹ Mais uma tentativa de tornar o esporte apolítico e um entretenimento mais palpável e com menos sinalizações culturais. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>>. Acesso em 17 jun. 2021.

mercadoria a ser entregue é a vitória; o time não é mais parte da sua identidade e passa a ser um símbolo de seu status social: assim como estar em um show, estar presente em um jogo importante de Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil ou Copa Libertadores traz nisso um status por si só em vez de ser um momento único a partir de um mérito esportivo no qual ele está representado pelo clube – e atos da Conmebol como tornar a final de seus campeonatos um evento único revela, pelo menos potencialmente, o processo de fazer desses momentos únicos da temporada um evento de entretenimento por si só em que não importa o ambiente social dos clubes envolvidos.

A questão do futebol como um “microcosmos” social também entra em como uma pessoa ao estar imersa nesse universo de maneira concreta ela pode perder contato com mazelas sociais e estar apenas envolto nos códigos desse lugar. O exemplo máximo disso é o dos jogadores de futebol contemporâneos que são profissionais da área, vivem esse ambiente a todo instante e pelas altas cifras que ganham possuem assessoria para se comunicar, negociar contratos, planejar carreira e, a partir disso, a única atividade fim do indivíduo jogador-de-futebol-*superstar* se torna unicamente o futebol. Nesse local não há mazelas, desigualdade social, políticas públicas que dizimam pessoas e tampouco problemas pessoais de ordem social – reformas do governo brasileiro ou de qualquer lugar do mundo não afetam seu viver. Ao mesmo tempo, no futebol midiático o pouco que essa minoria de atletas fala tem ressonância social grande: a partir do momento que um jogador de seleção brasileira promove ações desligadas da sociedade como, por exemplo, promoção de festas em tempo de pandemia esses indivíduos mostram que não há conexão entre eles e o povo que torce para o clube ou seleção que o traz *status*.

O microcosmos do futebol também é representado pelas estruturas dos clubes que falam muito sobre o que ocorre no futebol local. No Brasil, os grandes clubes são associações sem fins lucrativos em que em um intervalo de tempo – que costuma ser de dois ou três anos – escolhe de maneira “democrática” os mandatários do clube. Quem exerce esse direito democrático são os sócios de maneira mais ou menos obstruída: no caso de Grêmio e Internacional existem duas etapas; na primeira os respectivos conselhos deliberativos que escolhem os candidatos a serem votados pelos sócio torcedores que podem escolher a presidência de seus clubes, dentro de regras que envolvem, principalmente, a adimplência na mensalidade – sócios inadimplentes não possuem direito ao voto em ambos os clubes (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, 2019; SPORT CLUB INTERNACIONAL, 2020). Ao redor do Brasil a lógica é parecida e depende do seu contexto para que esse processo seja verdadeiramente democrático ou

não. Nesse modelo fica claro que um clube de futebol para ser democrático precisa de programas para sócios que sejam acessíveis para o maior número de pessoas possível com mensalidades que condiga com a realidade econômica dos torcedores em um espectro geral. A partir do momento em que as mensalidades são caras e a presença social do clube é restrita a quem pode pagar⁷² a Associação só responde aos interesses de um recorte específico de seus torcedores – os que têm poder financeiro maior. Essa é uma realidade micro, mas que representa questões macrossociais de desigualdades econômicas que afetam no acesso ao lazer e a bens culturais o qual os clubes pertencem a uma conjuntura preenche ambas; o direito constitucional ao lazer e aos bens culturais têm no futebol um símbolo dos mais fortes.

Os contextos geopolíticos de igual forma afetam o microcosmos do futebol. A nível internacional há clubes como o Manchester City, da Inglaterra, e o Paris Saint-Germain, da França, pertencem a grupos bilionários do Emirados Árabes Unidos e Catar, respectivamente. Para a *Abu Dhabi United Group* e a *Qatar Sport Investment*, para além de questões do *marketing esportivo* ou ganhos com vendas de jogadores, há um interesse de nível global nessa relevância de financiamento no esporte que é a melhora da imagem desses países na comunidade internacional: o investimento no esporte mais popular do mundo pode, potencialmente, trazer aproximação entre a cultura dos pequenos e ricos países do Golfo Pérsico com o “mundo ocidental”⁷³. A nível nacional, é possível ver o atual presidente se utilizando do maior símbolo dos times, as camisetas, para a promoção própria e uma tentativa de aproximação com a parcela popular que é apegada aos clubes de futebol, no entanto há uma falha nessa abordagem: nos códigos do microcosmos do futebol há uma lógica básica de que quando se escolhe uma equipe para torcer, automaticamente os rivais estão de um outro lado – aos moldes do clubismo tratado na primeira parte da dissertação – e quando se usa ao mesmo tempo o uniforme de Corinthians, Santos e São Paulo quando se assume a premissa de ser torcedor do Palmeiras essa conduta é vista como uma clara contradição e faz com que não se consiga engajamento total de nenhum dos lados; um indivíduo que respeita sua identidade

⁷² Nisso entra o fato de os grandes clubes de futebol do Brasil terem mais sócios do que lugar em seus estádios o que resulta que, em jogos de alta procura, apenas essa parte restrita dos torcedores de futebol tenham acesso ao estádio – item a se refletir sobre o *arenizamento*.

⁷³ Essa discussão esteve a tona quando aconteceu a tentativa de criação de uma Superliga Europeia. Essa Superliga abrigaria os clubes mais ricos do mundo e teve clubes financiados por grupos multibilionários como o Manchester City. Ver em: <http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/786714_como-psg-e-manchester-city-se-tornaram-pecas-no-tabuleiro-da-geopolitica-do-oriente-medio>. Acesso em 20 jun. 2021.

torcedora e todos os trâmites culturais do microcosmos do futebol têm nesse local um reconhecimento legítimo tanto dos que torcem para o mesmo time quanto dos rivais. Na conjuntura local o futebol é utilizado como prestígio político-partidário importante: ex-jogadores gremistas como Danrlei, Jardel e Tarciso já foram eleitos para cargos políticos; figuras torcedoras como o “Gaúcho da Geral”, símbolo da torcida organizada Geral do Grêmio é deputado estadual; os atuais presidentes de Grêmio e Internacional, Romildo Bolzan Jr e Alessandro Barcellos possuem vínculos com partidos políticos – PDT e PT, respectivamente – e têm nos seus clubes uma plataforma política importante para pretensões políticas – inclusive o atual mandatário gremista é cotado como candidato ao governo do estado do Rio Grande do Sul para 2022 pelo trabalho econômico superavitário feito no seu clube e por títulos conquistados como a Copa do Brasil e a Copa Libertadores⁷⁴.

Portanto, o futebol hiper-mercantilizado visto na abertura da terceira década do século XXI ainda é importante para a explicação de várias das relações sociais existentes. Diferentemente do futebol pré-profissional ou no profissionalismo com valores ligados à realidade social comum – que continua sendo a realidade da maioria dos jogadores e trabalhadores do esporte, diga-se –, o futebol contemporâneo explica outros aspectos sociais que vão desde a própria desigualdade econômica entre culturas – e futebóis – até disputas políticas e geopolíticas que têm no futebol um espaço de luta – inclusive de cidadania, como nas lutas antifascistas de torcedores. O “microcosmos”, colocado entre aspas no título dessa seção, tem como intenção a precisão semântica de refletir que esse local ao mesmo tempo tem lógicas próprias, mas não é fechado em si e possui afetações externas presentes e relevantes. Não é correto tratar o ambiente futebolístico como um “mundo aparte” e tampouco ver o futebol como um local plenamente associável a todas as práticas corriqueiras sociais – há meandros nessa relação.

3.2 – AS TÁTICAS COMUNICACIONAIS DOS TORCEDORES ANTIFASCISTAS

É costumeiro que as reflexões sociais partam de um ponto avançado, já conhecido, sobre as relações de poder dos Estados com a população que não ocupa esse lugar restrito de comando. É notório que, em muitos momentos históricos, os chefes de Estado têm interesses conflitantes em relação à realidade das pessoas que são submetidas às políticas públicas. Todavia, existem táticas dos grupos sociais, que não possuem a máquina estatal,

⁷⁴ Ver em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2021/06/partidos-antecipam-movimentos-na-disputa-pelo-governo-do-rs-ckq2x4j4j00b4018mwusl4d2q.html>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

para tentar de alguma forma lutar por seus ideais – independentemente de qualquer juízo de valor que isso possa ter. Certeau (1998), em sua obra intitulada *A Invenção do Cotidiano*, reflete sobre as estratégias e as táticas sociais. Apesar de parecerem sinônimos, há na obra *certeauriana* definições diferentes entre “estratégias” e “táticas” que ajudam a entender os encadeamentos possíveis nas disputas de poder que possuem forças de luta desiguais.

A estratégia é moldada a partir dos detentores dos moldes do *status quo*. Em um mundo economicamente capitalista essas forças estão nos estados nacionais e, principalmente, nos grandes detentores de capital financeiro que produzem bens físicos ou especulações financeiras (PIKETTY, 2014) e/ou são donos dos meios de produção (MARX, 2015) – e que na contemporaneidade têm como grandes símbolos os CEOs dos conglomerados de comunicação via internet e mídias sociais como Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft. Esses grupos de poder que traçam as estratégias definidas por Certeau da seguinte forma:

“Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “**próprio**”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar.” (CERTEAU, 1998, P.99)

As estratégias têm como intuito fazer com que a realidade e suas mazelas não sejam um fator de queda para um sistema social. Esse “próprio” citado por Certeau é uma consolidação resultada de uma moldagem de circunstâncias que permite que os planos de quem possui o poder de consolidar estratégias não se alterem independentemente dos fatos. O próprio:

“[...] é uma *vitória* do lugar sobre o tempo. Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo”. (CERTEAU, 1998, P.99)

Só os consolidadores de estratégias possuem um “próprio”, pois, têm as ferramentas para o construir e trabalham a partir de um ambiente (p.99), portanto, não tem uma consolidação totalitária em que há uma obediência fiel; é um jogo de disputas e preservações. Quem não possui a possibilidade de construção de um “próprio” parte para

alternativas para conseguirem ocupar o seu universo com suas demandas; daí partem às táticas.

Certeau chama de *tática*:

“[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma determinação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Bülow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance.” (CERTEAU, 1998, P.100)

No contexto do futebol os elementos *certeurianos* de estratégia e tática estão postos. No futebol contemporâneo a estratégia é hipermercantilizada, elitista e conservadora; busca que a audiência trate o esporte como um bem de alto valor, não há possibilidade para a ocupação democrática do esporte e não comporta de maneira amistosa pessoas fora da norma⁷⁵; ou seja, esse pode ser considerado *o próprio do futebol*. As táticas que buscam interesses opostos ao próprio propõem o esporte como um bem cultural, exigem alternativas populares para a ocupação do esporte e luta contra o fascismo e as outras formas de opressão normatizadas; nisso, as torcidas organizadas antifascistas são personagens consideráveis para a luta contra o *próprio estratégico* promovido pelas (con)federações de futebol – a FIFA e os diversos representantes nacionais e locais –, pelos torcedores favorecidos pela norma e pelos clubes em sua conivência ou impotência. As táticas das torcidas antifascistas são táticas comunicacionais⁷⁶ por estarem diretamente ligadas ao fazer comunicacional; evidente, para listar as táticas a questões operacionais é necessário que de alguma forma se entre no ambiente das torcidas da maneira mais intrínseca possível, mas é clara a influência de um processo midiático produzido pelas torcidas que habitam entre as publicações nas plataformas de redes sociais, mensagens deixadas nos estádios, manifestações políticas de rua e ações de filantropia social. Todas essas ações passam mensagens para onde essas torcidas pretendem falar, ou seja, todos os paços nesse sentido são partes de táticas comunicacionais.

⁷⁵ Essa norma está detalhada no próximo tópico, o 2.3.

⁷⁶ Não apenas comunicacionais. As táticas de convívio social são, da mesma forma, importantes; mas a especificidade comunicacional é absolutamente presente.

Assim sendo, são necessários cuidados e a separação do que é *estratégia* e o que é *tática*. Por mais que essas palavras pareçam sinônimos elas não são, como demonstrado nesse tópico. Como os torcedores antifascistas não têm a possibilidade de produção do *próprio* em seu contexto, nenhuma produção ou organização dessas pessoas é estratégica; todos os instrumentos de luta das TAs são táticas que buscam, em pequenas batalhas, a mudança da realidade fascista, elitista e/ou normativa do futebol. Essa ótica *certeuriana* facilita que se visualize com exatidão que pequenas mudanças são fundamentais para as mudanças sociais por mais que pareçam irrelevantes se olhando para a estrutura num geral; não há *próprio* eterno, pois, por mais que ele seja codificado por quem possui controles de coerção poderosos, ainda é um estabelecimento humano e conhecer que existem possibilidades de mudanças, a partir de táticas, faz com que se criem esperanças de mudança baseadas em capacidades reais.

3.2.1 – TAs e as táticas comunicacionais baseadas no contexto

“Investigadores profissionais e povo, nesta operação simpática, que é a investigação do tema gerador, são ambos sujeitos nesse processo” (FREIRE, 2020, p. 140). Os temas geradores são parte importante para a compreensão da militância antifascista no futebol e essa parte do trabalho se baseia firmemente na pedagogia do oprimido, desenvolvida por Paulo Freire e que tem seu legado nos mais diversos campos educacionais e comunicacionais. Descobrir o tema gerador se viu necessário depois da pesquisa ser submetida à metodologia análoga à observação participante⁷⁷, baseada em entrevistas (PERUZZO, 2003); em uma escuta atenta e que o investigador se propõe a ser parte ativa do aprendizado – em vez de se tratar como um ser alheio às questões objetivas e subjetivas, como na sociologia eurocêntrica –, se ouviu nas conversas e se leu nas transcrições destas uma pedagogia dos TAs baseadas no contexto e que leva em consideração as especificidades dos clubes e os temas geradores existentes dentro dos habitantes do ambiente do futebol. Essa problemática também inclui situações-limites e atos-limites, todas essas propostas *freireanas* de pedagogia e metodologia de pesquisa que estão ativamente presentes no que os torcedores fazem – e que incluem planejamentos táticos para a prática da militância (CERTEAU, 1998).

⁷⁷ Detalhes dessa especificidade metodológica está disponível na seção 3.3.

Os temas geradores, a partir da epistemologia *freireana*, estão diretamente ligados à relação “ser humanos-mundo⁷⁸” (FREIRE, 2020, p. 119). Se trata do “momento em que se realiza a investigação do que chamamos de *universo temático* do povo” (FREIRE, 2020, p.121), ou seja, é somente o esforço conjuntural do pesquisador e da população que ambienta determinada conjuntura que consegue determinar quais são os temas geradores que circulam seus significados e suas complexidades humanas. Para determinar os temas geradores é necessário, em primeiro lugar, se desvincular de ideias em que as realidades sociais são imutáveis e/ou naturais de um povo/local; por exemplo, ideias higienistas, que promovem afirmações presentes no senso comum que trazem a ideia de que as realidades de miséria não podem ser transfiguradas, é o inverso do que Freire tratava como temas geradores. Freire deixa claro que toda realidade é transformável pelo fato de tudo que está presente como padrão na nossa sociedade parte de uma criação humana anterior. Diferentemente de animais irracionais, o ser humano não vive baseado nas necessidades básicas; por maior precariedade que as pessoas sejam submetidas elas ainda mantêm seu senso reflexivo sobre a realidade – vivendo em sociedade não somos seres puramente movidos por impulso: “enquanto a atividade animal, realizada sem práxis, não implica criação, a transformação exercida pelos homens a implica” (FREIRE, 2020, p. 128).

Nessa busca pelos temas geradores, para se examinar de maneira precisa as questões sociais de indivíduos e da coletividade, se encontram as situações-limite; isto se trata da emersão à nível empírico dos problemas possivelmente existentes nos temas geradores. As situações-limite são descobertas de ordem prática da limitação social imposta ao oprimido, estabelecida às relações de poder controladas pelo opressor e que desumaniza quem tem tais situações como limitantes:

“Para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível que a superação das “situações-limite” em que os homens se acham quase coisificados.” (FREIRE, 2020, p.131)

Para essa superação, trazida como importante por Paulo Freire para combater um estado das coisas de desigualdade e que dificulta o fazer pedagógico, é fundamental, primeiramente, se passar pelo processo de exercício de incentivo à reflexão que, como

⁷⁸ O termo original, utilizado por Freire (2020, p.119), é “homens-mundo”. A troca, nessa dissertação, por “ser humanos-mundo” não se trata de um revisionismo da obra de Paulo Freire, mas sim uma necessidade de adaptar as ideias à linguagem contemporânea. Toda a obra de Freire demonstra uma necessidade de sensibilidade à realidade que acerca, então essa alteração se torna necessária. Em citações diretas, essa alteração não será feita, mas o termo “homem” para tratar sobre o coletivo de humanidade não toma a mensagem em si misógina; o contexto histórico e o conteúdo em si, que promove a igualdade e o senso crítico, é o que deve ser levado em consideração para evitar discussões que iniciem pelo vazio identitário.

reiteradamente se trata aqui, é preciso que seja formado na relação entre o pesquisador e o indivíduo social. Na pedagogia trazida pelos TAs, a relação é parecida quando estes conseguem ser sensíveis suficiente para compreender as situações-limite e conseguem pensar em táticas diversas (CERTEAU, 1998) para as superar. No entanto, entre a pedagogia do oprimido pensada por Freire e a pedagogia praticada pelos TAs existem duas diferenças: em primeiro lugar, eles não são parte estrangeira às questões do ambiente do futebol e não precisam passar pelo tempo de adaptação ao local; em segundo lugar, os torcedores antifascistas são parte atingida das situações-limite, ou seja, para além da prática tática/pedagógica ser um exercício de ação de mudança social de ajuda ao outro, há uma questão de sobrevivência aí – uma práxis militante, comunicativa e educativa com todos esses elementos em conjunto em busca de atos-limite.

Esses atos-limite descritos por Paulo Freire são parte da natureza humana das situações-limite, onde se encontram as lutas e as ações necessárias para as mudanças de realidades dos oprimidos. Para esses atos transformadores serem incentivados é importante, primeiramente, que os cidadãos enxerguem a sua realidade como algo mutável:

“Os temas se encontram, em última análise, de um lado, envolvidos, de outro, envolvendo as “situações-limite”, enquanto as *tarefas* que eles implicam, quando cumpridas, constituem os “atos-limite” aos quais nos referimos. [...]. Enquanto os temas não são percebidos como tais, envolvendo as “situações-limite”, as *tarefas* referidas a eles, que são as respostas dos homens através de sua ação histórica, não se dão em termos autênticos ou críticos” (FREIRE, 2020, p.130)

Intencionalmente ou não, conhecendo a pedagogia do oprimido ou não, os torcedores antifascistas buscam uma práxis para combater a opressão contra as pessoas fora da norma no futebol, a partir de sua visão política à esquerda. Tanto na entrevista com o integrante da *Coluna Vermelha* quanto com a integrante da *Tribuna 77* é demonstrável como esses torcedores pensam em maneiras práticas de combater a opressão a partir do seu profundo conhecimento do contexto em que estão inseridos.

Os atos-limite dos TAs de *Grêmio* e *Internacional* apresentam características comunicacionais relevantes e peculiares nas suas especificidades. Os colorados da *Coluna Vermelha* apresentam uma tática de fazer o movimento de TAs ser integrado à torcida em todo o estádio Beira-Rio. Não são uma torcida organizada onde ocupam um território específico do estádio e, com isso, fazem adeptos que se identificam com as ideias aparecerem nesse espaço; há uma tentativa de que na comunicação interpessoal, feita individualmente com torcedores do Internacional, seja feito o convencimento de que

as normatividades e as manifestações ideologicamente fascistas são erradas e oprimem a todos que não fazem parte de uma elite de classe e de identidade – e para isso as cores do clube ajudam no primeiro contato e na aproximação baseada na afinidade. Para isso, no entanto, é necessário conhecimento amplo do ambiente em que se está inserido: na entrevista feita com Carlitos, ele citou a necessidade de observar o contexto para criar táticas; certa feita, colorados LGBT+ queriam criar um movimento de torcedores chamados *Coloridos*, mas segundo Carlitos isso não deu certo devido a falta de conhecimento de conjuntura do ambiente do Beira-Rio – que envolve disputas discursivas e de poder:

“Quando rolou uma movimentação que uma gurizada queria fazer a Coloridos, né? Que era uma gurizada, queria fazer uma torcida gay do Inter, né? E nos procuraram. Cara, a gente sentou e conversou com os guris, tá? Foi fogo de palha, não rolou muito e tal, eles não [sic] acabaram não se organizando, é todo mundo sentado e conversa... Tão começando meio que errado, cês tão fazendo alarde demais. Cês vão ser caçado dentro do Beira-Rio, ó. Então, pra vocês não ser caçado dentro do Beira Rio, cola com a galera, cola conosco, né? Ajuda com a gente, meio que ouviram, se juntaram um pouco ali, mas ó, não tem essa de não desfralda a bandeira ainda porque não é o momento, isso aqui não é uma tática, né? Tem uma tática, né? De aproximação, tal tal, porque olha o discurso que os louco tão te dando, ninguém tá falando que é porque vocês são homossexuais, é porque vocês estão criando uma torcida e aí vocês vão disputar as coisas de torcida, dentro do estádio, né?” (CARLITOS, 2021)

Se inserir sem uma tática baseada no contexto, em que se leve em consideração todos os espectros da complexidade de uma torcida de milhões de pessoas, além de perigoso fisicamente pode levar a perder toda uma luta que precisa ser vencida taticamente pelos TAs contra o poder hegemônico de quem pertence à norma (CERTEAU, 1998; FOUCAULT, 1988). Em outra época, mas os gremistas da Coligay, por exemplo, se adaptaram às condições em que se encontravam: em um ambiente em que a qualquer momento poderiam ser violentados, os integrantes da Coligay sabiam técnicas de autodefesa e se livravam dos homofóbicos que os atacavam a partir do domínio da luta corporal (GERCHMANN, 2014). Atualmente, a homofobia é crime⁷⁹ fazendo com que as violências contra LGBTs sejam mais identificáveis e protegidas pelo aparato da lei, mas a norma heterossexual ainda é vigente, as agressões físicas uma realidade presente; táticas amenas de convencimento de pessoas a aderirem ao modo de vida *antilgbtfóbico* são mais palpáveis e eficientes na contemporaneidade da terceira

⁷⁹ Tal legislação parte do texto constitucional. Especificamente do Art. 3, inciso XLI em que se afirma que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988).

década do século XXI devido ao *status* de crime ao homofóbico ser uma realidade que em outros momentos não existiu – daí a única possibilidade tática de defesa corporal direta dos LGBT+ dos anos 1970 e 1980 que queriam ocupar espaços hegemônicos da sociedade.

Os TAs do Internacional têm consciência do forte contexto homofóbico presente nos ambientes dos torcedores colorados e da dificuldade dessa mudança de realidade – a lógica clubista dificulta a conscientização quando se vê pioneirismo *antihomofobia* na torcida do rival. No entanto, tal adversidade não retira das táticas dos torcedores da *Coluna Vermelha* que buscam maneiras de mudar essa realidade; nesse contexto é demonstrável a tentativa tática de trazer a conscientização a partir da conversa no dia a dia e do exemplo pessoal. Carlitos comenta que, em certa feita, elogiou para um amigo e torcedor do Internacional que gostaria que existisse um movimento semelhante à Coligay dentro do seu clube:

“Mas cara, é possível as pessoas mudarem. É bem possível. Tem um camarada meu que ele, cara, ele mudou muito, velho, ele mudou muito, eu me lembro exatamente num dia que eu tava indo pro Beira Rio e ele me encontra no meio do caminho e tira do bolso uma... uma matéria da Placar sobre a Coligay. “Carlitos [mudança de texto original para não identificar o entrevistado], olha que ridículo, esses cara isso e aquilo” daí olhei assim “pô que afudê não tinha visto essa matéria, assim, oh meu que merda que não é do Inter né?” “Tu está louco” isso e daquilo. Hoje em dia esse cara ele tem perfeita noção, velho, do que que significa... do que que significa isso, tá ligado? Perfeita noção, cara, e mudou de lado. Eu falei “não meu eu estava errado eu evolui”. É possível sim as pessoas mudarem. Tem uma série de galera, velho, eu sou longa, eu sempre brinco com a galera: meu irmão, vou cantar, adoro aquela musiquinha “sempre louco, atrás do gol, acendendo o do bom, eu vou fazer um gol do Tricolor”. Vamos fazer o gol do Tricolor, é melhor que o matar um putinho tricolor, né? Deve ser melhor, né? (risos)” (CARLITOS, 2021)

Com um fazer pedagógico baseado no exemplo e com táticas que buscam pequenos convencimentos no cotidiano, aos poucos, os integrantes da *Coluna Vermelha* naturalizam pensamentos antimachistas, antirracistas e *antilgbtfóbicos*. Os TAs colorados fazem, assim, a criação a longo prazo de um ambiente em que o combate ao fascismo vira “filosofia torcedora”; obviamente, o longo prazo se baseia no fato de que o conservadorismo e a representação do fascismo se encontram de maneira forte no *Internacional*: representante importante do governo Bolsonaro e atual ministro do trabalho, Onyx Lorenzoni e o ex-ministro das Relações Internacionais, Ernesto Araújo, são influentes no clube, como salienta Carlitos, e fazem parte de um contexto de um clube que oprimiu torcedores que criaram o primeiro movimento de TAs colorados, o Inter Antifascista:

“Que a questão da contextualização é importante, tá? Porque a Inter antifascista, ela cresceu bastante e aí começou a ter o que? Teve aqui, primeiro, aqueles movimentos pós golpe de 2016, né? Os Fora Temer e tal... e depois a campanha eleitoral de 2018. Cara, a gente chegou a participar do primeiro Ele Não, ali na Redenção, cara nós tava com uma galera, uma galera assim, certo? Mais de cem torcedores do Inter, gente que a gente às vezes nem via do campo, mas tava indo lá porque sabia que tinha Inter Antifascista e queria estar naquele movimento, colado, até uma coisa muito louca porque... e a gente da barra popular do Inter né... e havia uma forma do movimento antifascista e os caras vinham gente da geral e o pau pegava. Aí não tinha arrego. [...] Quer dizer era o antifascismo até ali né? Nós temos os nossos limites (risos). E cara, isso cresceu muito e aí, cara, todo movimento tem um contra movimento, né, velho? O próprio clube cresceu, a Inter antifascista cresceu, botou... botou muita gente pra dentro da... da página do Facebook, começou a gerar muita coisa, tal... tal... tal... saiu muita foto, muita foto, o que que aconteceu? A diretoria do... do clube, né? [processou os integrantes do Inter Antifascista] O Internacional está cheio de fascistas dentro da diretoria e dentro do seu conselho, tá? Basta dizer que Onyx Lorenzoni e Ernesto Araújo são colorados doentes...” (CARLITOS, 2021)

Toda essa contextualização só é possível na convivência pessoal e estando presente de fato no clube – daí a importância da pesquisa participante que traga de maneira consciente as inferências de quem é ativo nessa militância no futebol (PERUZZO, 2003). Para uma comunicação popular, com táticas transformadoras, é imprescindível que se esteja presente fisicamente nos espaços de disputa. Por mais que as plataformas de redes sociais possam ser locais de disputa discursiva que tem potencial relevante (CASTELLS, 2013), as disputas nesses locais são mediadas por algoritmos nada democráticos – pela falta de transparência e regulação – e propositalmente reduzem a discussão a pequenas fichas: tudo se reduz à estética, às *hashtags* e ao poder de alcance que raramente visam uma troca de ideias de ordem reflexiva e de crescimento mútuo.

Para uma comunicação além das plataformas de redes sociais a torcida *Tribuna 77* se utiliza de elementos visuais para comunicar seus ideais pelas ruas de Porto Alegre. Diferentemente dos colorados, que não formam verdadeiramente uma organização de torcedores, no caso dos gremistas, que se tratam dessa maneira, existem táticas quase que institucionais que trazem em conjunto a disputa por espaço na arquibancada superior norte da Arena do Grêmio, ações filantrópicas e *antiapoporofóbicas* (CORTINA, 2020) no bairro Humaitá – local onde fica o estádio gremista –, colagem ao estilo *lambe lambe* e de adesivos ao longo da cidade e manifestações políticas nas ruas contra desmandos fascistas. A plataforma Instagram – assim como as outras que não entram no escopo empírico da presente pesquisa – se põe como mais um elemento possível de comunicação em tempos de *plataformização* das relações sociais, mas é possível ver em ambas as torcidas, cada uma com suas táticas e especificidades, que os elementos de comunicação

interpessoal são valorizados como parte fundamental para a busca de transformações sociais. Isso não se trata de negar a importância das ferramentas que criam redes sociais sem fronteiras, no entanto compreender as limitações desse meio é necessário para a eficácia das táticas comunicacionais.

A *Tribuna 77*, da mesma forma como os colorados, veem o relacionamento interpessoal físico como parte fundamental para a mudança social. Desde as colagens, que marcam o dia a dia de quem anda pela cidade, quanto as ações *antiaparofóbicas* fazem com que a torcida esteja marcada como algo positivo na comunidade porto-alegrense e com isso é mais fácil propor ideais antifascistas e antinormativos. Karina fala sobre a necessidade da comunicação como um diálogo com as ruas:

“[...] a questão das colagens: ela é organizada no grupo de WhatsApp, né? Tanto a questão financeira pras colagens, de conseguir grana pra fazer essas artes, e como pra também realizar as colagens né? “Ah... tal dia quem tá liso e quem pode dar uma mão”, né? Pra ir lá colar. E... e sobre diálogo além dessas artes que a gente considera, né? Um diálogo com a rua. É... a gente tem ali no entorno da Arena um diálogo muito bacana com o pessoal da... das Vilas que estão ali no entorno, né? Então a gente procura... Claro, pré-pandemia era muito mais fácil ficar por ali, fazer a prévia dos jogos ali, fazer um churrasco, conversar, ficar com as crianças que sempre, também, vem ao nosso encontro, as crianças da vila sempre que a gente chega ali tão de braços abertos, né? Que é uma relação bem legal que a gente tem com as crianças e com os pais delas... Então, a gente procura fazer isso, fazer as ações que tu deva comprar pelas redes sociais, de... de... de conseguir roupas e alimentos pra levar pra eles... até mês passado a gente tava conseguindo fazer mensalmente durante a pandemia, né? Esse mês ainda não saiu [e] já é dia vinte e cinco, mas... enfim, pro... pro Natal certamente também vai rolar alguma... alguma coisa, então a gente tenta estar sempre presente ali no entorno da Arena porque a gente entende que... que também é o Grêmio né? Levando esse apoio pro pessoal que está ali.” (KARINA, 2021)

Basear a comunicação na relação interpessoal e nas trocas de sabedorias vai ao encontro da epistemologia *freireana* que trata isso como fundamental para o encontro dos temas geradores, das situações-limite e para planejar as ações-limite; Freire sintetiza essa questão:

“Neste sentido é que a investigação do tema gerador, que se encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação), se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo.” (FREIRE, 2020, p.134)

A maneira com que os TAs tratam sua comunicação baseada no contexto é um exemplo prático de uma *educomunicação* libertadora feita de maneira orgânica pelas pessoas. O ser humano é naturalmente comunicativo e as táticas comunicacionais podem partir de profissionais da comunicação – que dominam técnicas importantes para levar a

mensagem da melhor forma –, mas essas táticas também podem ser moldadas por pessoas que compreendem onde estão no mundo, que refletem sobre onde habitam e que sabem as potencialidades de cada espaço em que há espaço para se comunicar sem que, necessariamente, sejam comunicadores profissionais. Daí a importância de pensarmos a comunicação de maneira ampla nos mais diversos momentos da nossa formação educacional: somente uma práxis *educacional* vinda desde cedo faz com que reflexões feitas por pessoas como os TAs sejam mais amplas nos convívios sociais num geral. Cada contexto tem suas *situações-limite* que precisam ser compreendidas e, para o exercício do senso crítico no século XXI, é fundamental que as questões comunicacionais estejam centralizadas no que consiste as ciências humanas – para que ações táticas contra opressões sejam uma regra ampla da sociedade brasileira em vez de um exemplo excepcional num local específico como o promovido por esses torcedores.

3.2.1.1 – O contexto no futebol colorado e gremista

Há um senso comum de identidade que proclama o *Internacional* como “Clube do Povo” e que coloca o Grêmio como algoz a isso, sendo assim, um “clube de elite” – seguindo a lógica *clubista* em que os meios-terminos não existem. Contemporaneamente, no entanto, essa discussão fica datada quando se vê que torcedores gremistas são maioria na classe proletária (DATAFOLHA, 2018) e com a Arena do Grêmio localizada em um bairro popular, enquanto o Beira-Rio se encontra em um local elitizado; o que, por óbvio, não é demonstração de uma virada nessa relação, mas são indícios que demonstram que, na terceira década do século XXI, todas as classes sociais torcem tanto para o *Grêmio* quanto para o *Internacional*.

Isso não significa que a narrativa de “clube do povo” contra “clube de elite” não seja parte do debate *clubista*.

Não obstante, essa disputa não existe por pura abstração ou por disputas de narrativas de *marketing*. Há um contexto histórico de construção popular do *Internacional* que Carlitos salienta:

“[...] conforme eu te disse, eu sou colorado porque o Inter é do povo. Quando eu comecei a ser colorado, isso era tão... tão... tão... tão evidente, tá? Eu vou em Grenal... o primeiro Grenal que eu fui em setenta e nove [1979], acho que eu fui depois, do meu pai. me levou em Grenal em oitenta [1980] também, depois a partir de oitenta e dois [1982] eu comecei a ir sozinho com os amigos, em Grenal. Falei, não tenho a menor dúvida, velho. Eu olhava prum lado era branco e do outro lado era preto, entendeu? Não tinha a mesma dúvida. Cara, eu tinha um bonequinho, meu mascote do Colorado era o Negrinho, não era

nem um saci, era um negrinho, era um bonequinho, [...], era um bonequinho de borracha que eu tinha com cinco, seis anos de idade. [...] Década de 70, eu entrei ao clube do povo, cara. O Inter, década de quarenta, o Inter era conhecido como? O clube dos negrinhos. Década de cinquenta, o Inter adota o Saci-Pererê como mascote. O único negro de todos grandes clubes brasileiros a ser mascote de um clube de futebol. O saci. não tem! Não tem nenhum personagem negro mascote de nenhum clube desses grandes médios do futebol brasileiro.” (CARLITOS, 2021)

Mas a história, como algo que não é estanque, se modifica. Na seção anterior se mostra detalhadamente como, na atualidade, o *Internacional* tem fortes influência de agentes políticos *bolsonaristas*, ou seja, pessoas que nada lembram essa origem popular trazida por Carlitos. Não há possibilidade de um *bolsonarismo* popular – é necessário não se confundir o popular com o populista⁸⁰ – já que esse movimento político e ideológico se baseia na práxis necropolítica (MBEMBE, 2020); essa é uma contradição que é compreendida pelos TAs colorados e são pautas presentes nas discussões políticas e nas manifestações promovidas por essas pessoas.

Dentro desse contexto complexo, Karina evoca a questão relevante do uso *marqueteiro* de titulações como “clube do povo” ou “clube de todos” – a resposta gremista à autotitulação colorada. Nesse aspecto, a torcedora gremista mostra insatisfação com o trabalho de *marketing* do Grêmio que pouco utiliza de sua história nas ações comunicacionais e de promoção da marca:

“Eu vejo que o Inter tem um marketing muito bom né? Muito melhor que o Grêmio, é... nesse sentido o Gre-Nal está... está sendo uma goleada pro Inter, né? O Inter aproveita muito de todas essas lendas de que nós somos originalmente racistas eles não... de que eles são, eles têm as bandeiras da igualdade, a bandeira da... da torcida popular, do clube popular, eh... e sei lá, o que que eu vou te dizer? Eu não acho indigno, né? Que aproveitem... é uma pena que o Grêmio não... não saiba aproveitar tão bem também as suas bandeiras, né? A gente tem, eh... várias coisas também pra... pra, enfim, pra trazer essas... essa... a própria história do clube, história do clube. O Grêmio aproveita muito mal. Então assim, pra não fazer uma larga discussão muito clubista e sem graça, é isso, é marketing. O Inter tem um marketing bom, aproveita todas essas coisas e o Grêmio silencia como se fosse a única verdade.” (KARINA, 2021)

Independentemente dos fatos históricos – que são extremamente relevantes, mas não são o foco dessa dissertação⁸¹ – essa luta por narrativas mostra que a lógica *clubista*

⁸⁰ Enquanto o popular vem dos anseios do povo – de maneira complexa, não uma estereotipação de povo – e vive o dia a dia deste, o populista tenta utilizar os desejos da população para proveitos de ordem pessoal e de concentração de poder.

⁸¹ Nessa dissertação não se busca passar a limpo a história de Grêmio e Internacional, a avaliar qual origem é mais ou menos popular, se existe alguém totalmente correto e nem apresentar traços definitivos de identidade dos clubes. Aqui se busca a discussão sobre a comunicação interpessoal proposta pelos TAs. As discussões sobre a história dos clubes são presentes e não podem ser ignoradas, mas a verdadeira intenção

que está presente mais em aspectos dos clubes do que nas discussões do dia a dia das torcidas. Essa discussão, sobre a origem de um ser melhor ou pior que a do outro, é uma demonstração da lógica *clubista* ao nível de discussão histórica – e que pode cair no revisionismo análogo ao *olavismo*⁸², caso seja pouco baseado na complexidade.

O contexto da convivência interpessoal é importante para a compreensão de como os fatos históricos são comunicados no dia a dia dos torcedores de futebol. E, nessa busca pela contextualização, é possível se ver os resquícios que a história dos clubes deixa para seus adeptos mesmo que o conhecimento da história do próprio time seja limitado – muito por incompetência dos clubes, como disse Karina ao criticar esse aspecto gremista.

Além do contexto de origem popular e de acolhimento à pessoas negras, muito atrelado ao Internacional, há o inegável pioneirismo antihomofóbico dos torcedores gremistas, simbolizado pela Coligay (GERCHMANN, 2014). Isso não significa, no entanto, que os ambientes gremistas sejam livres da LGBTfobia, o que faz a luta a favor da população LGBT+ ser importante para a *Tribuna 77* – que consegue integrantes justamente na sua comunicação da luta por igualdade:

“Não é um problema, assim, só do Grêmio, mas que a gente percebeu ali nesse... nesse lugar, ahm... a necessidade de fazer algo pra... pra demarcar que não é a torcida do Grêmio, não é racista, a torcida do Grêmio não é LGBTfóbica, a torcida do Grêmio não é machista, sabe? Existem torcedores que estão sempre levantando as bandeiras contra tudo isso. Então, eh... a tribuna surgiu dessa necessidade também, da necessidade de levar o Grêmio pra fora do estádio, né? De levar tanto a cultura do Grêmio pra fora do estádio quanto, eh... essas pautas também. Levar como arquibancada, vai pra rua também né? Então, é um... é um grupo multicultural que tá disposto, assim, a... a levar o Grêmio e trazer para o Grêmio, também, pautas, eh... que sejam produtivas e interessantes pro Grêmio, né? E eu cheguei na tribuna em dois mil e dezoito [2018] e eu encontrei eles pelas redes sociais. Então, acho que é um... um dos grandes pontos fortes da Tribuna [77], assim, é... é marcar essa presença nas redes também e... e trazer o torcedor pra esse lado né? Essa é a ideia.” (KARINA, 2021)

Para conquistar a simpatia dos gremistas às causas por igualdade a Coligay é, potencialmente, uma temática relevante a ser explorada. Como primeira torcida LGBT+ do Brasil, os gremistas podem se dizer pioneiros nesse aspecto; o pioneirismo, o “eu fiz antes”, é uma lógica *clubista* que pode ser explorada de maneira cada vez mais ampla pelos gremistas da *Tribuna 77*. Eles já fazem isso (figura 7), mas há capacidade de ampliação disso; é plausível pensar o Grêmio como um clube acolhedor aos LGBTs de

aqui é compreender quais discussões existem contemporaneamente e como elas são assimiladas por torcedores que tem como tática exercícios educacionais.

⁸² *Olavismo* é um movimento conservador que tem como líder o ideólogo Olavo de Carvalho, que se destaca por criação de teorias da conspiração e revisionismos históricos que dão base pseudointelectual ao *bolsonarismo*.

maneira institucional e a elevação desse acolhimento à “cultura de Grêmio”, como os TAs gremistas fazem, é um primeiro passo para que isso seja possível; de vergonha, pautada por preconceito normativo e de tratar os corpos homoafetivos como abjetos (FOUCAULT, 1988, BUTLER, 2018), há um trabalho de ressignificação para que a memória da Coligay seja motivo de orgulho para todos e todas – a imagem 7, inclusive, é uma vitória tática de torcedores que relembram positivamente essa memória, já que é uma republicação de uma homenagem à Coligay promovida institucionalmente pelo Grêmio.

Figura 7 – Publicação da Tribuna 77. Uma republicação do perfil oficial do Grêmio em que homenageia a primeira aparição da Coligay, em 1977



Fonte: Instagram (2022)⁸³

É equivocado tratar os “estereótipos históricos” presentes no imaginário da dupla Grenal como uma questão exata; não é possível fazer isso nem com as coisas ruins e tampouco com as coisas boas – ambos os clubes têm mazelas e refletem em seu microcosmos uma versão específica de todas as normas e antinormas vistas na sociedade que os cerca⁸⁴. De mesmo modo, é errado desconsiderar a existência desses estereótipos por eles serem inexatos – ainda mais em um contexto comunicacional: se as pessoas estão conversando sobre isso, se é algo comunicado interpessoalmente, essa “realidade” existe e precisa de reflexão. O ponto tratado aqui é que esses pontos estereotipados precisam ser

⁸³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CNf9WAFBzdE/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

⁸⁴ Essa complexidade de ideias dentro de um clube parte do tamanho de Grêmio e Internacional, que possuem milhares de sócios e milhões de torcedores. A partir do momento que um clube cresce nessa proporção é inevitável que o significado da marca se torne cada vez mais complexo e o ambiente físico seja habitado cada vez mais por pessoas diversas – de fascistas a antifascistas, por exemplo.

complexificados por quem estuda essa temática e essa limitação estereotipante, análoga ao pensamento clubista, tem questões negativas ligadas à lógica fascista, mas ao mesmo tempo pode e deve ser usada de maneira tática por quem quer mudar realidades – como está especificado no tópico a seguir.

3.2.1.2 – O clubismo nas táticas comunicacionais

O clubismo, como dito no trecho introdutório, é uma marca maniqueísta do futebol, mas é mais complexo por não se tratar de um pensamento extremista. Por mais que o clubista seja um defensor incondicional do clube, nem que para isso defenda ideias à margem do razoável, ele não se afasta das pessoas próximas que torcem para o rival. Carlitos, em uma opinião de ordem pessoal⁸⁵ que não representa, necessariamente, o que pensam os integrantes da *Coluna Vermelha*, explicita essa lógica:

“Porque, cara, eu odeio o [que o] Grêmio fez a mim, odeio a maioria dos gremistas. Quando estamos em ambiente de futebol, né? Quando estamos em ambiente de futebol é... certamente eu vou odiar a maioria dos gremistas. Não vou odiar todos porque minha mãe é gremista, né? Tenho amigos aqui dentro da [EMPRESA EM SIGILO] gremistas. Minha mulher... sim, né? A vida é assim.” (CARLITOS, 2021)

Em uma tática comunicacional baseada no contexto negar a realidade clubista pode ser um problema para quem pretende adentrar o ambiente do futebol com assuntos nem sempre tão usuais como o antifascismo. Um exemplo disso na práxis tática dos colorados é relatado por Carlitos, quando ele salienta a dificuldade de criar laços de amizade com os gremistas mesmo com a semelhança ideológica à esquerda:

“[...] Não dá, o bagulho é... é louco, o bagulho é violento, tá? Então, daqui a pouquinho tá, “vocês são aqueles que tão se abraçando com gremista por aí?” não vão te dar a bola, não vão nem é dar abertura pra tu entrar numa conversa sobre homofobia, sobre política, sobre qualquer coisa que seja importante pra nós entrar numa conversa com os caras. A outra que eu acho, que é uma visão pessoal minha, é que faz alguns anos que nós tamo apanhando demais do Grêmio. Então também não dá muita vontade de dar abraquinho em ninguém não (risos). Acho que se fosse contrário talvez a gente fosse um pouco mais ameno. Talvez eles não quisessem falar conosco.” (CARLITOS, 2021)

Para além da tática, é necessário considerar que os TAs não são apenas pessoas que buscam “converter pessoas” ao antifascismo. Isso é feito por uma causa maior que busca um ambiente futebolístico e social melhor, mas todas essas pessoas estão imersas de maneira intensa ao que é ser torcedor; ser torcedor do *Internacional* tem como parte

⁸⁵ Detalhes desse e de todos os diálogos com os torcedores antifascistas estão no apêndice da dissertação.

fundamental de sua identidade e cultura a hostilidade ao rival *Grêmio* assim como o inverso é verdadeiro e os gremistas vivem para derrotar o *Internacional*. A superação disso pode ser uma ideia, uma questão quase platônica de um mundo ideal, mas toda a práxis e análise sobre o contexto deve considerar o que é possível ou não; na contemporaneidade a rivalidade não só é existente como necessária – pelos motivos explicitados na seção da rivalidade Grenal e como um eleva o nível do outro –, portanto, o possível a ser feito é assimilar essa hostilidade de parte a parte e compreender que isso pode ser amenizado em uma sociedade que trata esses aspectos de maneira diferente e que respeite a competição como parte do processo interpessoal de existência, de evolução e de aperfeiçoamento. A disputa com o rival move o futebol e não pode ser demonizada; o que deve ser combatido é os sinais que fazem desse contexto um incentivo a violências fascistas e normativas.

No entanto, isso não é uma questão resolvida e tampouco é verdadeiro dizer que não há diálogo algum entre gremistas e colorados. Como relata Karina, há uma tentativa da *Tribuna 77* e do coletivo *Elis Vive* em dialogar com os torcedores do *Internacional* – e há uma certa recepção, em contextos específicos:

“[...] *A gente tenta ter não ter esse clubismo, pelo menos dentro da Tribuna [77] posso afirmar isso. A gente já tentou diálogo [...] com a Inter antifascista, é... apesar de não... de não ser, assim, muito receptivo do outro lado, né, como a gente percebe. Em relação ao coletivo Elis Vive, a gente tem muito mais abertura com as mulheres, a gente tem contato com as meninas da Força Feminina Colorada, é... assim, e que nem são, não... não levantam a bandeira do antifascismo, né? Nem tão por... são feministas, né? Isso sim, mas não, não, não tem a mesma ideia da Tribuna [77], mas que nos recebem muito bem, assim, ou recebem quando a gente tem um convite pra fazer, uma ideia pra trocar, é... claro, tudo tentando, é... manter minimamente a rivalidade, porque, né? Ninguém é de ferro, mas não o clubismo. Não é uma coisa assim “eu vou te odiar porque tu é do Inter”. Né? Eu acho que isso não atribula aí no coletivo não... não existe assim a... a gente... até porque é a nossa primeira bandeira é o antifascismo e não combina em nada tu odiar o teu rival, é... e querer ser antifascista ao mesmo tempo né? Odiar assim gratuitamente, digo... então é isso; rivalidade, não ódio.” (KARINA, 2021)*

Enquanto os gremistas da *Tribuna 77* enxergam o clubismo como algo a ser negado, ou ao menos minimizado, por se tratar de uma lógica odiosa, os colorados da *Cohuna Vermelha* veem essa lógica como parte ativa do ambiente e das táticas que apresentam – o que não significa que eles sejam a favor da faceta violenta dessa lógica. Não há ideia correta nesse caso, o que se busca aqui é mostrar que a assimilação e o uso dessa especificidade dependem do contexto e, de certo modo, da subjetividade pessoal de quem decide agir em táticas comunicacionais. Esse pensamento dos gremistas de união das torcidas não é novo: os pioneiros torcedores antifascistas da *Ultras Resistência Coral*,

do *Ferrovário-CE*, têm como lema uma frase análoga a ideais marxistas que diz “nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes” (PINHEIRO, 2020). Essa discussão sobre o *clubismo* ainda pode render muito na academia, pelos que pesquisam o futebol em relação com a comunicação e/ou por antropólogos que tenham o futebol como temática; é necessária uma concentração maior nesse aspecto, que tem pontos diversos que vão desde o incentivo à violência até uma união de identidade social/pessoal que tem potencial de transformação social e empoderamento.

Por mais que, de fato, o *clubismo* se assemelhe às características maniqueístas do (neo)fascismo, há uma especificidade *clubista* que precisa ser tratada para ir além na discussão desse fenômeno social do futebol: o *clubismo* é parte decisiva na identidade pessoal e sociocultural dos torcedores de futebol. É complexo, pois, o mesmo *clubismo* que discursivamente – e em especificidades torcedoras – separa as pessoas é o que traz união; ter ojeriza ao rival une as pessoas em uma conversa que pode, até mesmo, incluir um torcedor rival; a “conversa de bar” que tem o futebol como tema só faz sentido com a provocação *clubista*. Portanto, é possível ir além nessa conjuntura; observar esse outro lado do *clubismo* é importante para táticas comunicacionais e para minimizar o potencial fascista da rivalidade futebolística.

3.2.2 – As situações-limite nos ambientes dos TAs

A situação-limite é um conceito promovido por Paulo Freire (2020; 1981), como já dito anteriormente, e são resultados a serem buscados por pesquisadores e pedagogos que querem combater as opressões e educar baseado na epistemologia de incentivo à autonomia. Cidadãos conscientes conseguem encontrar as suas próprias situações-limite quando estão em um contexto de educação libertadora. No caso dos TAs, essa especificidade ocorre: os torcedores, organizados ou taticamente em ação individual, partem de um precedente de que para combater o fascismo é necessário o acolhimento do povo; o pensamento fascista é uma “nuvem ideológica” (ECO, 2020) que está presente no dia a dia, ou seja, independentemente dos políticos fascistas estarem no comando ou não, há sempre um resquício⁸⁶ fascista nos nossos comportamentos como sociedade que precisa ser reeducado para que não emerja em movimentos neofascistas como o

⁸⁶ Não se discute aqui a “natureza” ideológica do fascismo, tampouco uma origem desse aspecto ideológico análogo a ele, apenas se apontam os fatos que Umberto Eco apresentou sobre o fascismo na sua obra *O Fascismo Eterno* que é refletida e contextualizada à nossa convivência na seção 1.2.2.1 – As semelhanças da ideologia bolsonarista com o fascismo eterno.

bolsonarismo – e é disso que as pedagogias educacionais dos torcedores partem. Não se trata aqui de uma aversão a algum político ou um simplório “panfleto ideológico *antibolsonarista*”; aqui se observa do princípio de que esse movimento político quer a morte das pessoas fora da normatividade branca, rica, heterossexual e cisgênera, portanto, existe uma disputa de poder direta entre os *bolsonaristas* e as pessoas que não fazem parte dessa norma; para além de julgamentos passionais, a luta antifascista se trata de sobrevivência dos oprimidos socialmente.

Os colorados da *Coluna Vermelha* enxergam como uma *situação-limite* a especificidade LGBTfóbica de difícil mudança no *Internacional*. Novamente, a lógica clubista entra nisso: é mais difícil inserir um pensamento de vanguarda antiLGBTfobia quando houve um pioneirismo de torcida LGBT+ no rival, no caso, a *Coligay*; é do fazer clubista ojerizar tudo do rival e, dentro de um mundo altamente LGBTfóbico, é cômodo fazer pouco caso de uma iniciativa de torcida como a dos gremistas dos anos 1970/1980. Nesse caso, por mais que a lógica clubista faça parte das táticas dos TAs colorados, há um ponto em que se vê necessário superar o clubismo.

Os gremistas, por sua vez, enfrentam uma forte cultura racista dentro da Geral do Grêmio; essa é a torcida com mais adeptos no clube, representa de certa forma uma maneira de torcer que os gremistas se identificam – com uma linguagem mais assemelhada às *barras bravas* latino-americanas –, mas há um problema de conteúdo quando músicas racistas são entoadas pelos torcedores que integram a Geral. O caso mais marcante de racismo, envolvendo esses torcedores, foi o que ocorreu em 2014 quando Aranha, goleiro do Santos e negro, sofreu injúria racial por pessoas integrantes da *Geral do Grêmio*⁸⁷, o que culminou na eliminação do clube da Copa do Brasil⁸⁸. É um erro tratar a problemática racista como algo inerente ao *Grêmio* – assim como pode se associar erroneamente que a LGBTfobia é problema apenas colorado –, mas é inegável a necessidade de mudança de uma realidade que oprime moralmente e fisicamente os negros dentro do ambiente tricolor; Karina trata esse problema como algo mais antigo do que o Caso Aranha emergiu:

“Ah, na verdade eu tenho uma suspeita de que foi uma coisa a mais, né? Não foi decisivo... foi... foi só, ou seja, uma... um ponto mais nessa necessidade, mas aí mais do que isso, assim, é tipo, é mais um caso lamentável, né? A gente não... não... aí... não foi aí que começou a questão do Grêmio com... com a questão do racismo, não foi aí que começaram a cantar macaco, não foi aí

⁸⁷ Isso não é uma generalização. É um erro tratar integrantes da *Geral do Grêmio* como primordialmente racistas. Existem nuances dentro de uma grande torcida como a Geral.

⁸⁸ Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html>. Acesso em: 3 fev. 2022

que... que... que se criou essa ideia de que isso é uma lenda⁸⁹ e não um... um ato racista. Então, é uma luta que já vem desde antes assim e que acabou, ah... unindo pessoas que pensavam contra isso de... de forma parecida dentro da Tribuna 77.” (KARINA, 2021)

Portanto, compreender as *situações-limite* presentes no seu contexto é necessário para as criações das táticas, porque sem a compreensão de que a *situação-limite* é de fato uma *situação-limite* é difícil combater as opressões vigentes na sociedade; não se pode cair em nenhum discurso que naturalize opressões ou que considere relações sociais estanques por um desígnio natural. Como Freire esclarece, todas as relações são feitas de relações humanas que partem de uma vivência cognitiva única da nossa espécie, ou seja, nada é construído na pura impulsividade, mas sim de construções humanas – portanto, retirar o senso crítico do ser humano é necessariamente um ato de precarizá-lo:

“Para o animal, rigorosamente, não há um aqui, um agora, um ali, um amanhã, um ontem, porque, carecendo da consciência de si, seu viver é uma determinação total. Não é possível ao animal ultrapassar os limites impostos pelo *aqui*, pelo *agora* ou pelo *ali*. [...] Os homens, pelo contrário, porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um “corpo consciente”, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade.” (FREIRE, 2020, p.125)

3.2.3 – Os atos-limite promovidos pelas TAs

Para combater as situações-limites, para além das táticas (CERTEAU, 1998) há questões práticas de primeira ordem, os *atos-limite* freireanos – atos, estes, só possíveis depois da constatação das situações-limite (FREIRE, 2020, p.130). Partindo dessa premissa se vê claramente que os TAs de *Grêmio* e *Internacional* buscam criar seus atos-limites a partir do que enxergam de mais frágil dentro das fragilidades dos territórios onde se encontram: os gremistas apoiando uma “cultura de Grêmio” – intitulada assim pelos próprios TAs – buscando o acolhimento de pessoas que sofrem com as políticas *aporofóbicas* (CORTINA, 2020) ao redor do estádio gremista, no bairro Vila Farrapos; os colorados, por sua vez, dentro de sua especificidade descentralizada de uma “não-torcida” se organizam de maneira eficiente para ajudar os quilombos *Lemos* e *Machado*, que possuem relações próximas com os TAs colorados.

Os gremistas da *Tribuna 77* buscam sempre estar presentes em datas festivas, onde as pessoas empobrecidas pela desigualdade social capitalista sofrem com o desamparo

⁸⁹ É comum, entre gremistas que defendem a utilização do termo racista “macaco” para denominar o rival, que argumentem que isso é uma alusão pura ao animal macaco; outros falam que há uma analogia com o macaco pelo animal ter como característica imitar as coisas; os colorados, supostamente, imitam os gremistas em algumas iniciativas de torcida como a linguagem de *barras bravas* que é posterior nas arquibancadas coloradas.

físico e psicológico pela falta de dinheiro⁹⁰. Somando isso à ação de encher a cidade de colagens antifascistas e gremistas torna o ambiente de ideias propício a reflexões. Nisso, Karina relata sua experiência de ajuda à população das vilas da região e como isso incorpora ao que é, de fato, o *Grêmio* – o que abre uma reflexão interessante sobre isso em um futebol contemporâneo em quem apenas é parte do clube, para o senso comum, quem pode pagar para acessar os produtos dos clubes⁹¹:

“A gente tem... a... a questão das colagens: ela é organizada no grupo de WhatsApp, né? Tanto a questão financeira pras colagens, de conseguir grana pra fazer essas artes, e como pra também realizar as colagens né? “Ah... tal dia quem tá liso e quem pode dar uma mão”, né? Pra ir lá colar. E... e sobre diálogo além dessas artes que a gente considera, né? Um diálogo com a rua. É... a gente tem ali no entorno da Arena um diálogo muito bacana com o pessoal da... das Vilas que estão ali no entorno, né? Então a gente procura... Claro, pré-pandemia era muito mais fácil ficar por ali, fazer a prévia dos jogos ali, fazer um churrasco, conversar, ficar com as crianças que sempre, também, vem ao nosso encontro, as crianças da vila sempre que a gente chega ali tão de braços abertos, né? Que é uma relação bem legal que a gente tem com as crianças e com os pais delas... Então, a gente procura fazer isso, fazer as ações que tu deva comprar pelas redes sociais, de... de... de conseguir roupas e alimentos pra levar pra eles... até mês passado a gente tava conseguindo fazer mensalmente durante a pandemia, né? Esse mês ainda não saiu [e] já é dia vinte e cinco, mas... enfim, pro... pro Natal certamente também vai rolar alguma... alguma coisa, então a gente tenta estar sempre presente ali no entorno da Arena porque a gente entende que... que também é o Grêmio né? Levando esse apoio pro pessoal que está ali.” (KARINA, 2021)

Tratar as pessoas jogadas à margem social como parte ativa do Grêmio é um ato importante para o combate *antiaporofóbico*. Os clubes de futebol podem ser instituições de combate à fobia à pobreza, pois, como salienta Cortina, a desigualdade econômica é consequência *aporofóbica*, mas o que constrói a base disso são as relações assimétricas que permite que as pessoas não acessem às coisas básicas; o lazer é constitucionalmente contemplado como um direito do cidadão brasileiro e o futebol foi forjado historicamente como um lazer acessível aos mais pobres; quando se nega esse espaço às pessoas empobrecidas e quando se limita o “gremismo” ou o “coloradismo” à aquisição de um plano de sócio-torcedor, há aí uma perpetuação perversa da *aporofobia* – que é combatida pelos TAs antifascistas nessas ações inclusivas:

⁹⁰ A luta *antiaporofóbica* é ponto inicial para qualquer práxis transformadora; somente o povo amparado e alimentado consegue pensar em mudar a sua realidade. Não há reflexão nem filosofia em uma realidade em que não se tem o básico para a sobrevivência humana.

⁹¹ Essa discussão tem alguns fatores, mas vale o destaque para que, mesmo no raciocínio mais capitalista e predatório do futebol, uma narrativa que desconsidera as pessoas empobrecidas como parte do clube é errada; mesmo quem não vai aos jogos promove o clube em seus discursos, vestindo a camiseta do time – com seus patrocinadores – e elevam ao máximo o Grêmio como marca; desconsiderar as pessoas sem poder aquisitivo do marketing é uma questão mais ideológica do que da lógica do dinheiro. Questões sociais e até constitucionais, sobre o direito de acesso ao lazer e à cultura, são outros aspectos que podem entrar na discussão.

“[...] tentar eliminar a aporofobia econômica exige educar as pessoas, mas muito especialmente criar instituições econômicas e políticas empenhadas em acabar com a pobreza a partir da construção da igualdade. Não apenas porque a pobreza involuntária é um mal, mas também porque as relações assimétricas constituem a base da aporofobia.” (CORTINA, 2020, p.53)

A partir dessa aproximação, os gremistas conseguem falar sobre antifascismo sem que isso seja uma imposição. Baseando uma pedagogia no exemplo, criando taticamente – no dia a dia – o ambiente ideal para a demonstração de que os caminhos fascistas não são os ideais, os torcedores gremistas, de fato, estão criando uma “cultura de Grêmio”; essa cultura que vem sendo criada pelos TAs gremistas é baseada na defesa dos direitos igualitários, no antifascismo e no acolhimento ao próximo. Isso ainda não é o *status quo* do Grêmio nem do futebol, mas existir iniciativas nesses moldes, com ajuda ao próximo pelas ferramentas e fazeres da educomunicação (MALDONADO, 2020; MARTÍN-BARBERO, 2011) e da pedagogia do oprimido (FREIRE, 2020), faz com que a luta tática faça sentido.

Os TAs da *Coluna Vermelha* têm como *ato-limite* a ajuda financeira aos quilombos Machados e Lemos a partir de venda de produtos alusivos ao internacional e ao antifascismo. Os torcedores comercializam e, como deixam claro no ato da venda, parte dos recursos financeiros recolhidos vão para a comunidade quilombola – outra parte vai para o financiamento do coletivo de torcedores. Essa imagem, do jogador Taison com punho erguido, tem autorização do futebolista para que isso aconteça sem custos para a *Coluna Vermelha*; essa atitude por si só é filantrópica quando no mundo do futebol o direito de imagem dos jogadores os traz mais dinheiro do que o próprio salário em carteira de trabalho. Carlitos trata sobre essa negociação com os jogadores e sobre a motivação dos TAs para ajudar o povo quilombola⁹²:

“[...] a gente tem duas ações muito assim... mais ou menos permanentes com dois quilombos aqui de Porto Alegre, o quilombo dos Machados e quilombo Lemos, o Lemos por uma questão óbvia, né? Que é a nosso território ali do Beira-Rio e o Machado por questão de... de afinidade com algumas lideranças lá do quilombo que a gente tem, então cara... permanente, isso daí a gente arrecada grana com as camisetas do Taison, por exemplo, são todas camisetas que a gente falou com a família do Taison, a gente falou com o Taison. A gente deixou. A gente teve a autorização dele pra fazer camiseta com a imagem dele primeiro e com a camiseta do do Shaktar, né? Agora ele já tem essa imagem com a camiseta do Inter, né? Na luta antirracista e tal... e a gente, assim ó, uma parte pra nós, uma parte é pros quilombos, a gente consegue levantar uma grana, assim, razoável dentro das nossas, né?” (CARLITOS, 2021)

⁹² Inclusive, é simbólico que comunidades indígenas sejam ajudadas a partir da venda de produtos com temática antifascista.

Outro *ato-limite* da *Coluna Vermelha* só é possível a partir de sua tática específica de não se denominar uma torcida organizada: os TAs ajudam mulheres em vulnerabilidade⁹³ em conjunto com torcidas organizadas como a *Camisa 12* e a *Força Feminina Colorada* – ou seja, há uma relação de diálogo entre os TAs e essa TO.

“[...] agora a gente acabou de colaborar com uma parceria muito foda com a *Camisa 12* e com a *Força Feminina Colorada* que foi a distribuição de kits, isso até entrou em moda agora porque tá se falando isso né? Questão de menstruação das mulheres né? Pô, mais de quase novecentos kits, cara, foram distribuídos... a gente colaborou ativamente nessa daí com grana, com... com trabalho de ir atrás. Sim, a gente trabalha com outros coletivos, né? Principalmente ligados às torcidas do Inter, tá?” (CARLITOS, 2021)

Dentro de suas táticas, possibilidades e contextos específicos, cada torcida promove diferentes *atos-limites* para tentar mudar as *situações-limite* dos locais que habitam. A pedagogia é importante, tentar ensinar as pessoas questões éticas antifascistas é relevante em um Brasil tomado ideologicamente pelo neofascismo, mas é parte fundamental da práxis antifascista a ação (STANLEY, 2020); nisso, os torcedores fazem o seu papel a partir desses exemplos citados nessa seção e demonstram que para a luta antifascista é muito importante ouvir e conhecer as demandas intrínsecas do povo – sem o idealizar. Só conhecendo o lugar onde se está que se pode combater a LGBTfobia, o racismo, a misoginia e outras mazelas sociais; conhecer o contexto é importante para táticas eficazes.

3.2.3.1 – Os algoritmos, a falta de transparência e os formatos limitados

Esse aspecto comunicacional da pesquisa que trata como fundamental a comunicação interpessoal traz uma reflexão importante para quem milita politicamente, em quaisquer ambientes, no século XXI. Essa necessidade tática de habitar concomitantemente a esfera on-line e off-line se assemelha à conclusão de Castells de que as sociedades em rede são multimodais:

“O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se é multimodal. Inclui redes sociais on-line e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento.” (CASTELLS, 2013, np)

⁹³ Isso aconteceu em um mesmo contexto em que o presidente Jair Bolsonaro vetou um projeto de distribuição gratuita de absorvente menstrual. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/07/bolsonaro-projeto-absorvente-feminino.ghtml>>. Acesso em: 3 fev. 2022.

A *multimodalidade* emergida por Castells é especialmente importante na contemporaneidade atual em que os algoritmos são cada vez mais forçados a fechar as pessoas em seus ciclos sociais próximos. Vale salientar que essa conclusão parte do uso das plataformas no dia a dia em que se percebe que as recomendações são fechadas a gostos e assuntos-chave específicos; não há transparência e tampouco regulamentação dessas plataformas que exija que as grandes empresas de comunicação on-line sejam honestas em como lidam com os dados empregados a elas. As plataformas de redes sociais não são os únicos lugares que moldam os assuntos debatidos na esfera pública, no entanto, esses locais em que as pessoas habitam remotamente são os únicos sem regulamentação alguma; por mais que outros meios de comunicação sejam deficitários nesse aspecto (AMADEU, 2006), ainda sim existem regulamentações mínimas de responsabilização e de direitos de resposta, mas no caso das plataformas que utilizam da internet para sua promoção, a legislação é mínima – o Marco Civil da Internet, de 2014, apresenta questões de ordem criminal, mas em nada responsabiliza os donos das plataformas por crimes e falsidades incentivadas pelas grandes empresas⁹⁴ de cibercomunicação.

Para burlar as bolhas das plataformas é imprescindível estar presente de maneira física no ambiente em que se quer promover alguma ideia ou mudar alguma realidade. As plataformas de redes sociais, por si só, são insuficientes para mobilizar as massas para um bem comum; isso tem a ver com os algoritmos, mas tem muita relação com o fato da lógica dessas plataformas em tratar os conteúdos em totens, por mais complexos que possam ser:

O caminho, no entanto, não é abandonar essas redes sociais on-line. Os *smartphones* são verdadeiros computadores de bolso, às vezes mais potentes que as versões *desktop*, ou seja, de fato há potencialidade a ser explorada mesmo em plataformas não regulamentadas vista a potência, literalmente tratando, dessa tecnologia de comunicação. Para o melhor aproveitamento de todas as potencialidades comunicativas de um verdadeiro *nanocomputador*, que é o *smartphone*, é necessário ter o conhecimento geral do aparelho em si – suas funcionalidades – e ter conhecimento das limitações das plataformas em que ele se conecta; a partir disso que se é possível criar táticas para uma

⁹⁴ Existem dossiês de jornalistas, como o Facebook Papers, que mostram como os algoritmos manipulam a discussão da esfera pública incentivando publicações com informações mentirosas e de cunho preconceituoso. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/12/01/facebook-papers-provas-rede-manipulou-voce/>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

comunicação social eficaz e/ou uma pedagogia transformadora que tenham essas tecnologias como aliadas.

3.2.4 – Assuntos das torcidas nas plataformas de redes sociais

Como explicitado em detalhes na parte metodológica dessa dissertação, há aqui duas maneiras distintas de aproveitamento do material empírico digital dos torcedores antifascistas: primeiramente, uma recolha de 23 meses, de janeiro de 2020 a novembro de 2021, de todas as publicações feitas na plataforma de rede social Instagram; em segunda ordem, há um recorte desse conteúdo em que os últimos seis meses são considerados para um mapeamento detalhado do conteúdo publicado pelos TAs. Os *stories* do mês de dezembro de 2020 também foram armazenados, mas o conteúdo destes é pouco relevante em uma análise de conteúdo – outra especificidade tratada de maneira detalhada na problematização metodológica, seção 3.2.2.1.

Sobre o conteúdo em si, se viu que a maior semelhança entre os TAs é, de fato, o incentivo sem nenhum marcador fascista e/ou normativo: nenhuma publicação dos torcedores de *Grêmio* e *Internacional* traz conteúdo preconceituoso – mesmo os que são de conteúdo *clubista* e que busca inferiorizar o rival. Antes de entrar nas categorias que se repetem, vale especificar o que trataram as publicações que são tão específicas que entram nos infográficos como “outros” – 6,9% no total.

A *Coluna Vermelha*, a qual em específico dedicou 6,6% de publicações para assuntos além do de sempre de sua “linha editoria” – seis, sem números brutos –, tem mesmo nessas publicações algo em comum com as editorias mais recorrentes: há nessas ou um incentivo a algo dentro do clube ou uma clara dedicação a uma busca por justiça – dentro do que militantes antifascistas delimitam como justo. Entre esses conteúdos: um foi feito para criticar a realização da Copa América de 2021, no Brasil, em um momento crítico da pandemia de coronavírus, dois parabenizando aniversários de torcidas organizadas do *Internacional* – *Nação Independente* e *Camisa 12* –, duas em homenagem ao pedagogo Paulo Freire⁹⁵, e uma em alusão à cultura hip-hop local. Homenagear torcidas importantes do clube é relevante para a tática comunicacional baseada no contexto e faz sentido para pessoas que querem se inserir nesses ambientes de forma

⁹⁵ Essas duas publicações são indícios de que os colorados antifascistas, de fato, veem na pedagogia *freireana* um caminho para a sua militância, no entanto, não há em nenhum lugar um artefato de pesquisa em que se consiga afirmar isso de maneira factual – nem nas publicações, tampouco na fala de Carlitos enquanto representante da Coluna Vermelha.

amigável; elevar o nome de Paulo Freire para torcedores que talvez não o conheçam é papel importante de antifascistas brasileiros contemporâneos que veem o legado *freireano* atacado pela extrema-direita *bolsonarista*; criticar a realização da Copa América é uma denúncia de uma competição que à época foi criticada por desrespeitar o momento sensível que o país vivia – e a insensibilidade à isso, que tem muito a ver com o fazer necropolítico (MBEMBE, 2020) do Governo Federal durante a pandemia –; o incentivo à cultura urbana, como a do hip-hop, é, da mesma forma, um ato antifascista quando o ataque às manifestações culturais é forte em tempos de governo neofascista.

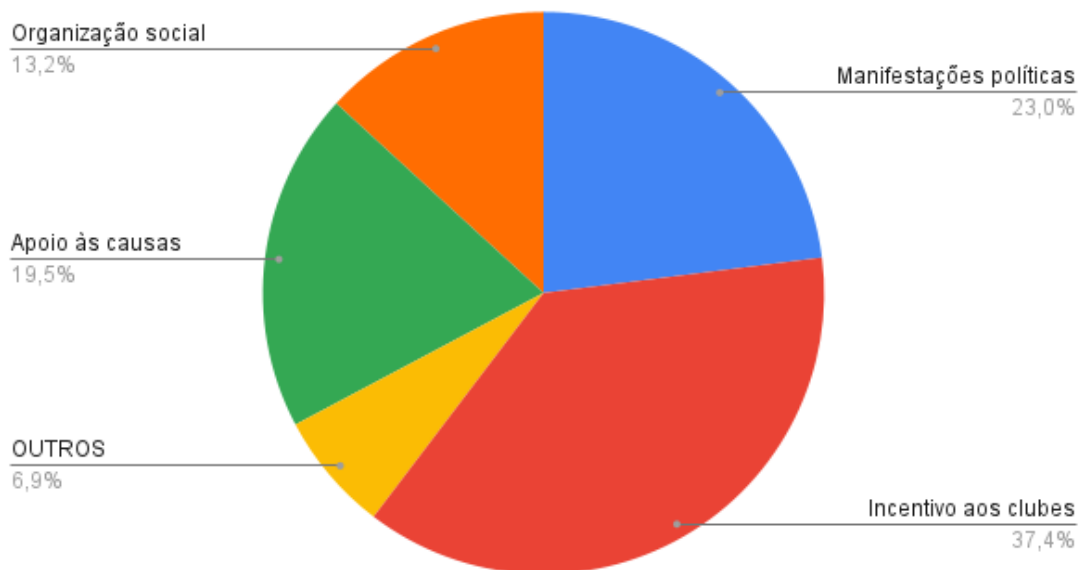
A *Tribuna 77*, que por sua vez tem apresenta 7,2% de seu conteúdo na categoria “outros” – seis publicações –, tem seu conteúdo diversificado em: três publicações homenageando artistas da música popular brasileira – duas falando sobre Gilberto Gil e uma sobre Elza Soares, ambas as pessoas com vínculos específicos com o *Grêmio* –; duas em específico sobre Lupicínio Rodrigues – uma das publicações sobre o seu *gremismo* e outra sobre um Trabalho de Conclusão de Curso, feito por um neto de Lupicínio e que teve o artista como temática; e uma publicação sobre a morte e o legado do ídolo gremista André Catimba. Da mesma forma como os TAs colorados, nessas temáticas existem especificidades únicas – a ponto de não entrarem em nenhuma das categorias mais usuais –, mas reflete a ideia de uma organização de pessoas que buscam a valorização da cultura como parte social importante – parte social que costuma ser minada em tempos de governos fascistas (ECO, 2020):

“O irracionalismo depende também do culto da *ação pela ação*. A ação é bela em si e, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. Pensar é uma forma de castração. Por isso, *a cultura é suspeita* na medida em que é identificada com atitudes críticas. [...] a suspeita em relação ao mundo intelectual sempre foi um sintoma de Ur-Fascismo. Os intelectuais fascistas oficiais estavam empenhados principalmente em acusar a cultura moderna e a inteligência liberal de abandono dos valores tradicionais” (ECO, 2020, p.47, 48 e 49)

Os demais conteúdos, com temática mais frequente, foram separados em editorias: *manifestações políticas, apoio às causas, organização social e incentivo aos clubes*. Abaixo, mostra-se os infográficos (figura 8, 9 e 10) com dados absolutos da porcentagem de publicações com cada uma das temáticas; o primeiro mostra dados gerais incluindo as publicações de ambas as torcidas, o segundo mostra em específico o que fora publicado pelos colorados da *Coluna Vermelha* e o terceiro mostra dados equivalentes das publicações da *Tribuna 77*.

Figura 8 - Infográfico que representa, em porcentagem e a partir de cinco categorias, o total de publicações dos TAs da Coluna Vermelha e da Tribuna 77 no Instagram

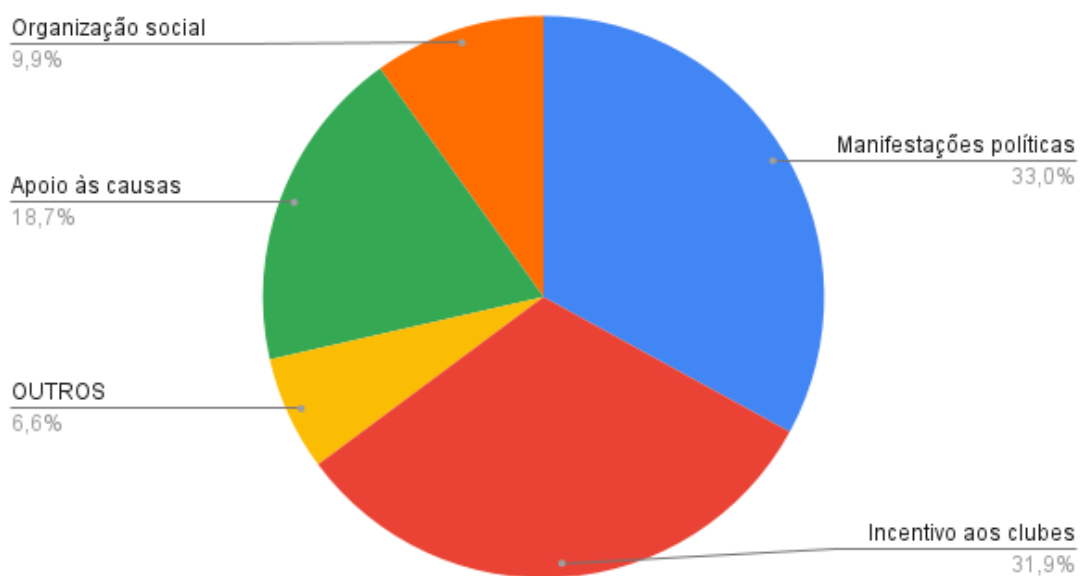
Total de publicações Coluna Vermelha e Tribuna 77



Fonte: Produção do autor (apêndice III)

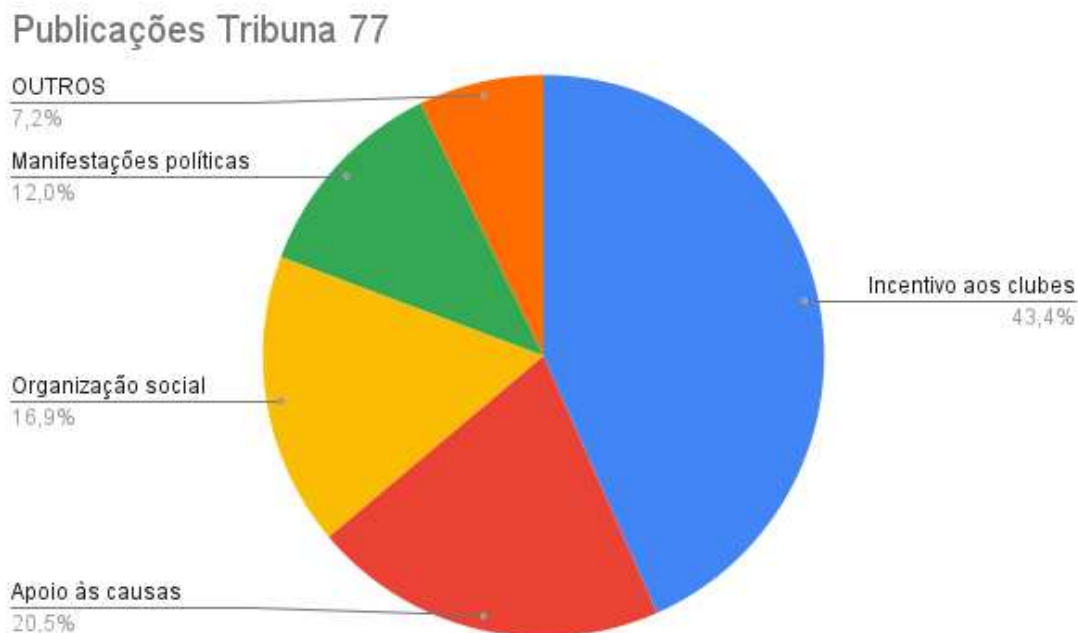
Figura 9 - Infográfico que representa, em porcentagem e a partir de cinco categorias, o total de publicações dos TAs da Coluna Vermelha no Instagram

Publicações Coluna Vermelha



Fonte: Produção do autor (apêndice III)

Figura 10 - Infográfico que representa, em porcentagem e a partir de cinco categorias, o total de publicações dos TAs da Coluna Vermelha e da Tribuna 77 no Instagram



Fonte: Produção do autor (apêndice III)

De maneira geral, os dados coletados mostram algumas tendências: a *Tribuna 77*, na sua plataforma de rede social, realmente age como uma torcida organizada quando tem como grande parte do seu fluxo de publicação incentivo ao *Grêmio* e *organização social* – 43,4% e 16,9%, respectivamente. Os TAs gremistas marcam sua presença, de maneira mais institucionalizada, no apoio e críticas ao seu clube; assim como há presencialidade física na comunidade com auxílios de subsistência e, com isso, mostra sua logomarca quase que como um marcador territorial; é fácil para qualquer pessoa perceber que a ajuda *antiaporofóbica* (CORTINA, 2020) é promovida por uma organização de torcedores e há uma promoção disso nas plataformas de redes sociais⁹⁶. Na mesma lógica, se vê nos TAs colorados que há uma grande importância, para estes, em incentivar movimentações cidadãs a partir de manifestações políticas – um terço das publicações dos torcedores colorados apresenta conteúdos convocando à manifestações antifascistas e/ou *antibolsonaristas* – enquanto não há organização física aos moldes da *Tribuna 77*; a ajuda aos quilombos Lemos e Machado é de ordem financeira, com produtos que associam o

⁹⁶ Isso não significa que as ações *antiaporofóbicas* sejam feitas para fins de *marketing*. Há uma promoção da torcida como agente social, mas na entrevista em apêndice fica clara a verdadeira intenção da Tribuna 77 em ser parte ativa de uma sociedade menos desigual. A relevância da marca da Tribuna 77 é consequência, que não pode ser ignorada em um trabalho que investiga relações comunicacionais, mas é equivocado inferir que as ações sociais são feitas com intuito primordialmente marqueteiro.

Internacional à lutas antifascistas, mas não há uma promoção dos colorados de sua marca como torcida organizada⁹⁷, ou seja, a práxis da tática do que é uma *organização de torcedores antifascistas* em vez de uma *torcida organizada antifascista*.

As causas que os TAs incentivam são de ordem parecida, mas existem preocupações específicas. Os torcedores costumam estar nas mesmas manifestações contra o governo Bolsonaro, por exemplo, mas existem especificidades: por exemplo, a *Tribuna 77* apresenta preocupação maior em seus conteúdos em tratar a questão indígena (figura 11) enquanto a *Coluna Vermelha* tem como especificidade de ajudar as comunidades quilombolas próximas ao Beira-Rio (figura 12). Essas questões são tão pontuais e peculiares que não é possível afirmar que o que não aparece nas páginas de colorados e gremistas são desimportantes para elas, mas é importante pontuar essas questões menores afim de entender que esses torcedores são ecléticos em suas demandas antifascistas e às vezes se movem de maneira distinta; o que pode ter causas diversas na subjetividade individual dos torcedores, e que a metodologia de pesquisa participante, aos moldes do que foi possível ser feito aqui⁹⁸, encontra um limite de compreensão.

Figura 11 - Captura de tela do Instagram dos torcedores da Tribuna 77 em apoio à manifestação indígena e destacando uma criança indígena gremista



Fonte: Instagram (2022)⁹⁹

⁹⁷ Porém isso não significa que os torcedores não promovam a Coluna Vermelha. O que os TAs fazem, nesse caso, é promoveresse movimento como uma ideia e não como uma torcida de fato, que poderia ser uma ameaça territorial às torcidas já existentes.

⁹⁸ Como explicado na problematização metodológica, a limitação se deu pela conjuntura pandêmica e pelo tempo limitado de um mestrado. Essa subjetividade de quem produz a comunicação é importante e seria possível de ser observada em uma observação participante mais intensa ou até em uma etnografia propriamente dita, mas tais métodos foram inviáveis em tempos de pandemia.

⁹⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/COHKrUEBMJW/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Figura 12 - Captura de tela do Instagram dos torcedores da Coluna Vermelha promovendo venda de produtos para arrecadar fundos financeiros para os quilombos Lemos e Machado



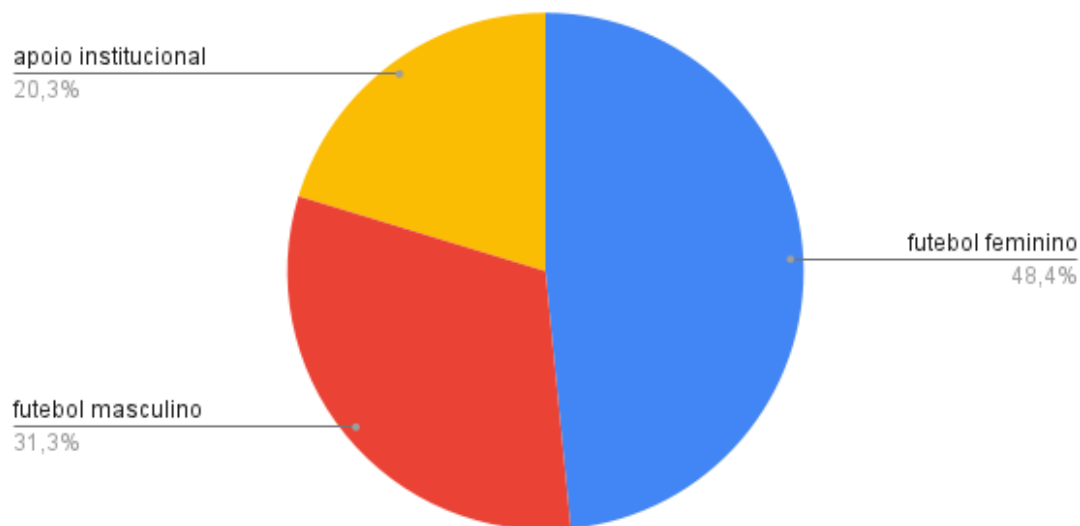
Fonte: Instagram (2022)¹⁰⁰

Dentro da recolha principal de dados se viu que foi necessário um recorte dentro da observação empírica dos seis meses de dados: as publicações da categoria *incentivo aos clubes* foi desmembrada em outra tabela (figuras 11, 12 e 13), em que se aprofunda esse incentivo entre *futebol masculino*, *futebol feminino* e *apoio institucional*. Em números brutos, os TAs da *Coluna Vermelha* têm 31,9% das publicações incentivando o Internacional enquanto a *Tribuna 77* publica apoio ao Grêmio em 43,4%; na contagem geral, em que se leva em consideração as publicações de ambas as torcidas em conjunto, a média é de 37,4%. Esse recorte é importante para perceber como a questão de gênero é relevante para os torcedores antifascistas; como visto nos infográficos abaixo (figuras 13, 14 e 15), 48,4% das publicações das torcidas antifascistas são de apoio ao futebol feminino de seus clubes, enquanto 31,3% são de apoio ao futebol masculino e 20,3% de apoio institucional, quando apenas a imagem do clube está em questão. Em específico: os colorados, quando incentivam o clube no Instagram, em 75% das vezes tratam de apoiar o time feminino nas publicações, enquanto 14,3% são de apoio institucional ao Internacional e 10,7% com incentivo específico ao futebol masculino; os gremistas, por sua vez, utilizam as plataformas de redes sociais em 47,2% para apoiar o futebol masculino, 27,8% o futebol feminino e 25% de apoio institucional.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CXYsq6huQYV/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

Figura 13 - Infográfico que representa, em porcentagem, a totalidade de apoio ao futebol feminino, futebol masculino e institucional dos torcedores da Coluna Vermelha e Tribuna 77

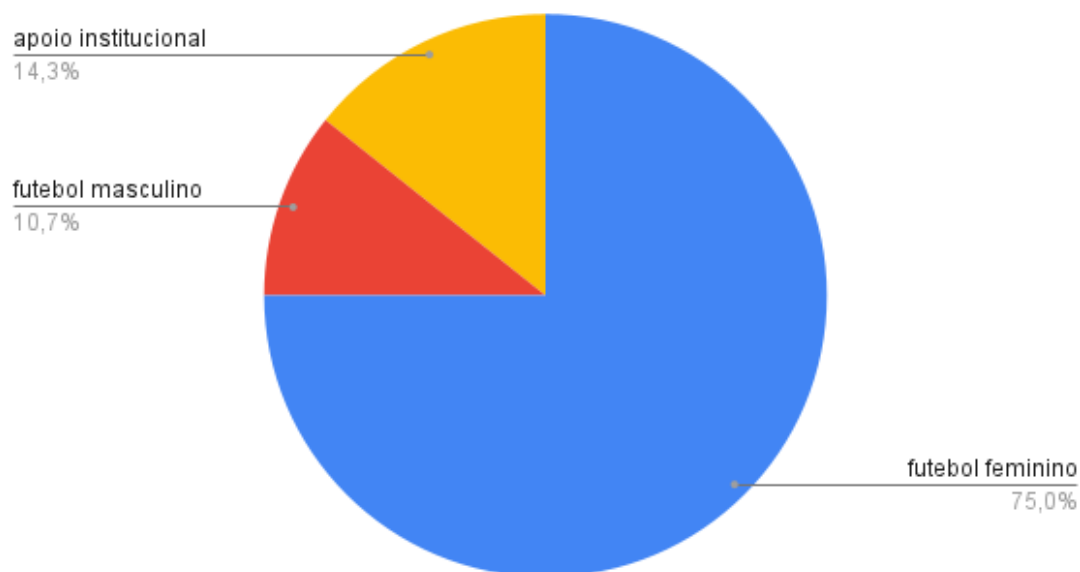
Total dos incentivos aos clubes - Coluna Vermelha e Tribuna 77



Fonte: Produção do autor (apêndice III)

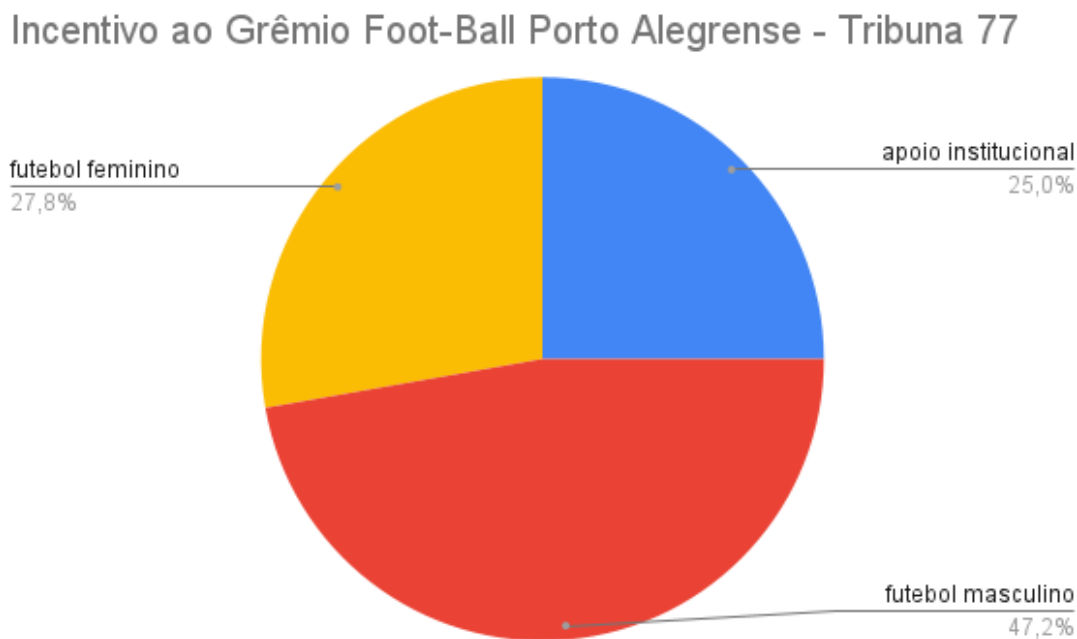
Figura 14 - Infográfico que representa, em porcentagem, a totalidade de apoio ao futebol feminino, futebol masculino e institucional dos torcedores da Coluna Vermelha

Incentivo ao Sport Club Internacional - Coluna Vermelha



Fonte: Produção do autor (apêndice III)

Figura 15 - Infográfico que representa, em porcentagem, a totalidade de apoio ao futebol feminino, futebol masculino e institucional dos torcedores da Tribuna 77



Fonte: Produção do autor (apêndice III)

Esses números podem levar a crer que a *Coluna Vermelha* apoia mais o futebol feminino do que a *Tribuna 77*. Isso não é um fato, visto que a lógica da presencialidade se repete em ambos os casos: enquanto as torcidas organizadas tradicionais dos clubes nem sempre estão presentes nos jogos do futebol feminino, os TAs comparecem em todos os jogos das “gurias coloradas” e “gurias gremistas”, como são chamadas carinhosamente pelos respectivos clubes. O que explica que nesse recorte específico os gremistas tenham dedicado parte importante dos conteúdos ao futebol masculino foi a fase do Grêmio que foi historicamente negativa e que culminou no seu terceiro rebaixamento da história; o Internacional, por sua parte, fez uma campanha sem muita repercussão nos campeonatos nacionais e continentais, ou seja, pouco se destacou nesses cenários para serem assuntos aos torcedores colorados.

Esse último ponto mostra que os torcedores antifascistas não são apenas militantes que se inserem ao futebol de maneira estranha ou aproveitadora. Dentro do que um clube de futebol significa, os contextos de dentro de campo são relevantes; a militância antifascista é uma questão de cidadania, de tentar melhorar o ambiente do clube preferido, de fazer um mundo mais justo – dentro e fora do futebol –, mas o que acontece dentro de campo é fundamental para compreender torcedores; desconsiderar esse aspecto seria um

erro básico e esse fator é parte do que explica a complexidade do clubismo, tratado em tópico anterior.

3.3 – NORMATIVIDADES NO FUTEBOL

O futebol, em todos os níveis – municipal, estadual, nacional e mundial – se estabeleceu inicialmente como um esporte masculino. Desde o final do século XIX, quando organização em campeonatos surgiu na Inglaterra com a FA Cup, o futebol feito por homens e para o público masculino se estabeleceu como uma tradição. O peso de mais de 150 anos de história faz com que a lacuna entre o futebol masculino e o feminino seja grande. A nível mercadológico é compreensível, mas pouco justificável a nível social – há, portanto, necessidade de esforços de reparação história para emergir o futebol feminino. É importante se manter a clareza de que a falta de prática feminina desse esporte não se trata de uma escolha ou tendência cultural no sentido das mulheres não se mobilizarem a isso; o futebol para mulheres foi proibido no Brasil em contexto federal na década de 1940 por Getúlio Vargas (FRANZINI, 2005), por legislações estaduais (SILVA, 2015) e apresenta profissionalização tardia no Brasil.

Graças aos esforços femininos diversos, de dentro e de fora do ambiente futebolístico, o futebol atualmente tem as competições femininas reconhecidas e incentivadas. A Copa do Mundo Feminina da FIFA teve em 2019 um marco de audiência: mais de um bilhão de pessoas assistiram o campeonato sediado na França¹⁰¹. A UEFA Women's Champions League, principal competição de clubes do futebol europeu, também apresenta relevância mercadológica, social e dentro do futebol cada vez maior: a ESPN ficou em primeiro lugar entre os canais de TV fechada quando transmitiu a final do campeonato entre Barcelona e PSG¹⁰².

A nível sul-americano o trabalho está mais no início. Apesar de bons resultados da seleção feminina do Brasil em competições relevantes – duas medalhas de prata em olimpíadas e um vice-campeonato da Copa do Mundo – tanto o nosso país como os demais da América do Sul estão atrasados nessa conjuntura. O Brasil, no contexto continental, é o mais estruturado pelo legado deixado pelas gerações anteriores que

¹⁰¹ Ver em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-divulga-audiencia-da-copa-do-mundo-feminina-e-diz-que-mais-de-1-bi-de-pessoas-assistiu-a-o-torneio.ghml>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

¹⁰² Ver em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2021/05/uefa-womens-champions-league-audiencia-espn-disney>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

fizeram bons resultados dentro de campo pela seleção brasileira sem nenhuma estrutura – sem campeonato nacional constituído e com os grandes clubes sem departamento feminino. Nas últimas três temporadas a CBF apresenta um Campeonato Brasileiro definido, com duas divisões, que dura um semestre; enquanto os campeonatos estaduais conseguem garantir o outro semestre de calendário de trabalho para as mulheres futebolistas.

A CONMEBOL ainda apresenta uma Libertadores feminina pouco atrativa, em uma sede fixa, que não privilegia o intercâmbio cultural tal qual a masculina que teve a primeira edição em 1960. Diferentemente do futebol masculino, que por décadas andou a um nível semelhante ou melhor ao futebol europeu, no futebol feminino isso nunca ocorreu – principalmente pelo contexto de expansão do futebol feminino ser mais recente e já abarcar desigualdades ocorridas pela Lei Bosman¹⁰³ e desigualdade financeira cada vez maior.

A norma do futebol pode ser personificada em um homem, branco¹⁰⁴, heterossexual e cisgênero. Quaisquer pessoas que não façam parte desse grupo seletivo e minoritário – em termos totais na população – não conseguem estar representadas no futebol contemporâneo sem uma série de obstáculos calcados pela normatividade. Essa norma não está presente de maneira arbitrária, ou seja, só existe pelo fato da sociedade num geral estar marcada por essa norma (FOUCAULT, 1988) o que mostra que é difícil tratar o futebol como uma “bolha social”¹⁰⁵. A norma é social e o futebol não é diferente. E como em todos os demais lugares de pertencimento social há resistência também no ambiente futebolístico – tanto na questão de profissionalização de pessoas fora da norma quanto na busca de uma torcida de futebol mais plural – e essa norma age tanto no âmbito da torcida, quanto no de jogadores, de profissionais esportivos num geral e na mídia esportiva.

As torcidas antifascistas de futebol, portanto, entram na resistência à norma. Não são pioneiras nisso, visto que as torcidas organizadas no geral buscam, da maneira delas, uma manutenção de pessoas de baixa renda nos estádios e, principalmente, nas novas arenas de futebol¹⁰⁶. No entanto, os antifascistas apresentam uma luta política original e

¹⁰³ A Lei Bosman é explicada e problematizada nessa dissertação no tópico 2.3.3.

¹⁰⁴ A presença de africanos, latino-americanos e árabes no futebol de alto nível se dá em caráter de mão de obra. Os mandatários do futebol, as chefias das comissões técnicas e dos clubes – até mesmo posições de liderança dentro do campo são predominantemente ocupadas por pessoas brancas.

¹⁰⁵ O “microcosmos social” que o futebol representa é afetado diretamente por tensões sociais presentes fora desse estrato.

¹⁰⁶ O detalhamento disso foi tratado na introdução, na parte em que se reflete sobre o *arenizamento*.

ligada com a luta ao *neofascismo*: há uma busca de quebra normativa no futebol, com a inclusão de mulheres, pessoas negras, do grupo LGBTQ+ e transgêneros nas arquibancadas que se soma à resistência política à esquerda que tem como tática a luta política contra o fascismo e o *bolsonarismo* dentro e fora do ambiente futebolístico. Uma quebra de paradigma dessas encontra resistência de pessoas que fazem parte da norma tradicional do futebol ou que são conservadores nesse ponto, ou seja, mesmo não sendo da norma concordam que ela se mantenha.

Essa luta se dá pela militância do dia a dia nas arquibancadas e nas ruas em conjunto com táticas comunicacionais que visam levar as mensagens contrárias ao *neofascismo* brasileiro e global – como visto na seção anterior. Aqui se mostra, a partir de um recorte da análise de conteúdo em andamento da plataforma de redes sociais Instagram, como esses torcedores transmitem mensagens contra opressões de gênero, sexualidade e étnica; em acréscimo, foi visível nas publicações das torcidas como questões de identidades culturais, baseadas na problemática social latino-americana, também encontra espaço na luta pela queda de normas que, nesse caso, veem o futebol tomado por fazeres eurocêntricos que escondem marcadores importantes da maneira como se faz o futebol localmente.

3.3.1 – A questão de gênero e sexualidade

A questão de gênero e sexualidade é muito encontrada nas publicações tanto da *Tribuna 77* quanto na *Coluna Vermelha*. No contexto bolsonarista a violência de gênero é comum e marca de seu conservadorismo; a sexualidade, por sua vez, apresenta a norma bem definida em uma exigência heterossexual, ou seja, tudo que não se trata desse modelo de relação afetiva é ojerizado. O *bolsonarismo* consegue se sustentar de maneira abrangente socialmente nessa questão. Diferentemente de outras bravatas, como a “luta contra a corrupção” e a “modernização da economia” a partir de um processo de desestatização, na violência normativa há estabilidade no governo Bolsonaro e é vista com legitimidade; atentando-se aos fatos, é possível perceber de vários ministérios que já se envolveram em problemas políticos, o Ministério dos Direitos Humanos e da Mulher, que tem o comando galgado na violência normativa, é pouco contestado em mais de dois anos de governo. Portanto, a violência contra o gênero feminino e contra pessoas do grupo LGBTQ+ vai além do *neofascismo* e há uma estrutura social densa que invisibiliza essas causas e as diferencia como alerta Michel Foucault:

“[...] o que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – seja atos ou palavras.” (FOUCAULT, 1998, p.9)

O futebol, como pertencente a sociedade e habitado por pessoas com especial apreço pelo conservadorismo baseado no moralismo sexual e de gênero, é um espaço de luta para pessoas fora da norma. Quaisquer pessoas fora da norma branca, masculina, heterossexual e cisgênera está em posição de defesa em um local que características étnicas, de gênero e de sexualidade são inferiorizadas e atribuídas aos rivais; ou seja, ser negro, mulher ou LGBTQ+ é algo não desejado dentro de si e os outros que “fazem coisa de preto”, “jogam como mulher” ou são “viadinhos” (SOARES, 2018). Butler, quando trata sobre os corpos em aliança nas ruas (2018), traz a problemática sobre a representação do de gênero: as normas são construídas antes do nosso nascimento e na convivência social somos obrigados a reproduzir esses “desígnios”; nisso “quando de fato começamos, sempre involuntariamente, a reproduzi-las, alguma coisa sempre pode dar errado” (BUTLER, 2018, p.38). Não corresponder ao gênero e a sexualidade esperada pela norma podem causar consequências das mais diversas desde segregações sociais até o extermínio de certos grupos “anormais” – e os conservadores bolsonaristas, a nível contemporâneo nacional, são agentes assumidos dessa discriminação.

Portanto, é mais que lógica e justificável a defesa de causas feministas e LGBTQ+ em uma organização de pessoas que se propõe “antifascista”. Se separa aqui publicações em plataformas de redes sociais que apresentam apoio duas questões importantes nas disputas do futebol de mulheres e LGBTQs, respectivamente.

A torcida gremista *Tribuna 77* em publicações do dia 2 de março de 2020 (figura 16) mostra sua presença física no apoio às atletas do futebol feminino. No tempo pré-pandêmico essa torcida se apresentou ativa no apoio às mulheres jogadoras e sempre comunicou o seu apoio em campo no Instagram – algo que continua com o distanciamento físico. Na fotografia da publicação se mostra uma troca quando o elenco aplaude a torcida em um final de jogo em que, segundo a *postagem*, “a vitória não veio”; portanto, há uma tentativa tática de mostrar para as atletas e para a torcida gremista num geral que é importante que se apoie o futebol feminino e que esse time representa o Grêmio da mesma maneira que o elenco masculino faz. Já no dia 26 de junho de 2020 (figura 17), dois dias antes da data que representa o dia internacional do orgulho LGBTQ+, a torcida mudou sua foto de perfil no Instagram com os dizeres “cultura de Grêmio pela diversidade – orgulho

LGBTQI+” e com um símbolo em que os punhos cerrados, símbolo de resistência, está com as cores do movimento pela diversidade sexual e de gênero. Nenhuma outra torcida organizada gremista assumiu essa pauta e na *Tribuna 77* isso é algo constantemente presente.

Figura 16 - Captura de tela de publicação da Tribuna 77 com conteúdo a favor do futebol feminino



Fonte: Instagram (2020)¹⁰⁷

Figura 17 - Captura de tela de publicação da Tribuna 77 com conteúdo a favor da diversidade de gênero e sexualidade



Fonte: Instagram (2020)¹⁰⁸

¹⁰⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B9Pcg1EHLHm/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

¹⁰⁸ Captura de tela feita em junho de 2020 e que não está mais disponível na página <https://www.instagram.com/tribuna77/>.

Assim como o exemplo gremista, a TO *Coluna Vermelha* se utiliza das plataformas de redes sociais para combater o descaso com as mulheres no esporte e a LGBTfobia. No dia 13 de setembro de 2020 (figura 18), a torcida fez uma reclamação direcionada à CBF por trazer os jogos do time masculino e feminino no mesmo horário. Essa reclamação se baseia no fato de que ambas as equipes são importantes para a torcida e que dividir as atenções em jogos no mesmo horário dificulta o crescimento do acompanhamento do futebol feminino. Em 17 de maio (figura 19), data marcada pela retirada do termo “homossexualismo” da lista de doenças da OMS – no mesmo dia em 1990 –, os colorados antifascistas comemoraram o fato do estádio Beira-Rio estar com sua fachada nas cores do movimento LGBTQ+. Assim como no caso dos gremistas, essa foi a única torcida organizada do Internacional a se manifestar sobre esses assuntos.

Figura 18 - Captura de tela de publicação da torcida Coluna Vermelha em manifestação contra a CBF que levou ao mesmo horário jogos do Internacional masculino e feminino



Fonte: Instagram (2020)¹⁰⁹

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFFyJ1hhXvk/>>. Disponível em: 21 fev. 2022.

Figura 19 - Captura de tela da torcida Coluna Vermelha em apoio a causa LGBT+



Fonte: Instagram (2020)¹¹⁰

3.3.1.1 – O transgênero e o cisgênero

Por mais que as mulheres, homossexuais e bissexuais sofram diversas violências estruturais e individuais há um trunfo que esses grupos possuem: devido a um processo prolongado de organização militante essas pessoas são visíveis mesmo que na opressão que sofrem. Já os transgêneros, o “T” da sigla LGBT+, possuem dificuldade de se imporem socialmente como um grupo válido; de forma concreta, há uma dificuldade em mais diversos estratos sociais em reconhecer as pessoas *trans* como seres que de fato existem. Todos os grupos de fora da norma estão sob uma condição de vulnerabilidade social em que são colocados sob juízo de uma lógica em que suas vidas não valem a pena por não se encaixarem no esperado normalmente.

De todos que estão sob a vida precarizada, os transgêneros são os que mais sofrem desse mal pela característica de invisibilidade que persiste na sociedade e, em especial no esporte. No voleibol, há o caso da jogadora transexual Tiffany Abreu que, com muita resistência das jogadoras e da Superliga de Vôlei, conseguiu exercer o direito de ser profissional e jogar na sua categoria de gênero, a feminina – depois de provas fisiológicas de que não havia vantagens físicas em relação às demais atletas. Tiffany é exceção e no futebol não há nenhum atleta, nem no masculino nem no feminino, que seja trans. O combate da militância feminina é árduo, de longo tempo histórico, mas reconhecido como existente; diferentemente disso, como já citado, as pessoas trans se encontram em invisibilidade: ao mesmo tempo não são consideradas em suas demandas específicas, são

¹¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CAToHFSn3Dz/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

violentadas diariamente pelo conservadorismo que nega sua legitimidade de existência como são e, em casos específicos, não são acolhidos e acolhidas pelos militantes da própria esquerda progressista.

A *Tribuna 77* não apenas inclui a causa trans no seu ato político como coloca uma mulher transgênero em posição de destaque. Luiza Eduarda, no dia 17 de junho de 2020 (figura 20), representou os TAs quando membros do governo tentaram criminalizar os movimentos antifascistas ao dizer que são “terroristas”. Atrás dela há uma bandeira com as cores do movimento trans com o logotipo da *Tribuna 77* e com os dizeres “cultura de Grêmio pela diversidade”. Na publicação que foi em vídeo, Luiza destacou o fato de que torcidas antifascistas rivais buscam o bem comum para a sociedade; falou como torcedores rivais em São Paulo e em Curitiba se uniram em prol de pautas a favor da democracia e, muito antes das investigações atuais da CPI da Pandemia, já chama o governo federal de genocida. Não há perspectiva histórica de TOs anteriores às antifascistas que deem visibilidade e tragam a posições de liderança uma pessoa trans como a *Tribuna 77* faz.

Figura 20 - Captura de tela de publicação da torcida Tribuna 77 em que Luiza, mulher trans, é porta-voz da TO



Fonte: Instagram (2020)¹¹¹

¹¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBjWYDNhfiE/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

3.3.2 – A questão étnica

É de notório saber que o racismo é uma das grandes mazelas sociais do Brasil. As pessoas negras por mais de três séculos foram escravizadas e a reparação histórica desse prejuízo social não foi feita aos seus descendentes que sofrem na atualidade os problemas de séculos de opressão. Assim como a violência de gênero e sexualidade que é normalizada, o racismo é estrutural na sociedade, aos moldes do que alerta Silvo Almeida (2020); tal estrutura envolve Estado de maneira ampla em um conjunto que vai desde as forças policiais e de justiça até o foro (necro)político (MBEMBE, 2020). Nessa complexa estrutura que o racismo se dissemina há um elemento importante que é o fato de ser difícil enxergar o racismo em uma estrutura que é constantemente levada ao raciocínio de que uma democracia é um “sistema onde os direitos e deveres são iguais”; somando isso à falta de consciência histórica faz com que quaisquer requerimentos de reparações sejam interpretados como “vitimismo” de alguém que “pretende levar vantagem”.

Há dificuldade de enxergar a norma racista no dia a dia. Em um relato em primeira pessoa, Almeida¹¹² refletiu sobre essa questão:

“[...] eu, mesmo sendo um homem negro, só fui “despertado” para a desigualdade racial ao meu redor pela atividade política e pelos estudos. O que me impediria de perceber essa realidade? O que me levava a “naturalizar” a ausência de pessoas negras em escritórios de advocacia, tribunais, parlamentos, cursos de medicina e bancadas de telejornais? O que nos leva – ainda que negros e brancos não racistas – a “normalizar” que pessoas negras sejam a grande maioria em trabalhos precários e insalubres, presídios e morando sob marquises e em calçadas? Por que nos causa a impressão de que as coisas estão “fora do lugar” ou “invertidas” quando avistamos um morador de rua branco, loiro e de olhos azuis ou nos deparamos com um médico negro?”. (ALMEIDA, 2020, p.62 e 63)

À luz desses autoquestionamentos existentes em uma pessoa negra submetida a um regime racista, Almeida responde tais ponderações:

“Todas essas questões só podem ser respondidas se compreendermos que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. Em outras palavras, o racismo só consegue se perpetuar se for capaz de: 1. produzir um sistema de ideias que forneça uma explicação “racional” para a desigualdade racial; 2. construir sujeitos cujos sentimentos não sejam profundamente a bala dos diante da discriminação e da violência racial e que considerem “normal” e “natural” que no mundo haja “brancos” e “não brancos”.”. (ALMEIDA, 2020, p.63)

¹¹² O poder de síntese e a autorreflexão feita por Almeida é altamente relevante quando se parte do fato de que ele é um homem negro. Tais questionamentos são válidos, no entanto, para qualquer pessoa.

Há uma distorção, normalmente compartilhada entre pessoas brancas, de que pelo racismo ser estrutural não há o que fazer e que não existem responsabilidades individuais. Pessoas brancas se eximirem de responsabilidade – que envolvem meandros éticos, políticos, culturais, econômicos e suas especificidade – na estrutura racista é uma antítese na luta antirracista; naturalmente, as pessoas negras devem liderar movimentos dessa natureza por viverem essa realidade a todo o momento e serem as grandes vitimadas disso, mas há nas pessoas brancas o dever de participar dessa luta, pois, nessa posição de privilégio os riscos/sanções são menores e isso deve ser usado em prol da luta contra esse mal social¹¹³.

O caminho da conscientização e da luta antirracista tem diversas táticas e as torcidas não apresentam o assunto de forma complacente: há uma tentativa clara de se tratar o racismo como um mal a ser derrotado. No dia 2 de junho de 2020, *Tribuna 77* fez um emblema, com um punho de uma pessoa negra serrado em símbolo de resistência, junto com os dizeres “sempre antirracista – sempre antifascista” (figura 21). No texto da publicação que o antirracismo firme se apresenta de maneira concreta quando afirma que “compreender que o racismo é a estrutura que funda e sustenta o fascismo é, sem dúvida, o passo mais importante para se concretizar a luta antifascista”¹¹⁴. Há, portanto, uma relação textual e imagética direta entre a torcida e a luta antirracista fundamental ao antifascismo. No dia 23 de junho de 2020, a *Coluna Vermelha*, por sua vez, traz um trecho de entrevista ao programa Roda Viva do filósofo, advogado e professor universitário Silvio Almeida (figura 22) – citado aqui pela obra “Racismo Estrutural”, importante para compreender essa questão a nível amplo e concreto. Almeida repercute o racismo no futebol e a torcida destaca parte da fala que salienta que a FIFA e os clubes ajudam a naturalizar o racismo. É possível perceber que o antirracismo de ambas das torcidas além de ser válido pela questão humana em si se baseia em reflexões teóricas relevantes.\

¹¹³ As condutas das pessoas com etnia branca no contexto antirracista das torcidas organizadas antifascistas é algo fundamental a ser entendido na aproximação etnográfica pós-qualificação.

¹¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CA8oPREnmTT/>>. Acesso em 1 jul. 2021.

Figura 21 - Captura de tela de publicação da torcida Tribuna 77 em apoio a causa antirracista



Fonte: Instagram (2020)¹¹⁵

Figura 22 - Captura de tela de publicação da torcida Coluna Vermelha sobre racismo com a palavra do intelectual Silvio Almeida



Instagram (2020)¹¹⁶

Fonte:

¹¹⁵ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CA8oPREnmTT/> >. Acesso em: 21 fev. 2022.

¹¹⁶ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CByDGEAnsm7/> >. Acesso em: 21 fev. 2022.

3.3.3 – A identidade latino-americana ex-cêntrica

Juega Boca
 Juega River
 Gana China
 Gana Catar
 [...]
 Barra enfurecida
 Sindicato trucho
 Gobierno vendido
 Juega Boca y River
 Pobre Carnaval

Manu Chao

O futebol é um marcador cultural relevante. Obviamente, não como é trazido por Mário Filho na obra “O Negro no Futebol Brasileiro”, no qual há uma estereotipagem e associação direta entre os negros e o “futebol do improvisado” (FILHO, 2010). No entanto, independente dessas normas serem corretas ou não, elas estão presentes no imaginário e, de certa forma, nas “escolas de futebol”. É inegável que o futebol é jogado de diferentes formas em diferentes lugares do mundo, mas é imprescindível levar em consideração que as principais ligas de futebol em disputas de clubes são verdadeiras “torres de babel” do futebol onde se reúnem os principais jogadores do mundo independentemente da nacionalidade – salientando, novamente, que isso não impede que o futebol apresente marcações locais nesses clubes visto que eles têm regimentos próprios baseados em seus associados ou seus donos que levam em consideração contextos locais. Levando em consideração o que é feito dentro de campo o futebol tem marcadores específicos que podem, de fato, ser culturais e que são afetados, coincidentemente ou não, pela estereotipagem. O historiador José Eduardo de Carvalho (2012), em sua obra sobre geopolítica, trouxe dois exemplos de países que têm em seus futebolis questões culturais importantes: a Dinamarca e a Itália. Carvalho inferiu que os dinamarqueses apresentam na sua maneira de jogar e organizar o esporte marcas culturais que envolvem uma maneira acatada e metódica de fazer (p.15) enquanto o povo italiano apresenta “a paixão pelo incerto e pelo suspense” (p.22) e que isso “levou os italianos a fazer uma escolha quando se trata de futebol: é preciso defender bem, o resto veremos depois” (Ibidem). Assim como no contexto dinamarquês as organizações funcionam de maneira plena e no caso italiano há uma forte disputa que “retrata com rigor tanto a distância social entre o norte

e sul como as intolerantes rivalidades locais” (p.22) – exemplificado de maneira mais atenta no tópico sobre o futebol como “microcosmos” sociais.

As estereotipagens podem não ser corretas no sentido antropológico por ser uma generalização incorreta do que se refere às complexidades dos povos que jogam futebol. Entretanto, há nessa propalação uma potencialidade de síntese que é absorvida pelo próprio torcedor: na circunstância local do Rio Grande do Sul, por exemplo, há um orgulho em se jogar o futebol de maneira diferente em relação ao feito no restante do país – com uma prática mais truculenta e defensiva do que técnica e ofensiva – e isso é absorvido quando os torcedores de Grêmio e Internacional trazem às arquibancadas, por exemplo, ritmos espelhados ao torcer das *hinchadas* argentinas e cantarem o hino do Estado em cima do hino nacional o anulando – algo que é complexo e traz consequências diversas desde o auto reconhecimento sobre ser cidadão latino-americano até agitações baseadas na xenofobia como o pseudomovimento separatista chamado “O Sul é Meu País”.

As torcidas antifascistas se utilizam de peculiaridades da cultura torcedora presentes em parte da América Latina, mas diferentemente das torcidas organizadas tradicionais fogem de imediato da diferenciação xenofóbica deixando claro em sua comunicação nas plataformas de redes sociais e nas arquibancadas que são acolhedores aos imigrantes. Em faixas se utilizam dos dizeres da militância antifascista ao redor do mundo *refugees welcome* (figura 23) e na internet recordam sua participação nas Copas dos Refugiados¹¹⁷ organizadas nos grandes estádios de Porto Alegre.

¹¹⁷ A Copa dos Refugiados foi um campeonato que ocorreu em 2017 e 2018, respectivamente na Arena do Grêmio e no Beira-Rio, que consistiu em organizar equipes compostas por imigrantes de diferentes origens a fim de confraternizar com as diversas culturas que os refugiados de diferentes partes do mundo representam.

Figura 23 - Captura de tela de publicação da torcida Tribuna 77 lembrando a Copa dos Refugiados, em 2017, e a participação da TO nessa confraternização



Fonte: Instagram (2020)¹¹⁸

No Brasil há um processo, visto como “progresso” que visa a “modernização” do futebol que é a *arenizamento* detalhada na contextualização desse trabalho. A *arenizamento* pode ser considerada uma perda de identidade no futebol brasileiro. Os estádios anteriores a essa gentrificação eram maiores, possuíam setores inteiros destinados aos ingressos baratos para pessoas com menor poder aquisitivo enquanto as arenas padrão FIFA, pensadas – ou baseadas – para a Copa do Mundo de 2014, retiraram essa parte democrática do ambiente futebolístico. Sem as manifestações de um estrato social relevante o futebol se torna menos democrático e faz com que o futebol seja feito cada um tipo distinto de público em relação ao que era em estádios plenamente acessíveis: a partir do momento em que mudam a lógica de acesso ao estádio, baseado na lógica do espetáculo e não na lógica de comparecimento para apoio ao time¹¹⁹, o torcedor se torna um espectador que exige que aquela atração tenha um valor agregado que faça sentido.

O processo de *arenizamento* também é justificado, por parte da mídia hegemônica, para combater a violência nas torcidas de futebol – se associa, no senso comum, o ambiente bélico das arquibancadas à condição social humilde dos torcedores (SANTOS e HELAL, 2016). Tal opinião preconceituosa é baseada na política de Margareth Thatcher

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_5scT_HYyS/>. Acesso em: 21 fev. 2022.

¹¹⁹ A lógica de apoio ao time é resgatada em momentos de crise técnica dos clubes que, nessas circunstâncias, trazem ingressos a preços acessíveis, lotam os estádios e trazem um ambiente diferente do de audiência passiva presente no futebol gentrificado.

que se utilizou de regras restritivas¹²⁰ para afastar os hooligans dos estádios ingleses – principalmente depois da tragédia ocorrida em Hillsborough¹²¹ (Idem). Porém, tanto no contexto inglês como no brasileiro, a consequência de políticas de restrição resultou com a elitização do esporte e a perda de uma parte da cultura popular inerente ao futebol.

O antônimo da elitização é permitir que o futebol exerça sua sociabilidade e sua potencialidade de democratização. Para isso, é necessário que os interesses do futebol estejam a níveis sociais mais avançados em vez de ser um produto pertencente a FIFA, CONMEBOL, CBF, federações estaduais, etc. Para além do jargão, o futebol precisa de fato ser do povo e gerido em políticas públicas democráticas – o primeiro passo disso ainda não foi desmembrado na América do Sul que é os clubes serem associações que decidem sua organização, em grande parte, no voto. Esse processo até começou a acontecer, depois do projeto de lei nº 14.193/2021 que aprovou a legalização das Sociedades Anônimas do Futebol – SAF –, e clubes como Botafogo e Cruzeiro já aderiram a essa organização, onde os donos que mandam no clube; no entanto, até o fechamento dessa dissertação, a maioria dos clubes continuam sendo associações¹²². Nisso entra a questão ex-cêntrica (TORRICO, 2019): para tornar o futebol mais democrático no nosso continente é necessário que as especificidades culturais da América do Sul – e isso não desconsidera a parte mercantil do futebol visto que a paixão dos torcedores latino-americanos pode ser potencializada e ser parte integrante de campeonatos sul-americanos como a Copa Libertadores e Copa Sul-Americana¹²³ mesmo no viés de dos campeonatos como produtos.

No pensamento ex-cêntrico, decolonialidade externada por Erick Torrico, é proposto que as soluções para as problemáticas da *Nossa América* sejam pensadas a partir

¹²⁰ Thatcher contribuiu para o desmantelamento do hooliganismo que, por sua vez, tinha laços fortes com o sindicalismo igualmente combatido pela presidenta britânica. Os hooligans foram submetidos a um processo de vigilância robusto e aos poucos banidos dos estádios – isso não significa que o hooliganismo não teve suas mazelas, mas a generalização estatal teve motivos políticos para existir.

¹²¹ Devido a superlotação do estádio de Hillsborough, na cidade de Sheffield, 96 torcedores morreram pisoteados. O tatcherismo culpou os hooligans pela tragédia e apenas em 2016 houve uma investigação que constatou a negligência das forças policiais no caso.

¹²² Isso é contrário à lógica ex-cêntrica. Clubes europeus, norte-americanos – mexicanos e estadunidenses – de fato possuem donos – físicos ou jurídicos –, mas essa lógica não só fracassou em vários clubes de médio porte – como Málaga e Deportivo La Coruña na Espanha, por exemplo –, mas foi debatida de maneira pouco abrangente em suas vantagens e seus riscos. Ainda é um assunto em aberto, pela sua natureza de novidade, mas é fato que as SAF trouxeram uma lógica estrangeira ao futebol brasileiro – sem julgamentos binários para dizer se isso como bom ou ruim, afinal, isso não é um papel de um trabalho como esse.

¹²³ A festa nas arquibancadas é utilizada pelas divulgações da CONMEBOL, mas contraditoriamente são proibidas nas arquibancadas para obedecer um padrão europeizado/“thatcherizado” do futebol.

das problemáticas e das virtudes locais sem que “norsteamento” seja a organização civil europeia. Torrico explica o porquê da semântica da palavra “ex-cêntrica”:

“Na linguagem coloquial, a excentricidade remete a um comportamento estranho, extravagante e até ridículo, criticável e, portanto, indesejável. O significado atribuído aqui ao conceito – não apenas ao termo – refere-se, antes, a um afastamento consciente e deliberado do que está “centralizado” e, conseqüentemente, dá impulso a uma opção diferente. O ex-cêntrico, com hífen, significa “o que está fora do centro.” (TORRICO, 2019, p.103)

O ex-cêntrico tem potencial para mudar a perspectiva atual do futebol sul-americano que está o levando a uma posição coadjuvante nunca vista desde a chegada do esporte ao sul global. A CONMEBOL, a partir do Thatcherismo e outros marcadores, busca que a Copa Libertadores da América se assemelhe com a UEFA Champions League e isso é prejudicial, pois, as soluções achadas pela UEFA para fazer com que sua principal competição de clubes, atualmente, seja a mais valiosa no futebol mundial foi pensada a partir da cultura europeia, ou seja, não se encaixa às necessidades do futebol latino-americano. Essa maneira recente de promover o futebol sul-americano – o “padrão UEFA” nas transmissões e na organização das competições continentais da CONMEBOL, com o jogo único sendo o maior símbolo, começou em 2019 – é, portanto, um método eurocêntrico de ver o mundo por considerar que apenas o caminho europeu de organizar o futebol é possível. Torrico reflete sobre isso no contexto epistemológico científico, mas reflete sobre a questão de maneira assertiva e associável a essa conjuntura citada aqui, pois, em ambos os casos o pensamento europeu é visto como o “centro universal” moderno (p.92):

“O centrismo-ocidental atravessa, assim, o espaço teórico comunicacional a partir de suas bases histórico-sociais e epistemológicas. É por esse motivo que se pode falar de uma comunicação “centrada”; em outras palavras, de um campo de estudos inscrito – desde o nascimento – no âmbito de interesses, sujeitos e procedimentos da ciência do Ocidente, apresentada como se fosse a única construção conceitual possuidora de bom senso e plausibilidade.” (TORRICO, 2019, p.95)

As estratégias da CONMEBOL não levam em consideração questões já sabidas por intelectuais latino-americanos há muito tempo como, por exemplo, os alertas de Maldonado para pensarmos métodos que levem em consideração os contextos do continente em vez de injetar de maneira forçada maneiras de ação insensíveis a isso.

“É um fato histórico, reconhecido pela maioria de vertentes políticas, que a *realidade* da América Latina é distinta à realidade dos berços da democracia liberal europeia e norte-americana; apesar disso, em reflexões de empirismo abstrato paradigmático tem se ensaiado, de modo repetido e fracassado, a aplicação de modelos próprios de outras configurações socioculturais, o que provoca defasagens graves entre a realidade discursiva, normativa e simbólica,

e a realidade socioeconômica, política e cultural.” (MALDONADO, 2015a, p.717)

A CBF também comete esse “erro epistemológico” de não enxergar o contexto local e buscar soluções para o futebol brasileiro utilizando moldes europeizados. Desde 2003 o principal campeonato do futebol nacional é disputado em pontos corridos e desde 2006 o Brasileirão é concorrido por 20 clubes na primeira divisão – a Série A. Existem méritos da CBF nessa chamada “era dos pontos corridos” e o principal deles foi a normalização do calendário que permitiu a estabilidade dos clubes de futebol do Brasil e proporcionou rendas de televisão cada vez maiores para os clubes graças a estabilidade que um campeonato com 38 rodadas possui. No entanto, isso cai em um problema de caráter estrutural: a fórmula atual que permite que apenas 20 clubes estejam na elite, outros 20 na segunda divisão e apenas outros 20 na terceira divisão faz com que a pluralidade do futebol brasileiro não seja respeitada. Desde 2005, quando o Paysandu foi rebaixado, nenhum clube da região norte do Brasil teve a oportunidade de participar da Série A e o Cuiabá em 2021 é o primeiro clube da região do pantanal brasileiro a estar na primeira divisão desde a Copa João Havelange em 2000¹²⁴ – e essas regiões possuem clubes com forte torcida local e tradição centenária. Ou seja, os campeonatos nacionais de primeira divisão se tornam locais habitáveis apenas para clubes do sul e do sudeste do país com participações sem estabilidade de clubes do nordeste. Na prática a elite do futebol do Brasil é regionalizada e isso ocorre pela fórmula do campeonato, que faz sentido apenas em locais de território menor como os países europeus¹²⁵, que culmina que seja impossível que o Brasileirão seja verdadeiramente nacional.

A falta de planejamento que vise uma maneira ex-cêntrica de se fazer o futebol faz com que os efeitos do maior intercâmbio de atletas na Europa, possível depois da implementação da Lei Bosman, atinja de maneira decisiva a qualidade técnica dos times

¹²⁴ No ano 2000 a CBF não pôde organizar o Campeonato Brasileiro por problemas jurídicos com o Gama-DF. Com isso, o Clube dos 13 – organização que era liderada por Fábio Koff em conjunto com lideranças de treze clubes brasileiros: os paulistas Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos; os fluminenses Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama; os gaúchos Grêmio e Internacional; os mineiros Atlético-MG e Cruzeiro e o baiano Bahia – que coordenou a competição e, para não ter problemas jurídicos se chamou Copa João Havelange e trouxe 116 clubes, organizados em três módulos, com a possibilidade de serem campeões brasileiros. A Copa João Havelange é reconhecida como o Campeonato Brasileiro de 2000 pela CBF. Nessa ocasião os clubes da região do pantanal foram o Operário e o Comercial, do Mato Grosso do Sul, e o União, do Mato Grosso.

¹²⁵ Não é coincidência que as disputas de campeonatos nacionais europeus sejam parecidas, em temo de grandes forças, com os campeonatos estaduais brasileiros – com poucos clubes grandes revezando a hegemonia. É possível ver nessa semelhança conjuntural que cada Estado brasileiro tem a complexidade de um país europeu e que tem um potencial grande tanto econômico como, principalmente, cultural.

da América do Sul. Ao ser impedido de se transferir do RFC Liège, da Bélgica, para o Dunquerque, da França, devido a antiga lei do passe que previa não previa multa recisória nem outros mecanismos legais de trabalho, Jean-Marc Bosman entrou na justiça para poder mudar de clube. “Com base no Tratado de Maastricht, que embasou a criação da Comunidade Europeia, o jogador foi ao tribunal de Luxemburgo pleitear a livre circulação de trabalhadores pelo bloco” (CARVALHO, 2012, p.73) e, com a causa ganha em cima desse argumento, abriu jurisprudência para que jogadores de nacionalidades pertencentes à União Europeia não contasse mais como estrangeiros e, assim, causou três efeitos: primeiramente, fez com que a UEFA e a FIFA não pudesse mais pautar as leis de transferência de atletas de nenhuma outra forma que não fosse baseado nas leis trabalhistas dos países. Segundamente, permitiu que os grandes clubes europeus – com maior capital financeiro – fizessem verdadeiras “seleções do mundo” já que as vagas para estrangeiros se flexibilizaram¹²⁶ e o limite para a busca de jogadores fosse “meramente” financeiro. Terceiramente – e a parte que mais importa aqui –, os clubes de fora da União Europeia e, em especial, os latino-americanos, mudaram a maneira de se comportar na questão da categoria de base que se antes buscava jovens promessas para integrar a equipe principal e conseguir boas campanhas nos campeonatos que participassem agora têm na venda de jogadores uma receita importante – os jogadores precisam vender os jovens para cumprir seus compromissos financeiros.

É urgente que as federações de futebol locais, nacionais e a CONMEBOL repensem a forma de gerir o nosso futebol no quesito mais amplo que isso pode ter. Desde permitir com que torcedores façam a festa da maneira que são culturalmente acostumados até permitir, no caso brasileiro, que o campeonato seja formulado de alguma forma a privilegiar a pluralidade (SANTOS, 2019)¹²⁷ de clubes pertencentes daqui, é necessário que se aja de maneira ex-cêntrica. Nenhuma solução para o futebol local se apresenta em espelhos europeizados e é importante que o esporte seja adaptado às nossas necessidades, vontades e à maneira de como faz sentido para quem pertence ao nosso ambiente.

Apesar de vermos aqui que uma solução ex-cêntrica para o futebol brasileiro e continental perpassa diversos setores da organização futebolística, e que as federações e

¹²⁶ Jogadores de outras nacionalidades fora da União Europeia, com o passar dos anos trabalhando nos times europeus, conseguem cidadania europeia. Assim a exportação de mão de obra de países fora do eixo da Europa Ocidental se torna cada vez mais viável.

¹²⁷ Nessa referência não se cabe a problematização do contexto futebolístico em si, mas sim uma notória necessidade de se pensar a partir das epistemologias do Sul – como Santos instiga – que, na conjuntura do futebol, pode se propor em mudanças estruturais como se traz nesse tópico.

confederações têm, potencialmente, as principais ferramentas para a mudança, é inerente que isso não parta das estruturas tradicionais. Aí entram as torcidas antifascistas que buscam justamente essa maneira mais humanizada de construir o futebol. As torcidas estão em conjunção com o que acontece na América Latina, com a história do continente e com marcas culturais que envolvem nossa conjuntura política continental.

O Brasil já perdeu muito tempo desconsiderando sabedorias de diversos povos ancestrais que habitaram e continuam habitando o território brasileiro e a quebra dessa lógica de não se considerar as complexidades precisa ser quebrada para o avanço social em diversas as áreas – e o futebol pode em muito evoluir nisso. Nessa questão quase epistemológica vale emergir Boaventura de Sousa Santos (2019) que converge com a questão ex-cêntrica de Torrico numa proposição decolonial de soluções que não tenham como espelho o “norte global” – principalmente na questão de dar visibilidade aos mais diversos contextos buscando, assim, um futebol local mais forte:

“Ao nível epistemológico, essa diversidade traduz-se naquilo que chamo de “ecologia de saberes”, isto é, o reconhecimento da copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles, a fim de maximizar a eficácia das lutas de resistência contra a opressão.” (SANTOS, 2019, p.12 e 13)

No seu conteúdo nas plataformas de redes sociais as torcidas mostram apoio às causas latino-americanas e a busca pelo ex-cêntrico. No dia 13 de abril de 2020 a *Tribuna 77* lembrou o aniversário de falecimento do escritor Eduardo Galeano e a homenagem que fez nas arquibancadas na data desse acontecimento; a faixa “*gracias por todo Eduardo Galeano*” (figura 24) está em destaque na publicação e está remetida com a *hashtag* #FutebolÉCultura¹²⁸. A *Coluna Vermelha*, no dia 30 de abril de 2020, em protesto ao veto presidencial à regulamentação da profissão de historiador, relembra do exemplo chileno de memória histórica: no Estádio Nacional de Santiago há uma parte intocada com o dizer em espanhol “*um pueblo sin memoria es un pueblo sin futuro*” (figura 25) para rememorar as torturas e execuções sumárias feitas pela ditadura de Augusto Pinochet naquele local; nisso, os colorados manifestam, a partir da imagem dessa arquibancada em questão, solidariedade aos historiadores atacados no Brasil e uma luta pela memória histórica necessária tanto a nível nacional quando latino-americano.

¹²⁸ *Hashtags* têm função de palavras-chave nas plataformas de redes sociais. Quando se usa um termo antecedido por um sustenido a plataforma cria um link que, quando acessado, mostra todas as publicações com essa *hashtag*. Quando a torcida publica #FutebolÉCultura, cria-se essa conexão com outras com o mesmo assunto.

Quando essas TOs se colocam simpáticas a elementos culturais e políticos que mostram a resiliência do povo latino-americano a ataques imperialistas – desde a exaltação da intelectualidade de Galeano até a memória do golpe militar chileno – levam à nível de debate, pelo menos potencialmente, a reflexão para uma outra maneira social local; no futebol e na política, o ex-cêntrico se apresenta nessa necessidade de resistência e promulgação do pensamento crítico em relação à nossa complexidade de conjuntura.

Figura 24 - Captura de tela da torcida Tribuna 77 mostrando uma homenagem ao escritor e intelectual uruguaio Eduardo Galeano



Fonte: Instagram (2020)¹²⁹

Figura 25 - Captura de tela da torcida Coluna Vermelha em apoio à profissão de historiador e lembrando a repressão da ditadura militar chilena



Fonte: Instagram (2020)¹³⁰

¹²⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-8G3H1n7xM/>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

¹³⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_m_nZ6nx1L/>. Acesso em: 21 fev. 2022.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE REFLEXÕES DA PESQUISA A QUESTÕES TEÓRICAS E DE PRÁXIS

A pesquisa em comunicação, a partir da práxis transmetodológica (MALDONADO, 2015; BONIN, 2011), é aberta a mudanças e as abarca de maneira salutar; mudar os rumos da pesquisa significa, quase que necessariamente, que ela está avançando ao rumo da construção do conhecimento, afinal, as verdadeiras descobertas desequilibram quem pesquisa e, em larga escala, pode abalar/repensar estruturas sociais. A pesquisa aqui feita teve como característica a busca constante da mudança de perspectiva; da curiosidade inicial, de uma certa empolgação da existência de torcidas que pensam o futebol a partir da igualdade entre as pessoas, se absorveu o real e não o idealizado: dos caminhos seguidos nas metodologias em conjunção se seguiram hipóteses diversas, que consideravam todas as possibilidades de uma organização como a de torcedores antifascistas, e a investigação se utilizou de todas as ferramentas possíveis¹³¹ para estabelecer, cientificamente, o retrato mais fiel possível dentro de uma pesquisa comunicacional com forte viés de contextualização sociopolítica.

Um exemplo de mudança de perspectiva foi a descoberta da importância da comunicação interpessoal nas táticas comunicacionais dos TAs. Por mais que isso não fosse um dos objetivos da pesquisa, havia nas entrelinhas do projeto inicial dessa pesquisa a ideia de explorar quase que exclusivamente os usos das plataformas de redes sociais; com o tempo e com a abertura epistemológica ao contraditório balizando a observação, se viu que era absolutamente insuficiente falar sobre uma comunicação feita à torcedores de futebol sem o contexto físico do futebol: algo que no primeiro momento causou certa insegurança, afinal, a pesquisa inteira foi concebida em meio à pandemia de coronavírus, e mostrou que os fatos estão acima de qualquer conveniência conjuntural, pois, o fato do futebol em 2020 e 2021 ter sido feito sem torcida nas arquibancadas não muda em nada o fato de que sem o povo presente no dia a dia o futebol se torna um produto culturalmente diferente, com sentido alterado e com valor simbólico-cultural questionável – quando sobra “apenas” o lado da venda midiática do futebol em estádios fechados. Dentro desse contexto, a militância é, de igual forma, injustificável sem a presença física nas ruas, onde

¹³¹ Todas as ferramentas, utilizadas e descartadas, estão discriminadas durante o capítulo da problematização teórica – que fundamenta cientificamente esse trabalho.

o povo¹³² está; sem o olho-no-olho, sem a fisicalidade da militância, pouco faz sentido os discursos mesmo que eles sejam corretos em seu conteúdo.

4.1 – AS POTENCIALIDADES DA COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL

A função imprescindível da comunicação interpessoal e de táticas comunicacionais multimodais em uma comunicação militante eficaz foi a principal descoberta para o objetivo geral da pesquisa que era *identificar como as torcidas organizadas¹³³ antifascistas acionam táticas comunicacionais para contestar normatizações dentro do ambiente futebolístico para incluir pessoas fora da norma branca, masculina, heterossexual e cisgênera e como isso afeta o esporte*. Para isso, os TAs se utilizam da conversa, de uma pedagogia baseada no exemplo pessoal e de intervenções urbanas como colagens e pichações para promover ideais de cultura baseados na igualdade. Na contemporaneidade é impossível pensar uma comunicação sem levar em consideração as plataformas de redes sociais, mas comunicar nesses meios sem pensar as consequências e potencialidades de levar os discursos à esfera pública física é um erro tático sensível.

A partir dessa consideração/descoberta principal, os objetivos específicos se aprofundam nisso. Na busca por *descrever os trabalhos interacionais produzidos pelas torcidas e refletir sobre suas consequências* se percebeu justamente essa articulação tática dos TAs entre comunicação interpessoal, uso das plataformas de redes sociais e intervenções urbanas. Dentro da especificidade do futebol, faz muito pouco sentido limitar o ativismo à esfera on-line; diferentemente de contextos que, de fato, existem na sociedade e que a vivência na internet é o que importa em primeira ordem – sendo o exemplo mais claro disso a comunidade ligada aos vídeo-games e, no contexto esportivo, aos eSports –, no caso do futebol não há possibilidade disso fazer sentido: a vivência

¹³² Aqui não se trata do “povo” como algo idealizado, mas como algo factual; o povo habita os lugares, precisa estar presencialmente nos lugares para a sua sobrevivência. Nisso, se constroem as relações sociais que precisam de táticas para mudanças de realidades.

¹³³ Todos os objetivos foram escritos antes da descoberta de que uma das iniciativas dos torcedores, a Coluna Vermelha, não é uma torcida organizada. Por isso, todos os objetivos que se referem aos TAs foram escritos pensando em TOs e isso não será escondido no resumo dos resultados finais, pois, essa descoberta por si só já mostra o aprofundamento denso e a não dogmatização do fluxo de pesquisa.

desse esporte é no dia a dia, na torcida nas arquibancadas, nas discussões dos resultados da rodada e na paixão por praticar esse desporto¹³⁴.

Na busca pela especificidade de *interpretar mudanças e potencialidades que a alteridade das torcidas* se considerou que a alteridade, de fato, é parte da pedagogia dos torcedores, a moldes parecidos com a *pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire (2020). Existia nesse objetivo específico uma hipótese/possibilidade de que essa alteridade não existisse, portanto, esse objetivo não incorria em uma idealização, mas sim em uma possibilidade; mas no aprofundamento da pesquisa se viu que, de fato, há uma práxis em que a alteridade é parte importante: quando a comunicação e a pedagogia se baseiam no exemplo e em uma conscientização que considera a conjuntura social do lugar onde está seu próprio território, se vê como a solidariedade é parte integrante do fazer tático – não só em ações filantrópicas *antiaporofóbicas* (CORTINA, 2020) como, principalmente, em considerar as opressões e tentar ao máximo trazer as pessoas oprimidas de volta aos clubes em um contexto de *arenizamento*.

Enquanto à necessidade específica de *avaliar os principais assuntos abordados pelas torcidas antifascistas dentro da causa das mulheres, dos negros e da população LGBTQ+* se observou um padrão entre as temáticas publicadas nas plataformas de redes sociais que, nem sempre, buscavam tratar sobre assuntos de opressão misógina, racista e LGBTfóbica – detalhes que foram mostrados na seção 2.3.1. Os torcedores buscam trazer isso em conjunto com assuntos diretos com o futebol de Grêmio e Internacional e nisso há um sentido claro de se colocar como uma organização de torcedores que de fato amam seus clubes em vez de serem simplesmente militantes intrusos. Isso dá credibilidade aos torcedores autônomos, principalmente os menos identificados às pautas progressistas, por mostrar justamente esse aspecto de que as pessoas possuem a mesma paixão pelo clube preferido – mais um caso da pedagogia baseada no exemplo.

Dentro da procura por *desvelar as táticas que as torcidas utilizam para justificar sua ocupação política nos ambientes comunicacionais e sociais do futebol* se viu uma complementação do que foi observado na descrição dos trabalhos interacionais; dentro da comunicação interpessoal e dos usos táticos das plataformas de redes sociais esses torcedores viabilizam suas ações antifascistas como parte justificável ao futebol. Visto o

¹³⁴134 Não se desconsidera nessa pesquisa o papel fundamental da mídia esportiva na construção do futebol; no entanto, essa interface comunicacional é inacessível aos construtores das táticas comunicacionais em que os TAs estão presentes. Inclusive, quem acessa a esse espaço, em boa parte, age a partir de interesses estratégicos (CERTEAU, 1998) de quem detém acesso ao lado capitalista do futebol.

senso comum de que as coisas “não deveriam se misturar”, e que o futebol deveria supostamente ser apolítico, é um avanço que esses TAs existam por si só. O fato que mostra que esses TAs de fato afetam o ambiente que frequentam é as consequências de seus atos na sociedade porto-alegrense e dentro dos clubes: as colagens nas ruas, as ações *antiaporofóbicas* e os atritos entre antifascistas e diretoria pró neofascismo – no caso dos torcedores da *Coluna Vermelha* – são exemplos concretos de como existe uma afetação direta na ação antifascista desses torcedores.

4.2 – O COMBATE ANTIFASCISTA NA COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL

As plataformas de redes sociais (RECUERO, 2009) são, como diz a expressão em toda sua exatidão, um caminho a mais para reunir pessoas dentro de um círculo social. O senso comum, que chama essa ferramenta apenas de “redes sociais” – desconsiderando sua característica de plataforma – erroneamente associando esse recurso a uma criação dessa dinâmica; como se as redes sociais tivessem sido criadas pelas plataformas on-line. Desde a Escola de Chicago o *habitat social* é estudado no âmbito da comunicação e os estudos ao longo da história da antropologia mostram como as pessoas se fundem em verdadeiras redes sociais na convivência física. Levando ao contemporâneo brasileiro, por exemplo, se salienta estudos das ciências humanas que, nesse aspecto, buscam entender o funcionamento do *bolsonarismo* e compreendem como ele se estabelece no on-line, mas de forma decisiva na convivência interpessoal (PINHEIRO-MACHADO, 2019) a partir de uma distorção da realidade cruel vivida no Brasil, principalmente, após a retomada neoliberal das políticas públicas em 2016.

Essas plataformas possuem como característica a valorização quantitativa das relações sociais. Indivíduos e empresas se utilizam, atualmente, do Instagram para propagar ideias, ideais e produtos que querem vender ou acham necessários para os grupos sociais que os seguem; a relevância dos conteúdos, no julgamento social e empresarial, tem muita ligação com os números de curtidas e compartilhamentos do que é publicado – e isso, de fato, possui lógica em um pensamento empresarial. Todavia, esse engajamento puramente numérico pode ser um engano em todos os contextos: mesmo para empresas, que investem dinheiro nessas plataformas, é um erro sensível crer que uma publicação muito curtida é sinônimo de engajamento, pois, nada garante que aquela curtida vá virar consumo à marca; da mesma forma, no contexto íntimo-pessoal, é

ficcional crer que uma ideia foi comprada pelas pessoas apenas porque “viralizou”¹³⁵ nas redes sociais. De pouco vale um conteúdo com muitas curtidas se ele não significa nada para as pessoas, daí o trunfo dos TAs: não limitar sua ação a esse local.

Os TAs mostram que a natureza multimodal das redes sociais, alertada por Castells (2013) é de fato a maneira mais eficiente de fazer ativismo na terceira década do século XXI. Os conteúdos das plataformas de redes sociais se somam ao exemplo pessoal e à conversa do dia a dia para, aí sim, construir uma pedagogia que faz sentido e que leva em consideração todas as conjunturas necessárias para lidar com iniciativas fascistas no ambiente futebolístico. A construção de um ambiente do futebol menos desigual requer, mais do que qualquer coisa, tempo; não existir um resultado a médio prazo a nível macro do futebol não significa que o trabalho feito pelos TAs até aqui foi em vão, pelo contrário, as pessoas que adquiriram/adquirirão senso crítico nesse processo e todas as pessoas acalentadas por iniciativas *antiaporofóbicas* têm valor inestimável e a solidariedade investida nunca será em vão, visto que transformar uma vida pode transformar um contexto familiar inteiro que, por sua vez, tem potencial quase que em progressão geométrica.

Aqui não se traz a eficiência pedagógica em termos quantitativos, de muito pouco importa números absolutos de pessoas “convertidas à luta antifascista” pois em uma militância é difícil fazer essa medição: a transformação baseada no exemplo é longa, pois, a pedagogia não se trata de um processo de arrebato automático, mas de uma construção de um senso crítico que depende de tempo que é variável de pessoa para pessoa. Tampouco é possível medir a eficiência da pedagogia antifascista promovida pelos TAs por consumo de símbolos; eles não significam que as pessoas de fato estão absorvendo as coisas de maneira verdadeiramente reflexiva, no máximo mostram uma tendência comportamental. Para saber se a iniciativa antifascista vai obter sucesso é necessário dar tempo e ver a mudança acontecer aos poucos: em 2014, quando ocorreu o caso Aranha, era pouco plausível que em oito anos existiria um núcleo consistente de torcedores que buscam combater o antifascismo nas arquibancadas; essa existência por si só é um avanço e essa iniciativa continuar viva durante todo o *status quo neofascista bolsonarista* significa que a resistência está viva no dia a dia do Grêmio. Da mesma forma, os colorados da *Coluna Vermelha* construir táticas para lidar com o conservadorismo de dentro do clube é sinal de que há, nessa iniciativa, uma resistência e

¹³⁵ Termo nativo das redes sociais da internet que refere ao fato de um conteúdo ter sido notado por muitas pessoas.

uma potencialidade de mudança do *status* conservador e de favorecimento do *arenizamento*.

4.3 – OS TEMAS GERADORES, A COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL E A PEDAGOGIA FREIREANA DOS TORCEDORES ANTIFASCISTA

Na conversa cotidiana, que é parte da tática dos torcedores antifascistas, que os TAs conseguem de maneira prática compreender o lugar onde eles estão. E, da mesma forma que os TAs agem, essa pesquisa buscou ter contato com esses torcedores, ao máximo possível, dados os limites físicos provocados pela pandemia, a fim de aprender de maneira generosa com as palavras dos TAs.

Com essa aproximação, sob a perspectiva epistemológica *freireana* da pedagogia do oprimido (2020), foi possível absorver de maneira satisfatória os temas geradores existente no contexto dos torcedores antifascistas. Tanto no geral quanto nos específicos ao *Grêmio e Internacional*, a escuta atenta e o aprendizado mútuo em detrimento a uma lógica vertical de pesquisa, em que se presume uma caracterização de “pesquisador e objeto”, fez com que se alcançasse os contextos de maneira assertiva e com menos subjetividades pessoais.

A nível geral, um local comum e quase óbvio é que ambos os coletivos de torcedores buscam uma luta incessante pelo fim de normatizações (FOUCAULT, 1988) e, de maneira mais abrangente, do neofascismo dentro do ambiente futebolístico. Apesar de essa ser a superfície desse movimento, é importante salientar que esse é um tema gerador de ambas, pois, é notório o esforço em comum mesmo que as cores dos clubes os separem; por mais que a rivalidade traga tensões entre os torcedores, como visto aqui na reflexão sobre o *clubismo*, em nenhum momento se vê a lógica da destruição entre *Coluna Vermelha e Tribuna 77*. Há a tentativa de derrotar o rival dentro do campo e até certas questões *clubistas* nos aspectos específicos no trato pessoal, no entanto, há um respeito mútuo e em nenhum conteúdo, nas plataformas de redes sociais ou na comunicação interpessoal, que trate em desincentivar o lado rival em ser antifascista.

Para além do geral, há na especificidade gremista uma busca pela inclusão das pessoas da comunidade das vilas Humaitá e Farrapos – bairros pobres ao redor da Arena do Grêmio –, a partir da pedagogia do exemplo e do uso das plataformas de redes sociais. As ações *antiaporofóbicas* são de cunho cidadão e buscam retomar taticamente o principal sintoma do *arenizamento* que é o afastamento das pessoas mais empobrecidas do principal *habitat* do futebol, que é o estádio – na atualidade, o ambiente propício para

o povo pobre acompanhar os jogos em grupo são os bares, onde o jogo é transmitido gratuitamente e com pouca consumação é possível congratular o esporte. Atitudes sociais que levam alimentos e mantimentos em geral vistas, pela parte da sociedade *aporofóbica* como esmola (CORTINA, 2020) é, na verdade, um alento: obter questões básicas de sobrevivência, para pessoas abandonadas pelo poder público, vai além do sentimento de gratidão e demonstra que essas pessoas também são dignas; as crianças poderem ganhar presentes no dia dedicado a isso, o Natal poder ser um momento de festa, poder comer chocolate na Páscoa ou simplesmente poder conversar com pessoas novas que olham no seu olho é muito importante, porque, só assim que se muda uma realidade. Um discurso de igualdade que não leva em consideração preceitos básicos da existência é vazio em sua prática, portanto, ações de valorização da vida em seus significados mais singelos transformam vidas e são partes importantes de uma práxis pedagógica; basear as coisas em alteridade é passo fundamental para combater o neofascismo que, em um mundo de distopia, traz a destruição – do próximo e do diferente – como única alternativa (PAXTON, 2007; STANLEY, 2020).

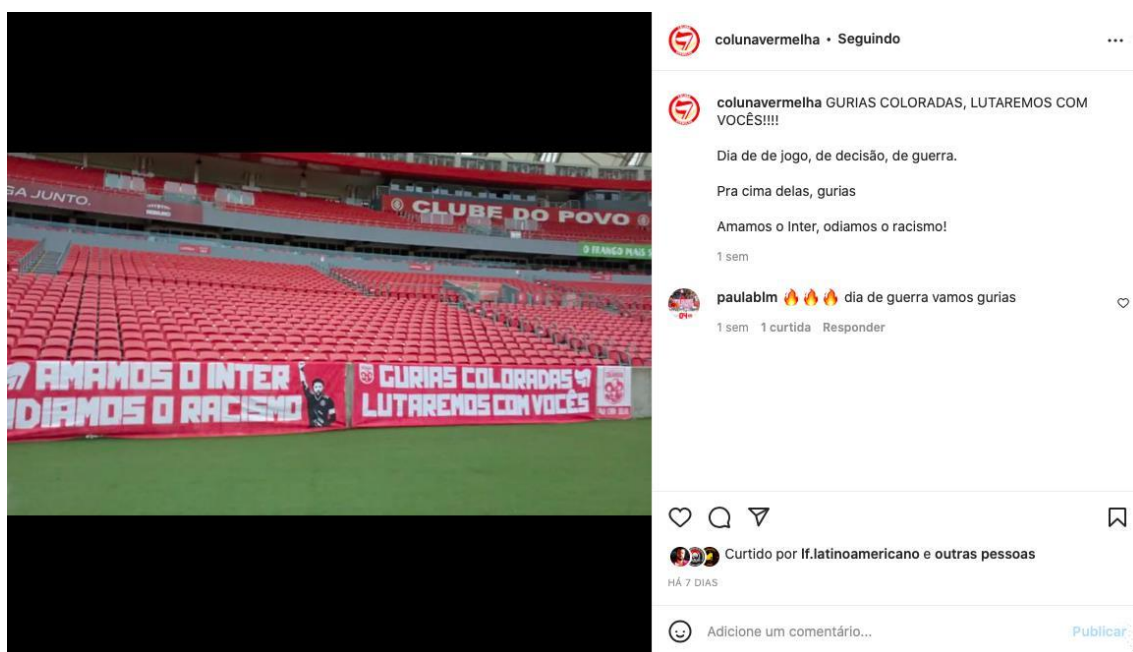
O contexto de combate ao *bolsonarismo* dentro da política interna do Internacional é um tema gerador específico da *Coluna Vermelha*. A contradição do jargão “Clube do Povo” com o contexto conservador, emergida pelos antifascistas colorados, é uma questão de relevante discussão: o povo nas urnas, em 2018, no Rio Grande do Sul, foi, em sua maioria, *bolsonarista* – e isso inclui colorados, gremistas, torcedores de outros clubes e até pessoas que não gostam de futebol. Esse fato político, proveniente da democracia representativa, é de se considerar, afinal, “o voto não representa o povo?”. A resposta a esse questionamento pode até ser positiva, mas desconsiderar a campanha política desonesta de 2018 – tão questionável a ponto de ser alvo de inquéritos judiciais¹³⁶ – é não alertar para um contexto relevante da corrida eleitoral em que Jair Bolsonaro foi eleito. Considerar o povo como, unicamente, a parte que lhe interessa e que concorda com seu projeto de poder é uma característica fascista – que chega ao ponto de tratar a discordância como traição (ECO, 2020, p.49) –; o povo não é uma massa uniforme, mas

¹³⁶ Por insuficiência de provas e por questões burocráticas da justiça, a chapa Bolsonaro/Mourão foi absolvida das acusações de plantarem falsidades durante a campanha eleitoral de 2018. É notório o uso fraudulento das plataformas de redes sociais feitos pelos *bolsonaristas* e o Supremo Tribunal Federal promete, a partir das palavras do ministro Alexandre de Moraes, que tais práticas serão coibidas em 2022. Essa é uma luta social que, até o momento, foi pouco discutida a nível de regulamentação dessas mídias sociais, mas a punição contra estelionatários está à vista da democracia brasileira. “Moraes afirma que responsáveis por fake news em 2022 serão cassados e presos”; ver em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/10/4958768-moraes-a-firma-que-responsaveis-por-fake-news-em-2022-serao-cassados-e-presos.htm>>. Acesso em 11 fev. 2022.

um conjunto de pessoas complexas em sua conjuntura geral e até mesmo em sua especificidade como indivíduo. Estereotipar o povo como *bolsonarista* não é o correto, assim como fazer esse movimento à esquerda é, da mesma forma, equivocado; o povo tampouco é uma unidade de pessoas sensatas e que só precisam da “luz” do conhecimento militante. O que é necessário é trabalhar pelo poder do convencimento em uma realidade cruel: o *bolsonarismo* a partir de sua incapacidade de gerir a União em seus problemas reais transformou o Brasil em um país de famintos, com inflação galopante e com mais de 650 mil mortos na maior pandemia do século. A partir do real que é possível combater o fascismo; mostrar para aos indivíduos afundados na ideologia neofascista que pessoas negras, mulheres, LGBTQ+ e indígenas não são inimigos de seus interesses, mesmo que interesses baseados no cristianismo, é parte importante da batalha contra o neofascismo *bolsonarista*, portanto, é justificável a recusa dos torcedores da *Coluna Vermelha* em congregar seu clube de coração com integrantes do *bolsonarismo* que representam uma ameaça a todos esses grupos; o antifascismo é uma práxis de defesa e, do mesmo modo, de avanço civilizatório, quando busca a luta *antinormativa* e visa a igualdade étnica, de raça e de sexualidade; isso é incompatível com o *bolsonarismo* e, para que o povo possa ter esse mundo mais igualitário, esse extremismo à direita é incompatível: em um Internacional igualitário e para que todos e todas, de fato, possam ser povo, o *bolsonarismo* precisa ser combatido.

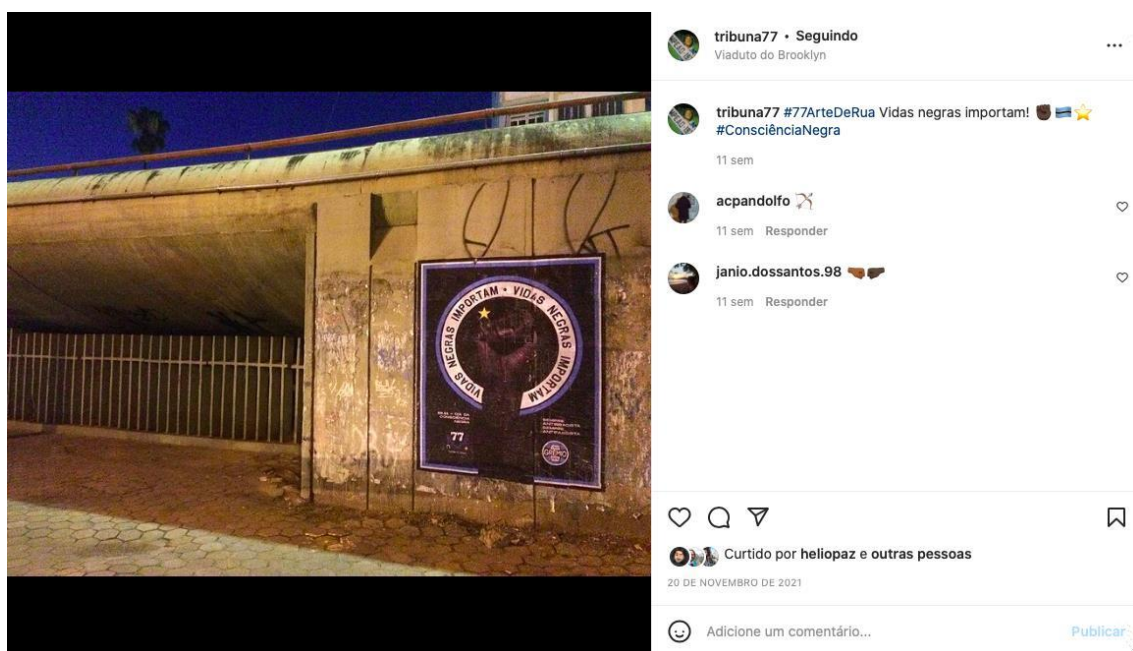
Nessa comunicação tática com o povo, outro elemento é relevante: as faixas nas arquibancadas e as mensagens nas ruas. Levar faixas como “amamos o Inter, odiamos o racismo” (figura 26) e levar às ruas questões como “vidas negras importam” (figura 27) integradas às cores da dupla Grenal mostra que esses assuntos combativos ao racismo. Ao mesmo tempo que o *clubismo* pode ajudar nas táticas *antinormativas* – como explicitado na seção 2.2.1.2 – há uma relação básica a ser desvinculada a essa lógica: as lutas antirracistas, antimachistas e antiLGBTfóbicas são de todos os torcedores; nenhuma dessas questões é exclusiva de algum clube e, tampouco, se deve deixar de ser *antinorma* pelo fato de o lado rival bradar a favor dessas lutas.

Figura 5 - Faixas levadas por torcedores da Coluna Vermelha em que combatem o racismo e incentiva o Internacional - no futebol masculino e feminino



Fonte: Instagram (2022)

Figura 6 - Colagem antirracista da Tribuna 77 no Viaduto do Brooklyn, em Porto Alegre



Fonte: Instagram (2022)

Convidar ao pensamento crítico mostra a pedagogia *freireana* feita nas ruas – e a intencionalidade dessa práxis com a teoria de Freire é, nesse caso, pouco relevante. Os símbolos dos TAs são mais convidativos do que opressivos, o que convida o oprimido a repensar seu lugar do mundo e enfrentar situações-limite como tais. Um convite ao antifascismo é uma antítese completa da *imposição-neofascista-bolsonarista* e esse é um

conceito de liberdade diametralmente oposto à liberdade irresponsável do neoliberalismo – afinal, liberdade sem responsabilidade social acentua as injustiças, pois, nesse caso apenas os donos das ferramentas de moldes das estratégias sociais (CERTEAU, 1998) conseguem se expressar¹³⁷. A liberdade de expressão é plena quando o oprimido é apresentado a assuntos diversos com a amplitude necessária; o conhecimento de fatos sociais como as opressões normativas é parte desse processo em que a pessoa, potencialmente, pode deixar de se ver como vítima de um destino cruel quase calvinista para passar a ver o mundo a partir das estruturas opressivas do sistema social contemporâneo.

Em resumo, não há ativismo eficaz sem táticas comunicacionais pensadas com alteridade, inteligência e com embasamento no contexto envolvido. As plataformas de redes sociais podem ser aliadas nesse processo desde que se conheçam suas limitações – esses limites de todas as interfaces precisam ser conhecidos para o estabelecimento de uma tática. No contexto em que as redes são forjadas para limitar discussões relevantes, elas serem usadas como chamarizes para o debate e aprofundar, daí sim, pessoalmente é o ideal – essa dinâmica que se chama aqui de *pedagogia baseada no contexto*.

A comunicação está em todos os lugares, o fazer pedagógico idem e, a junção das potencialidades dessas duas questões levadas à práxis, formam a educomunicação (MALDONADO, 2020; SAGGIN e BONIN, 2021). Saber o público-alvo é importante para qualquer planejamento comunicacional, mas quando se quer utilizar ferramentas de comunicação para fins pedagógicos é especialmente importante que se pensem métodos que permitam o conhecimento de contextos e que façam com que o pesquisador emergja a essas realidade de maneira incisiva e inclusiva; isso faz com que quem pesquise consiga saber seus limites epistemológicos e, ao mesmo tempo, traga à luz resultados que façam sentido para a comunidade científica e para quem confiou suas vidas em pesquisas com moldes participantes e/ou observacionais.

¹³⁷ Essa liberdade que se abstém da responsabilidade social liberta todos os racistas, machistas e LGBTfóbicos; todas essas estruturas opressivas mantém o capitalismo como sistema opressivo e a perpetuação do sistema capitalista tem como forte aliada as estratégias que constroem o próprio, como explicado no subcapítulo 2.2.1.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alison Sullivan de Sousa; SILVA, Francisco Vieira da. **Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo**: da repetição à prática. Dossiê: Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil. Revista Multilíngue do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, v.14. jan./dez. 2020.

SILVERIA, Sérgio Amadeu. **Hackers, Monopólios e Instituições Panópticas**: Elementos para uma Teoria da Cidadania Digital. Trabalho apresentado ao NP sobre Tecnologias da Informação e da Comunicação, INTERCOM, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Persona, 1977.

BASALI, Rogério Alessandro de Melo. **A MENTIRA NA POLÍTICA**. Revista Ideação, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, v.1, n.32, 2015.

BONIN, Jiani. **Revisitando os bastidores da pesquisa**: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy [et al] (Org.) Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.p.19-42.

BONIN, Jiani; ROSARIO, Nísia (Org.). **Processualidades metodológicas**: Configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013.

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação Contra a Covid-19**. Secretaria de Vigilância em Saúde; Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis; Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. 5ª ed. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/marco/23/plano-nacional-de-vacinacao-covid-19-de-2021>>. Acesso 15 jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. **Redes da Indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DATAFOLHA. **Futebol e Copa do mundo**. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/04/13/f21c6daf5d8b98f2a94089505961847f6576d01a.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

DUARTE, Leticia. **Vaza Jato**: os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. 1.ed.

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 5ª edição, 2010.

FINGER, Cristiane. **Crossmedia e Transmedia**: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. Em *Questão*, vol. 18, núm. 2, mayo-agosto, 2012, pp. 121-132. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

FISCHER, Emma P.; FISCHER, Martin C.; GRASS, David; HENRION, Isaac; WARREN, Warren S.; WESTMAN, Eric. **Low-cost measurement of face mask efficacy for filtering expelled droplets during speech**. *Science Advances*, 2020. Vol. 6 No 36. Doi: 10.1126/sciadv.abd3083

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 13ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 149p.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"?**: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História* [online]. 2005, v. 25, n.

50 [Acessado 23 junho 2021], pp. 315-328. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200012>>. Epub 17 Mar 2006. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200012>.

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.p.34-41.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 75ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2015. 256p.

GERCHMANN, Leo. **Coligay**: tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. Presidente, Romildo Bolzan Júnior. **Estatuto Social do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://gremio.net/documentos/estatuto-social-gremio-2020.pdf>>. Acesso em:19 jun. 2021.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. **Futebol e comunicação**: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. Comunicação, Mídia e Consumo São Paulo: ESPM, Vol.8 N.21. P. 11-37, 2011.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILAR, Onésimo Rodríguez. **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7letras, 2017. 1ª ed.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Epistemología de la comunicación**: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina. Quito-Ecuador: CIESPAL, 2015.

_____. **Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural**. Intexto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.34, p. 713-727, set./dez. 2015.

_____. Desafios para o Exercício da Cidadania Comuneducativa, na Conjuntura de Desastres Biológicos/Ecológicos e Políticos do

Século XXI. In: GOBBI, Maria Cristina; RENÓ, Denis (org.). **Reflexões sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano**. Aveiro: Ria Editorial, 2020. 349p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios Culturais da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adílson O.; COSTA, Maria Crística C. (Orgs.) **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MARX, Karl. **O Capital – Livro 1: Crítica da economia política**. Livro 1: o processo de produção do capital (Coleção Marx e Engels). São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tenerife: Melusina, 2020.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ricardo César Gadelha de. **A reviravolta dos “fanáticos”**: arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional. 2017. 285 f. (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. **“Não é só a torcida organizada”**: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEINADO, Quique. **Futebol à esquerda**. São Paulo: Madalena, 2017.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE À PESQUISA-AÇÃO EM COMUNICAÇÃO**: pressupostos epistemológicos e metodológicos. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, p. 1-23. set. 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_COLOQUIO_peruzzo.pdf. Acesso em: 12 set. 2021

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistências Corais (1950-2020)**. 2020. 424 f. (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

_____. 2021. **O Sequestro Dos estádios De Futebol: a dimensão simbólica Das Novas Arenas E a Guinada Antifascista Transnacional Nas Torcidas**. Locus: Revista De História 27 (1):338-64. <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.31064>.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINTO, Vinícius Teixeira. **Contribuições a partir da biopolítica para a compreensão da governamentalidade nos estádios de futebol**. Revista Ñanduty: UFDG, v.7, n. 10 (2019).

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, D. de A.; FIRMINO, F. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009. p. 1-269.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado; MENESES, Maria Paula. **Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo**, in Santos, Boaventura de Sousa (org.), Semear outras soluções. Os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro**. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 2014, João Pessoa. **Anais eletrônicos do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0817-1.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2021.

SANTOS, I. S. da C., & HELAL, R. G. (2016). Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. *Tríade: Comunicação, Cultura E Mídia*, 4(7). Recuperado de <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2469>.

SANTOS, Yuri Rocha Lima dos; SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de; SILVA, Marcos Antonio Ângelo da; Leite, Alessandra. **Discurso de ódio**: exclusão e opressão no estado democrático de direito. *Braz. Ap. Sci. Rev*, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 3511-3529 nov./dez. 2020.

SILVA, Alessandro de Barros e; TOMAZ, Layla de Sales; BARJA, Paulo Roxo; VIRIATO, Airton. **Proteção respiratória**: indicações de uso durante a pandemia de COVID-19. *Curitiba: Brazilian Journal of Development*, 2021. Vol 7. No 3, mar 2021.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 135 f. (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. **Vozes da legalidade**: política e imaginário na era do rádio. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SOARES, Alison Rodrigues.; ZAGO, Luiz Felipe. **Páginas das torcidas organizadas antifascistas de futebol**: uma primeira aproximação. In: XXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 2017, Canoas. Anais do XXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. Canoas: Editora da ULBRA, 2017.

_____. **Páginas das torcidas organizadas antifascistas no Facebook**: política, futebol e comunicação. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. Anais do 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo: Intercom, 2018. v. 1. p. 1-10.

_____. **TORCIDAS DE FUTEBOL NO FACEBOOK: MARCADORES NORMATIVOS DE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE**. In: VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2018, Rio Grande. Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. v. 1. p. 1-6.

. **O futebol entre a ação política e o entretenimento:** uma abordagem comunicacional. In: XXV Mostra UNISINOS de Iniciação Científica e Tecnológica, 2018, São Leopoldo. Anais do XXV Mostra UNISINOS de Iniciação Científica e Tecnológica. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. v. Único. p. 712-713.

. **Sócrates como conexão:** futebol e política em páginas de torcidas Antifascistas de futebol na rede social Facebook. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2019, Porto Alegre. Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. São Paulo: INTERCOM, 2019. v. Único. p. 1-11.

. **O uso da imagem de Sócrates e a pedagogia do antifascismo das torcidas organizadas antifascistas.** In: 8o Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e do 5o Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação (8o SBECE / 5o SIECE), 2019, Canoas. Anais do 8º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 5º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas: PPGEDU, 2019.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. Comissão Permanente de Assuntos Legislativos, Estatutários e Regimentais. **Sport Club Internacional Estatuto Social (2020)**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://media.internacional.groundsportech.com/wp-content/uploads/2020/02/11154243/Estatuto_Social_SCINTERNACIONAL_2020-02.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2020. 208p.

TORRICO, Erick. **Para uma Comunicação ex-cêntrica.** MATRIZES. V. 13, n. 3, p. 89-107, 2019.

APÊNDICE I – TABELA CATEGORIZANDO AS PUBLICAÇÕES DAS PÁGINAS COLUNA VERMELHA E TRIBUNA 77 NO INSTAGRAM: DE JUNHO ATÉ NOVEMBRO

Publicações	Categoria
02/06/2021 CV	Manifestações políticas
03/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
04/06/2021 CV	Manifestações políticas
04/06/2021 CV	Manifestações políticas
06/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
07/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
09/06/2021 CV	Manifestações políticas
13/06/2021 CV	Manifestações políticas
17/06/2021 CV texto Reflexivo	OUTROS
19/06/2021 CV	Manifestações políticas
20/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
20/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
21/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
21/06/2021 CV FM	Incentivo aos clubes
24/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
25/06/2021 CV	Manifestações políticas
26/06/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
26/06/2021 CV	Manifestações políticas
28/06/2021 CV	Manifestações políticas
29/06/2021 CV	Manifestações políticas
29/06/2021 CV	Manifestações políticas
30/06/2021 CV	Manifestações políticas
30/06/2021 CV	Manifestações políticas
30/06/2021 CV	Apoio às causas
01/07/2021 CV	Apoio às causas
01/07/2021 CV	Manifestações políticas
01/07/2021 CV	Manifestações políticas
02/07/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
02/07/2021 CV	Manifestações políticas
03/07/2021 CV	Manifestações políticas
04/07/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
04/07/2021 CV	Manifestações políticas
05/07/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
05/07/2021 CV	Organização social
05/07/2021 CV	Organização social
09/07/2021 CV	Organização social
12/07/2021 CV	Manifestações políticas
14/07/2021 CV	Organização social
19/07/2021 CV	Manifestações políticas
20/07/2021 CV	Manifestações políticas

23/07/2021 CV	Manifestações políticas
24/07/2021 CV	Manifestações políticas
25/07/2021 CV	Manifestações políticas
27/07/2021 CV Homenagem outra torcida	OUTROS
04/08/2021 CV AI	Incentivo aos clubes
04/08/2021 CV	Manifestações políticas
08/08/2021 CV	Apoio às causas
10/08/2021 CV - antiSAF	Apoio às causas
11/08/2021 CV	Manifestações políticas
12/08/2021 CV - antiSAF	Apoio às causas
12/08/2021 CV	Organização social
16/08/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
16/08/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
16/08/2021 CV FM	Incentivo aos clubes
22/08/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
22/08/2021 CV	Organização social
25/08/2021 CV	Manifestações políticas
30/08/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
30/08/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
05/09/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
06/09/2021 CV	Manifestações políticas
09/09/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
11/09/2021 CV - causa democrática	Apoio às causas
11/09/2021 CV - causa democrática	Apoio às causas
15/09/2021 CV	Manifestações políticas
16/09/2021 CV - causa democrática	Apoio às causas
16/09/2021 CV	Apoio às causas
19/09/2021 CV	Apoio às causas
19/09/2021 CV - homenagem Paulo Freire	OUTROS
20/09/2021 CV	Apoio às causas
21/09/2021 CV - causa anticapacitista	Apoio às causas
22/09/2021 CV AI	Incentivo aos clubes
29/09/2021 CV AI	Incentivo aos clubes
30/09/2021 CV	Apoio às causas
01/10/2021 CV	Manifestações políticas
03/10/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
06/10/2021 CV	Organização social
10/10/2021 CV AI	Incentivo aos clubes
12/10/2021 CV - homenagem à Camisa 12	OUTROS
14/10/2021 CV	Apoio às causas
14/10/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
15/10/2021 - homenagem P. Freire e profs	OUTROS
15/10/2021 CV	Organização social

17/10/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
25/10/2021 CV	Apoio às causas
30/10/2021 CV FF	Incentivo aos clubes
31/10/2021 CV	Apoio às causas
07/11/2021 CV FM	Incentivo aos clubes
13/11/2021 - apoio ao hip-hop local	OUTROS
17/11/2021 CV	Organização social
20/11/2021 CV	Apoio às causas
01/08/2021 T77 AI (colagem de rua)	Incentivo aos clubes
02/08/2021 T77 FM (colagem de rua)	Incentivo aos clubes
11/08/2021 T77 (apoio à educação)	Apoio às causas
11/08/2021 T77	Organização social
11/08/2021 T77 FM (trapo na rua)	Incentivo aos clubes
14/08/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
14/08/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
18/08/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
20/08/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
21/08/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
21/08/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
22/08/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
23/08/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
25/08/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
25/08/2021 T77	Apoio às causas
28/08/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
01/06/2021 T77	Apoio às causas
02/06/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
02/06/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
06/06/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
06/06/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
06/06/2021 T77	Organização social
08/06/2021 T77 FF	Apoio às causas
10/06/2021 T77 AI	Incentivo aos clubes
13/06/2021 T77	Organização social
14/06/2021 T77 (causa indígena)	Apoio às causas
19/06/2021 T77	Manifestações políticas
19/06/2021 T77	Manifestações políticas
21/06/2021 T77 FF	Incentivo aos clubes
23/06/2021 T77 - homenagem Elza Soares	OUTROS
24/06/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
26/06/2021 - homenagem Gil	OUTROS
28/06/2021 T77	Apoio às causas
30/06/2021 T77 (causa indígena)	Apoio às causas
01/07/2021 T77 (protesto contra T.Nunes)	Incentivo aos clubes

04/07/2021 T77	Manifestações políticas
06/07/2021 T77	Manifestações políticas
06/07/2021 T77	Manifestações políticas
09/07/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
10/07/2021 T77	Manifestações políticas
10/07/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
12/07/2021 T77 (colagem na rua)	Apoio às causas
13/07/2021 T77	Manifestações políticas
14/07/2021 T77	Manifestações políticas
17/07/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
17/07/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
18/07/2021 T77	Organização social
19/07/2021 T77 AI	Incentivo aos clubes
24/07/2021 T77	Manifestações políticas
27/07/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
28/07/2021 T77 (luto Andre Catimba)	OUTROS
28/07/2021 T77 (Andre Catimba contra racismo)	Apoio às causas
05/09/2021 T77 AI	Incentivo aos clubes
11/09/2021 T77 AI	Incentivo aos clubes
12/09/2021 T77 AI	Incentivo aos clubes
12/09/2021 T77 (rifa para autofinanciamento)	Organização social
13/09/2021 T77 AI	Incentivo aos clubes
15/09/2021 T77 AI (colagem nas ruas)	Incentivo aos clubes
16/09/2021 T77 - homenagem Lupicínio	OUTROS
17/09/2021 T77 - homenagem Lupicínio e org. artística	Organização social
17/09/2021 T77 - org. artística colagem de rua	Organização social
18/09/2021 T77 - org. artística colagem de rua	Organização social
19/09/2021 T77 - org. artística colagem de rua	Organização social
19/09/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
20/09/2021 T77 - homenagem Lanceiros Negros	Apoio às causas
26/09/2021 T77 - org. artística colagem de rua	Organização social
06/10/2021 T77 - contra o arenizamento	Apoio às causas
07/10/2021 T77	Organização social
08/10/2021 T77 - contra a xenofobia interregional	Apoio às causas
15/10/2021 T77	Apoio às causas
16/10/2021 T77	Organização social
17/10/2021 T77	Organização social

28/10/2021 T77	Manifestações políticas
31/10/2021 T77 (colagem nas ruas)	Organização social
06/11/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
10/11/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
11/11/2021 T77 - Homenagem Gil ABL	OUTROS
16/11/2021 T77 FM	Incentivo aos clubes
19/11/2021 T77 - neto Lupicínio TCC	OUTROS
20/11/2021 T77	Apoio às causas
20/11/2021 T77 (colagem antirracista)	Apoio às causas
21/11/2021 T77 FF	Apoio às causas
23/11/2021 T77	Apoio às causas

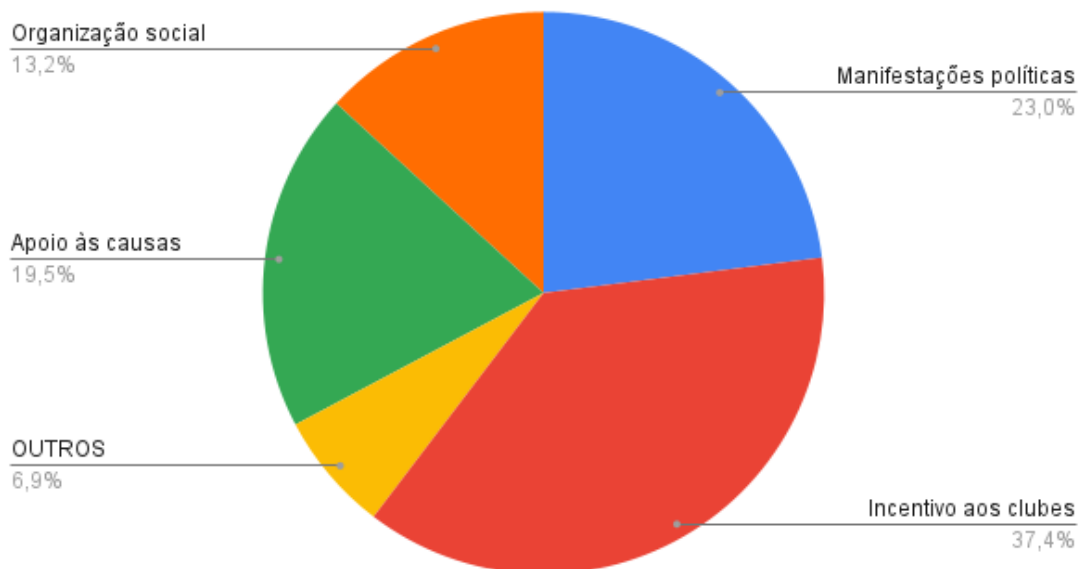
APÊNDICE II – TABELA CATEGORIZANDO AS PUBLICAÇÕES DE INCENTIVO AOS CLUBES DAS PÁGINAS COLUNA VERMELHA E TRIBUNA 77 NO INSTAGRAM: DE JUNHO ATÉ NOVEMBRO

Publicações de incentivo aos clubes	Subcategoria
06/06/2021 CV FF	futebol feminino
07/06/2021 CV FF	futebol feminino
20/06/2021 CV FF	futebol feminino
20/06/2021 CV FF	futebol feminino
21/06/2021 CV FF	futebol feminino
21/06/2021 CV FM	futebol masculino
24/06/2021 CV FF	futebol feminino
26/06/2021 CV FF	futebol feminino
02/07/2021 CV FF	futebol feminino
04/07/2021 CV FF	futebol feminino
05/07/2021 CV FF	futebol feminino
04/08/2021 CV AI	apoio institucional
16/08/2021 CV FF	futebol feminino
16/08/2021 CV FF	futebol feminino
16/08/2021 CV FM	futebol masculino
22/08/2021 CV FF	futebol feminino
30/08/2021 CV FF	futebol feminino
30/08/2021 CV FF	futebol feminino
05/09/2021 CV FF	futebol feminino
09/09/2021 CV FF	futebol feminino
22/09/2021 CV AI	apoio institucional
29/09/2021 CV AI	apoio institucional
03/10/2021 CV FF	futebol feminino
10/10/2021 CV AI	apoio institucional
14/10/2021 CV FF	futebol feminino
17/10/2021 CV FF	futebol feminino
30/10/2021 CV FF	futebol feminino
07/11/2021 CV FM	futebol masculino
01/08/2021 T77 AI (colagem de rua)	apoio institucional
02/08/2021 T77 FM (colagem de rua)	futebol masculino
11/08/2021 T77 FM (trapo na rua)	futebol masculino
14/08/2021 T77 FF	futebol feminino
14/08/2021 T77 FF	futebol feminino
18/08/2021 T77 FM	futebol masculino
20/08/2021 T77 FF	futebol feminino
21/08/2021 T77 FM	futebol masculino
21/08/2021 T77 FF	futebol feminino
22/08/2021 T77 FF	futebol feminino

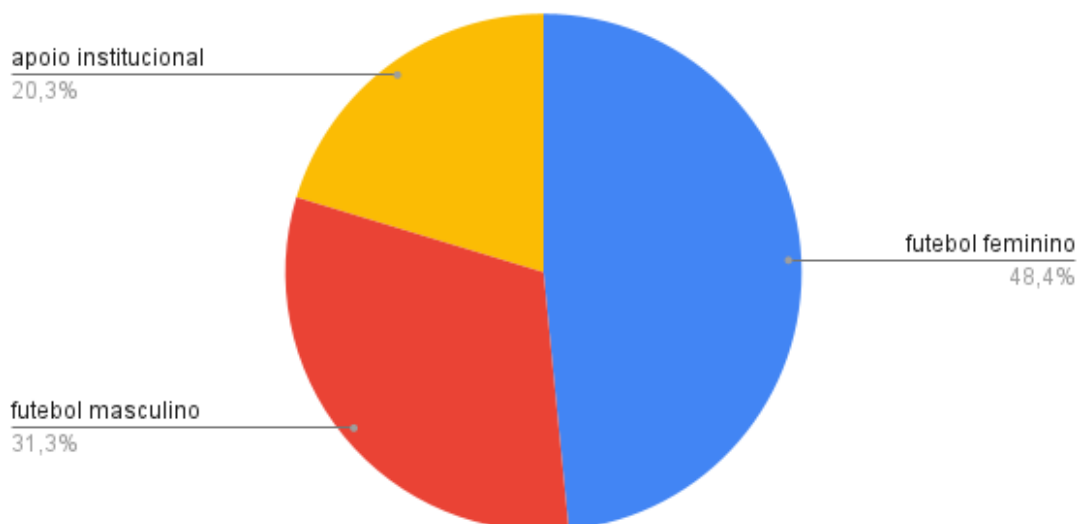
23/08/2021 T77 FF	futebol feminino
25/08/2021 T77 FM	futebol masculino
28/08/2021 T77 FM	futebol masculino
02/06/2021 T77 FF	futebol feminino
02/06/2021 T77 FM	futebol masculino
06/06/2021 T77 FM	futebol masculino
06/06/2021 T77 FF	futebol feminino
08/06/2021 T77 FF	futebol feminino
10/06/2021 T77 AI	apoio institucional
21/06/2021 T77 FF	futebol feminino
24/06/2021 T77 FM	futebol masculino
01/07/2021 T77 (protesto contra T.Nunes)	apoio institucional
09/07/2021 T77 FM	futebol masculino
10/07/2021 T77 FM	futebol masculino
17/07/2021 T77 FM	futebol masculino
17/07/2021 T77 FM	futebol masculino
19/07/2021 T77 AI	apoio institucional
27/07/2021 T77 FM	futebol masculino
05/09/2021 T77 AI	apoio institucional
11/09/2021 T77 AI	apoio institucional
12/09/2021 T77 AI	apoio institucional
13/09/2021 T77 AI	apoio institucional
15/09/2021 T77 AI (colagem nas ruas)	apoio institucional
19/09/2021 T77 FM	futebol masculino
06/11/2021 T77 FM	futebol masculino
10/11/2021 T77 FM	futebol masculino

APÊNDICE III – INFOGRÁFICOS TRAZENDO AS PORCENTAGENS DAS INCIDÊNCIAS DE PUBLICAÇÕES DA COLUNA VERMELHA E TRIBUNA 77 NO INSTAGRAM: DE JUNHO ATÉ NOVEMBRO

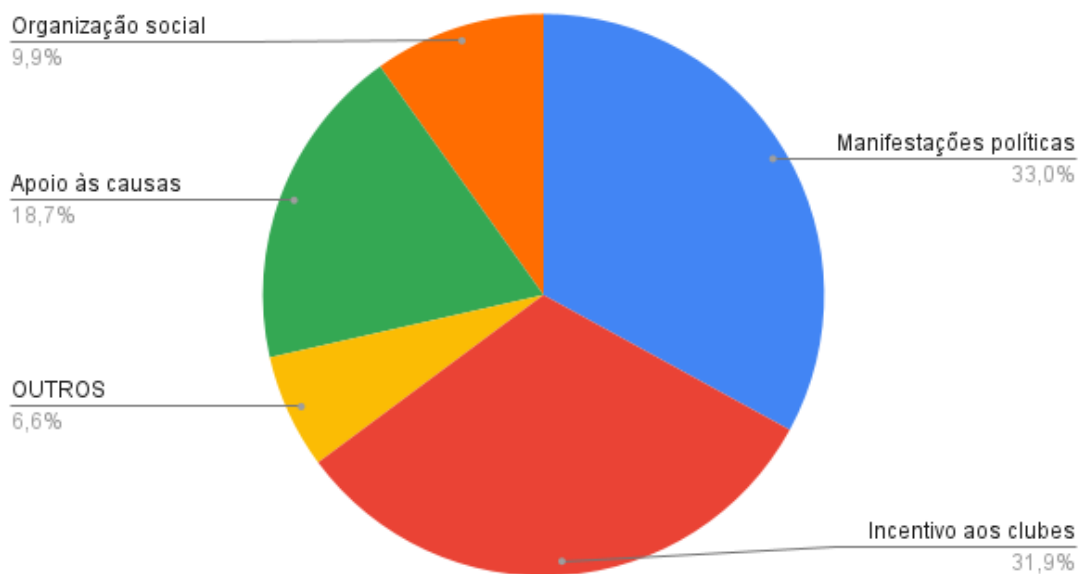
Total de publicações Coluna Vermelha e Tribuna 77



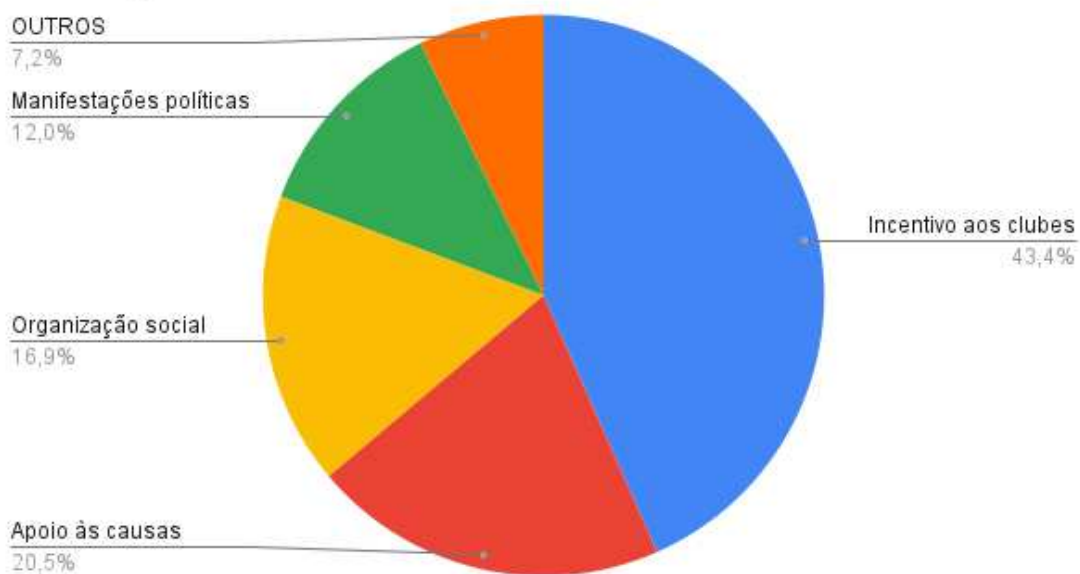
Total dos incentivos aos clubes - Coluna Vermelha e Tribuna 77



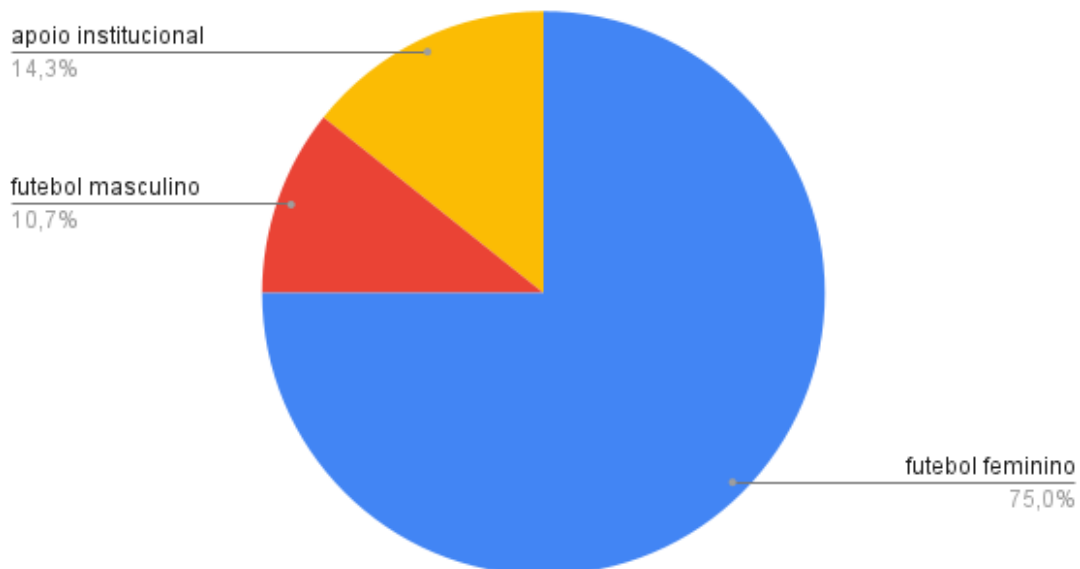
Publicações Coluna Vermelha



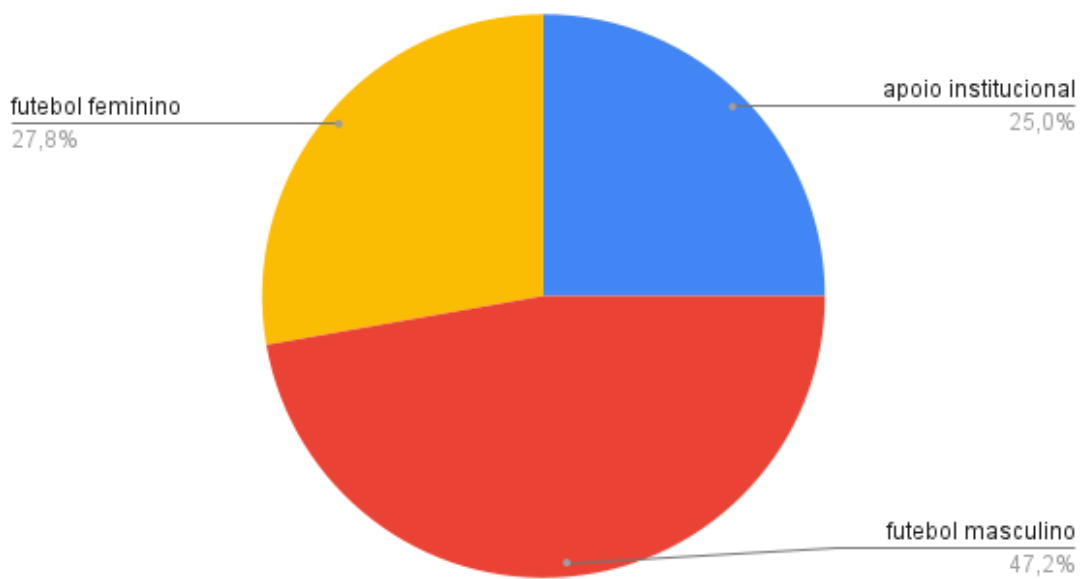
Publicações Tribuna 77



Incentivo ao Sport Club Internacional - Coluna Vermelha



Incentivo ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegre - Tribuna 77



APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE *CARLITOS*, DA COLUNA VERMELHA

ARS: primeira pergunta é sobre a origem da torcida, qual é a origem da torcida?

CARLITOS: Então tá, então, vou te dar a primeira resposta que é a mais fundamental de todas, tá? Nós não somos uma torcida. Nós somos uma frente de torcedores, tá? Por quê? Porque torcida é uma outra questão, né? É um grupo que se se organiza, é... internamente, a gente tem uma questão de identidade visual, por exemplo, torcidas a gente sempre se refere a torcidas uniformizadas, torcidas organizadas, né? As TOs né? Torcidas organizadas. As barras já tem uma outra relação, já são um pouco diferentes, né? Não tem a questão da padronização e a questão da da organização também é um pouco diferente, né? Eh de forma que eu falo a barra do Inter é popular, né? Sim. Eh e acho que é o do Inter assim, nós não somos porque nós não estamos ali pra disputar espaço dentro do estádio, nem fora do estádio com as torcidas organizadas, nem com a barra. Nós estamos lá naquele espaço para disputar corações e mentes de torcedores organizados e torcedores não organizados dentro dessas pautas que a gente acha importante, tá? Esse é o primeiro ponto nós nos consideramos uma frente porque dentro da Coluna Vermelha tem integrantes na barra Popular, tem integrantes da Camisa 12, tem integrantes da Nação Independente, tem integrantes da Força Feminina Colorada e integrantes de TOs de barra, né? Então, é... nós somos uma frente... tem pessoas que não se não eh se identificam nem participam de nenhum desses movimentos de torcida e né? Também fazem parte da Coluna Vermelha. Agora a gente pode retornar a pergunta né? A origem é o seguinte: esse movimento de torcida antifascistas é algo que a gente observa a um certo tempo vindo da Europa, né? Sim. E aí depois de um certo tempo que no Brasil começou a rolar um movimento, né? Algumas eh a gente me lembro de ter visto isso lá, lá em lá em Recife, com o pessoal de Santa Cruz, acho que eu tinha visto alguma coisa também no Rio de Janeiro e tal e mas em Porto Alegre a gente não sabia de nada, né? Principalmente no no Internacional. E aí, cara, no Inter tá rolando já um certo tempo. Acho que desde a hora que a gente sacou que a elitização do Beira Rio era um processo já muito avançado e já e já assim acontecendo com firmeza, muitos torcedores do Inter; sócios, torcedores começaram a se organizar pra incidir politicamente dentro do clube. Especificamente dentro do movimento povo do clube. Tá? Movimento que tem, né? Tem como objetivo lutar contra a elitização do Internacional, do futebol brasileiro e mais uma série de

questões. Isso fez com que houvesse um campo mais voltando de uma visão mais a esquerda que tivesse se organizando não ao redor do Povo do Clube, mas que aquilo deu uma efervescência, tá ligado? Aquilo meio que juntou uma série de galera, tipo assim tá rolando alguma coisa e rolou umas coisas legais pro povo do clube e fez campanhas fantásticas pro conselho deliberativo, eu fui eleito conselheiro do Inter duas vezes pelo povo do clube, ah foi da primeira leva de conselheiros também quando a gente elegeu dezesseis conselheiros, né? O número cabalístico nosso, o dezesseis... e aí, cara, junto isso tinha uma uma movimentação de que parecia que o Inter andava no meio desse caos que a gente tá vivendo de golpes e de retrocesso conservador e tudo no Inter tinha um espaço pra um tempo à esquerda. A gente achava que por conta da questão de origens populares do Inter, o Inter ser clube do povo, isso caía muito bem, isso era uma coisa que, mesmo que uma pessoa conservadora de direita, ser o clube do povo é uma coisa que sempre foi atraente, sempre fez parte da nossa história. Então, eu quero ser um baita de um filho da puta de direita, mas ele tem aquilo na cabeça de crescer o clube do povo é uma coisa importante para nossa história. Cara eh não que a a o primeiro movimento chamado Inter Antifascista tenha nascido do povo do clube não é isso socializando que havia uma onda tá? Havia um sentimento um espírito e logo depois né? Alguns torcedores canhotos né? Torcedores do Inter mais à esquerda começaram a se juntar eu me lembro exatamente de um grupo chamado AZR. Eu nunca me lembro o que que significa o tal da AZR¹³⁸, tá? Por exemplo era um grupo de torcedores, gurizada nova assim de universidade acompanhando o Inter pra tudo que é lado eles se juntavam e eles tinham bem... uma... um perfil assim comunista mesmo assim então... foice e martelo e coisa assim do gênero né? Cara a galera começou a se encontrar, começou a se conversar, começou a se juntar nos churrascos do Povo do Clube, né? Porque eram notando a gente fazer os churrascos eh antes dos jogos ali pelo Marinho do Brasil, a galera se aproximava vai trocando as ideias e aquilo acabou fomentando a criação da primeira frente chamada Inter Antifascista, tá? Nos modos mais parecidos com aquilo que a gente tava vendo se organizar aqui pelo Brasil, tá? Aí velho, A Inter Antifascista deu uma encorpada legal, deu uma encorpada boa, né? Ela...

ARS: Nesse momento vocês tinham alguma ideia de que seria uma torcida ou já...

¹³⁸ <https://www.facebook.com/AZRpte107/>

CARLITOS: Não, não, desde o início a gente sempre soube que nós éramos na frente, porque a Inter antifascista veio de gente da popular, veio com gente da Camisa 12, veio com gente avulsa, veio com gente da Nação, então a gente não queria ser uma torcida porque normalmente disse, nós nós eh a questão geográfica do Beira Rio, arquitetura Beira Rio, ela proporciona uma coisa um pouco diferente, eu vou fazer uma similaridade com com os companheiros do Grêmio lá da arena. Na Arena tu tem tudo segmentado, ela é toda fechada, né? O Beira Rio não, o Beira Rio com uma modernização, eles mantiveram aberto os espaços, pelo menos até a retirada das cadeiras era tudo um espaço, eh, amplo, então a gente podia ir pra qualquer lugar. Então eu gosto de torcer lá no Inter lá junto com a Roots lá em cima... os outros camaradas gostam de lá na popular, o outro vai pra camisa doze, o outro vai pra nação, a outra vai lá pra força feminina colorada, isso fazia com que até na nossa metodologia, isso é uma coisa interessante que nós queríamos estar espalhados e metendo pilha, disputando politicamente aquele torcedor naqueles espaços. Não estarmos todos juntos sob uma mesma bandeira num determinado espaço, entendeu? Todos ali unidos. Não, a gente se juntava antes do jogo e depois na hora do jogo, cada um pro seu canto, lugar onde se sentisse mais à vontade. Eu na época conselheiro me metia a fazer função, a gente como era conselheiro tinha umas facilidades pra entrar no estádio, metia a faixa pra dentro do campo, né? Fazer umas funções assim que não era dado pra qualquer torcedor, assim, comum, por assim dizer, né? Então, a gente também se organizava isso, aqueles que eram conselheiros, tavam sempre na missão de contrabandear coisa pra dentro do estádio e a gente fazia isso.

ARS: Ah, legal, acho que isso já meio que responde a segunda pergunta que eu ia fazer, né? Que é sobre a a as motivações que fizeram esse movimento seja alvo justamente pra...

CARLITOS: Correto, tu pegou cara, se o cara quando me larga, nossa função assim meio que costuma fazer bastante tipo de coisa na CV (Coluna Vermelha) porque eu falo bastante, tá? Que a questão da contextualização é importante, tá? Porque a Inter antifascista, ela cresceu bastante e aí começou a ter o que? Teve aqui, primeiro, aqueles movimentos pós golpe de 2016, né? Os Fora Temer e tal... e depois a campanha eleitoral de 2018. Cara, a gente chegou a participar do primeiro Ele Não, ali na Redenção, cara nós tava com uma galera, uma galera assim, certo? Mais de cem torcedores do Inter, gente que a gente às vezes nem via do campo, mas tava indo lá porque sabia que tinha Inter Antifascista e queria estar naquele movimento, colado, até uma coisa muito louca

porque... e a gente da barra popular do Inter né... e havia uma forma do movimento antifascista e os caras vinham gente da geral e o pau pegava. Aí não tinha arrego.

ARS: É...

CARLITOS: Não tinha arrego. Quer dizer era o antifascismo até ali né? Nós temos os nossos limites (risos). E cara, isso cresceu muito e aí, cara, todo movimento tem um contra movimento, né, velho? O próprio clube cresceu, a Inter antifascista cresceu, botou... botou muita gente pra dentro da... da página do Facebook, começou a gerar muita coisa, tal... tal... saiu muita foto, muita foto, o que que aconteceu? A diretoria do... do clube, né? [processou os integrantes do Inter Antifascista] O Internacional está cheio de fascistas dentro da diretoria e dentro do seu conselho, tá? Basta dizer que Onyx Lorenzoni e Ernesto Araújo são colorados doentes...

ARS: E tu achas isso uma contradição em relação à origem do clube?

CARLITOS: Sim, eles são uns imbecis, eles não deveriam torcer pro nosso time. Eles são uns idiotas e não entenderam nada, mas eles tão ali pra fazer um contraponto do que a gente faz, eles deveriam torcer pro outro time da capital, não, não pro nosso time. Tá? É uma contradição, mas o que eu posso fazer, não é mesmo?

ARS: É, é, a vida cheia. Vida cheia de contradições...

CARLITOS: O nosso objetivo é tirar essa gente da do nosso mapa, né? Nosso mapa humano. E aí, cara, nós sofremos um ataque da diretoria, tá? Nós tivemos integrantes nossos que foram, é... chamados da Polícia Civil e ameaçados com processo judicial por nós estarmos usando o nome "Inter", né? E nós acabamos com a Inter Antifascista, nós pagamos advogado, resolvemos as questões, fizemos a política interna dentro do clube, a externa na polícia e tal, e acabamos com a Inter antifascista, tá? E aí surgiu a Coluna Vermelha, não sei por que, mas é bando de colorado também, antifascista e coisa assim (risos).

ARS: Mas é um movimento menor do que o de origem?

CARLITOS: Ah, agora então, agora ele encorpou de novo, mas no início foi difícil porque toda a questão da das redes sociais ela diminuiu, nós também, né? Eh ô meu.

ARS: Tem medo, né? De sofrer um processo...

CARLITOS: Cara, é... é foda porque o que te paralisa é a questão financeira, né?

ARS: Sempre, sempre...

CARLITOS: Tu ter uma máquina administrativa que nem internacional, que tem [R\$] 380 milhões de... de orçamento anual contra ti, não tem departamento jurídico, os advogado mais fodido do Estado... cara, acaba contigo se quiserem, né? Então é isso, a gente terminou a Inter Antifascista e aconteceu com o Coluna Vermelha aí, com uma galera também que se identifica com as mesmas bandeiras da Inter Antifascista, se é que tu me entende.

ARS: Perfeito. Ahm... eu não sei se eu te falei, mas eu pesquiso sobre comunicação, tá? Eu sou mestrando em comunicação.

CARLITOS: Uh-huh.

ARS: Então justamente algumas perguntas vão entrar nesse aspecto. Por exemplo, como vocês comunicam suas demandas dentro do do ambiente futebolístico e qual a importância das plataformas de rede social pra angariar mais gente pra essa pra esse movimento?

CARLITOS: Cara, como é que a gente se utiliza? Vou explicar assim, como é que a gente utiliza muito rede social, né? Quando eu te falo assim que nós somos eh não hierarquizados, mas eu te falei que a gente não era centralizado, eu acho até que meio que contém uma história, eu acho que a gente é centralizado sim, nós temos uma centralização que são mais ou menos em torno de uma de umas doze a dezesseis pessoas que participam de um grupo no WhatsApp que esse grupo a gente considera que seja o grupo diretivo da coluna vermelha, tá? Esse grupo diretivo ele atende demandas, ele demanda, ele cria ações, ele tem que quando se faz ó, nós precisamos levar uma faixa pra o jogo da do

feminino do Inter. É daquele grupo que vai sair as coisas, entendeu? Pra depois organizar num outro grupo maior que é um grupo que aceita daí gente de tudo que é lugar, até de fora de Porto Alegre e tal, né? Eh pra poder. Então essa é a primeira questão, já tive utilização de uma ferramenta de mídias sociais, né? De de rede social pra poder fazer a organização da galera. Eh as redes sociais são importantes por quê? Porque nela a gente consegue dar visibilidade pras nossas plataformas de luta, pras nossas questões, né? Tudo que é importante pra nós e também porque essa visibilidade faz com que a gente consiga gerar um fluxo de caixa a partir da venda de material. Isso também vai ser uma né? Tiramos a Inter Antifascista da função, agora a gente pode botar material escrito Coluna Vermelha, não tem ninguém pra nos processar. Não tem Inter, não tem problema. Então, entendeu? Então, a gente tá gerando recurso, até porque uma coisa que a gente faz, a gente gera recurso pra alimentar a Coluna Vermelha, né, as coisas que a gente precisa fazer, pra compra de fogos, pra... pras manifestações, compra material pra fazer faixa, a gente gosta de... gosta e atua bastante junto com outros movimentos sociais. Então, por exemplo, tem fora Bolsonaro, mas a gente apoia com grana, sabe? Tem, a gente tem duas ações muito assim... mais ou menos permanentes com dois quilombos aqui de Porto Alegre, o quilombo dos Machados e quilombo Lemos, o Lemos por uma questão óbvia, né? Que é a nosso território ali do Beira-Rio e o Machado por questão de... de afinidade com algumas lideranças lá do quilombo que a gente tem, então cara... permanente, isso daí a gente arrecada grana com as camisetas do Taison, por exemplo, são todas camisetas que a gente falou com a família do Taison, a gente falou com o Taison. A gente deixou. A gente teve a autorização dele pra fazer camiseta com a imagem dele primeiro e com a camiseta do do Shaktar, né? Agora ele já tem essa imagem com a camiseta do Inter, né? Na luta antirracista e tal... e a gente, assim ó, uma parte pra nós, uma parte é pros quilombos, a gente consegue levantar uma grana, assim, razoável dentro das nossas, né? Perspectivas. Como a gente se comunica? Primeiro assim, comunicação muito in loco tá? Uma coisa que é importante, a gente fala no Facebook, a gente conversa no WhatsApp, a gente tem aquilo ali como um ambiente que a gente tá toda hora conversando, toda hora a gente falando, mas a prerrogativa fundamental é presencial no dia do jogo. Só faz parte da Coluna Vermelha quem vai no jogo do Inter. É um movimento de arquibancada e não... Se tu não é de arquibancada, se tu não costume do jogo, tá? Não é esse teu costume, tu não vai fazer parte da Coluna Vermelha. Então, a comunicação presencial, ela é fundamental, tá? Nós precisamos conversar presencialmente, nós precisamos nos ver, nós precisamos estar no Inter lá no Colorado vivendo o dia de jogo pra as coisas

fluírem entre nós. Depois, mano, é camiseta, é faixa, é bandeira, sabe? Produção, pô, a gente produziu uma umas faixas muito legais pro time feminino do Inter, com o rosto das gurias, as jogadoras, sabe? O próximo é uma camiseta agora, é uma camiseta como a jogadora do Inter. Então, a gente tem a camiseta do Taison, a gente vai ter a camiseta da Sorriso também. Então tudo isso é uma maneira da gente se comunicar, né? Da gente fazer, claro, a gente se aproveita da nossa rivalidade pra poder fazer a comunicação, pra poder até quebrar a barreira inicial, porque os caras lá de dentro, né? Os mais conservadores, os que vão na onda bolsonarista, eles vão bah... eles são todo comunista, só faltam dizer que a nossa camiseta não será mais vermelha, né?

ARS: (risos)

CARLITOS: Mas até o Inter fez camiseta laranja pra agradar o Onix, né, então cara, quando tu faz uma camiseta assim tipo “odeia o racismo, ame o Inter” se identifica como sendo um movimento de esquerda. Cara, por falar de contra o racismo no no Beira Rio é a coisa mais fácil do mundo. Por mais que os caras sejam racistas eles sempre vão dizer que os racistas são os gremistas.

ARS: com essa linguagem gremista fica mais fácil...

CARLITOS: Fica mais fácil. Mais difícil vai ser quando a gente entrar na questão da homofobia. É bem mais complexo, não é? Mas na questão do racismo é barbadinha de tu conseguir fazer as entradas, entendeu? Então é uma maneira da gente se comunicar, é através das camisetas. Cara, adesivinho e sprayzinho é mato, véi. Me lembra uma vez quando numa campanha política do Inter, campanha política do Inter, eh não me lembro qual delas era, cara. Eu acho que foi a da segunda vez que eu fui eleito. Ah, não me lembro, eu sei que era o Marcelo Medeiros, tava indo fazer campanha e o povo do clube tava fazendo uma festa lá no no Parque Gigante e o Medeiros ia aparecer na festa e nós tava em campanha pra tirar as cadeiras da da do setor da popular. Cara, a Coluna Vermelha, meu, tem grana? Tem! Manda fazer adesivo, ah, fizemos mil adesivos véi. Encheu o sangue, encheu todo mundo de adesivo, até o Marcelo Medeiros saiu de lá com uns três adesivos nas costas ele nem viu. Entendeu? Tudo o adesivo e aí que um dia a gente andava no Beira Rio tinha adesivo. Retira as cadeiras, retira as cadeira, retira as cadeiras. Então a gente utiliza dessas táticas pra poder se comunicar com a galera, tá?

ARS: É uma comunicação é muito eficaz, de fato.

CARLITOS: É. Aonde a gente vive, aonde a gente está ali no meio, ela funciona. Funciona bem legal.

ARS: já que falou da relação dos quilombos; eu iria perguntar isso depois, mas já é uma pergunta agora. Como vocês organizam essa... como vocês se relacionam com essas pessoas e como... eu vi que vocês fazem ações beneficentes com essas pessoas, né. Como que vocês organizam? Como que é essa conversa, como é que é a relação entre vocês?

CARLITOS: É uma conversa bem direta assim mesmo, tá? Tipo, me lembro agora durante a pandemia muitas vezes a gente, pô, e daí arrecadação arrecadação aí mandava nos canais todo mundo assim meu “tamo arrecadando alimento e arrecadando né? Vestuário pra levar pro Quilombo dos Machados”. Ah dava duas, três semanas aquela arrecadação, centralizava num lugar geralmente ali perto do Beira Rio. Sábado de manhã ia lá todo mundo aquilo pra dentro do carro e levava o Quilombo dos Machados. Chegava lá tirava uma foto “ah, o Inter no Quilombo dos Machados”, fazia as matéria né? A catarse, aqui o coletivo, a gente e geralmente publicava uma matéria uma coluna quinzenal né? Uma do Inter outra do Grêmio era o responsável por isso né? Por fazer assim nesse meio de campo muitas vezes escrever as colunas do Inter e de de buscar a do Grêmio lá com os gremistas e cara, pra fazer rolar. Então, a gente se comunica porque, cara, tem algumas pessoas de dentro da Coluna Vermelha que tem inserção de movimento social. São muito de movimentos sociais, são muito militantes. Eu me considero um cara razoavelmente militante, mas tenho mais uma militância focada nessas questões do Inter e no meu trabalho, né? Porque eu acho que o Coletivo Catarse é mais do que um trabalho, ele também é um eh também é uma militância, então aqui tá de militância, mas tem uns tarado aí, umas taradas aí que são foda, que vivem vivem fazendo militância, o cara gosta daquilo ali e fazem aquilo e conhecem todo mundo e articulam. Quando rolou a treta com quilombo lemos¹³⁹, nós não tivemos nenhuma dúvida que, cara, uma treta com quilombo Lemos, que é ali do nosso território, nós vamos lá, cara, no dia que tava rolando um negócio, tinha gente lá, sei lá, sabe o que que tá acontecendo, como é que tamo aqui pra

¹³⁹ PESQUISAR QUE TRETA É ESSA.

apoiar, nem sabemos o que que é, mas tamo aqui pra apoiar. Aí, tu cria uma relação muito muito fácil, muito fácil, né, cara, e o Quilombo Lemos, por exemplo, uma relação até do pessoal ser colorado e ter ajudado, né? O patriarca ter, ter ajudado a erguer o Beira Rio, trabalhou na obra do Beira Rio, né? Então, tem toda uma relação sentimental de território que pra nós é bem importante. Então, a relação ficou muito fácil. Com os machados foi porque uma das lideranças lá, o Jamaica, né? Parceira do do parceiro de umas parceiras nossas, fez essa essa conexão quando a gente tava fazendo lá, né cara? Tava levando coisa pra lá e fazendo essas articulações, “ó, vamos lançar as camiseta, metade da grama camiseta de vocês, talvez, pô, e vai, vai fazendo o que pode fazer”. É assim que rola.

ARS: Ah, tu meio que já falou sobre isso, mas queria perguntar só pra ratificar... ahm as relações que vocês tem com as demais torcidas organizadas, mas primeiro vocês não são uma torcida. E vocês tão em todos os lugares, né?

CARLITOS: Sim. É isso. Sim. A gente eh isso foi uma coisa que a gente sempre a gente sempre achou legal na coluna... na antiga Inter Antifascista, agora a Coluna Vermelha... menos porque né? Passamos um ano e meio sem frequentar o Beira Rio, né? Então, tamo até tendo que reaprender esse costume. Eh, de poder no Beira Rio estar aonde a gente quiser, porque a gente sempre sentiu que isso era uma maneira mais legal de chegar nas pessoas, de estar em várias lugares ao mesmo tempo. Que daí tu não fica identificado como “aqueles torcedores de esquerda que ficam naquele canto lá”. Não véi. Tudo tá em tudo e eles nem te veem. Entendeu? Tu vai lá fazendo teu trabalhinho aqui e tal. E às vezes você nem está pensando que está fazendo teu trabalhinho mas já... O teu ambiente faz seu trabalho. A tua camiseta faz. A maneira... “ah, essa música aqui não é bacana de cantar essa parte aqui não meu. Ah nada a ver não, mas pensa bem cara pra tal tal tal pô... vai chamar os cara de puto por quê? vai dizer que vai matar...”. Então enfim a gente acha muito mais legal a gente conseguir tá espalhado pelo estádio tá? Nossa relação com as outras torcidas são essa porque nós fazemos parte das torcidas. É uma relação que ela é natural né? E é natural eu me relacionar com qualquer pessoa da popular porque sim, eu vou na popular, eu vou na popular e gosto de ficar lá no popular cantando, eu gosto de ir na Roots, então vou me relacionar com a Roots, com com a rapa do Inter, porque cara, eu vou lá, ver o jogo com eles, queimar um, eh, tomar cerveja, fazer churrasco, é? Nós fazemos parte disso. Os parceiros vão na Camisa 12. Durante o jogo tão lá batendo tambor na Camisa 12.

ARS: E sobre a rivalidade Grenal como vocês lidam com essa rivalidade e se existe algum diálogo entre vocês e os torcedores antifascistas do rival?

CARLITOS: Tá bom cara. Como é que a gente lida com a rivalidade com o Grêmio cara? A gente lida como tem que lidar, né velho. É a rivalidade mais acentuada do Brasil, uma das maiores do mundo. Não velho, não nos damos bem.

ARS: Não tem conversa?

CARLITOS: Não tem muita conversa. Mas é bizarro, porque agora eu vou te falar um negócio, tá? Que tu vai usar na tua, na tua na tua pesquisa ou não, porque sou eu, tá? Mas eu estou falando não, tá sendo gravado, não tem problema. Então, se você essa é o meu posicionamento, mas eu tô aqui pra falar da Coluna Vermelha, tá? Porque tu me procurou, porque tu procurou alguém da Coluna Vermelha, a gente debateu internamente e eu assim, eu falo, eu costumo fazer esse tipo de de RP, tá? E eu faço essa RP, por quê? Porque, cara, eu odeio o [que o] Grêmio fez a mim, odeio a maioria dos gremistas. Quando estamos em ambiente de futebol, né? Quando estamos em ambiente de futebol é... certamente eu vou odiar a maioria dos gremistas. Não vou odiar todos porque minha mãe é gremista, né? Tenho amigos aqui dentro da [EMPRESA EM SIGILO] gremistas. Minha mulher... sim, né? A vida é assim. E cara, sou bem clubista também, mas eu sou um cara que não apenas acho que a gente deveria ter uma relação melhor com a grêmio antifascista, como eu tenho uma relação muito legal com o Renato, não sei se tu vai conversar com alguém da da Grêmio Antifascista com o Renato que tu vai conversar o judeu, tá? O Junior.

ARS: Vou começar com tal de Roger, por enquanto

CARLITOS: Esse eu conheço, o [NOME EM SIGILO] conheço e acho ele muito legal, acho ele um cara muito inteligente, né? Gosto de conversar com ele, já tive outros... em outros debates, geralmente... geralmente quando rola... rolou durante um bom tempo assim, quem é que ia falar pela Inter e aí eu e ele ia falar pelo Grêmio, né? Então não ficava naquela coisa assim já... parceiro, ele é músico, a gente já se encontrou nos rolê de hardcore e heavy metal por aí... gosto dele, acho que a gente deveria ter uma abertura

maior, mas essa é a minha opinião. Mas como eu tô falando pela Coluna Vermelha, então eu tenho que te dizer que nós somos clubistas e nós não aguentamos a Grêmio Antifascista (risos). Eu aguento, eu gosto, gosto dos caras, mas assim.

ARS: Mas é maior que tu, né?

CARLITOS: É, mas então, como eu tô como... eu tô representando a minha entidade, cara, a gente não topa e a e a coisinha é meio é meio séria, é meio séria mesmo assim, eh

ARS: pra não poder se cruzar na rua? Na manifestação, como é?

CARLITOS: Não, na manifestação acontece uma coisa muito louca véi por exemplo nessa última manifestação quando a gente viu eu acho muito engraçado porque eu gosto muito do futebol e fico relacionando tudo ao futebol, né? Daqui a pouquinho eu dei uma olhada nessa última que tava grandona pra caramba, né? E eu olhei, tava o pessoal do Grêmio atrás da gente, na nossa frente tava os anarquistas, ou seja, tava vermelho e preto, pessoal da da né, da resistência popular, tava os mesmo em preto e um pouquinho mais na frente o correio, amarelo e azul. Falei assim, “bah, cara, nós tamo aqui gremista do lado, Flamengo, do outro e Boca Junior ali na frente, tamo fodido né? Ô meu, a galera falou, meu, vamos sair daqui com esses gremistas já colaram conosco, já querem... querem aparecer em fotinho, já querem aparecer porque eu sinto que do lado do Grêmio eles bah, abraçariam conosco e fariam, meu, “antifascistas contra o Bolsonaro”, conosco não rola. (24:32)

ARS: Hm-huh. Entendi, entendi. Tranquilo.

CARLITOS: A motivação que eu acho que é importante te dizer isso é uma motivação que eu tenho uma visão, uma visão que eu compartilho essa visão com colegas da da (TV – ficou inaudível) é que pra nós eh incidir dentro da barra e das torcidas não cai bem tá de abracinho com o gremista.

ARS: Sim, faz sentido pra essa organização que vocês pensam, né?

CARLITOS: Porque não fazem, não dá. Não dá, o bagulho é... é louco, o bagulho é violento, tá? Então, daqui a pouquinho tá, “você são aqueles que tão se abraçando com gremista por aí?” não vão te dar a bola, não vão nem é dar abertura pra tu entrar numa conversa sobre homofobia, sobre política, sobre qualquer coisa que seja importante pra nós entrar numa conversa com os caras. A outra que eu acho, que é uma visão pessoal minha, é que faz alguns anos que nós tamo apanhando demais do Grêmio. Então também não dá muita vontade de dar abracinho em ninguém não (risos). Acho que se fosse contrário talvez a gente fosse um pouco mais ameno. Talvez eles não quisessem falar conosco.

ARS: É. É. No futuro quem sabe.

CARLITOS: Alguns anos eu espero que logo.

ARS: Talvez o doutorado possa ver essa reação (risos)... Então, sobre outro assunto, que você também já falou, tu, enfim, sim. Passa bastante...

CARLITOS: Dá pra aprofundar um pouco...

ARS: Sobre o diálogo com a direção do clube e outros departamentos do clube. Qual, como é que é essa situação? Vocês conseguem falar com eles?

CARLITOS: Cara, a gente, a gente não fala assim como como uma entidade, assim, sabe? Tipo, mesma coisa o povo do clube é um movimento político, a força feminina colorada é um movimento de de arquibancada, a rapa do Inter e tal, pela Coluna Vermelha vai poder assinar e assim, ó, “que tamo aqui querendo falar alguma coisa”, a gente pode fazer isso daí sim, mas quando a gente fez com quando era Inter antifascista nós fomos atraídos pela direção, porque nós procuramos a direção pra conversar com ele sobre as nossas intenções e quem éramos nós e os caras se aproveitaram exatamente dessa nossa aproximação pra pegar as matrículas das pessoas que procuraram eles e processar os caras e botar na na polícia. Então a partir disso cara não sei... a direção do Inter que fique lá com a Coluna Vermelha sempre pro lado de cá.

ARS: Então vocês não habitam a vida política do clube de jeito nenhum assim...

CARLITOS: Eh cara é que assim o cara pode ser da Coluna Vermelha e pode ser do povo do clube né?

ARS: É. Você tem essa natureza né?

CARLITOS: Temos a natureza que... diversa. É assim ó uma coisa que precisa ser dita a Coluna Vermelha não é o braço armado a esquerda do povo do clube, tá? Não é, são coisas independentes, inclusive eu não faço mais parte do povo do clube, não quero nem ver pintado de ouro, já me esforcei demais com aquele movimento e a minha militância é da Coluna Vermelha. Sim. Né? Eu não quero mais saber de política institucional do Inter. Mas quero fazer muita política no Inter.

ARS: Perfeito. Ainda sobre política, como vocês veem o começo desse primeiro ano? É o primeiro ano, né? Da da gestão do Alessandro Barcelos e como vocês viram os dois anos do Marcelo Medeiros?

CARLITOS: Meu Deus, só até foram três, foram quatro anos.

ARS: É, são dois mandatos...

CARLITOS: Cara, a gestão do Marcelo Medeiros foi um fracasso retumbante, né? Porque aumentou a nossa dívida de maneira brutal, né? Apesar... não ganhou um título, deve ter ganho dois ou três grenais, eh, se aliou com os fascistas, Marcelo Medeiros é um, eu não vou dizer que é uma decepção porque eu não tô mais com idade de ficar decepcionado com pessoas, mas ele é um cara que eu acreditava numa determinada coisa, ele se mostrou ser uma outra pessoa, e é aquilo, né véio?

ARS: Consegue pensar qual a motivação?

CARLITOS: é foda, né, mano? É burguês, né, cara? É burguês, eles são tudo burguês, né, são tudo da classe alta de Porto Alegre, eles se encontram nos melhores restaurantes e trocam ideias, entendeu? Nós somos classe trabalhadora, não tem, esse cara não são aliado nunca, entendeu? Foi isso daí, esse é um burguês safado que por conta de política pra se

manter politicamente com os direitosos do Inter lá a turma do Záchia e outras turmas lá, fez o que ele fez, entendeu? Agora o Alexandre Barcelos é pior, entendeu? Porque ele ainda vinha com aquela coisa, ah mas esse cara é do PT, e aí que é do PT? É porque eles também. Mas que merda é essa?

ARS: É que ele é burguês também...

CARLITOS: Não, até que não é burguês de nascença, o Barcelos não é burguês de nascença, que o Marcelo é um baita dum político oportunista. Porque ele pra tá onde ele tá, ele se aliou com o Inove*, que é um movimento “inovador” do Inter que tá cheio de elitista, burguesa, revista e fascista,

ARS: tipo [partido] Novo, né?

CARLITOS: Cara, é um Novo, velho. Ô meu, fascista, eu estou usando a palavra a troco de nada, tá? Eu tive perseguição dentro do Internacional, tá? E os métodos bolsonaristas aplicados em mim e mais uns outros colegas, por pessoas que hoje são conselheiras do Inter pelo Inove*. Tem uns carinhas lá na nessa porra lá do Inove* que o meu sonho na boa é encontrar eles na rua, cara. Na rua sem ninguém dando muita bola pro que tá acontecendo, porque o bicho vai pegar, tá? Porque são canalhas, e com canalhas não... não tem muito o que fazer. Tem que dar na cara mesmo. E são facho, véi, então o o Marcelo se junta com os facho pra ficar no bom lugar, no poderzinho que ele tá né véio? Pra mim... Não vou dizer que é decepção porque não tá em não tem mais idade pra me decepcionar e nem achava que ia ser a grande coisa porque ele é do PT, tá? Ele teve a oportunidade de fazer a campanha dele e se juntar com o povo do clube, fazer uma campanha mais próxima com o pessoal que pensa o Inter de uma outra maneira, que tá aqui realmente abnegado pelo Colorado e ele preferiu fazer com essa galera. Então, ele tá com quem ele merece tá!

ARS: Pode crer, ahm... já que tu falou sobre conversar com o Facho, eh as como são, como tu vê, como que se manifesta o fascismo dentro do futebol e existe algum espaço pra dialogar com essas pessoas que promovem esse fascismo?

CARLITOS: Cara, eh o fascismo ele tá ele tá em toda aquela função assim eh o futebol pareceu um um lugar onde tudo é permitido, né cara? Tudo é permitido, lá no futebol tu pode ser racista tu pode ser homofóbico, tu pode ser machista, tu pode ser xenófobo, né? Pode ser tudo lá no futebol. E não é assim, né cara? Mas é nessas coisas que é de se manifesta, se manifesta esse... Cara, já é uma coisa meio assim, né? Meio, meio facho mesmo, né, cara? Tu não... tu não aceitar uma camiseta diferente da tua, num dia de jogo.

ARS: É, eu penso muito sobre isso...

CARLITOS: É uma coisa bem séria.

ARS: Tu vai ver, vou te mandar o meu minha qualificação. Refleti um pouco sobre o clubismo, né?

CARLITOS: Então, isso é foda, véio, porque isso é muito forte, é muito cultural. Mas exige uma reflexão do cara. Eu sou um cara que eu tenho uma complexidade grande nisso daí, porque sim, véio, eu boto nos caras, no dia de um Gre-Nal, cara de camiseta do Grêmio, cara, meu inimigo. Se esse cara estiver com a camiseta do Grêmio do Bolsonaro meu Deus do céu véi aí é vai é guerra do. Guerra do mundo. Só que não é né velho? Só que não é o cara ele simplesmente ele gosta do outro time ele tem uma paixão talvez igual a minha né? Ele só escolheu a porra do outro da outra cor né, véi? Às vezes nem é ele que escolheu né véi? Ele nasceu numa família alguém levou ele e tal sabe assim... isso às vezes não é tudo uma escolha que a pessoa faz, mas é nessa questão de dessa negação do outro. Nesse espaço onde tudo parece ser permitido de tu botar teus preconceitos e teus olhos pra fora é que se esconde esses fascismos, tá? E essas práticas. Eh é um lugar que até pouco tempo, Alison, e até pouco tempo é até a questão de quinze anos. Quinze? Dezesesseis? Vinte anos? Era um lugar insalubre pra mulheres, né? Era complicado levar a mulher em jogo, ah era ruim eh é um lugar insalubre, isso demonstra qualquer traço de de de Homossexualidade, qualquer traço desses aí tu periga apanhar, tá? É um lugar onde o racismo impera, né? Mesmo nas arquibancadas do Beira-Rio, tu vai ver esse tipo de de situação. Então, é isso, cara. É um, é um, é um canto perfeito... acho que por isso mesmo tem um lugar perfeito pro cara trabalhar essas questões todas agora. A partir do futebol e a partir do que? A partir de respeitar e preservar essa questão cultural véio. Porque é possível tu ter uma grande rivalidade, mas não querer matar e eliminar o outro. É possível

tu ter uma grande rivalidade e não dizer que o cara por ele ser menor que tu porque ele torce pro outro time, beleza, ele ser menor que tudo que torce pra outro time tá fica legal, tá bacana, uma ideia do futebol que faz sentido, tá? Mas não é por causa disso que ele é bicha, que ele é mulher, que ele é isso, ele é negro sujo, que ele é cearense, não sei da das quanta tal. Então, faz muito sentido também conseguir batalhar essas questões que são evidentes ali naquele campo. Sem contar o seguinte cara, (33:25) futebol é um campo popular, pelo menos era no tempo que eu comecei a ir no futebol, primeiro jogo que eu fui, deve ter sido em setenta e cinco. Olha só com quem é que tá falando. Então, cara, eu vou, frequento o Beira Rio, assiduamente desde mil novecentos e setenta e dois, né? Vou em jogo de futebol desde que eu tinha quatro anos de idade e e sempre foi muito é muito popular, era muito popular, né? E é um lugar onde dá pra conversar sobre as coisas que que interessam ao povão, interessam prestar carne, o preço da gasolina, salário baixo, desemprego, essas coisas se interessam ali, interessam e tu consegue ter uma empatia muito forte porque cara quando tu está com a mesma camiseta de uma outra pessoa num momento onde esta comunhão é possível e tá vestindo a mesma camiseta no dia de jogo é uma comunhão que se dá sim de uma maneira muito louca entendeu? Mas simplesmente acontece tu passa a gostar daquela pessoa e a dar ouvido a sorrir pra ela gritar pra ela, a abraçar gente que tu nunca viu... assim do nada, do nada. Isso cria laços, que é possível daqui a pouquinho tu entrar e fazer um trabalho político de conscientização e de conversa e de troca mesmo.

ARS: Massa, muito legal. Ahm perguntar sobre como nas vivências de vocês... né? Como que são as atitudes da polícia e dos clubes dessas manifestações políticas que vocês fazem. E se... eu sei que sim, pelo menos pelo por parte do clube, mas quero saber principalmente por parte de forças policiais. Se manifestações suas já do da Coluna vermelha e do antigo Inter Antifascista. Vocês já foram coibidas as manifestações de vocês.

CARLITOS: Não, nossas não, a gente já teve problema assim como torcedor normal com a polícia, porque bom, enfim, a polícia causa problema sempre, né? A a polícia é o problema, né? A polícia é o problema de um dos maiores vetores de violência no Estado é atuação, no estádio de futebol, é a atuação da polícia. Ela te ela cria o clima de tensão, ela é a responsável pela violência e ela...

EU: A gente vive aprendendo “ah, não importa quem começa”, mas importa, né? É fundamental saber que começa.

CARLITOS: Além de importar também saber quem termina.

ARS: É, também. (risos)

CARLITOS: É importante, mas claro que sim, tá? Essa frase faz todo sentido e... cara, o que a gente tem? A gente sabe que eh se a gente for levar uma, o Brasil vive isso, né cara? Isso aí a gente vive no estádio, a gente nunca viveu o que a gente sempre conseguiu se safar nessas daí, sacou? A gente sempre se safou dessa daí, mas a gente sabe que se levar uma faixa antifascista escrito antifascista alguém vai dizer que isso é contra o governo porque se tu é antifascista até anti Bolsonaro.

ARS: É, não tem mais vergonha de dizer...

CARLITOS: Não tem mais vergonha e aí tu sei lá meu só queria te dizer antes de nazista dizer que nazismo é crime. Não não não, vocês estão fazendo política que não pode. Né?

ARS: Mas ninguém tirou faixa de vocês?

CARLITOS: Não, até hoje não. Até hoje não.

ARS: Mas vocês já trouxeram anti-nazismo ou algo assim?

CARLITOS: de nazismo não, mas antifascistas já direto, direto, direto. Comigo nunca aconteceu, já ouvi relatos de de de colega de CV (COLUNA VERMELHA)* é de ter que ficar dando explicação pra steward de né, pra segurança e tal, por que que a camiseta antifascista e tal. Assim como eu, uma vez eu tava na no no pátio do Beira-Rio e o segurança veio assim pra essa camiseta vocês não gostam são esquerdistas isso e aquilo cara eu não dei muita atenção pro cara “velho, eu sou conselheiro do Inter não vem falar comigo assim” pra não ter que me incomodar muito está ligado? Porque senão ia acabar rolando incomodação resolvi dar um carteiraço, o cara cai fora dali, não me encho mais de saco, né? (37:01) Mas eh esse tipo de assédio assim às vezes é possível, é possível de acontecer, tá? É possível de acontecer por isso que a gente quando tá assim... e aqui assim ó, eh deu, eu tenho cinquenta e um anos, tá? E eu já te disse, eu frequento o Beira-Rio

assiduamente desde oitenta e dois, tá? Então, tipo, Beira-Rio, eu conheço muito e sou muito conhecido. Eu me sinto absolutamente confortável e seguro de andar com a camiseta que eu quiser andar lá dentro do Beira-Rio, tá? Mas eu sei que tem colegas que não vão se sentir tão seguros, que talvez eles não tenham o mesmo tipo de vivência que eu, não teve a mesma historicidade que eu, né? Eh, eu sou um cara que viro prum lado ali por saber que ali tem algum amigo meu que se der algum problema eu posso, né? Me acudir ali com algumas amizades, com alguém de torcida e tal. Então a gente procura evitar ficar muito sozinho em si, né? Então quando tiver vestindo alguma coisa que se te identifique politicamente, tu esteja junto com mais alguém, né? Essa diretriz que a gente tem que é pra evitar esse tipo de situação.

ARS: Perfeito, ahm sobre os usos dos símbolos do futebol. Ahm o que vocês acham dos usos dos símbolos do futebol feito pelo atual presidente, pelo Jair Bolsonaro? O que que tu acha sobre isso? (38:15)

CARLITOS: ele faz o que qualquer populista de merda faz, né?

ARS: Marcelo Medeiros foi levar a camisa do Inter pra ele, né?

CARLITOS: Isso, foi levar a camiseta com a cor branca, né? E a laranja, depois correu na branca, depois a laranjinha, aquela Doritos que eles fizeram, uma boa, vou fazer uma camiseta, né? Laranja do Inter deve ter sido encomenda do Onyx laranja, né velho?

ARS: Pois é, né?

CARLITOS: E aí, foi levar a branca, né? Safado. E aí, cara, que que eu acho? Eu acho que ele faz o que todo político diz. Não, político, todo político fala. Não é só um político, né? Populista de direita que nem ele, mas vamos combinar, né? Que o político de esquerda também faz isso, né? Diferente, a gente sabe que o Lula, o Lula é corintiano...

ARS: mas ele não vai vestir a camisa do palmeiras, né?

CARLITOS: Ele não vai vestir a camisa do Palmeiras, mas o Lula vai lá e né? E abraça os caras do Inter, vai e abraça os caras do Grêmio, Dilma era Colorada, não dá não, fez

um esforço político pra gente conseguir reformar o Beira-Rio com Andrade Gutierrez, né? Então cara, tem isso daí, véi, eh isso é o motivo que eu nunca consegui entender de uma parcela significativa da esquerda repudiar o futebol com manifestação breve, porque a esquerda acadêmica bunda mole, né? Os cara que assim com a coisa que tu fale que seja povão eles ficam já tudo meio assim, né? Então, futebol, funk, sambão, ficam tudo meio assim, a não samba, agora pode, porque o samba de raiz pode, né? Então, porra, cara, futebol é muito... é muito isso, né? E eles vão utilizar isso sempre, cara, vão utilizar sempre.

ARS: Isso é muito interessante o que tu falou, porque assim, falou de mim, né? Um pouco. Porque, né, eu, eu sou da geração que estudou e se não tivesse os planos... Prouni esse tipo de coisa não estaria estudando.

CARLITOS: Sim.

ARS: Não estaria fazendo mestrado.

CARLITOS: Claro, claro.

ARS: Então, eu acho que meio que é um dever da gente falar sobre as coisas populares dessa maneira, né, porque não vai surgir do pessoal que é burguesinho.

CARLITOS: Não, não, não, cara, eu acho que isso foi mesmo, tá, tá coberto de razão, mas isso aí... tem que devolver pra sociedade aquilo que aquilo que é importante. (40:24)

ARS: Legal, ahm sobre a um pouco mais sobre como vocês pensam a maneira de comunicar ahm vocês pensam de alguma maneira assim um público-alvo pra essas... pras mensagens de vocês, ahm se você tem alguma meta de atingir algum objetivo com a comunicação, com essa comunicação vamos falar desde colagem...

CARLITOS: Nosso público... nosso público-alvo sendo, assim, bem específico na primeira camada assim, são as são as torcidas organizadas e a barra. Por quê? Porque cara, torcedor organizado, torcedor de barra, são torcedores que numa eventual situação de conflito nas ruas é quem vai tá na linha de frente, porque essa galera é acostumada

comé que é o pessoal do futebol fala? Acostumado à pista, né? A galera é acostumada na pista, né velho? Então, cara, nós sim, nós tamo, nós tamo disputando uma galera que... que é importante ser disputada é importante que seja disputada porque se a gente tiver aqui um dia pro pau pra pra combater o Governo alguma coisa nós precisamos de gente que é...

ARS: Esse pessoal já tá calejado, né?

CARLITOS: Do nosso lado é o pessoal que sabe tanto cara que toda vez que que torcida se organiza pra ir pra rua conforme o Bolsonaro eles ficam apavorados... não apavorado que [não] vai aguentar, uma Gaviões da Fiel até uma torcida do Palmeiras lá... é menos que lá tem muito fascista no Palmeiras mas tem lá o pessoal de esquerda. Agora, aguentar uma Gaviões da Fiel no teu cangote, não é não é não é fácil.

ARS: A Independente é um pouco forte também...

CARLITOS: Tá independente, é forte, eles tem aquele aquela... aquela... parte dentro deles, né? Que é o Bonde do Che, quer dizer, se perde um pouco menos nas loucuras, mas mas enfim.

ARS: Mas tem seus méritos?

CARLITOS: Tem, tem, tem seus méritos, eles tão disputando internamente, né velho? Uma torcida, uma torcida organizada enorme, né, velho? Sim. É uma disputa interna e simbólica pra caramba. É afudê o cara ver uma bandeira do Che da independência... ops, na Independente. Pô, do caralho!

ARS: como é decepcionante ver na torcida do Atlético Mineiro a bandeira do Barrietos, né? Não sei se tu viu isso...

CARLITOS: Não, não vi.

ARS: Pois é, eu vi... mas faz tempo isso antigo a bandeira da bandeira do cara lá que matou o Che, né?

CARLITOS: A torcida do Athletico Paranaense com, né? Com Sérgio Moro. Pelo amor de Deus não perdeu o campeonato pra esses louco ainda... mas enfim, acho que essa é a primeira camada, tá?

ARS: O Grêmio também [perdeu o campeonato junto], tá todo mundo junto. Eu sou gremista, não sei se te falei isso...

CARLITOS: Não deveria ter dito isso. (risos) tô brincando. Cara, olha só, essa é uma primeira camada de interesse, né? Acho que é uma segunda camada de interesse, assim ó eu vou te contar uma história que eu acho ela muito afudê porque eu acho que ela exemplifica o porquê que a gente existe tá? Uma das figuras mais fantásticas que a gente tem dentro da Coluna Vermelha é uma pessoa assim que ela ela é um [INAUDÍVEL] né? É uma inspiração e a gente costuma brincar que ela é a nossa capa né? Né, uma colega? Não vou dar o nome aqui porque a gente não quer dar nome pra ninguém aqui. Mas ela ela é homossexual, colorada pra caralho. Queria ser jogadora de futebol e tal tal tal. E ela tinha medo de ir no estádio. E um dia ela ficou sabendo dessa porra de Inter antifascista e ela colou no churrasco da galera lá no no Marinha do Brasil. Ela colou lá e ela foi bem acolhida, ela encontrou mulheres que nem ela, encontrou homens que, né? Colhiam aquela diversidade e tal tal tal, aquela situação toda meu e ela caralho véi eu só vou começar a frequentar se associou no Inter, vai tudo que é jogo é assim, “eu só tô vindo no jogo porque tem uma... uma torcida agora aqui, [ela não saber que nós não éramos uma torcida, né?].

ARS: é o que a gente pensa inicialmente.

CARLITOS: É o que a gente pensa inicialmente. Sim...] uma torcida aqui que me acolhe que eu não vou correr o risco de apanhar por de repente tá de mão dada com uma com uma menina né?” “Como já aconteceu de ser oprimido em outros lugares por tá de mão dada com uma guria, tal e coisa.” “Bah, agora com a Inter antifascista eu não tenho medo de ir do estádio”. É, isso aí simplesmente justifica a tua existência.

ARS: É, isso é uma mudança muito grande, né?

CARLITOS: Então, eu acho que isso é uma é uma segunda não... não... é segunda não por ser menos importante, tá? Mas é uma coisa que acaba meio que refletindo esse tipo de de atuação. Então, sim, nós somos uma mensagem pra galera toda que disse assim: Ô, meu! Quer? Cola. Cola que aqui tu tá mais seguro. Quando rolou uma movimentação que uma gurizada queria fazer a Coloridos, né? Que era uma gurizada, queria fazer uma torcida gay do Inter, né? E nos procuraram. Cara, a gente sentou e conversou com os guris, tá? Foi fogo de palha, não rolou muito e tal, eles não [sic] acabaram não se organizando, é todo mundo sentado e conversa... Tão começando meio que errado, cês tão fazendo alarde demais. Cês vão ser caçado dentro do Beira-Rio, ó. Então, pra vocês não ser caçado dentro do Beira Rio, cola com a galera, cola conosco, né? Ajuda com a gente, meio que ouviram, se juntaram um pouco ali, mas ó, não tem essa de não desfralda a bandeira ainda porque não é o momento, isso aqui não é uma tática, né? Tem uma tática, né? De aproximação, tal tal, porque olha o discurso que os louco tão te dando, ninguém tá falando que é porque vocês são homossexuais, é porque vocês estão criando uma torcida e aí vocês vão disputar as coisas de torcida, dentro do estádio, né?

ARS: Sim...

CARLITOS: A gente sabia exatamente qual era o motivo, mas a justificativa era plausível, né? Então tá, mais ou menos por isso aí, eu acho que isso é um essa é uma motivação muito legal. A terceira é, cara, tu ter um ponto catalisador, cara, de esquerdistas mesmo, de esquerdistas bem esquerdistas, não de, né? Mais ou menos esquerdistas isso e aquilo não, né? Canhoto mesmo.

ARS: Tem que ser de fé...

CARLITOS: tem que ser canhoto mesmo e ainda dentro dessa canhotismo aí tem de tudo ali, né? Tem uns petista bem de ferro, os petista mais antigo, tem as anarquista, tem comunista, tem PSOLista, tem é uma galera de tem ninguém também quer, ah não é nada, não é? Mas tem ali toda uma militância porque ah uma visão de mundo que basta de ser humano pra tu se identificar com elas, né?

ARS: Sim, pode crer. Ahm sobre uma outra questão, como você vem o atual processo de elitização do futebol a partir de processo de criação de arenas, padrão FIFA. O Beira-Rio, padrão FIFA, agora arena do Grêmio, essas coisas.

CARLITOS: Ah velho...

ARS: afasta o pessoal, né? Porque não tem tanto dinheiro, né?

CARLITOS: Uh-huh, né? Afasta total. Com a operação do estádio sempre fica mais caro, né? E aí mas são coisas muito interessantes, né? Porque eu me lembro que quando a gente tava tava fazendo uma campanha forte na época do povo do clube, fazia uma campanha forte contra as cadeiras no Beira Rio pelo fato de ter cadeiras em todo, todos os anéis, o anel inferior superior... A gente conversando com com o Nego Beleza* (NÃO IDENTIFICAR), “mas aí, pô, tu não quer, pô, cadeira é uma merda assim”, “não, cadeira é legal. Eu tô velho, eu quero me sentar na confortável”. Aí eu falei, “porra, meu filho, tem razão, né, tá bom”. Cadeira numa parte e sem cadeira na outra, porque pensa, tem uma certa idade assim, o cara já quer se sentar, o cara quer ir no banheiro legal. Ninguém quer ir no banheiro podre do jeito que era antes, aquilo era, ô meu. Era. Meu, década de oitenta o bagulho era, cara, era horrível.

ARS: Eu já peguei estágio nos anos dois mil...

CARLITOS: pô, olímpico tava tava caindo aos pedaços, né velho? O Beira Rio caindo aos pedaços lá. Era ruim pra... cara sei lá, que aquilo lá tinha uma magia também que eu acho que era a idade, a gente era mais novo, né? Tudo parece ser mais legal quando o cara é mais novo. Eh tem um monte de coisa que são, cara, que eu não tenho como falar mal dessa modernização. Sim, cara, ela é importante oferecer mais conforto, mais segurança, um ambiente mais saudável pra galera. Mas isso... não é necessário tu oferecer isso e tu elitizar ao mesmo tempo. Então, isso na verdade é um subterfúgio. A troca de tu oferecer condições mínimas de dignidade pras pessoas, tu diz que pra fazer isso tu precisa cobrar uma grana. Um bom dinheiro. Um bom dinheiro. Na verdade, esse processo é o que junta tudo. Porque o que os caras querem é a tal da higienização. Higienização significa atirar pretos e pretas pobres de perto do estádio. Tá? Isso é racismo. Essas pessoas são racistas.

ARS: do estádio e tudo que elas se identificam né?

CARLITOS: Tudo. Cê ouviu, eu tratei já com racista, eu fiz campanha no no Inter pra o povo do clube, pelos interior aí, eu vi racista falando pra mim, “é mas tu tem que considerar que hoje em dia tá muito mais seguro, né? Que não tem aquela negrada”, isso aquilo só não mete o soco na cara do sujeito porque tu não é, não é assim que tu vai resolver naquele momento, mas sabe que eu vi esse tipo de coisas e pá, tu não racista que esse cara tá fazendo torcendo pro Inter?

ARS: Perfeito, esse é o ponto ideal pra pergunta que eu vou fazer agora, que é sobre a relação entre o Clube do Povo e o Clube de Elite pra tratar o Inter e o Grêmio, tu enxerga isso na realidade?

CARLITOS: Cara, eu acho que essa realidade é... ô meu, conforme eu te disse, eu sou colorado porque o Inter é do povo. Quando eu comecei a ser colorado, isso era tão... tão... tão... tão evidente, tá? Eu vou em Grenal... o primeiro Grenal que eu fui em setenta e nove [1979], acho que eu fui depois, do meu pai. me levou em Grenal em oitenta [1980] também, depois a partir de oitenta e dois [1982] eu comecei a ir sozinho com os amigo, em Grenal. Falei, não tenho a menor dúvida, velho. Eu olhava prum lado era branco e do outro lado era preto, entendeu? Não tinha a mesma dúvida. Cara, eu tinha um bonequinho, meu mascote do Colorado era o Negrinho, não era nem um saci, era um negrinho, era um bonequinho, um negrinho fazendo assim ó, era um bonequinho de borracha que eu tinha com cinco, seis anos de idade.

ARS: Isso na década de 80?.

CARLITOS: Década de 70, eu entrei ao clube do povo, cara. O Inter, década de quarenta, o Inter era conhecido como? O clube dos negrinhos. Década de cinquenta, o Inter adota o Saci-Pererê como mascote. O único negro de todos grandes clubes brasileiros a ser mascote de um clube de futebol. O saci. não tem! Não tem nenhum personagem negro mascote de nenhum clube desses grandes médios do futebol brasileiro. Não vai ver. O Bahia está pensando é o Super Homem (risos). Está certo? É porque é azul é azul. É azul vermelho e branco. O Inter é o único que tem isso cara. O Inter me identifica muito forte velho com essa questão de ser o clube dos negrinhos, de ser o clube do povo, né? De tá... tem toda essa identificação. A partir de um determinado momento, essa coisa ela ela vira, porque os clubes são espaços de disputa e...

ARS: e hoje em dia o... a arena do Grêmio é num bairro popular, né?

CARLITOS: É num bairro popular e eu gostaria que o Inter estivesse num bairro popular apesar de achar a localização do Inter tão fantástica, o Inter tá num bairro popular, né? O Morro Santa Tereza ali, né?... do tempo que eu eu vinha da Glória, morava na Glória, eu ia a pé e subia pela Correia Lima, quando eu descia da Correia Lima depois do do do do Eucaliptos pra dobrar em direção ao Beira Rio era um mar de gente descendo pela Silveira, descendo do morro.

ARS: Pois é, vou te dizer uma coisa, é que ahm... eu fui no Beira-Rio uma vez porque meu irmão é vascaíno, né? Porque fala sobre mim, eu sou... eu sou cearense, vim pro Rio Grande do Sul que eu tinha um ano de idade. Daí minha família é diversa assim, né? O pai torce pr'o Santos, o meu irmão torce pr'oVasco, a gente morou um tempo no Rio de Janeiro, foi no tempo que ele escolheu o time. Torceu para o Vasco.

CARLITOS: Legal.

ARS: E eu torço pr'o Grêmio. E... e tipo, em que relação de frequentar estádio, eu frequento mais estádio agora que oAarena do Grêmio é perto de Cachoeirinha, né? Sim, cachoeirinha, então é barbada agora ir pra lá. Cara, eu fui no Beira-Rio, estranhei porque eu no Beira-rio... eu entrei no Beira-Rio e tinha só carrão... só carrão e na Arena do Grêmio não é assim, né? O Grêmio é é diferente, enfim. E e não era pra ser assim, porque tipo falou, Santa Tereza é pertinho. Por que não chamam o pessoal, cara, pro Beira Rio, né?

CARLITOS: Ao mesmo tempo, a gente consegue dar algumas respostas que sejam importantes, né? O Inter por conta da política do povo do clube muita batucanação da galera da nossa... galera é a Inter antifascista na época a gente conseguiu aprovar a associação popular no Inter né? É uma associação popular que é foda que inclusive boa pessoa pagando dez pila por mês pode votar e ser votada né véio? Pode ter daqui a pouquinho a gente vai estar elegendo conselheiros e conselheiras no Inter, que pagam dez pila por mês. É muito interessante. Certamente isso vai acontecer. Certamente vai acontecer. O povo do clube é um movimento muito muito cochudo lá no colorado, né?

Mas deixa eu te dizer um negócio, cara. Primeiro que as afinidades são grandes, né? A família do meu pai é cearense também. O meu pai era flamenguista e meu tio é vascaíno.

ARS: Ó.

CARLITOS: Porque eles ouviam o jogo na Rádio Nacional, aquela coisa aí aqui no Sul meu tio também torcia pro Inter, meu pai nunca suportou a dupla Grernal, torcia pro Cruzeiro. E aí o meu primeiro time que era o Cruzeiro também criando com ele do jovem.

ARS: Que é de Cachoeirinha, agora!

CARLITOS: E hoje é de Cachoeirinha, olha só que loucura isso daí, mas daquela época não era.

ARS: E é um estádio [do Cruzeiro-RS] que por mais que se chame Arena é um estádio bem raiz, assim...

CARLITOS: Tomara, né. Vou te contar um episódio, assim, que é emblemático pra mim, em 2011 eu fui assistir o jogo da Libertadores do Inter pra Libertadores até que eu o técnico era o Falcão e eu entrei no estádio velho e eu saí no intervalo. Porque eu saí assim “cara, isso aqui não é mais o meu lugar”. Porque eu olhava e não via nenhum negro. Só via branco. O que me salvou o meu coloradismo foi o povo do clube porque eu tava naquela, cara, que merda, o que que tá acontecendo, isso não é possível? Cadê? Porque eu me socializei, me aprendi a me socializar no no Beira Rio, né, velho? E aí, porque, né, cara? Eu sou branco, minha família é de brancos, né, mesmo que a gente nunca tenha sido classe média alta, enfim, foi mais pobrezinho assim, tudo bem, mas branco é diferente, né, velho, sabe como é, né, a banda toca diferente pra branco do que toca pra negro, né? Então, pô, lá era um é um lugar que eu sempre gostei muito dessa dessa relação que a gente tinha, assim, com toda, com toda a galera. E o que me salvou foi o povo do clube, véi, quando eu conheci o povo do clube em dois mil e doze, dois mil e treze, quando que eu vi uma notinha de jornal “pessoal que está lutando contra a legislação do Beira Rio” ô, meu... fui direto nos caras. Fui direto e abracei assim, vivi intensamente o povo do clube. Que ali era o negócio assim, não, não é possível isso aqui. É inadmissível. Eu acho

que esse tipo de movimento e crescendo do jeito que cresceu, o povo do clube só cresceu, nunca diminuiu, ele só cresceu, só é possível quando tem esse tipo de raiz esse tipo de alma, mas a verdade é a seguinte: pra ver um espaço gourmetizado de torcedor branco e torcedora branca, tá foda.

ARS: Eu achei isso quando eu fui eh... Não que a Arena não seja também, né? Por mais que o pessoal não anda. O pessoal ao redor que tá ali o pessoal não entra.

CARLITOS: Vai falar com o povão ali, cê vai ver com os vendedor de [INAUDÍVEL], os vendedores, né? Não sei quanto tempo vão conseguir manter aquela estrutura de bairro ali, né? Porque um dos objetivos de todo aquele projeto é uma...

ARS: Felizmente a OAS faliu.

CARLITOS: Felizmente a OAS faliu, né? Tu vê sorte, né cara? Sorte que o Grêmio deu, né? Porque se não ia ser uma merda. E agora nós tamo aí tendo que lutar contra Torres do lado do Beira Rio que simplesmente se acontecerem velho é possível que daqui a vinte anos o nosso Estado não esteja mais ali, esteja em outros lugares, em outro lugar, o que aconteceu com o Grêmio aconteceu conosco, nós não perdeu nosso território, não tem que falar outro lugar.

ARS: Perfeito, ahm... a pergunta que eu fiz antes de vim pra cá, mas eu faço novamente. Não precisa citar nomes obviamente, eu não quero isso. Mas como vocês se organizam? E se existem lideranças e sublideranças? Se isso é natural, se isso é eleito com é que funciona.

CARLITOS: Bom, é natural. Eu eu gosto de usar o termo bem bizarro assim também. A meritocracia anarquista, né véio. Eu acho que assim ó, quem quem corre, né? Quem pede tem preferência quem corre recebe a bola, né velho? Então é mais ou menos isso, acho que uma coisa muito legal da CV que rola direto é, cara, nunca se sabota em iniciativas pessoais. Nunca... precisa alguma coisa? Não, não, não, não... tá bom, vamos ver como é que se articula e a coisa não quer, se a pessoa quiser fazer, então é tudo muito na naturalidade, mas sim, se organiza a partir de um grupo mais restrito, tá? Cuja a prerrogativa é sempre aquela que eu te falei de ir no jogo de futebol, né? E estar presente

nas ações da Coluna Vermelha, participar da Coluna Vermelha, participar ativamente, fazer reuniões, votar nas coisas, estar nas manifestações, levar bandeira, fazer essa função, tem que viver a Coluna Vermelha pra fazer parte desse grupo dirigente, né? Isso não é um grupo que não, ele não manda, mas enfim, alguém tem que, alguém tem que fazer as coisas, né? Porque não fica assim, ninguém faz, né? Então, a organização se dá mais ou menos a partir desse tipo de situação. É assim, cara. Tu chegou, está falando comigo aqui porque o colega pegou, procurou o Vitor [NÃO IDENTIFICAR], né?

ARS: É, procurei o o Instagram ali, não sei.

CARLITOS: Instagram, acabei de dar o número, o [NÃO IDENTIFICAR]. O parceiro que cuida da rede social das redes sociais da gente, né? Mas ó, “fulano de tal desse aqui... quem quer falar com ele?” Eu gosto de falar com a gurizada, bota pra mim aí que eu falo com o cara. Tá. Né? Então, a gente se organiza mais ou menos dessa maneira, velho. É uma coisa democrática. Mas é assim, ó. Eu acredito nisso, porque eu tenho espírito mais anarquista mesmo, tá? Acho o anarquismo uma coisa muito afudê assim, muito legal... e eu não eu não identifico no anarquismo essa questão de sim... é uma filosofia justamente que faz com que meu tenha iniciativa, tu faz os negócios, vai lá e faz... tu não pode podar a potência dos outros porque tem umas pessoas ali do evento, elas tem uma energia, tem uma capacidade de fazer coisas que são muito afudê, velho, entendeu? Eu não posso jamais ficar disputando política com aquelas pinta, não é assim, tem que potencializar elas, assim como elas não podem fazer isso que eu faço contigo, porque eu faço melhor do que elas, isso. Entendeu? Eu faço melhor, uma série de coisas que outros fazem. Então, quem sabe é o seguinte, a gente se enxerga dessa maneira que vai... cara primeira reunião da Inter antifascista, algumas das pessoas que ainda estão na Coluna Vermelha, foi dito uma coisa assim que pra mim ela ela basila assim as nossas a nossa questão, tá? Que é, nós temos algumas bandeiras, tá? As bandeiras, luta contra o preconceito, contra eletização, estar ao lado da classe trabalhadora. Se tu tiver sempre nisso daqui, nessas três e for agir com camaradagem, a gente pode brigar velho, mas a gente é camarada, entendeu? Tive vontade de sair do soco com o parceiro, daqui a pouquinho eles respira assim, meu camaradagem, camarada... filha da puta, dá um abraço aqui, tá? Vamos lá, camaradagem entre nós, né? Guerra aos senhores, né? Então, aquela coisa assim. Sendo, agindo com camaradagem entre nós, isso não quer dizer não criticar, isso não quer dizer tu não debater, tu não confrontar. Camaradagem é outra coisa, tá? É ser camarada mesmo,

é tu sempre achar que é outra pessoa, tá fazendo aquela coisa no bom intuito, não na sacanagem. Então mesmo que ela discorde de ti, entre em conflito contigo, não é por sacanagem e disputa, tá? É porque tá defendendo a ideia dela, tu vai defender a tua ideia. Então camaradagem entre nós e defesa das bandeiras, cara eu praticamente sou eu só informo que eu vou fazer o negócio, isso tem a ver tudo com as nossas diretrizes. “Seu Marcelo, vai falar o que com eles? Tudo que tá dentro da diretriz. Então beleza.”

ARS: É, isso é muito importante, né? Saber o que fazer...

CARLITOS: não vou sair do, não vou sair do riscado. Quando eu falar que eu gosto do [NÃO IDENTIFICAR] eu vou dizer que só eu gosto, vocês não gostam.

EU: Mas uma pergunta que não tava no roteiro que surgiu agora, eu vejo as postagens que a Coluna Vermelha participa, que às vezes... quinze torcidas antifascistas juntas, assim. Vocês têm conversa com outros torcedores ao redor do país assim?

CARLITOS: ao redor da América.

ARS: Na América inteira, né?

CARLITOS: Sim.

ARS: Como é que funciona isso?

CARLITOS: Ah, se juntam, se juntam grupos, cara, a gente, a gente conseguiu há uns dois anos (risos) aquilo foi muito bizarro... Nós estava em plena primeira semana de perseguição da diretoria do Marcelo Medeiros e nós tava fazendo encontro de torcidas antifascistas no no Parque Gigante. Nossa. É muito louco velho. É. Inclusive ele pegou um dos nomes porque bah nós tava no panfletinho assim ó, fumava fulano e tal vai falar já foi pra polícia (risos). Foi assim. Mas ao mesmo tempo, cara, ele que não nos tirasse lá que nós é que ele daí ia ser quebradeira, ia ser foda. Porque nós já tinha acordado tudo. Receber os torcedores antifascistas de vários lugares do Brasil. Vieram dois ônibus cara de torcida. De torcida de Nordeste, só não veio do Norte. E Centro-Oeste, mas veio do Nordeste, Sudeste, Sul veio pa caralho.

ARS: De Argentina e Uruguai veio também?

CARLITOS: Não, não. Foi só nacional. Foi só nacional. Eh, estrangeiro a gente a gente fez uma vez um negócio muito a foder que foi quando a gente jogou contra o Palestinos. Nós fizemos uma baita duma recepção com a torcida do Palestino. Cara aquilo ali foi foda eu fiz o churrasco com a galera assim...

ARS: E vocês também foram para lá, né?

CARLITOS. Sim. A gente também foi pra lá né, eu recebi a camiseta super bem acolhida... apesar de ter uma uma parcela da comunidade palestina aqui que é direitista isso e aquilo bah cara numa maneira da gente demonstrar por onde é que a gente andava, né cara. Tá com a bandeira da Palestina e lá na arena tem bandeira de Israel, aqui tem bandeira da Palestina. (risos) É assim que é, e aí tu vê como é que é a coisa, tu tá jogando contra o Palestinos e os caras vai ser pô, mas vocês tão com bandeira da Palestina, jogando com os palestinos assim, ô meu, os alemão bota bandeira de Israel lá na arena. Então, tá tudo bem. Facinho, facinho. (risos)

ARS: Tá certo. Muito bom, muito bom. Tá, só mais duas perguntas, assim, ó. Como vocês veem os cânticos homofóbicos presentes na torcida do Inter, já falou sobre isso. Tem um plano pra mudar isso a longo prazo?

CARLITOS: Cara, a gente já tentou, já tentou conversar algumas vezes assim, mas a gente tá ainda, nós ainda não botamos nossos planos em ação, eles ficam na na tese da conversa que ali esperando o momento em alguns momentos, tá? Assim, a gente já deveria ter feito algumas coisas, acho que toda essa campanha que a gente faz em relação ao racismo, tá na hora da gente começar a dar o outro passinho, sacou? Então.

ARS: É que o clubismo não pode atrapalhar? porque eles pensam, bah, “o Grêmio o Grêmio nos anos setenta fez a Coligay, gente não pode apoiar um negócio desse”, não sei se tem esse lado...

CARLITOS: Tem, tem, tem, atrapalha pra caramba. Mas cara, é possível as pessoas mudarem. É bem possível. Tem um camarada meu que ele, cara, ele mudou muito, velho, ele mudou muito, eu me lembro exatamente num dia que eu tava indo pro Beira Rio e ele me encontra no meio do caminho e tira do bolso uma... uma matéria da Placar sobre a Coligay. “Carlitos [mudança de texto original para não identificar o entrevistado], olha que ridículo, esses cara isso e aquilo” daí olhei assim “pô que afudê não tinha visto essa matéria, assim, oh meu que merda que não é do Inter né?” “Tu está louco” isso e daquilo. Hoje em dia esse cara ele tem perfeita noção, velho, do que que significa... do que que significa isso, tá ligado? Perfeita noção, cara, e mudou de lado. Eu falei “não meu eu estava errado eu evolui”. É possível sim as pessoas mudarem. Tem uma série de galera, velho, eu sou longa, eu sempre brinco com a galera: meu irmão, vou cantar, adoro aquela musiquinha “sempre louco, atrás do gol, acendendo o do bom, eu vou fazer um gol do Tricolor”. Vamos fazer o gol do Tricolor, é melhor que o matar um puto tricolor, né? Deve ser melhor, né? (risos).

ARS: É. É tão mais útil (risos).

CARLITOS: mais legal fazer um gol, não precisa matar ninguém, nem chamar os caras de puto..., Mas é difícil velho. Sim. É difícil tu fazer essa mentalidade aí é complicada. Mas eu acho que a gente sendo bem sincero aqui pro teu gravadorzinho pra ti eu acho que nós ainda não estamos articulados o suficiente pra dar um enfrentamento necessário pra essa questão.

ARS: Mas algo está nos teus planos.

CARLITOS: Está sempre no radar.

ARS: Show. uma última pergunta, ah, mas não menos importante ahm como são organizadas as manifestações de rua ahm e nas arquibancadas e nas e as ações comunitárias que vocês fazem né?

CARLITOS: As comunitárias eu meio que expliquei né, cara?

ARS: E tem parceria com coletivos também?

CARLITOS: Tem tem parceria com com as torcidas do Inter, tem parceiro... agora a gente acabou de colaborar com uma parceria muito foda com a Camisa 12 e com a Força Feminina Colorada que foi a distribuição de kits, isso até entrou em moda agora porque tá se falando isso né? Questão de menstruação das mulheres né? Pô, mais de quase novecentos kits, cara, foram distribuídos... a gente colaborou ativamente nessa daí com grana, com... com trabalho de ir atrás. Sim, a gente trabalha com outros coletivos, né? Principalmente ligados às torcidas do Inter, tá? E em relação às manifestações, quando a gente quer formar a coluna, né? Quer ir no fora Bozo, ou quer qualquer manifestação aí pra, né? Pra o trabalhador, a classe trabalhadora, a gente têm uma maneira de se organizar a gente quem vai? Tem que ir, quem vai tem que ter representação, beleza? Tem que ir lá começa a botar na lista bah, depois que formou ali ou vai no grupo grande tem que ir galera, vamos lá, se organiza aquilo ali, aquilo se espraia até pra fora dos grupos, eh, se centraliza dois trechos com responsáveis pela... pelo... pelo material, faixa, bandeiras, camisetas eventualmente, mas um ou dois foi o responsável pela compra de fogos, o resto é responsável por levar drogas que são importantes, né? Essa parte não vale, mas tomar uma cervejinha lá na função e tal. Não, mas é. Tem drogas, eu quis dizer, drogas lícitas, viu...

ARS: É isso aí. Cara, vou te deu esse tempo aqui, uma hora de gravadora.

CARLITOS: Eu falo pra caralho, mano

APÊNDICE V – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE KARINA, DA TRIBUNA 77

ARS: Pra começar vamos a essa questão. Como é que funciona essa organização de Grêmio Antifascista, Tribuna 77 e o Elis Vive, etc e tal. Não sei se tem outros movimentos a parte desse... esse grupo de torcedores, ãh... antifascistas.

KARINA: ãhn... então são, ãh... são grupos de pessoas que andam juntas né, no sentido político, assim, que tem que tem é... pensamentos parecidos ou que se apoiam, se aportam enfim. Mas é... segmentos distintos né? É... eu poderia responder pela Tribuna [77] e pelo coletivo porque da... da Grêmio Antifa apesar de também é, enfim... estar nesse mesmo é nesse mesmo conjunto de torcedores antifascistas, é... não é por exemplo das redes sociais eu não participo, não... dos atos que eles que eles propõem e tal, mas enfim, andamos aí normalmente, torcemos... quando a gente vai na Arena, por exemplo, a gente está no mesmo ponto, assim, né, da Arena... na Superior Norte. É... então, falando pelo Coletivo [Elis Vive] e pela Tribuna [77], a diferença básica é um... é mais voltado pra pauta das mulheres, né? E o outro é coletivo, assim, de todas as... essas pautas que que cabem dentro do antifascismo, né? Do antirracismo, antiLGBTfobia, antimachismo, enfim. Tudo que está aí dentro disso e só que o... o Coletivo [Elis Vive] é um... um eh enfim um coletivo dentro da Tribuna [77] que procura tratar mais da falta das mulheres mesmo, mas a gente é um grupo de torcedores em conjunto, né? De... de... de torcedores.

ARS: Entendi, entendi. Ah, você considera um... uma torcida organizada? Ahm, porque o lado, o outro lado... dos colorados dizem que não... eles não são, eles são com algum grupo de pessoas que está em todos os lugares. Como é que funciona no caso de vocês?

KARINA: É... eu... assim... eh... não... não... não existe uma... como é que eu vou dizer... não existe um consenso com... a... quanto a isso né? Cada um pode falar, é... de como se... mas assim, até onde eu sei com as pessoas que eu mais converso como a gente se vê sim como um grupo organizado de torcedores. A gente não é torcida organizada como talvez o clube considere, né? Que é que seria ali o pessoal que vai mais pro pra onde fica geral. Né? Ali tem outras torcidas que já foram organizadas foram aceitas como... como tal e hoje o clube até nem fala em torcida organizada, né? Porque a geral é um conjunto de torcidas organizadas, ela não é uma só. Então também é... a gente está nessa... nessa mesma função de a gente se organiza, obviamente, a gente tem um... a gente tem um

cérebro que... que pensa junto, assim, todo mundo está ali dentro dessa mesma organização, então pensando na... no... no termo cru, assim, a gente é uma torcida organizada, mas é... o Grêmio não considera torcidas organizadas né? Então dentro do clube, não.

ARS: Isso que tu falou interessante ãhn atualmente, no Grêmio, as torcidas organizadas são centralizadas na Geral, alguma coisa do gênero, como é que funciona tipo... assim, eu sou gremista também, eu frequento o estádio bem de vez em quando, quer dizer, faz dois anos... durante dois anos, aí eu fui uma vez, né? Vi aquela coisa lá do jogo do Palmeiras etc e tal. Mas ah... existe essa centralização na Geral das coisas porque eu vi... uma... eu vi uma, entre aspas, eu vi uma denúncia mesmo, de alguns torcedores da... de... da torcida... eu não lembro o nome da torcida agora, acho que a Garra é uma delas, ah... que fala justamente que o DTG que é o departamento de torcedor gremista que, basicamente, [é] uma centralização, é um aparelhamento da Geral, vamos dizer assim, é... é assim que funciona mesmo a situação?

KARINA: É... é... que eu entendo, ãh... que... que no Grêmio a Geral é um lugar, ela não é uma torcida né? A Geral é a ala popular do... da... da torcida, então ali, nesse... no Inter eu acho que chama de Popular né? Que ali estão todos os torcedores organizados, é... eu não sei se é o Inter tem algumas... alguns estádios que dizem ala popular...

ARS: é... no Maracanã era geral né? A geral era o setor.

KARINA: Sim. Que passou essa porque existe a banda da Geral... passo a ideia de que é toda uma torcida organizada, mas ali entre eles tem suas diferenças, né? Tem sido, repara nos bandeirões, tem que... que rolam ali na arquibancada, é... existem microgrupos assim, então a Geral eu entendo como um lugar e não como uma torcida.

ARS: então na Geral não tem um presidente da Geral né? Não tem esse tipo de...

KARINA: tem o Capo da Banda da Geral, tem mas... ou “os Capos” que eu acho que são... são mais do que um, assim dessa parte eu não...

ARS: é bem complexo né bem é mas enfim... ahm, qual foi a motivação que fez vocês entrarem nesse luta antifascista dentro da torcida do Grêmio? Como é que surgiu... quando que surgiu essa necessidade?

KARINA: Olha, ãh... a Tribuna [77] surgiu como, justamente, pra tentar por essa questão que tem no Grêmio, né? Do... do racismo, da LGBTfobia, tudo não só no Grêmio, né? No no estado do Rio Grande do Sul, muito presente, vou dizer assim, vou puxar bem pro pro nosso mesmo, pro nosso estado. Eh, apesar de ser um problema nacional, de ser um problema capaz, eh, eh, eh, nesse sentido continental, né? Não é um problema, assim, só do Grêmio, mas que a gente percebeu ali nesse... nesse lugar, ahm... a necessidade de fazer algo pra... pra demarcar que não é a torcida do Grêmio, não é racista, a torcida do Grêmio não é LGBTfóbica, a torcida do Grêmio não é machista, sabe? Existem torcedores que estão sempre levantando as bandeiras contra tudo isso. Então, eh... a tribuna surgiu dessa necessidade também, da necessidade de levar o Grêmio pra fora do estádio, né? De levar tanto a cultura do Grêmio pra fora do estádio quanto, eh... essas pautas também. Levar como arquibancada, vai pra rua também né? Então, é um... é um grupo multicultural que tá disposto, assim, a... a levar o Grêmio e trazer para o Grêmio, também, pautas, eh... que sejam produtivas e interessantes pro Grêmio, né? E eu cheguei na tribuna em dois mil e dezoito [2018] e eu encontrei eles pelas redes sociais. Então, acho que é um... um dos grandes pontos fortes da Tribuna [77], assim, é... é marcar essa presença nas redes também e... e trazer o torcedor pra esse lado né? Essa é a ideia.

ARS: Já já a emenda que eu ia perguntar justamente sobre as plataformas de redes sociais que vocês utilizam e tal ah como funcionam como funciona essa demanda que tu vê que sim se tem ou não alguma aceitação assim dentro dos gremistas se há muita resistência e tal e qual é a importância das plataformas de rede social pra pra lidar com com tudo isso né? Pra disseminar essa palavra de igualitarismo essas coisas e tal.

KARINA: Uhum. Eh então daí como eu falei que eu cheguei justo por aí pra mim é é interessantíssimo assim né? Onde a gente eh porque muitas vezes tem gente que nem vai no estádio né? Que não que não que não enxerga lá um trapo da tribuna que não tem acesso visual ao coletivo

Elis Vive dentro do estádio. Então a gente consegue atingir outros públicos, até porque entrar na arena não é barato, não é né? Não não é fácil, não é pra todo mundo, infelizmente. E então é uma forma da gente encontrar pessoas de todas as partes, de todo o Brasil, sei lá, gremistas, em todos os lugares, né? Ou até não gremistas, mas que que curtem as pautas, o que a gente leva ali pras redes. Então, é, é fundamental, assim, pra ideia da tribuna é fundamental, porque a gente quer somar não somente com quem vai no estádio, obviamente. Eh, aí depois eu me perdi um pouco da tua pergunta...

ARS: sobre como funcionam essas demandas se tem qual é a aceitação dentro do clube...

KARINA: sobre a resistência né? Olha a gente enfrenta tanto nas redes quanto no estádio né? Uma certa resistência não é a maioria está longe de ser a maioria acho que a maioria está entre os que apoiam e os que ficam em silêncio, né? E tem aquela minoria que decide levantar a voz pra dizer, não, tira esse trapo LGBT daí, porque aqui é Grêmio, não mistura as coisas. Não mistura política com o futebol, né? Mas eh... enquanto isso tem vários candidatos aí que eu eleitos inclusive ahm políticos que usaram as cores do Grêmio inteiro e ninguém se opôs, né? Mas é que essa política não, essa política que vai eh discutir a igualdade dentro do clube não pode...

ARS: É, política, ideologia é coisa dos outros, né? Nossa. A gente nunca tem, né?...Não. Mas é complicado. Ah ah qual a relação que vocês tem com torcidas dentro desse imbróglio todo que me disse que são as torcidas do Grêmio. Como é que funciona a relação? Tem integrantes da tribuna que frequentam a geral? Como é que a como é que rola essa interação?

KARINA: É então como como ah eu mencionei antes que a Geral é um lugar e não uma torcida sim, tem integrantes na tribuna que vão pra geral justamente pelo valor dos ingressos, né? E disso a gente não, a gente tem plena consciência, né, apesar de que é o superior Norte, que é o lugar que a tribuna escolheu ficar, é o segundo ingresso mais barato do estádio, ainda em muitos jogos a geral ganha disparado assim, né? Tipo, cinquenta reais mais barato não tem como discutir. Então, eh, a em relação as outras torcidas em boa parte a gente tem um bom relacionamento. Existem alguns integrantes que complicam né? Que tentam tipo a gente já teve trapo roubado dentro do estádio e

nunca conseguimos encontrar, né? Eh a gente já sofreu ameaça na saída da do jogo eh tivemos que esperar por seguranças coisas assim né? Então inclusive com mulheres com crianças então tipo não é uma coisa assim que a gente pode se expor pra pro que der e vier né? Tem tem uns cuidados que a gente tem que ter. Então eu diria que com torcida se tu vai me perguntar de modo geral a gente tem um bom relacionamento e inclusive tenta eh levar essas ideias que a gente tem, né? Pra pra esse pessoal, mas tem gente que realmente é é tem a ideia bloqueada, né? E não quer receber, então eh nos resta assim ter um, uma organização entre nós, pra gente se cuidar mutuamente e Enfim, encarar.

ARS: É. Bom, muito bem. E eu soube outra coisa, como vocês lidam com a rivalidade grenal? Tem algum diálogo entre gremistas, antifascistas e colorados, antifascistas? Com colorados não antifascistas com certeza não tem, mas essa questão me pega assim...

KARINA: É... bom, a gente... como é que eu vou te dizer? A gente tenta ter não ter esse clubismo, pelo menos dentro da Tribuna [77] posso afirmar isso. A gente já tentou diálogo [...] com a Inter antifascista, é... apesar de não... de não ser, assim, muito receptivo do outro lado, né, como a gente percebe. Em relação ao coletivo Elis Vive, a gente tem muito mais abertura com as mulheres, a gente tem contato com as meninas da Força Feminina Colorada, é... assim, e que nem são, não... não levantam a bandeira do antifascismo, né? Nem tão por... são feministas, né? Isso sim, mas não, não, não tem a mesma ideia da Tribuna [77], mas que nos recebem muito bem, assim, ou recebem quando a gente tem um convite pra fazer, uma ideia pra trocar, é... claro, tudo tentando, é... manter minimamente a rivalidade, porque, né? Ninguém é de ferro, mas não o clubismo. Não é uma coisa assim “eu vou te odiar porque tu é do Inter”. Né? Eu acho que isso não atribula aí no coletivo não... não existe assim a... a gente... até porque é a nossa primeira bandeira é o antifascismo e não combina em nada tu odiar o teu rival, é... e querer ser antifascista ao mesmo tempo né? Odiar assim gratuitamente, digo... então é isso; rivalidade, não ódio.

ARS: Muito bem, eu vou te dizer uma coisa assim, vai estar lá na minha pesquisa, então não é nenhuma fofoca assim, é uma coisa que eu vou apresentar. Que conversando com outro lado, eu vi que ãhn eles têm uma certa... pelo menos o rapaz que eu conversei, ele tem uma... ele tem a ideia de que seria legal conversar, mas ele vê um problema dentro

do que eles precisam fazer porque eh estou numa situação assim que por exemplo ah tu vai falar sobre combater o a LGBTfobia dentro da torcida do Inter daí vai chegar lá e vai não, tu é daquela daquele grupo de pessoas que fica abraçando gremista em manifestação? Então eles tem essa questão, é uma questão bem profunda, né?

KARINA: O que é muito estranho, porque tu imagina que muitos filhos têm pais colorados, muitos filhos gremistas, tem pais colorados daí que não abraçam teu pai porque ele é colorado.

ARS: Exatamente.

KARINA: Não faz sentido algum, né? A gente tem amigos mãos e esposas, maridos, colorados, gremistas e tipo não faz sentido tu odiar a pessoa por mas enfim eu entendo que até dentro do próprio clube isso pra eles é um problema como pra nós também se tornaria um problema se a gente de repente aparecesse abraçado com um colorado numa rede social da tribuna né? Então também seria um gremistas que não compreendem isso como um ato político iam, eh, enfim, querer fazer alguma coisa contra nós também sabe? Então mas acontece que eu acho que de modo geral assim acho que a galera até tenta né? Eu vejo que com a com a Grêmio antifascista existe um um diálogo porque tem membros que são amigos já de antes, né? Da Grêmio e da Inter antifascista, mas, eh, existe uma uma resistência que a gente já tentou romper mas é difícil única.

ARS: É complicado né? Ahm outra questão sobre o espaço de diálogo que vocês tenham ou não ãh com a direção do clube ou dos departamentos do clube como é que funciona essa questão interna?

KARINA: o a direção atual costuma oferecer muito mais diálogo né é tirando essa parte do DTG que meio que ignora as diferenças das torcidas é uma coisa que nos incomoda ou pelo menos a mim me incomoda né? Que que a gente não seja eh tão reconhecido quanto outros torcidas enfim ou porque o nosso espaço é diferente ou porque a gente leva tratos diferentes não sei mas a gente tem um diálogo existe um diálogo a gente consegue levar os tratos por mais que no meio do jogo as vezes sejam tirados, mas a gente consegue entrar com eles, existe.

ARS: Não é por causa da direção que eles são tirados...

KARINA: é... não... eh, na verdade, às vezes, acho que teve um trapo no jogo de Libertadores, que foi teatro, que eles falaram que era por causa da COMEBOL. Mas como a nossa área, o nosso setor lá fica bem longe das câmeras, eu duvido que tenha sido assim puramente a COMEBOL ou enfim as vezes também porque os trapos atrapalham a visão das câmeras né? E aí isso incomoda ahm o pessoal de segurança enfim daí eles mandam tirar mas é isso assim de modo geral a gente tem um bom diálogo, é ouvido né? Eh qual é agora eu estou tentando lembrar a linha tênue entre seu ouvido e ser escutado né? Existe uma existe uma abertura da direção assim atual.

ARS: Bacana, bacana. Então ainda mais ou menos sobre isso, como vocês veem as manifestações, como você desculpa bom de novo. Ahm como vocês enxergam ah bom dia aqui para a atitude da polícia e de outros clube e dos clubes enfim em sobre as manifestações políticas que vocês colocam ahm já disse que sim mas queria que falasse mais sobre essas coibições que aconteceram se em algum momento foi força policial ou alguma coisa do gênero?

KARINA: Não, ali foi só da da força da segurança da arena mesmo, né? E aí muito tem a ver com a questão da arenização, né? A gente eh na verdade nunca foi apoiador disso e já sabia no que ia dar, né? A gente eu sabia tudo eh que na real ia ser assim mesmo e enfim está sendo tudo o que a gente imaginou mas é é ruim né perde o futebol perde a festa porque até o a ali na geral mesmo né que tem a a questão da biometria eh também foi uma coisa que a tribuna se posicionou contra... e não talvez não publicamente agora eu não lembro se teve em rede social mas é é uma das coisas que a gente não apoiava assim né essa coisa da biometria de tu eh ficar podendo muito torcedor porque eh o que garante a festa no futebol é a torcida né? Na verdade o futebol é essa coisa que a gente está vendo o futebol sem a torcida essa se torna essa coisa que a gente está vendo e viu durante a pandemia e está vendo agora sem a torcida no Grêmio então é pra nós é é horrível

ARS: complicado complicado e quando você vem a quando vocês avaliam a gestão do presidente Romildo Ballzan Júnior tanto na questão abrangente como até se quiser opinar sobre a questão do futebol.

KARINA: Essa essa questão política ela é complicada de ser falada pelo coletivo né? Na questão política no Grêmio assim eu não nem sequer saberia te dizer qual é a opinião da tribuna porque

a gente não procura, a gente procura não fazer ou textos ou discursos muito sobre isso assim, né? Porque a gente dá pra apoiar o Grêmio em qualquer diretoria, na pior que seja, né? Na série B, na série A, onde seja, eh, mas assim, pessoalmente falando, se é que vale pra tua, pra tua pesquisa...

ARS: claro que vale!

KARINA: acho que a gente criou uma expectativa né? Sobre ele por essa abertura que ele deu inclusive pras torcidas menores assim pras torcidas que antes eram tão insignificantes dentro do grêmio instituição e a gente criou uma expectativa com ele que no futebol não fui atendida né? No futebol ele deixou muito a desejar mas é uma pessoa enfim soube administrar pelo menos a grana né de repente espera-se que vai entregar um clube que ainda consegue ressurgir desse... de toda essa situação do futebol né mas enfim deixou a desejar.

ARS: ele tem mais um ano de mandato ele vai ser presidente na B?

KARINA: Provavelmente. Eh ah e o que é o que preocupa né? Na verdade o que me preocupa porque ele pode achar que assim como ele achou que a gente não ia cair ele pode achar que a gente vai subir ao natural (risos).

ARS: É... mas acho que a série B ele consegue tirar de letra, ele pega uns... um Leo Gamalho da vida, pega uns cara assim que sabe jogar a série B e que ganha um pouco né? E sobe mas enfim, espero que não caia, né? Seria divertido ver o outro lado lá se mordendo.

KARINA: Tem uma esperança ainda, né?

ARS: É, tem que ganhar do Bahia, né?... ahm, quais são as manifestações do fascismo no futebol? Existe uma possibilidade de diálogo com essa gente que reproduz o fascismo que talvez não se identifique. Eu não sei até que ponto as pessoas se identificam com o fascismo, mas enfim... fica esse questionamento.

KARINA: Eu eh eh tem muita gente que se identifica abertamente e bom, com essa gente não tem diálogo, né? Não tem muito culto dialogar, tu tem que combater o pensamento dela naquelas que não tem certeza do que é, né? Porque assim como no futebol e no mundo, sei lá, a questão é que as pessoas não conseguem ler ou não, já não sabem ler o que é verdade, o que é mentira, o que é distorção, né? E eu acho que o papel de uma torcida antifascista ou de, enfim, núcleos antifascistas é fazer com que as informações cheguem a essas pessoas, né? Porque o fascismo existe obviamente no no especialmente no Brasil atualmente mas não é todo mundo que é fascista por orgulho né? Tem a galera que reproduz fascismos porque é o que escuta porque é o que não faz sentido realmente tem lógica né? Eh assim como tu escuta às vezes ahm pessoas pobres que ou classe média que estão muito mais perto da pobreza do que da riqueza falando mal de pobre. Né? Que pobre não quer trabalhar, que é pobre porque é vagabundo, suas ideias assim que são tão populares e são tão difundidas no Brasil que como se fossem verdades fáceis de se dizer. É isso que é mais ou menos isso que a gente tem que combater né? Então existe o fascismo que daí a gente não pode dialogar mas existe os reprodutores de de coisas fascistas que não sabem nem ou não é que não sabem né? Mas não não entendem o que está por trás disso e aí de repente a gente pode fazer alguma pra mudar ainda esse pensamento. Não, não como salvadores da pátria, entenda.

ARS: É uma questão pedagógica quase, né?

KARINA: Exato.

ARS: Ahm bom, ahm sobre a questão comunicacional, afinal estudo comunicação. Ahm vocês apresentam algum planejamento na comunicação de vocês, tem algum tipo de meta? Qual é o público alvo, apesar de ser óbvio que são gremistas, mas quais são os públicos alvos e enfim, você tem, pensam dessa maneira de alguma forma?

KARINA: Sim e não, a gente já foi mais, eh, ativo nessa questão ahm tipo de organiza tipo ah está um dia vai ter que sair tal texto ou pensar nisso antes né? Eh, mas atualmente é até por conta da pandemia não rolou mais porque até porque a galera perdeu a inspiração ficou meio eh... então a gente procura sempre se organizar em datas que sejam importantes pro clube né? Ahm sei lá se organizar pra alguma coisa no Dia da Consciência Negra (pro clube e pra pra... pra nossas pras nossas bandeiras, né?) No Dia da Consciência Negra, no dia da mulher, no... né? No dia dos povos ãh... originários, enfim, da luta dos povos originários. A gente tenta organizar assim minimamente essas coisas, mas não existe uma meta de em relação às redes sociais é mais é o o que combina com o que a gente o que a gente quer levar pro mundo.

ARS: Entendi entendi e sobre como está a comunicação que vocês fazem fora das redes sociais por exemplo uma coisa que enfim ah já quase já praticamente dá pra dizer que faz parte da da da cidade né? Que são as colagens que vocês fazem nas nas ruas ahm como vocês planejam essa questão ahm quais ações além das redes sociais são feitas ah além dessas questões das colagens ahm vocês conversam muito com as pessoas nas ruas, como é que é essa questão?

KARINA: a gente tem... a... a questão das colagens: ela é organizada no grupo de WhatsApp, né? Tanto a questão financeira pras colagens, de conseguir grana pra fazer essas artes, e como pra também realizar as colagens né? “Ah... tal dia quem tá liso e quem pode dar uma mão”, né? Pra ir lá colar. E... e sobre diálogo além dessas artes que a gente considera, né? Um diálogo com a rua. É... a gente tem ali no entorno da Arena um diálogo muito bacana com o pessoal da... das Vilas que estão ali no entorno, né? Então a gente procura... Claro, pré-pandemia era muito mais fácil ficar por ali, fazer a prévia dos jogos ali, fazer um churrasco, conversar, ficar com as crianças que sempre, também, vem ao nosso encontro, as crianças da vila sempre que a gente chega ali tão de braços abertos, né? Que é uma relação bem legal que a gente tem com as crianças e com os pais delas... Então, a gente procura fazer isso, fazer as ações que tu deva comprar pelas redes sociais, de... de... de conseguir roupas e alimentos pra levar pra eles... até mês passado a gente tava conseguindo fazer mensalmente durante a pandemia, né? Esse mês ainda não saiu [e] já é dia vinte e cinco, mas... enfim, pro... pro Natal certamente também vai rolar

alguma... alguma coisa, então a gente tenta estar sempre presente ali no entorno da Arena porque a gente entende que... que também é o Grêmio né? Levando esse apoio pro pessoal que está ali.

ARS: Muito legal muito legal quem sabe no Natal apareça pra dar umas doações etecetera pra ver como é que funciona... É algo que eu já tenho vontade há muito tempo, assim, mas enfim a pandemia me trancou em casa de uma maneira excepcional assim. Eu realmente fiquei cagadíssimo com as coisas. ãhn... bom vamos vamos pra outra questão. Hum o que que vocês acham do uso de símbolos de futebol feitos pelo pelo presidente Jair Bolsonaro que vocês... como vocês consideram... a tua opinião até pessoal sobre esse uso indiscriminado de todos os... as bandeiras possíveis do futebol

KARINA: essa é mais eh mais uma arma né? Do... da política fascista do Bolsonaro porque é uma forma que ele encontrou e que ele encontra de de chegar na na cultura popular né? Porque nada mais próximo do povo e de toda a gente do que o futebol né? Pelo menos é como eu vejo né? Eh... a fome óbvio que a fome também está bem próxima do pessoal...

ARS: mas é sim eu quero te perguntar! Além disso, tu acha que isso é eficaz porque tu vê e coloca a camisa de todo mundo sabe e quem e quem torce por futebol sabe que não é assim que funciona a gente simpatiza a gente tem o nosso clube a gente simpatiza por outros etc e tal, mas é impossível a gente gostar de todos os clubes. É uma coisa assim eh não eu não sei se até que ponto pega bem, não sei o que tu acha sobre isso porque ele bota a camisa do Corinthians, do Santos, do São Paulo e é palmeirense, como assim? Eh tu acha que ele não soa meio falso sendo usado desse jeito? Oportunista...

KARINA: olha você vai perguntar o que eu acho eu acho ele é a pior pessoa do mundo (risos) nesse sentido em todos mas é o que eu vejo é que, por exemplo, eh tem aquele torcedor que simpatiza com Jair Bolsonaro e que torce pra que ele coloque a camisa do seu clube, quando ele coloca... (desculpa aí mas quase que eu quebrei meu carregador de... do notebook. Eh pelo menos está carregando ainda.) Eh... tem aquele torcedor que vai se sentir orgulhoso de poder postar uma foto do Bolsonaro com a sua camiseta lá do Palmeiras, Santos, do Bahia, seja do que for. Né? Eu acho que essa é na verdade é uma coisa bem velha, né? Todos os ditadores usaram isso de de se aproximar das das pessoas

por por camiseta. Não, se funciona, eu te diria que não. Mas o cara tenta. Né? Ele tenta se aproximar das pessoas como ele pode. E a cultura popular que que no futebol é é um lugar bom pra isso, né? Pra tentar isso.

ARS: Muito bem, ah como vocês veem o atual processo de liquidação do futebol a partir da criação das arenas, padrão físico, etecetera e tal. E se claro que não é algo que defende vocês assim, depende mais da direção do clube e do caso do Grêmio da Arena Porto-Alegrense, mas vocês pensam em alguma maneira de levar pessoas que normalmente não tem grana pra entrar no estádio pra colocar dentro do estádio assim ou vocês fazem algum tipo de pressão política... ou enfim uma questão geral de como vocês pensam essa questão?

KARINA: Olha como a gente pensa ãh... foi né? Eu diria da pior forma possível, vai ser soa exagerado, mas é é muito ruim, né? Justamente porque tu afasta a população mais pobre da da Arena. Mas eh em relação a levar pessoas eh sim existe um diálogo com o clube pra que os ingressos fiquem baratos, né? Inclusive a gente usa exemplos do Inter pra isso né? Porque o Inter é reduz eh frequentemente seus ingressos ou tem pelo menos uma uma ala que o que o sócio paga menos né? E e pode ir nos jogos eh a gente faz essa pressão assim eh com com a direção não é não não dá pra fazer muito mais, né? Porque tem essa Arena ainda nem é do Grêmio, né? Oficialmente, então é complicado eh lutar contra isso uma das coisas que a gente mais quer inclusive é que a arena eh seja logo eh enfim oficialmente nossa e que e que seja possível fazer mais políticas nesse sentido. Ali com o pessoal da, mais pra ilustrar mas não é nada muito grandioso na real, a gente já levou algumas crianças ali da da da vila com a gente porque às vezes a uma das coisas que a tribuna sempre procura influenciar e que as pessoas se associem ao Grêmio né? Que tem a sua carteirinha e tal. Então quando a gente tem carteirinha Sobrando a gente de passa ali pro pessoal pra levar junto. Mas é um é um trabalho de formiguinha na real porque a arena é muito grande e quase sempre está muito vazia, né? Nos jogos esses de Brasileirão que são sei lá, num baixo de sessenta reais um ingresso, quem é que vai? Entre quatro jogos no mês e botar pão na mesa tu escolhe o que? é complicado.

ARS: Pois é até pela pela questão mais capitalista possível é burrice né? Porque pô! Com isso, cadeira vazia é dinheiro perdido né? Então né? Até convencer... mas também pode ser uma questão até ideológica né? É ideológica. Que tu tira né?...

KARINA: Exato! Tu tira tu tira uma galera do estádio isso é “bom”.

ARS: Para a pessoa que está lá né? Talvez as pessoas que estivessem lá não estariam se tivesse um um outro tipo de gente e gente que ãhn é mais humilde né? Mas enfim. Hã uma questão sensível assim não só pra ti assim mas pra pra nossa relação grenal. Ahm como você, como tu vê e a torcida talvez não sei se pode falar com o nome da torcida. Ah como tu vê o a questão do “clube do povo versus Clube de Elite” que é criada por Grêmio Internacional. A gente sabe que existem pesquisas a mais recente do Datafolha mostra que, né? Mesmo nas faixas mais pobres, empobrecidas do do Rio Grande do Sul, existem mais gremistas que colorados e tal. Mas como tu vê essa, essa, essa narrativa, ela é uma narrativa que se baseia na realidade de alguma forma, como tu vê isso na na na contemporaneidade?

KARINA: Eu vejo que o Inter tem um marketing muito bom né? Muito melhor que o Grêmio, é... nesse sentido o Gre-Nal está... está sendo uma goleada pro Inter, né? O Inter aproveita muito de todas essas lendas de que nós somos originalmente racistas eles não... de que eles são, eles têm as bandeiras da igualdade, a bandeira da... da torcida popular, do clube popular, eh... e sei lá, o que que eu vou te dizer? Eu não acho indigno, né? Que aproveitem... é uma pena que o Grêmio não... não saiba aproveitar tão bem também as suas bandeiras, né? A gente tem, eh... várias coisas também pra... pra, enfim, pra trazer essas... essa... a própria história do clube, história do clube. O Grêmio aproveita muito mal. Então assim, pra não fazer uma larga discussão muito clubista e sem graça, é isso, é marketing. O Inter tem um marketing bom, aproveita todas essas coisas e o Grêmio silencia como se fosse a única verdade.

ARS: Pois é, isso eu acho muito engraçado porque eu fui no Beira Rio uma vez, nem foi fazer jogo do Grêmio... o meu irmão é vascaíno, né? Eu fui lá até com ele ver o jogo do Vasco com o Inter. Daí putz, eh eu acostumado a ir na Arena, né? Cheguei lá no Beira Rio, meu Deus, né? Só playboyzada, sabe? É só carrão, é é bizarro como o clube do povo pode ter um estádio daquele, porque não combina com a atualidade dos clubes, porque

enquanto a gente vai no estádio que é extremamente popular, tem churrasco na rua, tem um monte de coisa, tem um tem aquela energia... fora do estádio, energia da Arena é fantástica. Dentro do estádio se perde um pouco, mas fora da Arena é fantástico sempre... mas e tu vai lá no Beira Rio pelo menos eu fui no Beira Rio não sei se eu não explorei direito até porque está com medo e tal... ah de alguma maneira solidária por ser visitante mas putz eu achei um ambiente muito... mais elitizado do que a Arena, sabe? Então, eu não sei porque que o Grêmio não aproveita essa, essa, essa questão atual, porque atualmente é o que a gente vive, né? Eu não sei como é que como é que eles pensam, né...

KARINA: eu acho que o grande pecado do Grêmio atual é marketing e redes sociais assim, de modo geral, né? O GM aproveita muito mal várias coisas

ARS: infelizmente. Mas enfim sobre, novamente, voltando algumas casinhas, ah se tu respondeu desculpa mas eu vou perguntar novamente porque não não ficou até não ficou 100% claro pra mim ãhn assim como vocês se organizam se existe uma liderança existe um presidente da Tribuna 77 ou alguma coisa do gênero que tem alguma liderança que pensa alguns rumos assim pra torcida e tal. E já emendo outra aqui que é sobre as subdivisões, você já falou basicamente que é uma existe uma subdivisão meio que de tomada de decisão que sobre, enfim, sobre relações etc mas o Grêmio antifascista é algo bem separado do demais né pelo que eu entendi... e como funciona essa relação entre a tribuna Elis e eu antifascista e se existem lideranças sobre lideranças dentro da da tribuna?

KARINA: a questão liderança e subliderança é como é que eu vou dizer? Quais que é o natural né? Tem pessoas que são mais da prática pessoas que são mais de “ah tá vamos junto” né? E ou seja e a pessoa que pensam as coisas assim né? Não porque a gente determinou tu vai ser o presidente eu voto por ti eh e sim porque tem gente que é mais ativa nesse sentido. Então sim existem pessoas que que que pensam mais nas ações e que mas não é uma não não não está naturalmente centralizado aí não precisa partir dessa pessoa né? Qualquer um pode falar qualquer coisa tipo dizer vamos lá, vamos fazer. Eh e a gente vai e faz. Tipo então ah é mais ou menos isso assim é o que o que acontece quando a gente tem um grande grupo. Tem gente que se sente mais insegura de propor essas ideias, de dizer vamos fazer tal projeto, vamos escrever tal texto. E gente que se sente mais segura e diz “ó pessoal, propõe tal coisa e vamos”, né?

Então, nesse sentido, sim, existe uma digamos o o cérebro da tribuna, mas não é, nem a pessoa faz questão de ser, nem, enfim, é algo aberto. Qualquer um pode... a ideia geral da tribuna é que ela é horizontal, né? Qualquer um pode chegar e e propor alguma ideia. Eh, no coletivo Elis é a mesma coisa a a Antifa o que acontece é que a gente a gente tem redes sociais diferentes né? Então eh como eu te falei o que a gente compartilha de fato é a a região do estádio de resto ah nós somos núcleos diferentes que tem cada um suas propostas, suas críticas, suas em relação ao clube, em relação a ao mundo, enfim. Sua forma de de ver as coisas, mas de modo geral, né? Se o bicho pega pros antifa nós estamos todos no mesmo barco e ou a gente afunda junto ou a gente combina pra remar pro mesmo lado, né? Então... É mais ou menos por aí e eu acho que tinha uma outra pergunta que eu perdi já que era sobre...

ARS: não é isso mesmo. É isso mesmo. Tu falou bem sobre a relação das três das duas torcidas, né,

KARINA: É, o coletivo está junto com a tribuna, né, o coletivo...

ARS: Sim, sim, isso ficou bem bem claro assim, que ela núcleo dentro da torcida...

E o quão decisivo foi o Carlos Aranha pro surgimento da tribuna. Não sei se vai poder responder isso. Por que tu não estava desde o começo. Mas não sei se tem uma ideia de como isso foi decisivo ou não.

KARINA: Ah, na verdade eu tenho uma suspeita de que foi uma coisa a mais, né? Não foi decisivo... foi... foi só, ou seja, uma... um ponto mais nessa necessidade, mas aí mais do que isso, assim, é tipo, é mais um caso lamentável, né? A gente não... não... aí... não foi aí que começou a questão do Grêmio com... com a questão do racismo, não foi aí que começaram a cantar macaco, não foi aí que... que... que se criou essa ideia de que isso é uma lenda e não um... um ato racista. Então, é uma luta que já vem desde antes assim e que acabou, ah... unindo pessoas que pensavam contra isso de... de forma parecida dentro da Tribuna 77.

ARS: Muito bem. ãhn... sobre aquela questão que tu já tratou sobre a a relação com o pessoal do Humaitá, etcetera. Ah como são as manifestações de rua, como vocês se organizam e tal e vocês parcerias com outros coletivos políticos ahm militantes? Por

favor, sempre quando eu falo militância ah não entenda mal assim porque né? É vulgarizam essa palavra e trata um pouco como se fosse um crime ser um militante, pelo contrário, eu acho super nobre mas enfim essa pergunta

KARINA: hum a gente se organiza bom né? Que na questão das ruas também a gente se organiza por grupo de WhatsApp basicamente e e tenta ir junto né? Andar junto pra ahm tanto pra fortalecer a presença da tribuna como pra gente se cuidar né? Porque a gente ali se conhece e sabe que pode confiar em sim. Eh e também trazer mais pessoas né? Pra pra dentro da dessa ideia especialmente pessoas que torçamm pro Grêmio. A segunda pergunta...?

ARS: se têm parcerias com outros grupos...

KARINA: olha na verdade as ah existe uma uma união. principalmente focada na rede social mas de torcidas antifascistas no continente né? No no Brasil e fora. Então sim a gente tem um contato com vários grupos, com ou com todos que te enfim que aceitam abertamente fazer isso e e... o que pode né? Pensando no que a gente falou da da Inter antifascista é dentro daquilo que pode a gente... a gente tenta sempre manter o contato com esse pessoal sei lá pedir uma ajuda ali pra pra tanto pra questões de redes sociais como da vida mesmo eh... ou dá uma apoio né? Seja sei lá mandar uma força pro pessoal que está em outros estados em outras em outros coletivos e a gente está sempre em contato tipo inclusive com com torcidas antifascistas de outros países na Argentina, Colômbia eh Uruguai a gente está sempre aí nesse... tentando... no Chile tentando manter essa essa união até pra pra gente perceber como a gente não está sozinho nessa luta né? Que é é muito importante pra pros antifascistas manterem essa união e se fortalecer.

ARS: Legal, legal, muito bom, muito bom mesmo. Essa questão da dessa união latino-americana... De vez em quando dá pra ver que vocês publicam o mesmo conteúdo aqui todas as torcidas postam o mesmo banner lá sobre o mesmo assunto é bem interessante.

KARINA: Também... sim... também rola...

ARS: Como se organiza isso?

KARINA: isso normalmente organizado por rede social e grupo de WhatsApp né? Ou seja alguém entra em contato com vários clubes, com várias ahm torcidas pelo INSTAGRAM, pelo WhatsApp enfim e a gente vai ahm criando as coisas, né? Ou alinhando digamos assim... alinhando.

ARS: Perfeito, ahm, agora uma pergunta que escrevi de quatro linhas, ah, vou ler, vou ler pra não confundir, que é fundamental até em relação ao que tu acabou de falar. Vocês usam expressões em espanhol como “hoy jugamos nosotros” e homenageiam ícones de esquerda da América Latina como Eduardo Galeano. ãh qual é a importância da identidade latino-americana no contexto atual em que a torcida se encontra E como vocês veem as ações da CONMEBOL que são eurocentradas como impedir faixas eh eh teoricamente ou ou por exemplo a final única também que tira o a final do do espaço que eles deveriam estar por uma questão de copiar a UEFA assim como vocês veem essa questão toda?

KARINA: deprimente, né? Deprimente porque eh enfim não não tem nem eh eu acho que essa essa questão do fortalecimento... (oi tudo bem?) (eu: Sim! Mas só um segundinho só um segundinho)

(interrupção da conversa por problemas técnicos)

(ARS: Oi, oi, oi. Estou de volta. Desculpa a interrupção. Ah, se puder começar do começo de novo, que eu não ouvi nada, mas enfim, por favor. Se quiser que eu repita a pergunta?)

(KARINA: Não... era sobre a COMEBOL, né?) A gente vê como como deprimentes essas atitudes, enfim, é é meio que tentar matar a essência do futebol latino-americano, né? Eh, não, eh, essa parte até diria que é a superfície, né? Mas é, é assim que começa, né? Tu vai aos poucos destruindo a identidade daquele futebol, daquelas, daquelas pessoas, e vai matando o sentido da... da de várias coisas. Eh então acho que é bem ruim tudo isso que tudo isso que a Conmebol faz. Totalmente contra a Conmebol! (risos) Não... mas esse é essas tentativas especialmente de de a outros campeonatos é é bem negativa e e quanto a questão do da União Latino-Americana pra gente é fundamental porque é identidade né? Eh e essas homenagens que a gente faz e tudo usar eh... língua espanhola eh... apesar disso ser bem mal vista em algumas situações eh algo que pra gente traz ahm uma questão de identidade mesmo que é muito importante porque vários de nós

ali tem contato com ahm contatos assim muito amigáveis com pessoas de... de... de outros países da América Latina, então, pra nós não tem porque sabe negar essa... essa fraternidade enfim essa... essa relação que a gente tem com com outras pessoas que falam outra língua mas que tem uma vida muito muito parecida.

ARS: Bacana isso é uma questão que eu tento aprofundar um bocado assim na minha na minha dissertação porque eu vejo justamente uma preguiça da COMEBOL, né? Porque... além de burrice porque na na UEFA querendo ou não eles pegam e fazem o que eles veem que é necessário pra um continente que é desse tamanho assim fazendo eventos que favorecem uma integração daquele povo... ah e a gente copiar aquilo lá é...

porque a gente já vive em outros contextos completamente diferentes e tal. Essa é uma discussão que, enfim, no futuro, depois que a tudo tiver pronto, assim, eu quero trazer assim, tanto pros colorados quanto pros gremistas. Inclusive quase, depois que terminar a nossa conversa, vou mandar o que eu fiz até agora pra você...

pra ti... e e daí enfim ou espalha pros mais torcedores é é o intuito dessa dessa dessa dessa etapa da minha pesquisa é justamente conversar assim com os torcedores porque né? Eu não quero que essa pesquisa seja uma questão unilateral que eu sugue de informações. Espero que esse diálogo se mantenha por mais tempo porque tem muita coisa a aprender com vocês. Mas enfim ãh... qual a receita política que vocês acreditam que estão fazendo dentro do contexto gremista? Se é que vocês acham isso?

KARINA: é eu não... a resistência seria eh enfim tem tem coisas um pouco simbólicas né? Que dentro da arena mesmo ah foram postas as cadeiras pra que todo mundo ficasse sentadinho ali comendo sua pipoquinha eh a tribuna normalmente não senta né? No espaço fica de pé por mais que seja um espaço pra isso então a gente tenta eh manter nesse sentido uma resistência muito simbólica e muito pequena mas enfim... eh não há muito que se possa fazer quando quando o entorno está todo dominado pela questão capitalista, né? Muito eh eh muito mais do que isso digamos a gente não não consegue fazer. O que sim a gente faz é é demarcar esse espaço que eu acho que é o mais fundamental assim demarcar esse espaço de que eh não é a torcida do Grêmio, não é o Rio Grande do Sul, não é eh enfim não não existe como não não tem como generalizar tem que generalizar que todos somos racistas, que todos somos ah aliás, todos somos, né? Porque somos socializados como. Mas tipo dizer que somos e não temos cura e não vamos fazer nada por isso e assim a vida é assim. Eh é uma coisa que a gente tenta demarcar que não, né?

Que tem gente tentando fazer, tem gente dando ali seu empenho pra fazer diferente. Então acho que vai nesse sentido assim a minha resposta de tipo a resistência está em em não se deixar dominar pelo pelo todo né? Pela generalização então é tentar buscar o diferente.

ARS: Legal legal. E a última questão assim que é uma questão assim importante pra mim. Hum... qual a relação da... (né? Todas [as perguntas] são. Mas essa aqui é interessante.) Ah, qual é a relação da torcida com os ídolos gremistas... dos ídolos gremistas que são favoráveis a políticas e a políticos de extrema direita como Hugo Leon e o Renato. Como vocês lidam com essa com essa questão dentro da torcida?

KARINA: É complicado né? A gente tem que separar a obra do artista que é uma coisa muito difícil mas que porque que a gente consegue fazer em muitos casos? Por que o ídolo veio antes né? Do Bolsonaro. E o e ele cresceu muito antes do Bolsonaro. Então é como se o ídolo fosse adulto e o Bolsonaro uma criança, né? Tipo, a gente consegue, a gente viveu muito mais tempo com o ídolo do que com o bolsonarista. Então, a gente admira a história e e cultiva, enfim, essa memória, mas não deixa de fazer críticas, né? Ao pensamento ãh, dessa pessoa... enfim o que aconteceu com o Renato e quando a tribuna colocou ((tosse) desculpa) quando a Tribuna colocou uma faixa na frente da arena pedindo pra que o Renato saísse do Grêmio por conta da questão de futebol eh nos acusaram de porque é o Renato é bolsonarista só que em nenhum momento durante a durante o tempo que o Renato ficou eh como técnico do Grêmio eh... a gente falou qualquer coisa disso, né? A gente não fez assim críticas puramente por ele ser... tipo a gente até criticava alguns posicionamentos dele machistas, alguma daquelas coisas que ele falava do nada nas coletivas que era completamente desnecessário, né? Que a gente brincava que “o Grêmio perdia, o Renato falava uma bobagem, o Grêmio ganhava, o Renato falava uma bobagem”, tipo, nenhuma necessidade tinha dele falar, eh questões machistas sobre comparar uma um domínio de bola com com uma mulher, né? Na noite, coisa e tal. Essas coisas que ele fazia. Então a gente se posicionava contra essa forma dele de de... ver as coisas no mundo, mas eh isso não não tem não cobre o tamanho do do ídolo que ele é pra gente, né?

ARS: é quase uma relação familiar, né? A gente não tem como se livrar da do ídolo nem da família, então a gente tenta corrigir, não sei o que a gente faz, não é?

KARINA: Não, a gente tenta dizer assim, olha só cara, eu “eu te amo, mas tu tem uns problemas aí, entendeu?” (risos)

ARS: Meio burro, né? (risos)

KARINA: Tu tem que melhorar, velho! (risos)

ARS: Eh, entendo, entendo. Eu como gremista também sofro muito com isso, sei lá, talvez eu deva levar pra terapia essa questão, porque olha, é difícil, sabe? É muito difícil pra mim (risos)... mas por outro lado é um aprendizado assim que eu pelo menos eu pessoalmente busco ter assim na vida é uma questão de amadurecimento assim tu conseguir não ver uma pessoa por um estereótipo sabe? Ah, ela não é uma pessoa desprezível porque ela é a favor de político desprezível e tal... é uma questão complexa que a gente tem que ter maturidade pra lidar. Mas enfim, você respondeu as questões de maneira muito bacana, muito lúcidas. Eu agradeço demais assim, vou até interromper a gravação, porque já foi tudo o que eu precisava ouvir...

ANEXO I – APROVAÇÃO NO CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Torcidas Antifascistas de Futebol: táticas comunicacionais de resistência às normatizações dentro da cultura futebolística

Pesquisador: ALISON RODRIGUES SOARES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52212821.0.0000.5344

Instituição Proponente: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.098.129

Apresentação do Projeto:

A pesquisa de mestrado em Ciências da Comunicação de Alison Soares aborda a chamada "torcida antifascista" aquelas torcidas de futebol organizadas que apresentam quebras de paradigmas incluindo mulheres, pessoas transgênero, pessoas negras e dos grupos LGBT+.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão devidamente sinalizados e são exequíveis.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são apontados como mínimos e encaminhados os cuidados caso venham a se concretizar. Os benefícios também são especificados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destaca-se a atualidade e importância do tema e as etapas metodológicas devidamente formuladas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão de acordo. Dispensa a carta de anuência pelas torcidas não terem uma representação formal.

Recomendações:

Não há.

Endereço: Av. Unisinos, 950

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-3218

Fax: (51)3590-8118

E-mail: cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 5.096.129

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1834861.pdf	28/10/2021 09:44:44		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Alison_Soares.pdf	28/10/2021 09:43:58	ALISON RODRIGUES SOARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escarecido_reformulado.pdf	28/10/2021 09:43:14	ALISON RODRIGUES SOARES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_Comite_de_etica_Alison_Soares.pdf	29/09/2021 17:52:07	ALISON RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_AlisonRodriguesSoares.pdf	10/11/2021 17:07:39	Cátia de Azevedo Fronza	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LEOPOLDO, 10 de Novembro de 2021

Assinado por:
Cátia de Azevedo Fronza
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Unisinos, 950
Bairro: Cristo Rei CEP: 93.022-000
UF: RS Município: SAO LEOPOLDO
Telefone: (51)3591-3218 Fax: (51)3590-8118 E-mail: cep@unisinos.br